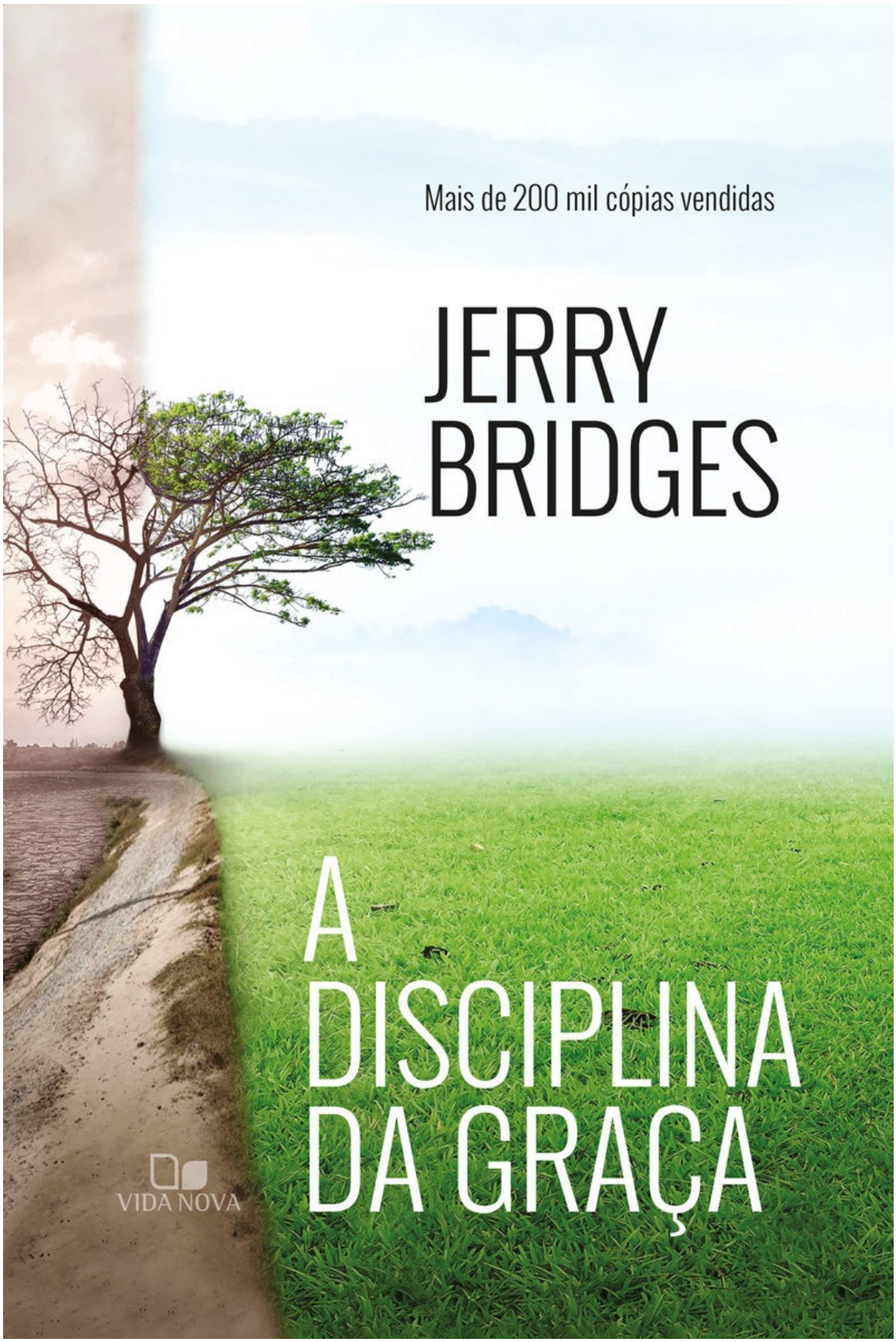
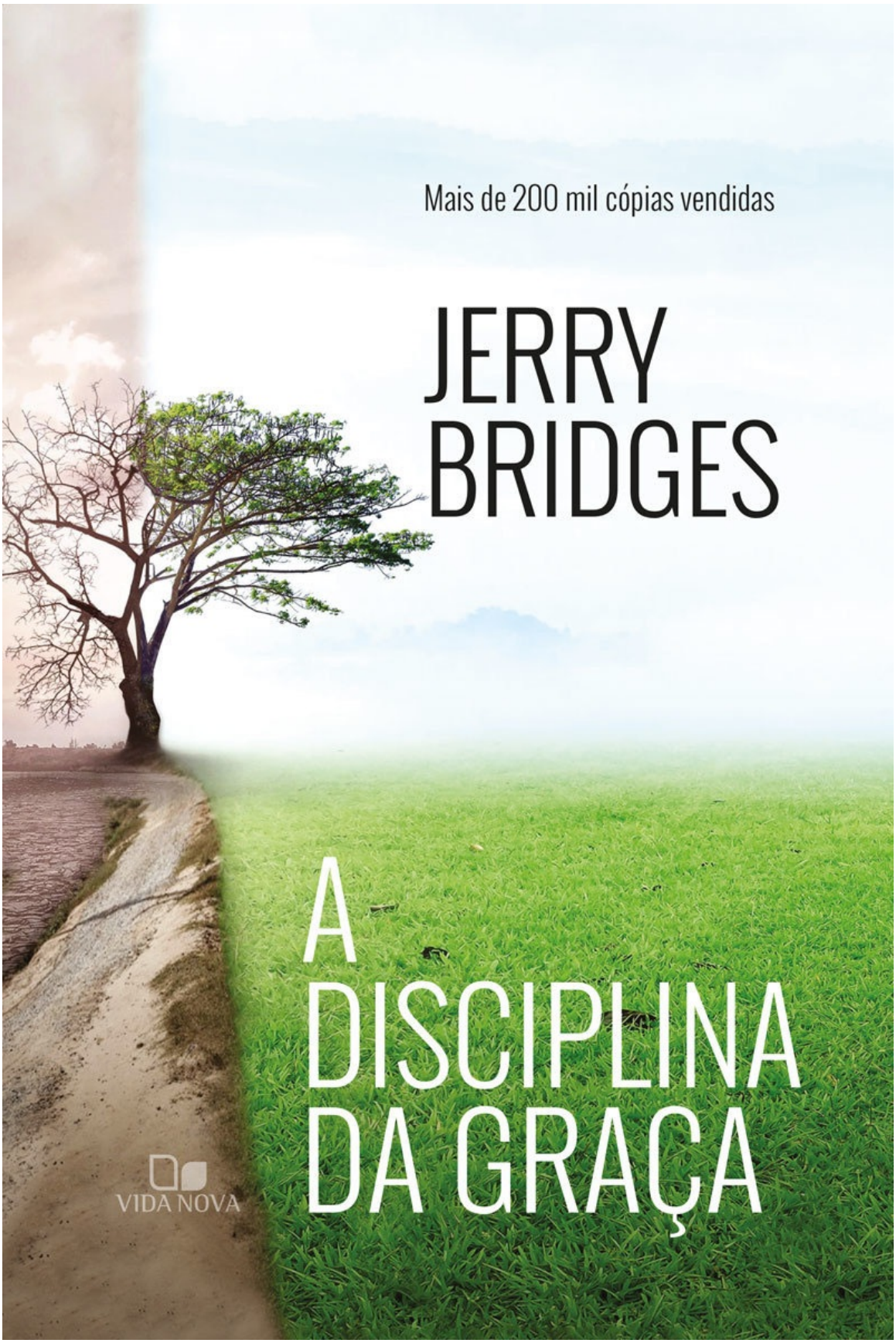

Mais de 200 mil cópias vendidas
JERRY BRIDGES
A DISCIPLINA DA GRAÇA
VIDA NOVA


Mais de 200 mil cópias vendidas
JERRY BRIDGES
A DISCIPLINA DA GRAÇA
VIDA NOVA

# A DISCIPLINA DA GRAÇA


CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Bridges, Jerry

A disciplina da graça / Jerry Bridges ; tradução de Daniel Hubert Kroker. - São Paulo : Vida Nova, 2023.

EPUB 3.

ISBN 978-65-5967-116-8

Título original: The Discipline of Grace

1. Santidade – Cristianismo 2. Graça (Teologia) 3. Disciplina eclesiástica I. Título II. Kroker, Daniel Hubert

**Índices para catálogo sistemático**

1. Santidade – Cristianismo

Mais de 200 mil cópias vendidas

# JERRY BRIDGES

Tradução
Daniel Kroker

# A DISCIPLINA DA GRAÇA

VIDA NOVA

©1994, 2006, de Jerry Bridges

Título do original: The Discipline of Grace,

edição publicada pela

NavPress

(Colorado Springs, Colorado, EUA) em coedição com

Tyndale House Publishers

(Carol Stream, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente

da New International Version (NIV). As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da New American Standard Bible (NASB) e King James Version (KJV).

---

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Josiane S. de Almeida

Preparação de texto

Victoria Arrais

Revisão de provas

Rosa M. Ferreira

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

@falecomwesley

Livro digital

Lucas Camargo

*Dedicado*

*à minha querida esposa, Jane,*

*que Deus me deu no "entardecer" da minha vida*

*e à Grace Peterson,*

*uma santa "graduada" que me apoia em oração há muitos anos.*

*E, acima de tudo,*

*"A ele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue […] a ele sejam glória e poder para todo o sempre! Amém"*

*(Ap 1.5,6).*

# SUMÁRIO

*Prefácio*

*Capítulo 1 Quão bom é bom o suficiente?*

*Capítulo 2 O fariseu e o coletor de impostos*

*Capítulo 3 Pregue o evangelho a si mesmo*

*Capítulo 4 Nós morremos para o pecado*

*Capítulo 5 Disciplinados pela graça*

*Capítulo 6 Transformados na sua semelhança*

*Capítulo 7 Obedecendo ao grande mandamento*

*Capítulo 8 Disciplina dependente*

*Capítulo 9 A Disciplina do compromisso*

*Capítulo 10 A Disciplina das convicções*

*Capítulo 11 A Disciplina das escolhas*

*Capítulo 12 A Disciplina da vigilância*

*Capítulo 13 A Disciplina da adversidade*

GUIA DE DISCUSSÃO

*Como usar este guia*

*Lição 1 Quão bom é bom o suficiente?*

*Lição 2 O fariseu e o coletor de impostos*

*Lição 3 Pregue o evangelho a si mesmo*

*Lição 4 Nós morremos para o pecado*

*Lição 5 Disciplinados pela graça*

*Lição 6 Transformados na sua semelhança*

*Lição 7 Obedecendo ao grande mandamento*

*Lição 8 Disciplina dependente*

*Lição 9 A disciplina do compromisso*

*Lição 10 A disciplina das convicções*

*Lição 11 A disciplina das escolhas*

*Lição 12 A disciplina da vigilância*

*Lição 13 A disciplina da adversidade*

# PREFÁCIO

Logo após a publicação do meu livro A busca da santidade, em 1978, fui convidado para dar uma série de dez palestras em uma igreja da nossa cidade. Intitulei uma das minhas palestras de “O capítulo que gostaria de ter escrito”. A natureza dessa mensagem era que a busca da santidade deve ser motivada por um entendimento cada vez mais profundo da graça de Deus; sem isso, ela pode se tornar uma busca opressiva e desagradável.

O estudo e reflexão necessários para essas palestras iniciaram um aprofundamento no estudo da graça de Deus, culminando em mais um livro, Graça que transforma. Ao tentar relacionar o princípio bíblico de viver pela graça ao princípio bíblico da disciplina pessoal, percebi que seria útil reunir essas duas verdades em um só livro. Esse é o propósito deste volume.

O prazo final é tanto escravizador quanto amigo. É escravizador pelo fato de me obrigar a trabalhar arduamente ao mesmo tempo em que há muitas coisas que requerem minha atenção de modo desesperado (como a minha garagem, que precisa da minha atenção urgentemente). No entanto, também é amigo por me forçar a dizer: “É isso, terminei”. Parece que, continuamente, estou pensando em mais coisas que quero dizer, mas chega o momento em que preciso entregar o manuscrito concluído ao editor e confiar que o Espírito Santo me conduziu a dizer tudo que precisa ser dito.

Para mim, um dos aspectos mais difíceis de escrever um livro sobre a graça e a santidade é a necessidade contínua de autoexame, para não me tornar como os mestres da lei sobre os quais Jesus disse: “Eles não praticam o que dizem” (Mt 23.3). O autoexame muitas vezes é doloroso, e devo confessar que é uma luta para mim aplicar muitas das coisas que escrevi neste livro. Por isso, você encontrará uma ênfase contínua no evangelho da graça de Deus em Jesus Cristo. É apenas o evangelho que me mantém na busca da santidade, e é apenas a garantia da graça de Deus em Cristo que me dá a coragem de passar adiante o que aprendi e ainda estou aprendendo.

Um dos versículos da minha vida, que me dá tanto direção quanto motivação, é Efésios 3.8: “Embora seja menor do que o menor do povo de Deus, esta graça

me foi concedida: pregar aos gentios as riquezas insondáveis de Cristo". É nesse espírito que submeto este livro a você.

Um dos prazeres de escrever um prefácio é a oportunidade de expressar minha gratidão àqueles que me ajudaram de um modo ou de outro na redação deste livro. Portanto, em primeiro lugar devo reconhecer os gigantes que vieram antes de mim e cujos escritos me beneficiaram imensamente. Tenho em mente de modo especial o teólogo puritano John Owen, que, nos seus escritos, ensinou-me muito sobre a busca da santidade. O próximo estaria entre aqueles que vieram antes do século 19, o teólogo escocês George Smeaton, que me possibilitou alcançar um entendimento mais profundo do evangelho.

Também sou muito grato ao meu amigo dr. Jack Miller, de quem adquiri a expressão: "Pregue o evangelho a você mesmo todo dia". Eu estava fazendo isso, um tanto por necessidade, há muitos anos, mas o dr. Miller me ajudou a dar um foco mais afiado e uma aplicação mais consciente a esse conceito.

Meu amigo Don Simpson leu o manuscrito e me ofereceu um retorno valioso e sugestões. Essa é a terceira vez que Don me ajuda lendo um manuscrito, e ele tem sido um amigo fiel. Steve Webb, meu editor da NavPress, também me forneceu sugestões e encorajamento valiosos. Muitos dos meus amigos espalhados pelo país responderam a um pedido de socorro por orações de apoio quando havia escrito cerca de metade do livro e estava tão desencorajado que estava a ponto de desistir. Por vocês que sabem quem são, minha gratidão é simplesmente imensa.

Sue Zeug, minha assistente, digitou o manuscrito, incluindo várias revisões, pois ainda estou me adequando à era digital. Minha esposa, Jane, novamente encorajou-me com suas orações e sua paciência durante o tempo em que dediquei minha atenção a este livro.

Acima de tudo, sou grato a Deus, que me concedeu o privilégio de ministrar a outros por meio da página impressa. Certamente sou um servo indigno, e, mais uma vez, é apenas pela sua graça que tenho esse ministério.

# 1

# QUÃO BOM É BOM O SUFICIENTE?

*“Por que me chama de bom?”, Jesus respondeu.*

*“Ninguém é bom — senão um, que é Deus”*

(Mc 10.18).

Enquanto esperava no consultório médico certo dia, minha atenção foi chamada por um quadro muito interessante de um homem sendo esculpido. A escultura estava completa de cima até cerca da metade da coxa, e a obra final mostrava um homem muito robusto e musculoso, com o tipo de físico que todos os homens gostariam de ter. No entanto, o que chamava a atenção no quadro era o fato de o artista ter colocado o martelo e o cinzel nas mãos do homem sendo esculpido.

Fiquei fascinado com o quadro e me indaguei qual mensagem o artista estava tentando transmitir. Talvez o homem estivesse tentando representar o conceito do homem que se faz por esforço próprio. No entanto, ao analisar o quadro, fiquei admirado por ele representar tão bem o modo de muitos cristãos tentarem viver a vida cristã. Tentamos mudar a nós mesmos. Colocamos o que consideramos as ferramentas de transformação espiritual nas nossas mãos e tentamos nos esculpir para nos tornarmos exemplares robustos do homem que espelha Cristo. Mas a transformação espiritual é acima de tudo a obra do Espírito Santo. Ele é o Supremo Escultor.

No entanto, não devemos levar essa analogia longe demais. O quadro era de um bloco de mármore sendo esculpido para parecer um homem. Tanto o mármore original quanto o produto final eram formas inertes e sem vida. Esse não é o nosso caso. Somos dotados de razão, emoções e uma vontade. Todas essas coisas foram renovadas quando confiamos em Cristo para nossa salvação e são usadas

pelo Espírito ao nos envolver no processo de transformação.

A obra do Espírito Santo de nos transformar cada vez mais na semelhança de Cristo é chamada de santificação. Nosso envolvimento e cooperação com ele em sua obra é o que chamo de perseguir a santidade. Não sou o inventor dessa expressão. Antes, foi extraída de Hebreus 12.14: “Procurem sempre [literalmente: persigam] […] a santidade; sem a santidade, ninguém verá o Senhor”.

Perseguir a santidade exige um esforço contínuo e vigoroso. Essa atitude não permite nenhuma indolência, nenhuma letargia, nenhum compromisso e nenhuma postura indiferente até mesmo em relação aos menores pecados. Em resumo, essa precisa ser a prioridade mais elevada na vida de um cristão, pois ser santo é ser como Cristo — o propósito de Deus para todo cristão.

A palavra perseguir nesse contexto significa empenhar-se para obter ou realizar. Note o verbo forte empenhar-se. Como já vimos, a palavra grega para perseguir é traduzida por “procurem sempre”, em Hebreus 12.14. Em Filipenses 3.12-14, ela é traduzida por “avançar”. No entanto, o uso mais comum dela no Novo Testamento tem o sentido típico de “perseguir” — ir atrás para causar dano ou destruir. É uma palavra muito forte.

Contudo, ao mesmo tempo, o ato de perseguir a santidade deve estar ancorado na graça de Deus; sem isso, ele está fadado ao fracasso. Essa afirmação provavelmente soa estranha para muitas pessoas. Muitos cristãos aparentam achar que a graça de Deus e perseguir a santidade são coisas antagônicas — isto é, opõem-se uma à outra de modo direto e evidente.

Para alguns, a noção de perseguir a santidade passa uma impressão de legalismo e regras humanas. Para outros, uma ênfase na graça abre a porta para condutas irresponsáveis e pecaminosas baseadas na noção de que amor incondicional de Deus significa estarmos livres para pecar à vontade.

Há alguns anos, escrevi um livro chamado A busca da santidade.[1] Nele, dei uma forte ênfase à nossa responsabilidade pela santidade em oposição ao conceito de simplesmente entregar toda a responsabilidade a Deus. Treze anos depois, escrevi um outro livro, Graça que transforma,[2] em que instei os cristãos a aprenderem a viver pela graça, e não pela performance. Após a publicação de Graça que transforma, muitas pessoas me perguntaram qual o tipo de relação do

livro com A busca da santidade. Na pergunta sempre aparentava estar implícita a sugestão de que a graça e a busca da santidade são incompatíveis. Uma senhora até mesmo chegou a indagar como teria sido possível a mesma pessoa que escreveu o livro sobre santidade ter escrito um livro sobre a graça.

No entanto, a graça e a disciplina necessária para buscar a justiça não se opõem uma à outra. Na verdade, elas são inseparáveis. Um entendimento do funcionamento conjunto da graça e de um esforço pessoal e vigoroso é essencial para buscarmos a santidade durante nossa vida inteira. Porém, muitos cristãos não entendem o que significa viver pela graça na sua vida diária e certamente não entendem a relação da graça com a disciplina pessoal.

Considere dois dias radicalmente diferentes na sua vida. O primeiro é um dia bom espiritualmente para você. Você se levanta logo que o despertador toca e faz uma devocional revigorante e proveitosa lendo a Bíblia e orando. Seus planos para o dia, em geral, dão certo e, de algum modo, você sente a presença de Deus no seu dia. Para completar, você tem uma oportunidade inesperada de compartilhar o evangelho com alguém que está verdadeiramente em busca de algo. Enquanto fala com a pessoa, ora em silêncio para o Espírito Santo ajudá-lo e para atuar no coração dela.

O segundo dia é o exato oposto. Você não se levanta logo que o alarme toca. Em vez disso, desliga-o e volta a dormir. Quando finalmente acorda, é tarde demais para a devocional. Você apenas engole alguma coisa como café da manhã e vai com pressa para as atividades do dia. Você se sente culpado por dormir demais e perder sua devocional, e as coisas simplesmente dão errado, de modo geral, o dia inteiro. Você vai ficando cada vez mais irritado à medida que o dia avança e, certamente, não sente a presença de Deus na sua vida. No entanto, quando chega à noite, você tem uma oportunidade muito inesperada de compartilhar o evangelho com alguém que está realmente interessado em receber Cristo como seu Salvador.

Você acha que seu grau de confiança nessas duas oportunidades de testemunho seria diferente? Você estaria menos confiante no dia ruim do que no dia bom? Acharia difícil acreditar que Deus o abençoaria e o usaria em um dia espiritual um tanto ruim da sua vida?

Se respondeu sim a essas perguntas, há muitos cristãos que se identificam com você. Descrevi esses dois cenários a diversas plateias e perguntei: “Você

responderia de modos diferentes?". Invariavelmente, cerca de 80% indica que responderia. Eles estariam menos certos da bênção de Deus compartilhando Cristo no fim de um dia ruim do que estariam após um dia bom. Esse modo de pensar faz sentido? Deus atua desse modo? A resposta a ambas as perguntas é não, pois a bênção de Deus não depende do nosso desempenho.

Então, por que pensamos assim? A razão é que de fato acreditamos que a bênção de Deus na nossa vida, de algum modo, depende do nosso desempenho espiritual. Se tivermos um bom desempenho e um dia "bom", nossa pressuposição é que agora podemos ser abençoados por Deus. Sabemos que o meio das bênçãos de Deus é Cristo, mas também temos essa noção vaga, mas muito real, de elas também dependerem da nossa conduta. Um amigo meu costumava pensar: "Se faço certas coisas, Deus cooperará comigo".

Esse modo de pensar é ainda mais forte em um dia "ruim". Temos praticamente certeza de que perdemos o favor de Deus por algum tempo, o mais provável até o dia seguinte. Eu perguntei às pessoas a razão de acharem que Deus provavelmente não as usaria para compartilhar o evangelho em um dia "ruim". Uma resposta típica é: "Eu não seria digno" ou "Eu não seria bom o suficiente".

Essa resposta revela um modo errado, extremamente comum, de entender a vida cristã: a noção de que, embora sejamos salvos pela graça, obtemos ou perdemos a bênção de Deus de acordo com nosso desempenho.

## UM DIA RUIM

Desse modo, o que devemos fazer quando tivermos um dia espiritual "ruim", quando temos a impressão de termos feito tudo errado e estamos nos sentindo muito culpados? Precisamos voltar para a cruz e olhar para Jesus levando nossos pecados em seu próprio corpo (1Pe 2.24). Devemos nos apropriar pela fé do sangue de Cristo que purificará nossa consciência pesada (veja Hb 9.14).

Por exemplo, no cenário do dia ruim que descrevi, poderíamos orar a Deus algo semelhante a isto:

Pai, pequei contra ti. Tenho sido negligente nas disciplinas espirituais que são necessárias e úteis para meu crescimento espiritual. Ando irritado e impaciente com aqueles ao meu redor. Permiti pensamentos rancorosos e ruins se alojarem na minha mente. Arrependo-me desses pecados e clamo pelo teu perdão.

Tu disseste que justificas o iníquo (Rm 4.5). Pai, por causa dos meus pecados de hoje, reconheço que eu mesmo sou iníquo. Na verdade, sei que meu problema não são apenas os pecados que cometi, alguns dos quais sequer estou ciente deles, mas o fato de meu coração ser pecaminoso. Esses pecados de que agora estou tão dolorosamente ciente são apenas uma expressão do meu coração pecaminoso.

Mas, apesar dos meus pecados e da minha pecaminosidade, disseste: “agora já não há condenação alguma para aqueles que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Quando penso na consciência aguda do meu pecado agora, essa é uma afirmação incrível. Como posso estar sem condenação alguma se pequei de modo flagrante e intencional contra ti hoje?

Ó Pai, sei que a razão é que Jesus levou os pecados que cometi hoje no seu corpo na cruz. Ele sofreu o castigo que mereço, para eu poder experimentar as bênçãos que ele merecia. Desse modo, venho a ti, Pai amado, e peço em nome de Jesus que me capacites para compartilhar com eficácia o evangelho com esta pessoa neste momento.

O espírito de humildade expresso nessa oração permite perceber facilmente que não estou propondo uma atitude de desdém para com o pecado. Antes, estou dizendo que a graça de Deus por meio de Cristo é maior do que nosso pecado, até mesmo nos nossos piores dias. No entanto, para experimentar essa graça, precisamos nos agarrar a ela pela fé em Cristo e na sua morte por nós. Veja bem, sua oração específica talvez não seja tão longa quanto a que escrevi. A questão não é o tamanho da oração, e sim a atitude do seu coração. Os sentimentos expressos nessa oração refletem a atitude do seu coração? Li que toda vez que o grande pregador do século 19, Charles Spurgeon, posicionava-se no púlpito, ele orava em silêncio: “Ó Deus, tende misericórdia de mim, um pecador” (Lc 18.13, KJV). A oração de uma só frase de Spurgeon capta tudo que expressei em quatro

parágrafos.

Você pode fazer uma oração como essa sempre que estiver em uma situação de consciência aguda da necessidade da graça interventora de Deus ao mesmo tempo em que estiver dolorosamente ciente de ser totalmente desmerecedor dessa graça. Na verdade, obviamente não devemos esperar até precisarmos da bênção de Deus. Devemos fazer essa oração de arrependimento e de fé apenas para nossa consciência ser purificada de todo pecado e andarmos em comunhão com Deus.

**UM DIA BOM**

Pois bem, voltemos ao cenário do dia bom, o dia em que você não tem nenhum problema com suas disciplinas espirituais e está razoavelmente satisfeito com seu desempenho cristão. Isso fez você obter a bênção de Deus neste dia? Deus gostará de abençoá-lo por ter sido bom? Provavelmente, você está pensando: "Bem, quando você coloca dessa forma, a resposta é não. Mas Deus não atua apenas por meio de vasos puros?" E minha resposta é: "Suponhamos que isso seja verdade. Nesse caso, quão bom você precisa ser para ser um vaso puro? Quão bom é bom o suficiente?".

Quando um dos fariseus perguntou a Jesus: "Mestre, qual é o maior mandamento na Lei?", Jesus lhe respondeu: 'Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente'. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante a este: 'Amarás teu próximo como a ti mesmo'" (Mt 22.36-39).

A partir do padrão na resposta de Jesus, quão bom foi seu dia? Você guardou de modo perfeito esses dois mandamentos? Se não, Deus avalia segundo a média? Será que 90% é uma nota que nos aprova diante de Deus? Sabemos a resposta a essas perguntas, não sabemos? Sabemos que Jesus disse: "Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês" (Mt 5.48). E nos lembramos das palavras de Tiago: "Pois qualquer um que guarda toda a Lei, mas tropeça em um só ponto, torna-se culpado de todos" (Tg 2.10).

A ideia central desta comparação entre dia bom e dia ruim é esta: por melhor ou pior que seja nosso desempenho, somos sempre dependentes da graça de Deus, seu favor imerecido àqueles que merecem a ira dele. Talvez haja alguns dias de uma consciência mais aguda da nossa pecaminosidade e de uma consciência mais forte de precisarmos da graça dele. Mas não há um dia sequer em que nossa aprovação diante dele dependa do nosso desempenho, em que somos dignos o suficiente para merecer sua bênção.

Ao mesmo tempo, as boas-novas do evangelho são o fato da graça de Deus estar disponível a nós em nossos piores dias. Esse fato é verdade por Cristo Jesus ter satisfeito de modo pleno as demandas da justiça de Deus e ter pago totalmente a pena de uma lei transgredida com sua morte na cruz em nosso lugar. Essa é a razão de Paulo ter escrito: “Ele perdoou todos os nossos pecados” (Cl 2.13).

O fato de Deus ter perdoado todos os nossos pecados significa que agora ele é indiferente se obedecemos ou desobedecemos? De modo algum. As Escrituras falam que entristecemos o Espírito com nossos pecados (Ef 4.30). E Paulo orou para que possamos “agradar [a Deus] em tudo” (Cl 1.10). Entristecemos a Deus e agradamos a Deus. Claramente, ele se importa com nossa conduta e nos disciplinará no caso de nos recusarmos a nos arrepender de um pecado consciente. Mas Deus não é mais nosso Juiz. Por meio de Cristo, ele é agora nosso Pai celestial que nos disciplina apenas por amor e para o nosso bem.

Se as bênçãos de Deus dependessem do nosso desempenho, elas de fato seriam escassas. Até mesmo nossas melhores obras são marcadas pelo pecado — com graus variados de motivos impuros e um grau elevado de desempenho imperfeito. Sempre estamos, em alguma medida, preocupados conosco mesmos, com as nossas defesas, empenhados em proteger nosso ego. É por não entendermos a depravação total do princípio do pecado que permanece em nós e macula tudo que fazemos que consideramos qualquer noção de obter a bênção de Deus pela nossa obediência. E, é por não termos um entendimento completo do fato de Jesus ter pago a pena pelos nossos pecados que achamos impossível a bênção de Deus na nossa vida quando não estivermos à altura até mesmo dos nossos próprios desejos de conduzir uma vida agradável a Deus.

Este é um princípio espiritual importante que resume tudo que foi dito até aqui:

Seus piores dias nunca são ruins a ponto de estar além do alcance da graça de Deus. E seus melhores dias nunca são bons a ponto de estar além da necessidade da graça de Deus.

Todo dia da nossa experiência cristã deve ser um dia de uma relação com Deus baseada apenas na sua graça. Não apenas somos salvos pela graça, mas também vivemos pela graça todos os dias. O meio dessa graça é Cristo, “por intermédio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos apoiados” (Rm 5.2; grifo do autor).

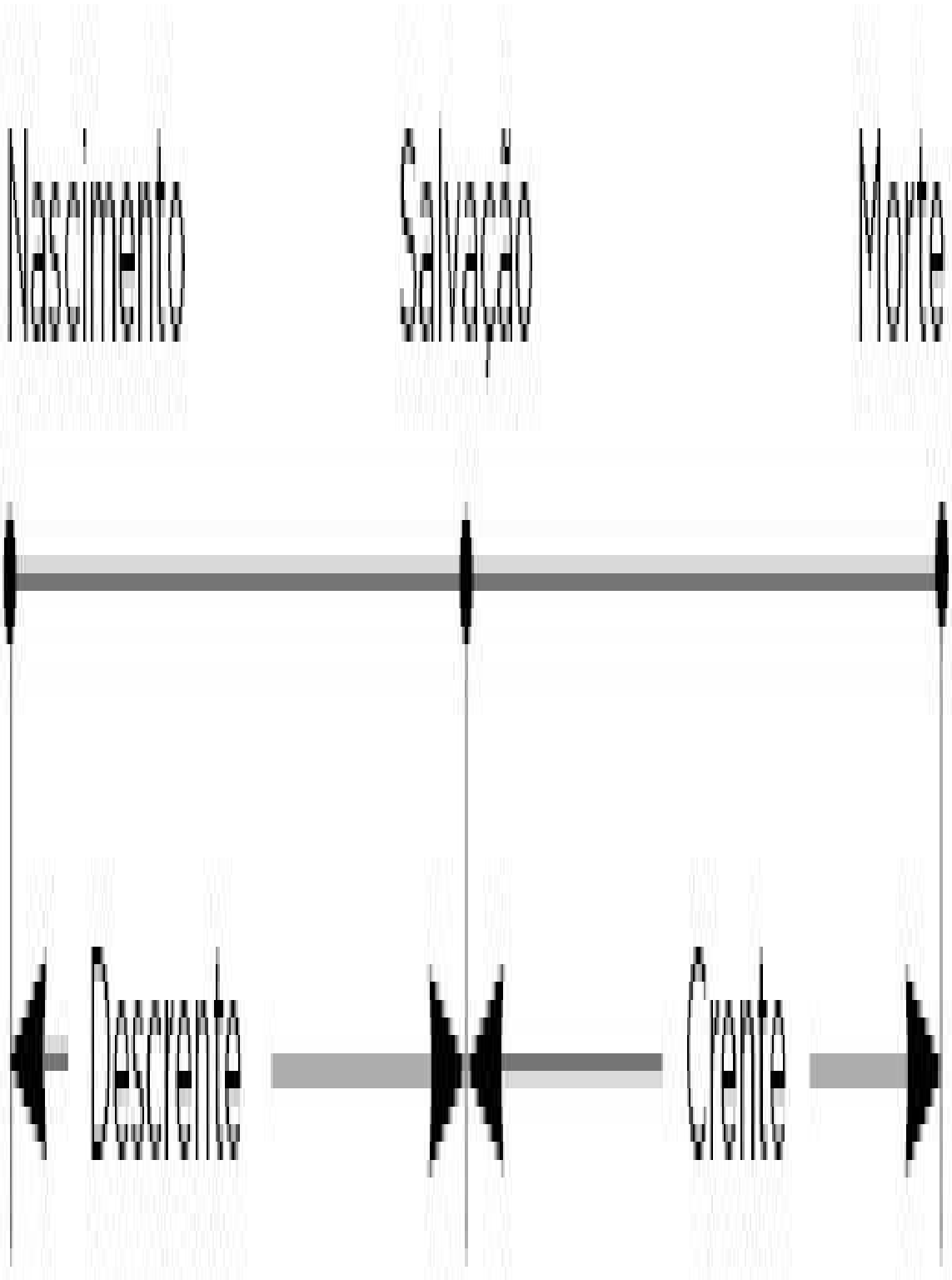
Uma parte significativa da Lei mosaica era a promessa de bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência (veja Dt 28, em especial, os versículos 1-2 e 15). Alguns cristãos vivem como se esse princípio ainda fosse válido para eles. Mas Paulo disse que “a lei teve a função de nos conduzir a Cristo, para que pudéssemos ser justificados pela fé” (Gl 3.24). Cristo já levou sobre si as maldições pela nossa desobediência e obteve para nós as bênçãos da obediência. O resultado disso é que agora devemos depender apenas de Cristo — e não de Cristo mais nosso desempenho — para as bênçãos de Deus na nossa vida. Somos salvos pela graça e devemos viver apenas pela graça.

Quando oramos para Deus nos abençoar, ele não examina nosso desempenho para decidir se somos dignos. Antes, ele analisa se estamos confiando no mérito do seu Filho como nossa única esperança de obter a bênção dele. Repetindo: Somos salvos pela graça e devemos viver pela graça todos os dias da nossa vida cristã.

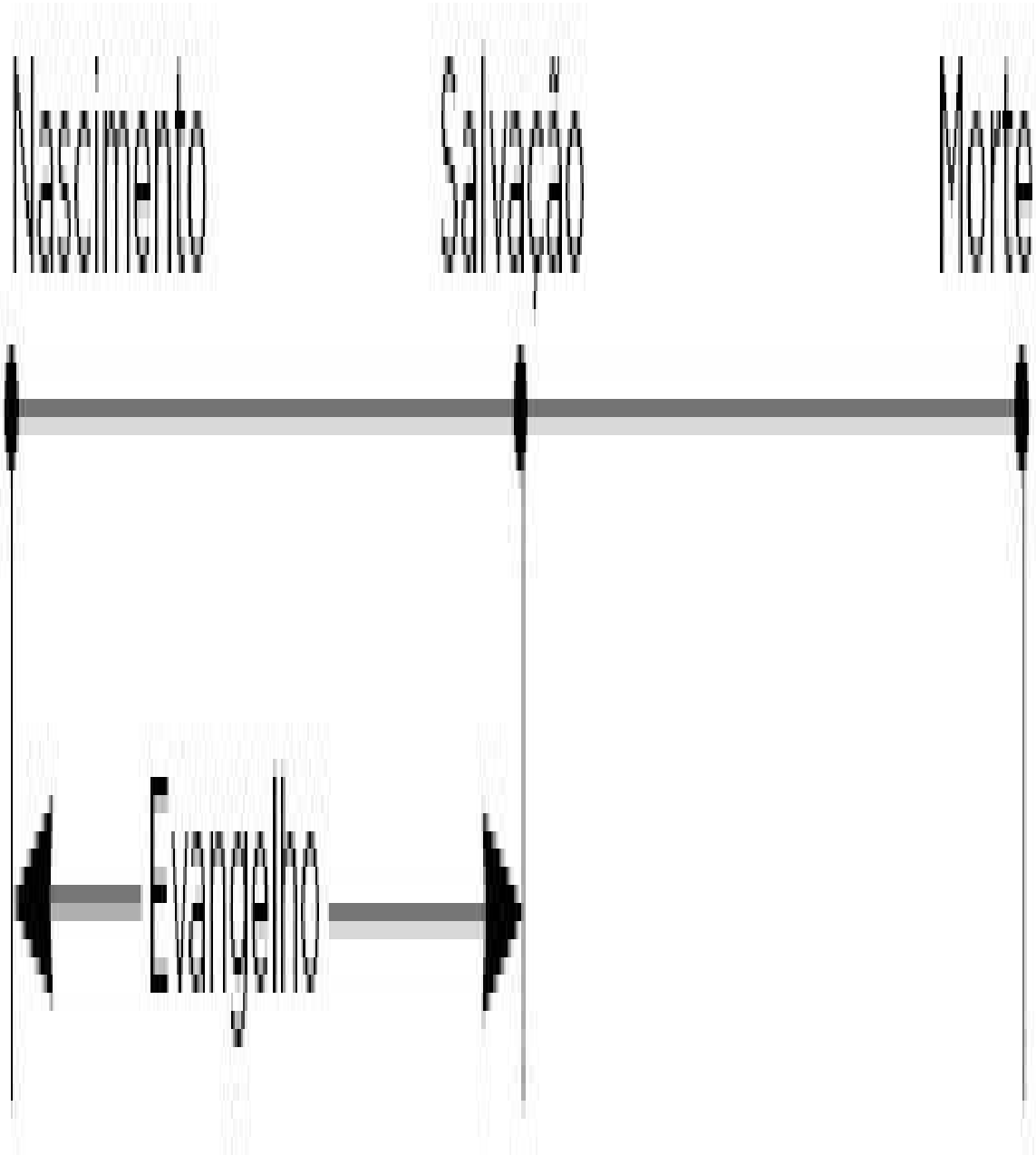
Se é verdade que nosso relacionamento com Deus é baseado na graça dele e não no nosso desempenho, então por que estamos tão inclinados a voltar para um tipo de pensamento de dia bom ou dia ruim? A razão disso é que relegamos o evangelho ao descrente.

## UMA MENSAGEM PARA A VIDA INTEIRA

Considere uma linha do tempo simples da sua vida como na ilustração abaixo. Ela tem apenas três pontos da sua vida: seu nascimento, sua morte e o dia da sua salvação. Não importa a idade com que creu em Cristo, a cruz divide sua vida inteira em dois períodos: você como descrente e você como crente.

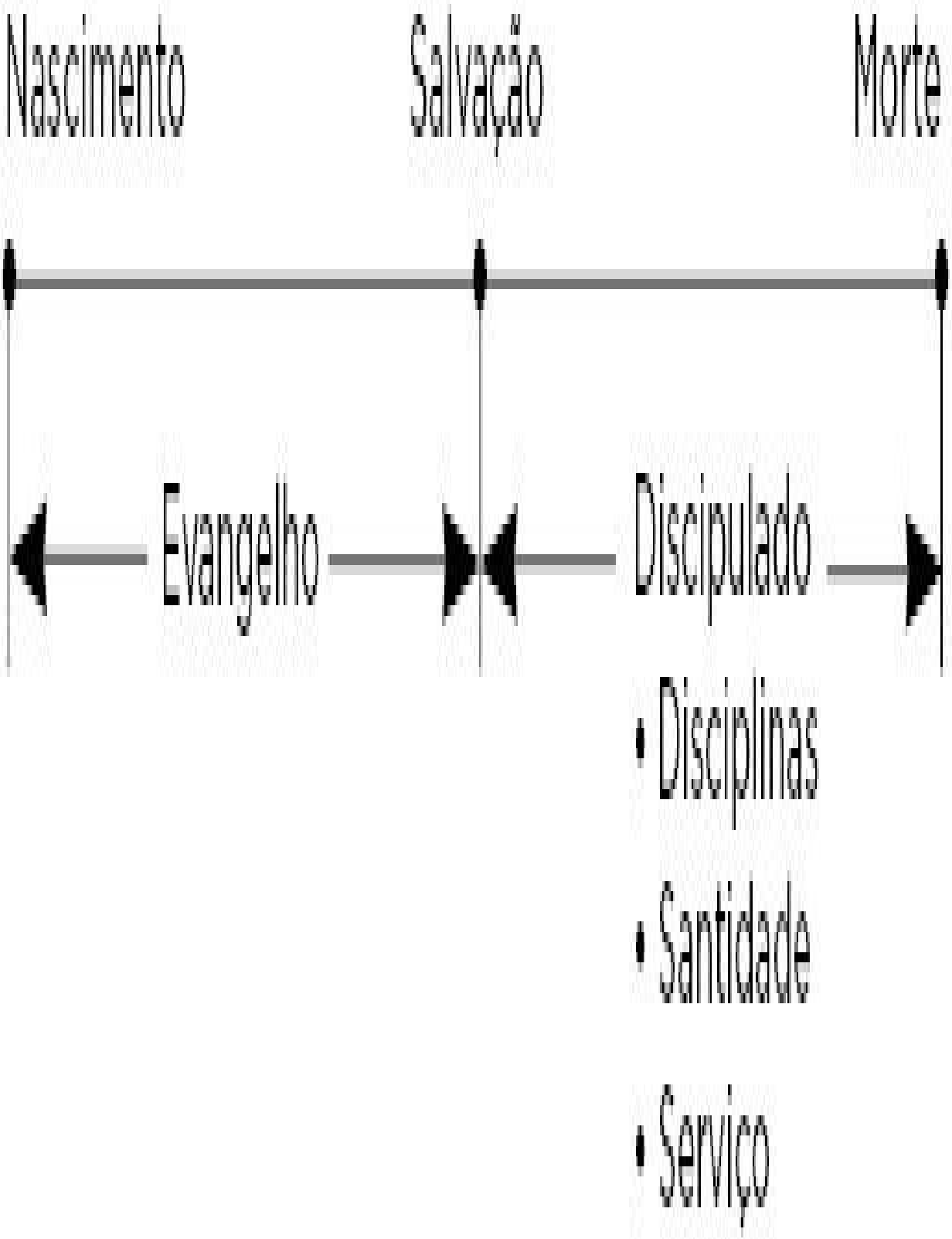

Nascimento
Salvação
Morte
Descrença
Crença

Com essa linha do tempo em mente, qual é a única palavra que se refere à mensagem bíblica que você mais precisava ouvir quando não cria? Sugiro que essa palavra é evangelho. É o evangelho que é o poder de Deus que salva (Rm 1.16). Precisamos ouvir que Jesus morreu pelos pecadores e que, se formos a ele pela fé, receberemos o perdão dos nossos pecados e a dádiva da vida eterna. Essa mensagem pode assumir inúmeras formas, mas o conteúdo deve sempre ser o evangelho. É isso que precisamos ouvir e responder quando somos descrentes. Agora a linha do tempo da sua vida tem esta forma:


Nascimento
Salvação
Morte
Evangelho

Qual é a única palavra que se refere à mensagem que mais precisamos ouvir como cristãos? Ouço muitas respostas diferentes a essa pergunta, mas a maioria delas pode ser resumida com uma só palavra: discipulado. Afinal de contas, Jesus realmente disse: “Vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). Como cristãos, nunca paramos de ser desafiados pelas exigências e deveres do discipulado. Essas exigências e deveres incluem as disciplinas espirituais (tempo de reflexão, estudo bíblico, oração, adoração, participação das reuniões da igreja e assim por diante); a obediência à vontade moral de Deus apresentada na Bíblia ou, nas minhas palavras, buscar a santidade; e o serviço e ministério para o reino de Deus.[3] Quase tudo que nós, cristãos, precisamos fazer está provavelmente incluído nas três palavras: discipulado, santidade e serviço.

Assim, agora a nossa linha do tempo se torna esta:


Nascimento
Salvação
Morte
Evangelho
Discipulado
• Disciplinas
• Santidade
• Serviço

Essa linha do tempo ilustra nosso modo de ver a vida cristã — o evangelho para os descrentes e os deveres do discipulado para os cristãos. Não estou questionando nossa ênfase no discipulado. Como já observei, Jesus de fato disse: “Vão e façam discípulos”. Na verdade, precisamos de mais desafio e instrução nessa ênfase tripla de disciplinas, santidade e serviço. Mas há algo mais básico do que o discipulado, algo que de fato proporciona a atmosfera necessária para a prática do discipulado. Uma só palavra que designa o que precisamos continuar ouvindo é evangelho.

Precisamos continuar ouvindo o evangelho todos os dias da nossa vida cristã. Apenas um lembrete contínuo do evangelho da graça de Deus por meio de Cristo impedirá um modo de pensar de dia bom ou dia ruim, que nos faz achar que nosso relacionamento diário com Deus se baseia em quão bom fomos.

É apenas o prazer de ouvirmos o evangelho e sermos lembrados do perdão dos nossos pecados em Cristo que impedirá que as exigências do evangelho se tornem uma tarefa desagradável. São apenas uma gratidão e um amor a Deus resultantes de sabermos que ele não conta mais nossos pecados contra nós (Rm 4.8) que proporcionam o motivo apropriado para nossa resposta às demandas do discipulado.

## A JUSTIÇA PRÓPRIA E A CULPA

No entanto, precisamos nos lembrar de que o evangelho é para pecadores. Jesus disse: “Não vim chamar os justos ao arrependimento, mas os pecadores” (Lc 5.32). O evangelho é relevante para nós apenas se entendermos e reconhecermos que ainda somos pecadores. Embora sejamos novas criaturas em Cristo, continuamos pecando todo dia em pensamentos, palavras e ações e, talvez ainda mais importante, em motivos. Desse modo, só nos beneficiaremos do evangelho todo dia se reconhecermos que ainda somos pecadores.

Sem um lembrete contínuo das boas-novas do evangelho, é fácil sermos vítimas de um de dois erros. O primeiro é um foco no nosso desempenho externo, que

nos torna orgulhosos como os fariseus. Então, podemos vir a olhar com desdém espiritual para outras pessoas que não são tão disciplinadas, obedientes e comprometidas quanto nós e de um modo muito sutil começar a nos sentir espiritualmente superiores a elas.

O segundo erro é o exato oposto do primeiro. É o sentimento de culpa. Tivemos contato com as disciplinas da vida cristã, com a obediência e com o serviço e, no nosso coração, respondemos a esses desafios. No entanto, não tivemos tanto êxito quanto outras pessoas ao nosso redor aparentam ter. Ou nos vemos lidando com alguns dos pecados do coração como a ira, ressentimento, cobiça e uma postura de julgamento. Talvez lutemos com pensamentos impuros, impaciência ou com uma falta de fé e confiança em Deus. Por termos separado o evangelho da nossa própria vida pessoal, somos perturbados por um sentimento de fracasso e culpa. Pensamos que Deus está descontente conosco e não vemos razão alguma para ele nos abençoar. Afinal de contas, não merecemos seu favor.

Uma vez que nosso foco é nosso desempenho, não nos lembramos mais do significado da graça: o favor imerecido de Deus àqueles que merecem apenas sua ira. Os cristãos semelhantes aos fariseus têm a noção inconsciente de terem obtido a bênção de Deus com sua conduta. Os cristãos oprimidos pela culpa têm total certeza de terem perdido a bênção de Deus por causa da sua falta de disciplina ou sua desobediência. Os dois tipos de cristão se esqueceram do significado da graça por terem acabado se afastando do evangelho em direção de um relacionamento com Deus baseado no desempenho.

A maioria de nós, provavelmente, tende a ambas as atitudes em dias diferentes. No que consideramos um dia bom, nossa tendência é um farisaísmo orgulhoso da própria justiça. Em um dia não tão bom, acabamos nos entregando intensamente a um sentimento de fracasso e culpa. Aliás, isso pode ser mais do que dias não tão bons — pode ser semanas ou meses. Mas, quer isso dure semanas ou dias, o problema é o mesmo. Afastamo-nos do evangelho da graça de Deus e iniciamos a tentativa de uma relação direta com Deus baseada no nosso desempenho, e não em Cristo.

Deus nunca considerou que nos identificaríamos com ele de modo direto. Nosso próprio desempenho nunca é bom o suficiente para ele considerar aceitável. Apenas podemos nos relacionar com Deus por meio do sangue e da justiça de Jesus Cristo. Só o sangue de Jesus é capaz de purificar nossa consciência pesada e nos proporcionar a confiança para entrar na presença de Deus (Hb 10.19-21).

O evangelho, aplicado ao nosso coração todo dia, liberta-nos para sermos brutalmente honestos conosco e com Deus. A garantia do perdão divino total por meio do sangue de Cristo significa que não precisamos ter uma postura defensiva. Não é necessário racionalizarmos e criarmos desculpas para nossos pecados. Podemos dizer que contamos uma mentira e não que exageramos um pouco. Podemos admitir um espírito rancoroso em vez de continuarmos culpando nossos pais pelos nossos problemas emocionais. É possível chamarmos o pecado exatamente pelo seu nome, por mais terrível e vergonhoso que venha a ser, pois sabemos que Jesus levou esse pecado no seu corpo lá na cruz. Por causa da certeza de um perdão total por meio de Cristo, não temos nenhum motivo para continuar nos escondendo dos nossos pecados.

"Mas", talvez você esteja dizendo, "é bom continuar pregando o evangelho a cristãos que pecam sem parar, que aparentemente nunca colocam sua situação espiritual em ordem? Isso não os fará desistir de tentar?". Eles não dirão: "Qual é o sentido de lutar com meu pecado e minha falta de disciplina se de qualquer forma já estou perdoado?". Será que não seria bom um pouco da mentalidade de desempenho para estarmos sempre muito conscientes do nosso compromisso cristão? E, além disso, o que dizer de todos aqueles cristãos indiferentes que nunca lutam com seu pecado e falta de compromisso com Cristo? Essa ênfase no evangelho não os fará simplesmente endurecer no seu abuso da graça de Deus, em sua atitude de "Como vivo não faz diferença, pois Deus me ama incondicionalmente"?

Consideremos o segundo grupo primeiro. É verdade que podem abusar da graça de Deus. Paulo previu essa possibilidade (Rm 6.1; Gl 5.13), e Judas indicou que isso já estava acontecendo na igreja do primeiro século (Jd 1.4). Mas não podemos permitir o abuso da verdade por parte de algumas pessoas anular seu valor para nós, em especial pelo fato de essa verdade ser tão necessária na nossa vida cristã.

Quanto ao primeiro grupo — aqueles que estejam talvez lutando com o pecado e seu fracasso —, a última coisa de que precisam é uma intensificação da sua culpa. Poucas coisas são mais prejudiciais ao desejo e ao esforço sério de mudar do que um sentimento de culpa. Por outro lado, uma liberdade da culpa gerada pelo entendimento do perdão em Cristo fortalece o desejo de conduzir uma vida mais disciplinada e santa. E é esse sentimento intensificado que conduzirá a uma oração séria pelo auxílio do Espírito e um esforço mais diligente na busca da disciplina e da santidade.

Anos atrás, ouvi a seguinte frase de um ministro piedoso: “Disciplina sem desejo é tormento”. Assim, o que desperta o desejo em nosso coração de conduzir uma vida disciplinada e piedosa? É a alegria de saber que nossos pecados foram perdoados, que, por mais que tenhamos tropeçado ou caído hoje, Deus não considera nossos pecados contra nós (Rm 4.8).

## MOTIVADOS PELO AMOR

O apóstolo Paulo escreveu que Cristo morreu para não vivermos mais para nós mesmos, mas vivermos para ele (2Co 5.15). Uma vida não mais para nós mesmos, mas para ele, é a essência do discipulado. Essa formulação resume tudo que disciplina, santidade e serviço poderiam abarcar. Mas o que é que nos motivará a viver não para nós mesmos, mas para ele? Paulo disse que é o amor de Cristo: “Pois o amor de Cristo nos compele” (2Co 5.14).

A ideia presente na palavra compelir é pressionar para impelir, isto é, instar ou motivar exercendo uma forte pressão moral. Kenneth Wuest, em sua tradução expandida do Novo Testamento, captou belamente o sabor da palavra compelir: “Pois o amor que Cristo tem [por mim] me pressiona de todos os lados, segurando-me em um ponto e me proibindo de considerar qualquer outro, envolvendo-se ao redor de mim em brandura, dando-me um motivo persuasivo”.[4]

Porém, observe o que compelia ou motivava Paulo de uma maneira tão forte. Não era um desafio contínuo para ser mais disciplinado ou mais comprometido ou mais santo. Antes, era sua consciência profunda e constante do amor de Cristo por ele. Não era o pensamento de “devo fazer isto ou aquilo” ou um sentimento de culpa por não fazer algo que motivava Paulo. O que realmente o estimulava era sua percepção extremamente intensa do amor de Cristo por ele.

Nós, cristãos, precisamos ser desafiados a uma vida de discipulado comprometido, mas esse desafio precisa se basear no evangelho, e não no dever ou na culpa. O dever ou a culpa podem vir a nos motivar por um tempo, mas apenas uma percepção do amor de Cristo nos motivará por toda a vida.

Se o amor de Cristo por nós deve ser a força motivadora de uma vida de discipulado, como então podemos alcançar uma consciência aguda do seu amor? A resposta é: por meio do evangelho. Obviamente, é o Espírito Santo que derrama o amor de Cristo no nosso coração (Rm 5.5), mas seu meio de ação é a mensagem do evangelho. As boas-novas do evangelho são que Jesus pagou por todos os nossos pecados na cruz e que, dessa maneira, fomos perdoados. Durante nossa reflexão contínua sobre esse evangelho, o Espírito inunda nosso coração com uma percepção do amor de Deus por nós em Cristo. E essa percepção do seu amor nos motiva de um modo poderoso a viver para ele.

Ao longo dos anos, muitos cristãos devotos foram atraídos ao desejo sincero de Paulo expresso em Filipenses 3.10: “Para que possa conhecer Cristo” (KJV). Nosso coração se identificou com o de Paulo quando dissemos: “Este é meu desejo também, tudo que quero é conhecer Cristo de um modo mais pessoal e íntimo”. Assim, qual é o contexto imediato das palavras de Paulo? O que produziu nele um desejo tão intenso?

O contexto é o testemunho de Paulo sobre a renúncia da sua própria justiça para obter a justiça que procede de Deus por meio da fé em Jesus Cristo (Fp 3.1-9). É no contexto de relatar a aplicação do evangelho na sua vida pessoal que Paulo sente brotar nele uma intensificação do seu desejo de um conhecimento mais íntimo de Cristo.

Um sentimento de obrigação e dever nunca estimula esse desejo em nós. Apenas o amor é capaz disso. Para perseverarmos como discípulos comprometidos de Jesus Cristo ao longo da nossa vida, sempre deveremos manter o evangelho do perdão de Deus, em Cristo, diante de nós. Deveremos, nas palavras do meu amigo Jack Miller, pregar o evangelho a nós todos os dias.

A pregação do evangelho a nós mesmos todos os dias trata tanto o fariseu que confia na própria justiça quanto o pecador oprimido pela culpa que mora no nosso coração. Pelo fato de o evangelho ser apenas para pecadores, essa pregação diária nos lembra de que realmente somos pecadores que precisam da graça de Deus. Essa pregação nos faz dizer a Deus nos versos de um antigo hino: “Nada na mão trago, apenas à cruz me agarro”.[5] Ela nos ajuda na renúncia consciente de qualquer confiança na capacidade da nossa própria bondade de nos tornar merecedores das bênçãos divinas na nossa vida.

Porém, talvez mais importante seja o fato de uma pregação do evangelho a nós

mesmos nos dar esperança, alegria e coragem. As boas-novas de nossos pecados terem sido perdoados enchem nosso coração com alegria, nos dão coragem para enfrentar o dia e nos concedem uma esperança de que o favor de Deus estará sobre nós, não por causa da nossa bondade, mas por estarmos em Cristo.

Vários meses antes de escrever este capítulo, recebi uma cópia de uma carta escrita por Mutua Mahiaini, o líder do ministério The Navigators [Os navegadores] no Quênia, África, aos membros desse ministério no Quênia. Nessa carta, Mutua trata de modo um tanto eloquente essa questão do desempenho versus a graça de Deus, o que me fez pedir permissão para citar sua carta. Ele permitiu generosamente, e, assim, cito a maior parte da carta aqui:

Obviamente, sabemos quão central é o perdão dos pecados na salvação. Nós o pregamos, nós cremos nesse perdão. Vemos aquele primeiro arrependimento e entrega a Cristo como um momento glorioso. Também aceitamos que, após nossa vinda ao Senhor, precisamos continuar purificando nossa vida. “Se confessamos nossos pecados, ele é fiel e justo, nos perdoará os pecados e nos purificará de toda injustiça” (1Jo 1.9). Mas na minha conversa com muitos cristãos, tenho a impressão de a maioria de nós considerar o arrependimento contínuo dos salvos uma experiência não tão gloriosa. Uma espécie de necessidade infeliz.

O pecado entristece Deus. Não devemos minimizar a gravidade dele na vida do cristão. Mas precisamos fazer as pazes com o fato de a graça de Deus ser maior do que todos os nossos pecados. O arrependimento é um dos maiores privilégios do cristão. O foco de um cristão penitente é a misericórdia de Deus e a graça de Deus. Qualquer momento de deleite na misericórdia e na graça de Deus é nosso momento mais elevado. Mais elevado do que quando nos sentimos extremamente satisfeitos conosco pelo nosso desempenho decente e não somos capazes de pensar em nada que precisemos confessar.

Sempre que falharmos — e, de fato, falharemos — o Espírito de Deus atuará em nós e nos levará aos pés da cruz, onde Jesus levou sobre si nossas falhas. Esse momento tem a capacidade de ser glorioso. Pois, nesse momento, podemos aceitar a misericórdia e a graça abundantes de Deus e não ter mais nada do que nos vangloriar senão do próprio Cristo ou, então, podemos lutar com nossa vergonha, focando nela, bem como na nossa performance. Falhamos por termos

afastado nossa atenção da graça e da misericórdia. Aquele que se beneficia da misericórdia e da graça de Deus não hesita em se arrepender, mas também hesita em pecar. [6]

Note a afirmação de Mutua de que qualquer momento de deleite na misericórdia e na graça de Deus é o nosso momento mais elevado, mais elevado do que quando nos sentimos extremamente satisfeitos conosco pelo nosso desempenho decente e não conseguimos pensar em nada que precisemos confessar. Essa afirmação não lembra as palavras de Paulo: “Longe de mim vangloriar-me, a não ser da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14)?

Você está disposto a viver como Mutua e o apóstolo Paulo? Estamos dispostos a depender da graça e da misericórdia de Deus em vez de depender do nosso desempenho, a nos vangloriar de nada a não ser da cruz? Estando dispostos a isso, podemos parar de viver nos nossos cenários de dia bom ou dia ruim e nos deleitar todos os dias na graça de Deus. E, na alegria e confiança dessa graça, podemos buscar a santidade de modo vigoroso.

[1] Jerry Bridges, The pursuit of holiness (Colorado Springs: NavPress, 1978) [publicado em português por Monergismo sob o título A busca da santidade].

[2] Jerry Bridges, Transforming grace (Colorado Springs: NavPress, 1991) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Graça que transforma].

[3] Em função do paradigma geral da nossa abordagem típica à vida cristã, usei o conceito amplo do discipulado. Neste livro, meu foco será o segundo subponto, perseguir a santidade. Para uma exposição excelente das disciplinas, recomendo o livro de Donald Whitney Spiritual disciplines for the Christian life (Colorado Springs: NavPress, 1991) [publicado em português por Batista Regular sob o título Disciplinas espirituais].

[4] Kenneth S. Wuest, The New Testament, an expanded translation (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), p. 424.

[5] Augustus M. Toplady, “Rock of ages”, 1776. Disponível em: http://www.cyberhymnal.org/htm/r/o/rockages.htm. Acesso em: 21 jan. 2022.

[6] Citado com a permissão de Mutua Mahiaini.

# 2

# O FARISEU E O COLETOR DE IMPOSTOS

*"O fariseu estava em pé e orava sobre si mesmo: 'Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens — ladrões, malfeitores, adúlteros — nem mesmo como este coletor de impostos. Jejuo duas vezes por semana e dou um décimo de tudo quanto ganho'"*

(Lc 18.11-12).

No seu aniversário de setenta anos, o missionário pioneiro William Carey escreveu a um dos seus filhos estas palavras:

Hoje, faço setenta anos de idade, um monumento da misericórdia e bondade divinas, mas, em um retrospecto da minha vida, constato o incontável número de coisas pelas quais eu deveria estar me sentindo completamente humilhado; meus pecados imediatos e concretos são inumeráveis, minha negligência na obra do Senhor tem sido grande, não tenho promovido sua causa, nem buscado sua glória e honra como devo. A despeito de tudo isso, fui poupado até agora, ainda permaneço na obra dele e confio que o favor divino está sobre mim por intermédio dele[1].

Carey, que foi para a Índia em 1793, muitas vezes, é chamado de o pai das missões modernas. Seus esforços vastos por Cristo incluem a tradução de todas as partes da Bíblia para mais de 40 idiomas e dialetos. Ele foi o originador do famoso lema missionário: "Espere grandes coisas de Deus; tente fazer grandes coisas para Deus".

Assim, como seria possível um homem de uma fé tão extraor- dinária em Deus, que havia realizado tantas coisas para Deus, lamentar perto do final de sua vida sua própria pecaminosidade e falhas? Por que ele não preferiu refletir com gratidão e louvor sobre o que Deus havia feito por meio dele? A razão da atitude de Carey era uma baixa autoestima não saudável ou um realismo saudável que é característico de um cristão piedoso e maduro? A atitude de Carey deve ser um exemplo para nós ou devemos descartá-la como uma pequena amostra lamentável da introspecção trazida pela velhice?

Essas não são apenas perguntas teóricas, pois a atitude de Carey se dirige a duas necessidades significativas entre cristãos comprometidos: a necessidade de uma consciência humilde da nossa própria pecaminosidade e a necessidade de uma aceitação grata da graça de Deus.[2] A tendência dos cristãos é uma de duas atitudes opostas. A primeira é um sentimento inflexível de culpa gerado por expectativas não satisfeitas na condução da vida cristã. As pessoas caracterizadas por esse modo de pensar com frequência ficam obcecadas com seus pecados insistentes ou com o fato de não testemunharem aos seus vizinhos ou com vários outros desafios da vida cristã que de modo tão frequente lhes são impostos.

## FARISAÍSMO CRISTÃO

A outra postura é diversificar os graus de autossatisfação na vida cristã. Podemos ser levados a essa atitude por estarmos convictos de crermos nas doutrinas certas, termos lido os livros certos, praticarmos as disciplinas certas de uma vida cristã comprometida ou termos um envolvimento ativo em algum aspecto do ministério e não apenas sermos “esquentadores de banco” na igreja.

Talvez tenhamos adquirido um farisaísmo em nossa vida cristã porque, quando olhamos para a sociedade ao nosso redor, vemos uma imoralidade flagrante, uma ganância indiscriminada e uma violência que só aumenta. Observamos uma aceitação cada vez maior do aborto como um “direito” e da homossexualidade como estilo de vida alternativo aceitável. Por não sermos culpados dessas formas de pecado mais grosseiras, podemos começar a nos sentir um tanto bem em relação à nossa vida cristã.

Quando pensamos assim, corremos o risco de nos tornar como o fariseu na famosa parábola de Jesus (Lc 18.9-14). Jesus disse: “O fariseu estava em pé e orava sobre si mesmo: ‘Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens — ladrões, malfeitores, adúlteros — nem mesmo como este coletor de impostos. Jejuo duas vezes por semana e dou um décimo de tudo quanto ganho’” (v. 11-12).

O fariseu era ortodoxo nas suas convicções e muito comprometido com suas práticas religiosas. Ele teria correspondido à nossa caracterização tripla do discipulado. Jejuava duas vezes por semana (disciplinas espirituais); não era um ladrão, malfeitor ou adúltero (obediência); e dava um décimo dos seus ganhos (serviço). Usando nossa terminologia do dia bom ou dia ruim, ele estava em um cenário constante de dia bom, ou ao menos achava isso. Mas ele tinha um defeito fatal. Ele se orgulhava da sua própria justiça e, na parábola de Jesus, tornou-se o exemplo clássico do orgulho religioso e que busca autossatisfação.

Diferentemente do fariseu, o coletor de impostos estava dolorosamente ciente da sua pecaminosidade. Ele não apenas pediu perdão por certos pecados; ele suplicou por misericórdia como pecador. No idioma original, o texto diz: “Deus, tem misericórdia de mim, o pecador”. Ele não apenas não se comparou de modo favorável com outros, como fez o fariseu; ele sequer se comparou. Ele não estava preocupado com sua situação comparada à de outras pessoas. Ele estava preocupado com sua situação em relação a um Deus santo e justo. Ele sabia que estava sozinho diante de Deus com seu pecado, o que o fez suplicar por misericórdia.

Jesus disse que o coletor foi para casa justificado, ou declarado justo, diante de Deus. Ele reconheceu abertamente e com certo desespero que não tinha nenhuma justiça própria, recebendo a sua justiça como uma dádiva de Deus.

Geralmente, abordamos essa história com o senso de aprovação que resulta da nossa leitura ser sobre outras pessoas e não sobre nós mesmos. Reconhecemos que o fariseu estava mergulhado em orgulho espiritual, mas então pensamos que a parábola não é aplicável a nós, por termos confiado em Cristo e já estarmos justificados. No entanto, não devemos relegar essa parábola apenas aos orgulhosos da justiça própria e “pecadores” óbvios entre os descrentes. A parábola também se dirige a nós que somos cristãos.

Jesus contou a parábola àqueles convictos da sua própria justiça, isto é, àqueles

que se sentiam bem em relação ao seu próprio desempenho. À medida que nos comparamos com a sociedade à nossa volta e com outros cristãos que não são tão comprometidos quanto nós, também somos capazes de nos tornar convictos da nossa própria justiça — não uma justiça para a salvação, mas ao menos uma justiça que deixará Deus contente com nosso desempenho. Assim, o pecado do fariseu pode se tornar o pecado do cristão mais ortodoxo e comprometido.

Uma grande parte do nosso problema como cristãos evangélicos é termos definido o pecado nas suas formas mais óbvias — formas das quais não somos culpados. O que vem mais à nossa mente são pecados como a imoralidade sexual, embriaguez, mentira, traição, roubo e assassinato. E, nos últimos anos, passamos a focar nos pecados societários do aborto e da homossexualidade. Vemos uma disseminação cada vez maior desses pecados mais flagrantes, como também, enxergamos a nós mesmos como bons ao nos comparar.

Certamente, esses pecados mais flagrantes da sociedade são uma causa profunda de preocupação, e sou grato pelas vozes proféticas que Deus tem levantado para expor esses cânceres morais na nossa sociedade. Mas não devemos ficar tão preocupados com os pecados da cultura dos dias atuais a ponto de ignorarmos as necessidades na nossa própria vida.

## PECADOS SOFISTICADOS

Nosso problema mais frequente com o pecado é a área que chamo de pecados “sofisticados”. Esses são os pecados de pessoas decentes, pecados que podemos cometer de modo regular sem perder nossas posições como presbíteros, diáconos, professores de escola dominical, líderes de estudo bíblico e, sim, até mesmo obreiros cristãos em tempo integral.

Quais são alguns desses pecados “sofisticados”? Em um autoexame, um dos primeiros que veio à minha mente foi a tendência de julgar outras pessoas e de falar de modo crítico sobre elas a outras pessoas. A rapidez com que pensei nesse pecado me surpreendeu, pois em geral não me considero uma pessoa crítica ou propensa a julgar. Talvez isso seja parte do problema. Esse é aparentemente um vício tão aceitável entre os cristãos que sequer o

reconhecemos a não ser que seja flagrante — e sempre em uma outra pessoa.

Devemos levar a sério a advertência de Jesus sobre um espírito crítico em Mateus 7.3: “Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?”. Precisamos aprender a parar de julgar os outros e deixar esse julgamento para Deus, como o apóstolo Paulo nos instruiu: “Quem é você para julgar o servo alheio? É para seu próprio senhor que ele está em pé ou cai. E ele ficará de pé, pois o Senhor é capaz de o fazer ficar de pé” (Rm 14.4). Um espírito de julgamento é um pecado cometido com demasiada frequência por cristãos comprometidos. Precisamos aprender a reconhecê-lo como o pecado que de fato é.

Um espírito de julgamento geralmente se reflete em uma fala crítica sobre outras pessoas. Percebi com tristeza há alguns meses que precisava começar a fazer a oração de Davi:

Senhor, guarda a minha boca;

vigia a porta dos meus lábios (Sl 141.3).

Quando o Espírito Santo começou a trabalhar em mim nessa área, fiquei surpreso com a frequência com que estava dizendo algo crítico sobre outro irmão em Cristo.

Fortemente semelhante à fala de julgamento é a fofoca, aquele ato interminável de contar e passar adiante os pecados e infortúnios de outras pessoas. Nós, aparentemente, temos um prazer perverso em sermos aqueles que trazem más notícias sobre outras pessoas. Salomão nos advertiu sobre a fofoca quando disse:

Aquele que cobre uma transgressão promove o amor,

mas quem traz o assunto de volta afasta os amigos íntimos (Pv 17.9).

E, novamente:

Uma fofoca trai a confiança;

por isso, não se envolva com quem fala demais (Pv 20.19).

Levamos Salomão a sério ou, para ser mais exato, levamos o Espírito Santo a sério — pois, afinal de contas, Salomão escreveu inspirado e guiado pelo Espírito?

O apóstolo Paulo escreveu: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros conforme a necessidade deles, para que beneficie aqueles que a ouvem” (Ef 4.29). Torpe se refere a qualquer tipo de fala que tende a destruir outra pessoa, seja proferida a ela ou sobre ela E a proibição de Paulo contra esse tipo de fala negativa é absoluta: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros” (grifo do autor).

Como reagiríamos a alguém que dissesse: “Veja bem, não sou um ladrão, mas roubo de vez em quando” ou: “Não sou um adúltero, mas às vezes cometo traição”? Acharíamos essa atitude ridícula e inaceitável para um cristão. Sabemos que as proibições de Deus contra o roubo e o adultério são absolutas. Mas demasiadas vezes não achamos problemático pensar assim sobre nossa fala. Fofocamos e criticamos, embora não gostemos de ser considerados pessoas fofoqueiras ou críticas.

As Escrituras não permitem nenhuma fofoca, nem mesmo crítica ou qualquer outra forma de fala perniciosa, mesmo que o conteúdo da fala seja verdadeiro. Simplesmente não devemos dizer nada sobre outra pessoa que não gostaríamos que acabasse chegando aos ouvidos dela.

Até mesmo uma crítica dirigida a alguém deve ter apenas o objetivo de beneficiar essa pessoa. Ela nunca deve ser proferida em um espírito de impaciência e irritabilidade ou com um desejo de depreciar o indivíduo. Apenas uma crítica honesta que procede de um coração de amor em um espírito de humildade é capaz de edificar a outra pessoa.

Assim, com que frequência não ofendemos com nossa língua? No entanto, o verdadeiro problema não é nossa língua, mas nosso coração. Jesus disse: “Pois a boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12.34). Assim, não bastaria obter o controle da nossa língua, mesmo que isso fosse possível. Precisamos reconhecer o pecado no nosso coração.

Quais são alguns outros pecados “sofisticados” que podemos cometer sem perder o respeito dos nossos amigos cristãos? Alguns dos mais comuns estão na área das relações interpessoais. Esses incluiriam ressentimento, amargura, um espírito rancoroso, impaciência e irritabilidade. É muito instrutivo o fato de ser nesse contexto de relações interpessoais que Paulo faz esta advertência: “E não entristeçam o Espírito Santo de Deus” (Ef 4.30). Pois bem, todos os pecados entristecem a Deus, e Paulo poderia ter inserido a advertência no contexto de imoralidade sexual (Ef 5.3-5) ou mentira e roubo (Ef 4.25-28). Mas ele a situa no contexto de pecados que cometemos com quase nenhum sentimento de vergonha ou culpa. A mensagem deve estar clara. Deus fica triste com nossos pecados “sofisticados” da mesma maneira que fica triste com a imoralidade sexual ou a desonestidade. Não estou sugerindo que uma atitude de impaciência com o cônjuge é tão grave quanto um pecado como o adultério. Estou dizendo que a impaciência com nosso cônjuge é um pecado e que todos os pecados entristecem a Deus e devem nos entristecer.

Um dos problemas com esses chamados pecados sofisticados é que nos tornamos muito confortáveis com todo o conceito de pecado. Por pecarmos com tanta frequência, aprendemos a conviver com eles contanto que não saiam demais do controle ou se tornem escandalosos demais. Nós esquecemos, ou talvez nunca tenhamos aprendido, quão sério o pecado é para Deus.

## A GRAVIDADE DO PECADO

Três passagens das Escrituras que me ajudaram a perceber a gravidade do pecado são Levítico 16.21; 2Samuel 12.9-10 e 1Reis 13.21, como constam na New Internacional Version. Em Levítico 16.21, Deus usa a palavra rebelião para se referir ao pecado dos israelitas. A palavra hebraica, que geralmente é traduzida por “transgressão”, significa rebelião contra uma autoridade. Assim,

Deus considera nosso pecado, seja discreto, seja escandaloso, uma rebelião contra seu governo soberano sobre suas criaturas.

A passagem de 2Samuel 12.9-10 relata a repreensão do profeta Natã a Davi por cometer adultério com Bate-Seba e, então, matar seu marido para tentar ocultar seu pecado. Nessa passagem, Deus diz por meio de Natã que Davi desprezou sua palavra (v. 9) e até mesmo o próprio Deus (v. 10). A palavra desprezar significa menosprezar ou tratar com desdém. Assim, quando pecamos, estamos de fato tratando Deus e sua Palavra com desdém ou menosprezo; nós o estamos desprezando.

Não podemos fugir da força da palavra desprezar, achando que se aplica à natureza escandalosa dos crimes de Davi, mas não é aplicável a nós. O mesmo Deus que disse: “Não matarás” ou “Não adulterarás” também disse: “Não cobiçarás” (Êx 20.13-14-17). Não é a gravidade do pecado aos nossos olhos, mas a majestade e soberania infinitas do Deus que deu os mandamentos que torna nosso pecado um desprezo a Deus e à sua Palavra. Ao mesmo tempo em que escrevo estas palavras, escondo o meu rosto em vergonha quando percebo o pouco caso que fiz de alguns dos pecados que Deus considera rebeldia e desprezo para com ele.

A terceira palavra, que se encontra em 1Reis 13.21, é desafiar: “Você desafiou a palavra do Senhor”. A palavra desobedeceu, usada aqui na maioria das versões bíblicas, não capta a intensa força dessa palavra, provavelmente por estarmos acostumados demais com o conceito de desobediência. Mas todos nós reconhecemos que a palavra desafiar intensifica a gravidade da desobediência. Essa desobediência é uma oposição direta à autoridade divina.

A escolha divina dessa palavra aqui é ainda mais notável pelo fato de o profeta que desafiou a Deus não ter cometido um pecado escandaloso. Ele simplesmente desobedeceu à instrução específica de Deus — não comer nem beber na terra da Samaria nem voltar pelo mesmo caminho pelo que fora. No entanto, Deus considerou seu pecado não apenas uma desobediência no nível a que associamos essa palavra, mas sim um ato de desafio. De novo, a gravidade do pecado é determinada não simplesmente pelas suas consequências, mas pela autoridade daquele que dá a ordem.

Assim, estas três palavras — rebelião, desprezar e desafiar — são todas sinônimos de pecado que podem nos ajudar a começar a entender a gravidade de

todo o pecado, até mesmo os pecados considerados sofisticados. E esse é só o começo. À medida que continuamos sondando a pecaminosidade do nosso coração, chegamos ao egocentrismo; ao desejo egoísta; ao amor à posição, poder ou enaltecimento; um espírito independente; e a tendência de manipular acontecimentos ou outras pessoas para nossos próprios fins. Então, há a indiferença ao bem-estar eterno ou temporal daqueles à nossa volta e, por fim, o pecado canceroso do materialismo.

Sei que as pessoas nos Estados Unidos são subjugadas a uma grande carga de culpa por conta do materialismo, e não tenho nenhum desejo de fazer uma pessoa se sentir culpada apenas por morar em uma casa melhor e ter acesso a uma comida melhor do que as pessoas em países menos desenvolvidos. Mas, recentemente, ouvi uma estatística que tanto me assustou quanto me entristeceu: apenas 4% dos evangélicos nos Estados Unidos dão o dízimo (10%) do seu salário à obra de Deus.

Ainda que alguns cristãos questionem a aplicabilidade do conceito de dízimo na era do Novo Testamento, essa ainda assim é uma estatística vergonhosa. Ela significa que a maioria esmagadora dos que se dizem cristãos na nação mais rica na história está dirigindo a maior parte do seu salário a ela mesma.

Por outro lado, os de nós que doam 10% ou mais do salário à obra de Deus podem se tornar orgulhosos e satisfeitos com sua própria justiça ao olharem à sua volta e observarem outras pessoas não tão generosas. Nesse caso, tudo que estamos fazendo é trocar o materialismo e o egoísmo pelo pecado do orgulho da justiça própria. Poderíamos mencionar inúmeros outros pecados — aqueles da mente e do coração que apenas Deus sabe além de nós. Mas nem chegamos a mencionar nossa falha em exibir os traços positivos do caráter cristão, como amor, gentileza, bondade, paciência e humildade. Não apenas devemos nos despir dos traços do velho homem; também devemos nos revestir do novo homem (veja Ef 4.22-24).

## TRAÇOS DE CARÁTER POSITIVOS

Vários meses antes de escrever este capítulo, averiguei a maior parte do Novo

Testamento para a criação de uma lista de traços de caráter positivos nos cristãos que Jesus e os apóstolos ensinaram e ordenaram, seja pelo ensino direto, seja pelo exemplo. Achei 27 traços desse tipo.[3] Não fiquei surpreso com as referências frequentes ao amor e com a conclusão de o amor ser inquestionavelmente o traço de caráter cristão principal. Afinal de contas, Jesus de fato disse que o amor a Deus e ao nosso próximo são o primeiro e o segundo mandamentos (Mt 22.37-39).

É fácil aceitar a primazia do amor e, no entanto, é extremamente difícil praticá-la. Há alguns anos, em uma tentativa de "dar carne" ao conceito do amor, afirmei dois versículos do grande capítulo do amor, 1Coríntios 13, como afirmações de ações. Leia todas essas afirmações de ações dos versículos 4 e 5 e se pergunte como está sendo sua prática diária do amor. Há qualquer espaço para a justiça própria à luz desse critério prático do amor?

Sou paciente com você, porque amo você e quero perdoá-lo.

Sou bondoso com você, porque amo você e quero ajudá-lo.

Não invejo suas posses ou dons, porque amo você e quero que tenha o melhor.

Não me vanglorio dos meus feitos, porque amo você e quero ouvir sobre os seus.

Não sou orgulhoso, porque amo você e quero dar mais valor a você do que a mim.

Não sou rude, porque amo você e me importo com seus sentimentos.

Não procuro meus interesses, porque amo você e quero satisfazer suas necessidades.

Não me iro facilmente com você porque amo você e quero ignorar suas ofensas.

Não fico me remoendo com as coisas erradas que faz, porque amo você, e o amor "perdoa uma multidão de pecados".[4]

Embora não tenha ficado surpreso com a primazia do ensino do amor no Novo Testamento, fiquei surpreso com as quase quarenta referências à humildade, na forma da própria palavra ou do conceito, e a importância óbvia que tanto Jesus quanto os apóstolos dão a essa virtude. No entanto, a importância que a maioria de nós dá sobre crescer na humildade é pequena demais. Obviamente, o traço oposto da humildade é o orgulho, e não há orgulho maior do que o da justiça própria, o ato de nos sentirmos bem com nosso próprio desempenho religioso e acharmos outras pessoas inferiores a nós.

Jesus nos contou não apenas a história do fariseu e o coletor de impostos, mas também a história do filho pródigo (veja Lc 15.11-32). Obviamente, a ênfase dessa história é o amor, a compaixão e a graça do pai. No entanto, Jesus poderia ter encerrado a história com o perdão do pai e a celebração alegre por causa da volta do seu filho. Mas ele não parou ali. Ele ainda nos contou sobre a inveja e o ressentimento de justiça própria do irmão mais velho.

A crítica de Jesus ao irmão mais velho está implícita, e não explícita. Mas é um fato óbvio que ele coloca o irmão mais velho na mesma categoria que o fariseu orgulhoso. No entanto, o irmão mais velho certamente poderia ser um presbítero ou diácono em qualquer uma das nossas igrejas de hoje, sendo extremamente respeitado. Precisamos aprender a lição que Jesus estava ensinando e perceber quão terrível é o pecado da justiça própria.

O problema da justiça própria é aparentemente ser quase impossível um reconhecimento desse pecado em nós mesmos. Admitiremos praticamente qualquer outro pecado, mas não o pecado do orgulho da nossa justiça. Porém, com essa atitude, nós nos privamos da alegria de viver na graça de Deus. Pois, veja só, a graça é apenas para pecadores.

Após o amor e a humildade, há ao menos mais 25 virtudes cristãs de que devemos nos revestir, entre as quais há certamente uma enorme oportunidade de crescimento para todos nós. No entanto, na medida em que erramos o alvo nesses traços de caráter cristãos positivos, somos pecadores que precisam da graça de Deus.

Às vezes, perguntam para mim: “Como cristãos, devemos nos ver como santos ou pecadores?”. Minha resposta é: como ambas as coisas. Somos simultaneamente santos e pecadores. O apóstolo Paulo fazia referência frequente aos cristãos como santos (Ef 1.1; Fp 1.1), o que de fato somos. Somos santos não

apenas na nossa situação diante de Deus, mas também na nossa natureza essencial.

Realmente, somos novas criaturas em Cristo. Uma mudança real e fundamental ocorreu nas profundezas do nosso ser. O Espírito Santo veio habitar em nós, e fomos libertos do domínio do pecado. Mas, apesar desse fato, continuamos pecando todos os dias, muitas vezes por dia. E, nesse sentido, somos pecadores.

Sempre devemos nos ver tanto como o que somos em Cristo, isto é, santos, quanto como o que somos em nós mesmos, isto é, pecadores. A analogia da situação de Jesus pode nos ajudar a entender essa visão dupla de nós mesmos. Na sua própria pessoa, Jesus era sem pecado, mas, como nosso representante, ele assumiu nossa culpa. No entanto, ele nunca teve nenhum dos sentimentos pessoais ligados à culpa. Ele tinha uma consciência completa da ausência de pecado nele até mesmo ao levar nossos pecados e a maldição dos nossos pecados sobre si em nosso lugar. De modo semelhante, embora sempre devamos nos regozijar na justiça que temos em Cristo, nunca devemos parar de sentir uma tristeza profunda pela nossa própria pecaminosidade e consequente natureza indigna.

Em outras palavras, assim como Cristo era capaz de uma percepção da separação entre a impecabilidade de sua pessoa e a sua posição oficial como aquele que leva nossos pecados sobre si, assim nós precisamos diferenciar entre a justiça que temos em Cristo e a pecaminosidade que percebemos em nós.

Se nos recusamos a nos identificar como pecadores e santos ao mesmo tempo, corremos o risco de nos enganar sobre nosso pecado e nos tornar como o fariseu orgulhoso. Nosso coração é enganoso (Jr 17.9), e todos temos “pontos cegos” morais. Já é difícil o suficiente percebermos nosso pecado sem que alguém insista em que não nos consideremos mais “pecadores”.

## INTROSPECÇÃO OU SINCERIDADE

Voltemos à carta que William Carey escreveu a seu filho. Carey foi objetivo e realista ao escrever sobre seus pecados concretos, que eram inumeráveis, ou ele

apenas foi introspectivo em excesso? Se ele não foi introspectivo em excesso, ele era um exemplo de um cristão maduro ou na verdade era mais pecaminoso do que o evangélico típico de hoje? As respostas a essas perguntas já deveriam ser óbvias para nós. Mas estamos dispostos a uma admissão humilde da nossa própria pecaminosidade, como Carey? Não estou me referindo à confissão de pecados específicos no decorrer de um dia, mas a um reconhecimento da nossa própria pecaminosidade tenaz, o estado do nosso coração.

Enquanto trabalhava neste capítulo, encontrei o parágrafo a seguir escrito durante nosso próprio tempo, quase duzentos anos após a carta de William Carey a seu filho:

Escrevo estas palavras com a idade de 55 anos. Durante os últimos dez ou doze anos, refleti com frequência — e com um grau de seriedade inédito — sobre o curso da minha própria vida. Certos padrões de pensamento, atitude e conduta vieram à luz, alguns deles bastante perturbadores. Examino repetidas falhas passadas em meus esforços de dominar conflitos e medos interiores, de combater a imaturidade e o egocentrismo, de construir relacionamentos genuínos e enriquecedores com outras pessoas, de superar pecados insistentes e de crescer na santidade e na comunhão com Deus. Agora percebo que todo período da minha vida foi marcado por […] lutas. Mas a persistência das falhas, junto com um entendimento crescente do passado, tornou as lutas dos últimos anos excepcionalmente intensas e dolorosas.[5]

Essas palavras não foram escritas por um assim chamado cristão frustrado, mas por um professor de seminário respeitado tanto pelos seus colegas quanto pelos seus alunos por causa de sua caminhada humilde e piedosa com Deus. Que expressão rara de humildade e honestidade. A maioria de nós não proferiria essas palavras sobre nós em público, muito menos as publicaria. No entanto, essas são palavras de um homem que sabe o que é viver pela graça de Deus, e não pelo seu próprio desempenho.

Considere o exemplo do apóstolo Paulo. Ele não apenas se chamou de o menor dos apóstolos, mas se considerou menor do que o menor entre o povo de Deus (1Co 15.9; Ef 3.8). E, perto do fim da sua vida, referiu-se a si mesmo como o

pior dos pecadores e como um monumento à paciência ilimitada de Jesus Cristo (1Tm 1.15-16). Quando paramos para pensar em alguém que se sobressaiu nas disciplinas da vida cristã, na obediência e no serviço sacrificial, essa pessoa certamente é Paulo. No entanto, sua visão sobre si mesmo era semelhante à de William Carey e do professor de seminário.

O que tenho em mente com tudo isso? Bem, com quem nos identificamos, o fariseu ou o coletor de impostos, o filho pródigo ou o irmão mais velho? Obviamente, ninguém quer se identificar com o fariseu ou o irmão mais velho. Mas estamos dispostos a nos identificar com o coletor e o filho pródigo, como pecadores com uma necessidade profunda da graça e misericórdia de Deus? Estamos dispostos a dizer: “Deus, tem misericórdia de mim, o pecador”, ou: “Não sou mais digno de ser chamado teu filho”? Estamos prontos para reconhecer que até mesmo nossos atos de justiça não passam de trapos imundos aos olhos de Deus (Is 64.6)?

John Owen, conhecido como o príncipe dos teólogos puritanos, escreveu estas palavras no ano de 1657:

Os cristãos obedecem a Cristo como aquele pelo qual nossa obediência é aceita por Deus. Os cristãos sabem que todos os seus deveres são fracos, imperfeitos e incapazes de prevalecer na presença de Deus. Portanto, eles olham para Cristo como aquele que leva sobre si a iniquidade dos seus atos santos, que acrescenta incenso às suas orações, que arranca todas as ervas daninhas dos seus deveres e torna essas coisas aceitáveis a Deus.[6]

Observe que Owen fala sobre Cristo levar a iniquidade dos nossos atos santos — isto é, a pecaminosidade até mesmo das nossas boas obras. Outro pregador puritano supostamente disse: “Até mesmo as lágrimas de arrependimento precisam ser lavadas no sangue do Cordeiro”. Assim, nossas melhores obras são totalmente incapazes de obter o menor favor de Deus. Desse modo, afastemos nossa atenção do nosso próprio desempenho — seja bom, seja ruim aos nossos olhos — e olhemos para o evangelho de Jesus Cristo, que é a provisão de Deus pelo nosso pecado, não apenas no dia em que cremos em Cristo para sermos salvos, mas todos os dias da nossa vida cristã.

[1] William Carey, citado em Timothy George, Faithful witness: the life and mission of William Carey (Birmingham: New Hope, 1991), p. 155 [publicado em português por Vida Nova sob o título Fiel testemunha: a vida e a obra de William Carey].

[2] Este livro se dirige principalmente ao cristão comprometido. Estou ciente do vasto número de pessoas que se dizem cristãs que têm pouco ou nenhum compromisso com o crescimento espiritual ou com o discipulado e, para esse tipo de pessoa, a vida cristã não passa das meras formalidades de ir à igreja e evitar uma conduta escandalosa. Essas pessoas precisam de uma mensagem diferente da presente neste livro.

[3] As principais passagens bíblicas usadas na criação da minha lista foram em Gálatas 5.22-23; Efésios 4.1-2-25-32; Colossenses 3.12-17; 1Timóteo 6.6-11; Tiago 3.17. Os 27 traços que achei são: compaixão, consideração, contentamento, fé, fidelidade, longanimidade, espírito de perdão, generosidade, gentileza, piedade, benevolência, honestidade, humildade, imparcialidade, alegria, bondade, amor, misericórdia, paciência, paz, perseverança, pureza, justiça, autocontrole, sinceridade, sujeição, gratidão. Certamente ignorei outros traços positivos.

[4] Essas afirmações de ações apareceram pela primeira vez no meu livro The practice of godliness (Colorado Springs: NavPress, 1983), p. 247-8 [publicado em português por Monergismo sob o título Exercita-te na piedade].

[5] J. Knox Chamblin, Paul and the self (Grand Rapids: Baker, 1993), p. 1-2.

[6] John Owen, Communion with God, R. J. K. Law, org. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1991), p. 117 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Comunhão com o Deus trino].

# 3

# PREGUE O EVANGELHO A SI MESMO

*Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus*

(Rm 8.1).

Em algum momento do ano de 1993, foi feita uma pesquisa entre a plateia de uma grande conferência cristã que contou com a presença de milhares de pessoas. Uma das perguntas da pesquisa foi: “O que é o evangelho?”. Entre o enorme número de pessoas entrevistadas, apenas uma deu uma resposta que poderia ser considerada adequada.[1]

Durante o mesmo período, tive contato com dois homens em diferentes partes do país por causa das conferências que palestraria. Em nossa discussão das mensagens que proferiria, ambos os homens me disseram: “As pessoas aqui não sabem o que é o evangelho”. No entanto, ambos os grupos a que falaria faziam parte do evangelicalismo histórico e tradicional.

Isso significa que essas pessoas não são cristãs? Não, eu não faria essa afirmação com base na capacidade de uma pessoa articular claramente o evangelho. Como presbítero na nossa igreja local, participei de diversas entrevistas de potenciais membros. Observei com frequência que muitas pessoas, embora claramente cristãs, têm apenas um conhecimento muito elementar do evangelho.

Mas ao mesmo tempo essas observações constituem uma denúncia séria do nosso processo de discipulado evangélico. O evangelho não é apenas a mensagem mais importante de toda a história; ele é a única mensagem essencial de toda a história. No entanto, permitimos que milhares de pessoas que se dizem cristãs vivam sua vida inteira sem um entendimento claro do evangelho e sem a alegria de viver de acordo com ele.

Penso que parte do problema seja nossa tendência em dar a um descrente o mínimo necessário do evangelho para fazê-lo orar ou receber a Cristo. Então, imediatamente, colocamos o evangelho na prateleira, por assim dizer, e passamos aos deveres do discipulado. O resultado disso é que os cristãos não são instruídos no evangelho. E, por não terem um entendimento completo das riquezas e da glória do evangelho, eles não podem pregá-lo a si mesmos, nem viver de acordo com ele na sua vida diária.

No capítulo 1, afirmei que o paradigma evangélico típico é que o evangelho é para os descrentes e os deveres do discipulado são para os cristãos. Mas o evangelho também é para os cristãos, e devemos buscar a santidade, ou qualquer outro aspecto do discipulado, na atmosfera do evangelho. No entanto, precisamos ter uma compreensão firme do que é o evangelho e o que ele significa de modo prático para o pregarmos a nós mesmos todos os dias.

Com isso em mente, faremos um exame completo do evangelho neste capítulo, prestando atenção na sua aplicação à nossa vida diária como cristãos. Assim, não ignore este capítulo por se considerar totalmente fundamentado no evangelho. Antes, examine o evangelho desta vez da perspectiva da sua aplicação à sua vida diária como cristão.

## O EVANGELHO

A passagem da Bíblia que é a explicação mais clara e completa do evangelho é Romanos 3.19-26. Um ministro amigo meu chama essa passagem de “o cerne do evangelho”. Assim, para aprendermos a pregar o evangelho a nós todos os dias e aprender a viver de acordo com ele, precisamos entender Romanos 3.19-26. Para auxiliar no nosso exame dessa passagem, citarei a totalidade dela:

Sabemos que tudo o que a lei diz, ela diz àqueles que estão debaixo dela, para que toda boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus. Portanto, ninguém será declarado justo diante dele obedecendo à lei, pois é mediante a lei que nos tornamos conscientes do pecado.

Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas. Essa justiça de Deus vem mediante a fé, em Jesus Cristo, para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício de expiação, mediante a fé no seu sangue. Ele o fez para demonstrar a sua justiça, pois em sua tolerância havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos — ele fez isso para demonstrar a sua justiça no tempo presente, a fim de ser justo e o único que justifica aqueles que têm fé em Jesus.

Em um exame superficial dessa afirmação do evangelho, somos capazes de perceber sete verdades que precisamos entender de modo claro.

***Ninguém será declarado justo diante de Deus obedecendo à lei (v. 19-21)***

A palavra justo significa conformidade exata e perfeita à lei de Deus. Meu uso da expressão a lei de Deus não é uma referência específica à lei dada à nação de Israel por meio de Moisés. Antes, estou usando o conceito no sentido mais geral da expressão escrita da natureza de Deus e da regra da obediência que ele exige de todos os seres humanos. Aqui estão incluídas todas as ordens éticas espalhadas por toda a Bíblia.

O padrão de obediência exigido pela lei é a perfeição absoluta, pois Tiago 2.10 diz: “Pois quem obedece toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente”. O apóstolo Paulo disse essencialmente a mesma coisa: “Todos os que se baseiam na obediência da lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei’” (Gl 3.10).

Apenas uma obediência perfeita é aceitável para Deus. Há muitos anos, o sabão Ivory tinha um slogan, que traduzido seria mais ou menos assim: “99,44% puro”. Ao que tudo indica, isso é um feito impressionante para um sabão, mas

não é bom o suficiente para Deus. Somente 100% é aceitável. No entanto, a pessoa comum por aí, se pensar sobre essa questão, terá certeza de que Deus a aceitará por ser de modo geral um tipo decente de pessoa.

Como cristãos, sabemos que as coisas não são bem assim. Reconhecemos sem nenhuma dificuldade que é totalmente impossível com nossa própria obediência obtermos uma justiça que é suficiente para a salvação. Mas, então, nós, cristãos, agimos como se pudéssemos conduzir uma vida aceitável a Deus. Pense nos cenários de dia bom ou dia ruim que descrevi no capítulo 1. Mais de 80% das pessoas a quem perguntei no contexto de um grupo indicam que estariam mais certas da bênção de Deus após um dia "bom". No entanto, nenhuma dessas pessoas afirmaria obedecer 100%. Nenhuma delas gostaria de que sua esperança da vida eterna dependesse do seu desempenho no melhor dia de todos. No entanto, no nosso relacionamento cotidiano com Deus, a maioria de nós pensa do mesmo modo que descrentes que acham que vão para o céu por terem sido bons o suficiente. Para vivermos pela graça, precisamos nos livrar dessa forma de pensar.

***Há uma justiça que provém de Deus independentemente da lei (v. 21)***

Porque não conseguimos obter uma justiça suficiente por conta própria, Deus a proveu a nós. Essa justiça que provém de Deus é nada menos do que a justiça perfeita de Jesus Cristo, que, por meio da sua vida sem pecado e sua morte em obediência à vontade do Pai, cumpriu de modo perfeito a lei de Deus. Isto é, a justiça que é uma dádiva de Deus é uma justiça real, concretizada em um mundo real, por uma pessoa real, o Senhor Jesus Cristo. Não é nada menos do que a conformidade perfeita à lei de Deus durante 33 anos do Filho de Deus, que se tornou ser humano e teve uma vida de obediência perfeita.

A justiça de Jesus Cristo é uma verdade histórica tanto quanto é a realidade do pecado, e o livro de Romanos estabelece um contraste entre as duas coisas; isto é, o pecado de Adão contra a justiça de Cristo (veja Rm 5.12-19). O teólogo escocês do século 19 George Smeaton escreveu: "[O apóstolo Paulo] exibe as duas grandes contrapartes do pecado e da justiça como realidades equivalentes — uma sendo a ruína do mundo, a outra sendo sua restauração. Tanto uma

quanto a outra são fatos completos. Eles são os únicos dois grandes fatos na história mundial e se opõem um ao outro".[2]

É importante percebermos que nosso Senhor Jesus Cristo cumpriu de modo perfeito a lei de Deus, tanto nas suas exigências quanto na sua penalidade. Ele efetuou o que Adão não efetuou — uma obediência perfeita à lei de Deus. Então, com sua morte, ele pagou completamente a pena de uma lei transgredida. Assim, da perspectiva da obediência à lei e do pagamento da pena pela transgressão da lei, ele cumpriu de modo perfeito a lei de Deus.

Portanto, quando Deus nos justifica, ou nos declara justos, ele não cria uma espécie de ficção legal, chamando de justa uma pessoa que não é. Antes, ele nos declara justos com base na justiça real e concretizada de Jesus Cristo, que é imputada ou creditada a nós pela fé.

Um outro escocês, Robert Haldane (1764-1842), autor de um comentário magistral de Romanos, escreveu estas palavras sobre a justiça de Cristo: "É a essa justiça que o olho do cristão sempre deve se voltar; sobre essa justiça, ele deve repousar; sobre essa justiça, ele deve viver; sobre essa justiça, ele deve morrer; nessa justiça, ele deve aparecer diante do trono do juízo; nessa justiça, ele deve se apresentar para sempre na presença de um Deus justo".[3]

A justiça de Jesus Cristo é imputada ou creditada a nós para sempre. Desde o dia em que cremos em Cristo como nosso Salvador até a eternidade, estamos diante de Deus revestidos da justiça de Jesus Cristo. O profeta Isaías falou sobre essa justiça quando escreveu:

É grande o meu prazer no Senhor;

regozija-se a minha alma em meu Deus.

Pois ele me vestiu com as vestes da salvação

e sobre mim pôs o manto da justiça,

qual noivo que adorna a cabeça como um sacerdote,

qual noiva que se enfeita com joias (Is 61.10).

Essa condição da justiça de Cristo nunca é afetada em nenhum grau pelo nosso desempenho de um dia bom ou dia ruim. No entanto, sem aprendermos a viver diariamente pela fé na (isto é, pela dependência da) sua justiça, nossa percepção da nossa condição diante de Deus mudará de acordo com nosso desempenho bom ou ruim.

***A justiça que provém de Deus é recebida pela fé em Jesus Cristo (v. 22)***

A fé é a mão que recebe a justiça de Cristo. A própria fé não tem nenhum mérito; aliás, sua própria natureza é de autoesvaziamento. Ela envolve nossa renúncia completa de qualquer confiança em nossa própria justiça e uma dependência completa da justiça perfeita e morte de Jesus Cristo.

Esse aspecto duplo da fé — renúncia e dependência — recebe uma demonstração vívida no treinamento para evangelismo fornecido pelo Evangelism Explosion [Explosão do evangelismo]. A pessoa que apresenta o evangelho a um descrente é instruída a se referir à cadeira em que está sentada como representando a dependência em sua própria bondade para ser salva. Uma cadeira adjacente e vazia é mostrada como representando a dependência de Jesus Cristo. O apresentador do evangelho, então, passa da cadeira que representa sua própria bondade para a cadeira que representa a fé em Jesus Cristo e mostra que é impossível se sentar nas duas cadeiras ao mesmo tempo. Assim, é comunicada a mensagem de que, para confiar em Cristo para sua salvação, uma pessoa precisa abandonar completamente qualquer confiança na própria bondade ou mérito. A fé em Cristo e uma dependência de nós mesmos, até mesmo em um grau insignificante, são mutuamente exclusivas.

A palavra fé é um substantivo e não tem nenhuma forma verbal em nosso idioma. Em vez dela, usamos a palavra crer, como em Atos 16.31: “Creia no Senhor Jesus e será salvo”. O que significa crer em Jesus, isto é, em que é que devemos crer? Devemos crer que, como o Filho de Deus, revestido da nossa humanidade, ele teve uma vida perfeita e, então, morreu na cruz pelos nossos pecados. Essa mensagem é chamada o evangelho, isto é, as boas -novas sobre

Jesus Cristo.

O próprio Jesus deve ser o objeto da nossa fé. Às vezes, dizemos que somos salvos pela fé somente, que significa de modo independente de qualquer obra. No entanto, essa expressão, às vezes, pode nos passar uma impressão errada, como se a própria fé tivesse alguma virtude que Deus respeita. É mais precisa a afirmação de que somos salvos pela graça de Deus por intermédio da fé. Novamente, a fé é apenas a mão que recebe a dádiva de Deus, e Deus pelo seu Espírito até mesmo abre nossa mão para receber a dádiva. Essa doutrina de uma confiança exclusiva em Jesus Cristo para ser salvo é uma verdade básica do evangelho. Sem aceitá-la, não há salvação. Por definição, todos os cristãos aceitam esse fato. É importante entendermos que não apenas fomos salvos pela fé em um momento específico da nossa vida, mas que devemos viver pela fé em Cristo todos os dias da nossa vida. Isso significa que, como na ilustração apresentada pelo Evangelism Explosion com as duas cadeiras, preciso continuar renunciando a qualquer confiança na minha própria bondade e depositar minha confiança exclusivamente em Cristo todos os dias da minha vida, não apenas para minha salvação eterna, mas também para minha aceitação diária diante de um Deus santo.

O apóstolo Paulo escreveu: “A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20). O contexto de Gálatas 2.20 é a justificação — ser declarado justo com base na justiça de Cristo. Assim, quando Paulo escreveu que vivia pela fé no Filho de Deus, sua referência nessa passagem não era a uma dependência de Cristo para ter força espiritual (como é o caso em Fp 4.13), mas a uma dependência de Cristo para uma condição justa diante de Deus diariamente.

***Essa justiça está disponível a todos com base na mesma coisa, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (v. 22-23)***

O plano de salvação de Deus trata todas as pessoas de modo igual, pois todos são pecadores. Isso não significa que não há nenhuma distinção para Deus na seriedade e gravidade de pecados diferentes. Mas, como vimos no capítulo anterior, qualquer pecado, por menor e mais insignificante que nos pareça ser, é

uma violação da lei santa de Deus e nos torna sujeitos à penalidade da morte.

Uma pessoa talvez seja um pecador relativamente decente e uma outra um pecador flagrante, mas ambos são pecadores, e a lei de Deus não admite nenhum grau de falha. Se 60 é a nota para passar em um exame universitário, não há diferença alguma entre sua nota ser 40 e minha nota ser apenas 20. Nós dois não alcançamos a nota necessária. Não há sentido você se vangloriar de ter tirado uma nota maior do que a minha. A única coisa que importa é o fato de ambos não termos passado no exame.

O primeiro propósito do método de salvação divino, por meio da morte de Cristo, é nos libertar da culpa e, embora todas as pessoas não sejam igualmente culpadas, todas têm culpa. Assim, como Paulo disse: “Não há distinção”. Ou, nas palavras de uma expressão mais contemporânea: “Todos estamos no mesmo nível aos pés da cruz”.

Isso elimina qualquer possibilidade de uma comparação de nós mesmos com outras pessoas que aparentam ser mais pecaminosas — ou ao menos não tão santas — do que somos. Assim, para vivermos pelo evangelho todos os dias, toda a tendência de nos compararmos com outros cristãos, para não mencionar descrentes, precisa ser rejeitada. A comparação que devemos fazer é com o padrão perfeito de Deus, confessando diariamente que pecamos e estamos destituídos da glória de Deus.

***Todos os que creem em Jesus Cristo são justificados gratuitamente pela graça de Deus (v. 24)***

Ser justificado é ser absolvido de qualquer acusação de culpa e ser declarado absolutamente justo. Não somos apenas livres de toda a sujeição à ira de Deus por causa da nossa culpa; Deus também nos aceita individualmente por causa de Cristo. A justificação é como dois lados de uma mesma moeda. Em um lado, somos declarados “inocentes” diante de Deus e, no outro, somos positivamente declarados justos por meio de Cristo. Isto é, Deus passa a nos ver como pessoas que obedeceram perfeitamente à lei de Deus.

Devemos sempre ter em mente que nossa justificação efetuada por Deus se

baseia apenas na obra meritória de Cristo e na nossa união com ele.[4] Isto é, Deus nos vê legalmente como tão conectados com Cristo que o que ele fez, nós fizemos. Quando ele viveu uma vida de obediência perfeita, é como se nós tivéssemos vivido uma vida de obediência perfeita. Quando ele morreu na cruz para satisfazer as exigências justas da lei de Deus, é como se nós mesmos tivéssemos morrido nessa cruz. Cristo esteve em nosso lugar como nosso representante, tanto na sua vida sem pecado quanto na sua morte que levou os pecados. É a isso que Paulo se referiu quando disse: "Fui crucificado com Cristo" (Gl 2.20).

Desse modo, viver pelo evangelho significa termos uma firme compreensão do fato de que a vida e a morte de Jesus são nossas em virtude da nossa união com ele. O que ele fez, nós fizemos. Apenas nesse sentido podemos entender as afirmações ousadas de Paulo em Romanos 8: "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (v. 1); "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (v. 31); e "Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica" (v. 33).

Essas afirmações de Paulo são verdades objetivas; isto é, sua veracidade independe da nossa compreensão delas. No entanto, são tantas as vezes que achamos difícil crer nelas. Por causa das nossas falhas frequentes diante de Deus, nós nos sentimos debaixo de condenação, sentimos não que Deus é por nós, mas sim que, sem dúvida alguma, é contra nós, achamos que ele está apresentando acusações contra nós. Nesses momentos, precisamos pregar o evangelho a nós mesmos. Precisamos rever o que Deus declarou como sendo verdade sobre nossa justificação em Cristo.

A justificação é uma obra completa no que diz respeito a Deus. A pena foi paga, e a justiça divina foi satisfeita. Mas ela deve ser recebida pela fé, deve ser renovada de modo contínuo em nossa alma e aplicada à nossa consciência todo dia pela fé. Há dois "tribunais" com que precisamos lidar: o tribunal de Deus no céu e o tribunal da consciência na nossa alma. Quando cremos em Cristo para sermos salvos, o tribunal de Deus é satisfeito para sempre. Nunca mais será apresentada uma acusação de culpa contra nós no céu. No entanto, nossa consciência não para de nos declarar culpados. Essa é a função da consciência. Portanto, pela fé devemos estabelecer uma harmonia entre o veredicto da consciência e o veredicto do céu. Fazemos isso primeiro concordando com nossa consciência quanto à nossa culpa e, então, nos lembrando do fato de nossa culpa já ter sido levada por Cristo.

É afirmado que essa justificação nos foi dada gratuitamente pela graça divina. A palavra gratuitamente significa sem nenhum tipo de pagamento. É impossível comprar a justificação com as boas obras. Não há nenhuma transação entre o pecador e Deus. A justificação é um ato absolutamente gratuito por parte de Deus. Essa gratuidade da justificação foi prevista pelo profeta Isaías:

Venham, todos vocês que estão com sede,

venham às águas;

e vocês, que não possuem dinheiro

algum, venham, comprem e comam!

Venham, comprem vinho e leite sem dinheiro

e sem custo (Is 55.1).

A graça, como já observamos, é o favor imerecido de Deus mostrado àqueles que merecem a ira dele. A graça pressupõe a nossa própria culpa. Por definição, ela é uma graça soberana; isto é, Deus não tem nenhuma obrigação de conceder a qualquer um de nós esse favor imerecido (aliás, Deus não concedeu esse favor aos anjos que pecaram [2Pe 2.4]). A origem da decisão de nos conferir esse favor é apenas a própria bondade divina.

***A justificação se dá "por meio da redenção que há em Cristo Jesus" (v. 24)***

Charles Hodge, o famoso professor de teologia no Seminário Teológico de Princeton, no século 19, disse que o termo redenção, como usado no versículo 24, significa "libertação efetuada pelo pagamento de um resgate […] Aquilo de que somos redimidos é a ira de Deus; o preço da nossa redenção é o sangue de Cristo".[5] Alguns parágrafos antes, vimos que a justificação é um ato gratuito de

Deus no que diz respeito a nós. Mas, embora tenha sido totalmente gratuita para nós, Cristo precisou "comprá-la" com seu sangue. Cristo pagou o resgate que nos redimiu da ira justa e santa de Deus.

Aqui será útil fazer uma distinção entre a justificação e um mero perdão. Um perdão é desculpar uma ofensa sem impor uma pena. Ele pode ser concedido de modo gratuito por um presidente ou governador sem nenhuma razão, às vezes até mesmo ocorrendo às custas da justiça. Por exemplo, houve um enorme protesto gerado pelo perdão do presidente Nixon, pois muitos, certos ou errados, sentiram que a justiça havia sido violada pela concessão do seu perdão.

No entanto, no plano divino de justificação, a justiça não é violada por um perdão gratuito do pecador condenado. A justiça aqui, de fato, foi satisfeita; a pena foi paga de modo pleno pelo Senhor Jesus Cristo. Em um sentido, justificar é declarar que as demandas da justiça foram totalmente satisfeitas.

Precisamos meditar mais sobre a obra de Cristo que satisfez as exigências da lei de Deus. Certa vez, recebi um livro chamado The satisfaction of Christ [A satisfação de Cristo]. Eu achava que suas páginas seriam sobre encontrar satisfação no meu relacionamento com Cristo. Em vez disso, constatei que eram sobre a morte de Cristo e a satisfação completa da justiça de Deus proporcionada pela sua morte. Eu já era cristão há mais de doze anos e nunca havia ouvido a expressão "a satisfação de Cristo", muito menos entendido seu significado.

A satisfação de Cristo é mais do que apenas uma expressão teológica. É um conceito com que precisamos nos familiarizar na nossa vida diária. Quando nossa consciência está nos perturbando, é importante uma reflexão sobre o fato de que, embora nossos pecados sejam reais e indesculpáveis, não deixa de ser verdade que a justiça de Deus foi satisfeita pela "satisfação de Cristo", que pagou a pena completa.

***"Deus […] ofereceu [Jesus] como sacrifício de expiação, mediante a fé no seu sangue" (v. 25)***

Uma nota de rodapé na New International Version nos ajuda a entender o significado do "sacrifício de expiação" com uma versão alternativa: "como

aquele que desviaria sua ira [de Deus], levando o pecado". Assim, a expiação assume a ira de Deus contra o pecado e nossa consequente sujeição à ira santa e justa dele contra o pecado. Paulo afirmou essa situação de modo bem claro em Romanos 1.18: "A ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens" e, então, em Efésios 2.3: "Éramos por natureza objetos da ira". Não devemos entender a ira de Deus como uma paixão e ódio incontroláveis. Antes, como o falecido pastor britânico D. Martyn Lloyd-Jones escreveu, a ira de Deus significa "sua oposição firme a todo o mal, cuja origem é sua própria natureza […] Sua natureza é tal que ele abomina o mal, ele odeia o mal. Isso é uma consequência necessária da sua santidade".[6]

Algumas versões bíblicas usam a palavra propiciação em passagens em que a New International Version diz: "sacrifício de expiação". Embora propiciação seja uma palavra rara no nosso vocabulário evangélico atual, é uma palavra com que todos os cristãos devem se familiarizar. Propiciação, no contexto da salvação, significa aquilo que aplaca a ira de Deus contra o pecado. Assim, o Senhor Jesus Cristo, com seu sacrifício na cruz, aplacou e desviou a ira justa e santa de Deus, a ira que deveria ter caído sobre nós.

Devemos observar dois aspectos importantes desse ato propiciatório de Cristo. Em primeiro lugar, Deus o ofereceu, ou o apresentou, como um sacrifício expiatório. É Deus Pai que iniciou todo o plano de salvação. É Deus Pai que proveu o sacrifício do seu Filho para satisfazer sua justiça e aplacar sua própria ira. Quando estamos agudamente conscientes do nosso pecado e achamos que a ira de Deus deve de algum modo estar pairando sobre nós, precisamos nos lembrar de que o próprio Deus Pai é aquele que planejou um modo de poder executar totalmente sua ira contra o pecado sem experimentarmos a força dessa ira.

O segundo aspecto é o fato de nós, pecadores, nos apropriarmos dessa propiciação pela fé no seu sangue. O sangue de Cristo, uma referência à morte dele, deve ser o objeto da nossa fé, pela qual nos apropriamos da sua propiciação. "O sangue de Cristo", em relação à nossa salvação, é uma expressão favorita dos autores do Novo Testamento, ocorrendo cerca de trinta vezes. É o sangue de Cristo que purifica nossa consciência da corrupção do pecado (Hb 9.14); é o sangue de Cristo que nos purifica de todo pecado (1Jo 1.17); é pelo sangue de Cristo que temos coragem para entrar no Santo dos Santos — a própria presença de um Deus infinitamente santo (Hb 10.10). É o sangue de Cristo, segundo a passagem de Romanos que temos examinado, que

desvia a ira divina, santa e justa de nós.

Portanto, quando estamos angustiados por causa da convicção do pecado, quando percebemos que desapontamos a Deus mais uma vez, talvez até mesmo no mesmo pecado, precisamos recorrer ao sangue purificador de Jesus. Nos versos de um famoso hino tradicional do século 19:

*O que pode lavar e levar embora meu pecado?*

*Nada senão o sangue de Jesus.*

*O que é capaz de mais uma vez me restaurar?*

*Nada senão o sangue de Jesus.*[7]

Não é nossa contrição ou tristeza pelo nosso pecado, não é nosso arrependimento, nem mesmo é a experiência de um certo número de horas nas quais sentimos que estamos em algum tipo de provação que nos purifica. É o sangue de Cristo, derramado de uma vez por todas no Calvário há dois mil anos, mas de que os cristãos se apropriam diariamente ou muitas vezes por dia, que purifica nossa consciência e renova nosso sentimento de paz com Deus.

## PREGUE O EVANGELHO A SI MESMO

Assim, esse é o evangelho com que devemos nos tornar totalmente familiarizados e que precisamos pregar a nós mesmos todos os dias. Jesus, com sua morte e seu sangue derramado, satisfez completamente a justiça de Deus e as demandas da sua lei violada. Com sua obediência perfeita, ele cumpriu favoravelmente as exigências da lei. Logo, tanto nos seus preceitos quanto na sua penalidade, a lei divina nas suas exigências mais rigorosas foi cumprida por Jesus. E ele fez isso em nosso lugar como nosso representante e nosso substituto.

Desse modo, uma pregação do evangelho a si mesmo significa você encarar sua própria pecaminosidade e, então, correr para Jesus pela fé no seu sangue derramado e em sua vida justa. Significa você se apropriar, mais uma vez pela fé, do fato de Jesus ter satisfeito totalmente a lei de Deus, de ele ser sua propiciação e de a ira de Deus já não estar mais dirigida a você.

Pregar o evangelho a você mesmo significa não questionar o sentido óbvio das palavras preciosas de Romanos 4.7-8:

Como são felizes aqueles

que têm suas transgressões perdoadas,

cujos pecados são apagados.

Como é feliz aquele

cujo pecado o Senhor não contará contra ele.

Isso significa que você crê no testemunho de Deus: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Significa que você crê que “Cristo [o] redimiu da maldição da lei quando se tornou maldição em [seu] lugar, pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro’”. Significa que crê que Deus perdoou todos os teus pecados (Cl 2.13) e agora “[apresenta você] santo diante dele, imaculado e livre de qualquer acusação” (Cl 1.22).

No Antigo Testamento, pregar o evangelho a si mesmo significa apropriar-se pela fé das palavras de Isaías 53.6:

Todos nós, tal como ovelhas, nos desviamos,

cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;

e o Senhor fez cair sobre ele

a iniquidade de todos nós.

Isso significa deter-se sobre a promessa de que Deus removeu sua transgressão para tão longe como o ocidente é longe do oriente (Sl 103.12), que ele apagou suas transgressões e não se lembra mais dos seus pecados (Is 43.25). (Veja também Is 38.17 e Mq 7.19 para outras garantias do perdão de Deus.) Mas também significa você entender que todas essas promessas extraordinárias de perdão se baseiam na morte expiatória de Jesus Cristo.

É a morte de Cristo, que satisfez a justiça de Deus e afastou de nós a ira dele, que é a base de todas as promessas divinas de perdão. Precisamos tomar cuidado para, na nossa pregação do evangelho a nós, não pregarmos um evangelho sem uma cruz. Precisamos tomar cuidado para não confiarmos no chamado amor incondicional de Deus sem percebermos que seu amor apenas chega a nós pela morte expiatória de Cristo.

Esse é o evangelho pelo qual fomos salvos, e é o evangelho pelo qual devemos viver todos os dias da nossa vida cristã. Em Romanos 3.24, Paulo disse que somos justificados pela graça, referindo-se ao que poderíamos chamar da nossa salvação inicial, o dia em que cremos em Cristo. No entanto, em Romanos 5.2, Paulo fala sobre “esta graça na qual agora estamos firmes”. Aqui a referência é à nossa condição diária diante de Deus como sendo a mesma base da nossa justificação — isto é, a base da graça. Mas essa graça — o favor imerecido àqueles que merecem a ira — vem a nós pelo Senhor Jesus Cristo.

Deus é o “Deus de toda a graça” (1Pe 5.10) e está disposto a lidar conosco pela graça, não às custas de sua justiça. Mas, com a justiça satisfeita, Deus agora pode nos tratar de modo gracioso, tanto na nossa salvação quanto em nosso relacionamento diário com ele.

Este é um livro sobre a graça de Deus e sobre buscar a santidade. Mas tenha certeza de uma coisa: quando decidir buscar a justiça de modo sério, começará a perceber o pecador terrível que é. E, se não estiver enraizado de modo firme no evangelho e não tiver aprendido a pregá-lo para si todos os dias, não demorará para ficar desanimado e relaxar na sua busca da santidade.

Consideraremos diversos fatores que fazem parte da busca da santidade em capítulos posteriores deste livro. Mas nenhum deles é mais importante do que aprender a pregar o evangelho a você mesmo todos os dias.

[1] Relatado por R. C. Sproul em uma mensagem chamada “The priority of righteousness”, apresentada na Independent Presbyterian Church, Memphis, TN, 18 de setembro de 1993.

[2] George Smeaton, The apostles’ doctrine of the atonement (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1991; publicação original em 1870), p. 117. Sou grato ao dr. Smeaton pela sua exposição muito útil da expiação e usei algumas das suas ideias em outros locais deste capítulo sem identificar expressões específicas como citações diretas.

[3] Robert Haldane, Exposition of the Epistle to the Romans (London: The Banner of Truth Trust, 1958; publicação original em c. de 1842), p. 132.

[4] O conceito da união do crente com Cristo, tanto no seu significado quanto no seu efeito no cristão, será desenvolvido no capítulo seguinte.

[5] Charles Hodge, Commentary on the Epistle to the Romans (Grand Rapids: Eerdmans, reimpr. 1955; 1886), p. 91 [publicado em português por PES sob o título Romanos].

[6] D. M. Lloyd-Jones, Romans: an exposition of chapters 3:20–4:25, atonement and justification (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1970), p. 75-6 [publicado em português por PES sob o título Romanos volume 3 – expiação e justificação].

[7] Do hino “Nothing but the blood”, de Robert Lowry (1826-1899), presente na maioria dos hinários evangélicos.

# 4

# NÓS MORREMOS PARA O PECADO

*Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós morremos para o pecado; como podemos continuar vivendo nele?*

(Rm 6.1-2).

Vimos que o evangelho consiste na boa-nova de que Cristo morreu em nosso lugar para pagar a pena pelos nossos pecados. Por isso, somos declarados "inocentes" no tribunal celestial. Além disso, também somos declarados "justos" diante de Deus, pois a justiça perfeita de Jesus Cristo foi creditada a todos os que creram nele.

As boas notícias não param aí. A morte de Cristo não apenas nos livrou da penalidade do pecado, mas também nos libertou do domínio do pecado em nossa vida. Estou ciente de que essa afirmação talvez pareça inacreditável para algumas pessoas que estão lutando com um ou mais hábitos pecaminosos, mas ela é de fato verdadeira. Neste capítulo, veremos como isso é verdade; isto é, como Deus nos libertou do domínio do pecado e como aplicamos essa verdade na nossa vida diária.

Assim como Romanos 3.19-26 é a passagem clássica das Escrituras sobre a salvação da penalidade do pecado, Romanos 6.1-14 é a passagem principal sobre a liberdade do domínio do pecado. Nessa porção das Escrituras, vemos o que Deus fez por nós por meio de Cristo a fim de que pudéssemos lidar com o pecado na nossa vida, até mesmo o pecado persistente. Em Romanos 6, veremos que o evangelho é muito mais do que um "seguro contra incêndio" que nos livra do castigo eterno no inferno. Veremos que a morte de Cristo nos torna capazes de viver tanto uma vida que é agradável a Deus quanto uma que nos satisfaz.

No entanto, antes de aprendermos sobre como Deus nos libertou do domínio do pecado, preciso adverti-lo que lidaremos com um dos ensinos de Paulo mais difíceis de entender. Não considere, porém, essa seção das Escrituras “apenas doutrina”, um mero exercício teorético ou intelectual. Romanos 6.1-14 tem algumas aplicações muito práticas para nós que são essenciais para a busca da santidade. Assim, durante a leitura deste capítulo, esteja preparado para pensar, e tente permanecer comigo enquanto exploramos juntos essas verdades extraordinárias.

## CONTINUAREMOS PECANDO?

Romanos 6.1-2, a epígrafe deste capítulo, é uma introdução ao tema da santificação. Paulo havia afirmado em Romanos 5.20 que “onde o pecado aumentou, a graça transbordou”. Essa afirmação quase imponente sobre a graça de Deus levaria à objeção expressa em Romanos 6.1: “Continuaremos pecando para que a graça aumente?”.

Essa pergunta pode surgir de qualquer uma de duas fontes. Pode surgir de pessoas que veem a graça de Deus e o perdão total de nossos pecados como uma licença para uma conduta irresponsável e pecaminosa baseada na seguinte noção: “Se Deus me ama incondicionalmente, não importa minha conduta, então estou livre para viver como bem entender”. Ou a origem da pergunta pode ser de cristãos preocupados que temem que uma ênfase forte na graça de Deus de fato faça com que as pessoas conduzam a vida de modo irresponsável. Parece que sempre que o evangelho é pregado em toda a sua plenitude, há a objeção de que essa mensagem de perdão gratuito e total por meio de Cristo fará os cristãos não levarem o pecado a sério.

Paulo lida com essa questão e responde à objeção. No entanto, para fazer isso, ele passa ao ensino mais positivo da liberdade que o cristão tem do domínio do pecado. A razão de ele poder fazer isso com tanta facilidade é o fato de tanto a resposta à objeção quanto nossa liberdade do domínio do pecado estarem conectadas em uma grande verdade do Novo Testamento: a união do crente com Cristo. Exploraremos mais esse conceito neste capítulo, mas, por enquanto, examinemos a resposta de Paulo à pergunta da permanência dos cristãos no

pecado.

Comecemos a fazer isso observando o contexto da pergunta. O contexto maior é a exposição de Paulo do evangelho que começa em Romanos 3.21 e culmina na gloriosa declaração de 5.20: “Mas onde o pecado aumentou, a graça transbordou”. Como já indiquei, é essa declaração aparentemente imprudente que gera o pensamento preocupante: “Continuaremos pecando para que a graça aumente?”.

O contexto mais imediato é a explicação feita por Paulo da natureza representativa tanto de Adão quanto de Cristo e dos resultados das suas respectivas ações em seus povos (Rm 5.12-21). O entendimento apropriado da resposta de Paulo em Romanos 6 deve se basear no que ele ensinou em 5.12-21. Assim, voltaremos a essa passagem um pouco mais tarde. Mas, por enquanto, vejamos como Paulo lidou com a objeção de uma graça transbordante na presença do pecado possuir uma grande possibilidade de gerar mais pecado.

Em primeiro lugar, note que Paulo não retrocedeu. Ele não disse: “Ah, você não entendeu o que eu disse. Não quis dizer que a graça de Deus era tão irrestrita assim”. Tampouco disse, como veremos ao estudar sua resposta: “Como você foi capaz de pensar isso ou agir assim? Esse seria o ápice da ingratidão a Deus pela sua graça”.

A resposta de Paulo foi: “De maneira nenhuma! Nós morremos para o pecado; como podemos continuar vivendo nele?” (Rm 6.2). A resposta de Paulo à objeção não é: “Como foi capaz de pensar isso?”, mas sim que é impossível pela natureza da situação isso acontecer.

Qual é a natureza da situação que torna impossível continuar em uma vida de pecado? A resposta é: nós morremos para o pecado. A expressão paulina “morremos para o pecado” tem sido uma expressão difícil e com frequência entendida erroneamente. No entanto, é necessário determinarmos o significado de Paulo para entendermos de modo apropriado sua resposta à objeção de que era muito provável a pregação da graça produzir um aumento da conduta pecaminosa.

A primeira coisa que observamos com respeito à declaração paulina de termos morrido para o pecado é que essa morte já ocorreu no passado. Não é algo que devemos fazer, mas é algo que já fizemos. Toda pessoa neste mundo que de fato

é cristã já morreu para o pecado. Não devemos “morrer cada vez mais para o pecado”. É impossível morrermos mais do que já morremos para o pecado. No capítulo 11, falaremos sobre mortificar o pecado (Rm 8.13), mas essa ação é totalmente diferente da morte para o pecado a que Paulo se refere aqui.

Uma segunda observação sobre o fato de todos os cristãos terem morrido para o pecado é que essa morte ocorreu mesmo que o cristão não esteja ciente dela. Nossa consciência ou entendimento de um fato como esse não o torna mais verdadeiro, mas de fato determina nosso modo de responder a esse fato e aplicá-lo. É importante entendermos em que sentido morremos para o pecado, pois, como veremos no início do versículo 11, Paulo tinha em mente a aplicação da verdade à nossa vida. Mas, de novo, nossa morte para o pecado é um fato objetivo, cuja veracidade não depende da nossa consciência ou entendimento.

A terceira coisa a ser notada é que morremos para o pecado por meio de nossa união com Cristo. Observe como Paulo continua repetindo essa ideia nos versículos seguintes: fomos batizados na morte de Cristo (v. 3); fomos sepultados com ele (v. 4); fomos unidos com ele na sua morte (v. 5); nosso velho homem foi crucificado com ele (v. 6); e morremos com Cristo (v. 8). Observe que, no versículo 10, Paulo diz que Cristo morreu para o pecado, enquanto no versículo 8 diz que morremos com Cristo. Essa é a razão de ele poder dizer no versículo 2 que morremos para o pecado. Quando Cristo morreu para o pecado, nós também morremos para o pecado.

Ainda não respondemos à pergunta: “O que significa morrer para o pecado?”. Para chegarmos à resposta, devemos começar investigando o que a expressão “união com Cristo” significa. Ao explorarmos essa expressão, descobriremos que a união com Cristo envolve muito mais do que morrer para o pecado, mas que a morte para o pecado é um dos seus resultados mais fundamentais.

## UNIÃO COM CRISTO

O conceito neotestamentário da união com Cristo é uma das verdades mais importantes das Escrituras. O teólogo escocês Sinclair Ferguson diz que é “uma doutrina que está no cerne da vida cristã” e “a verdade para a qual o Novo

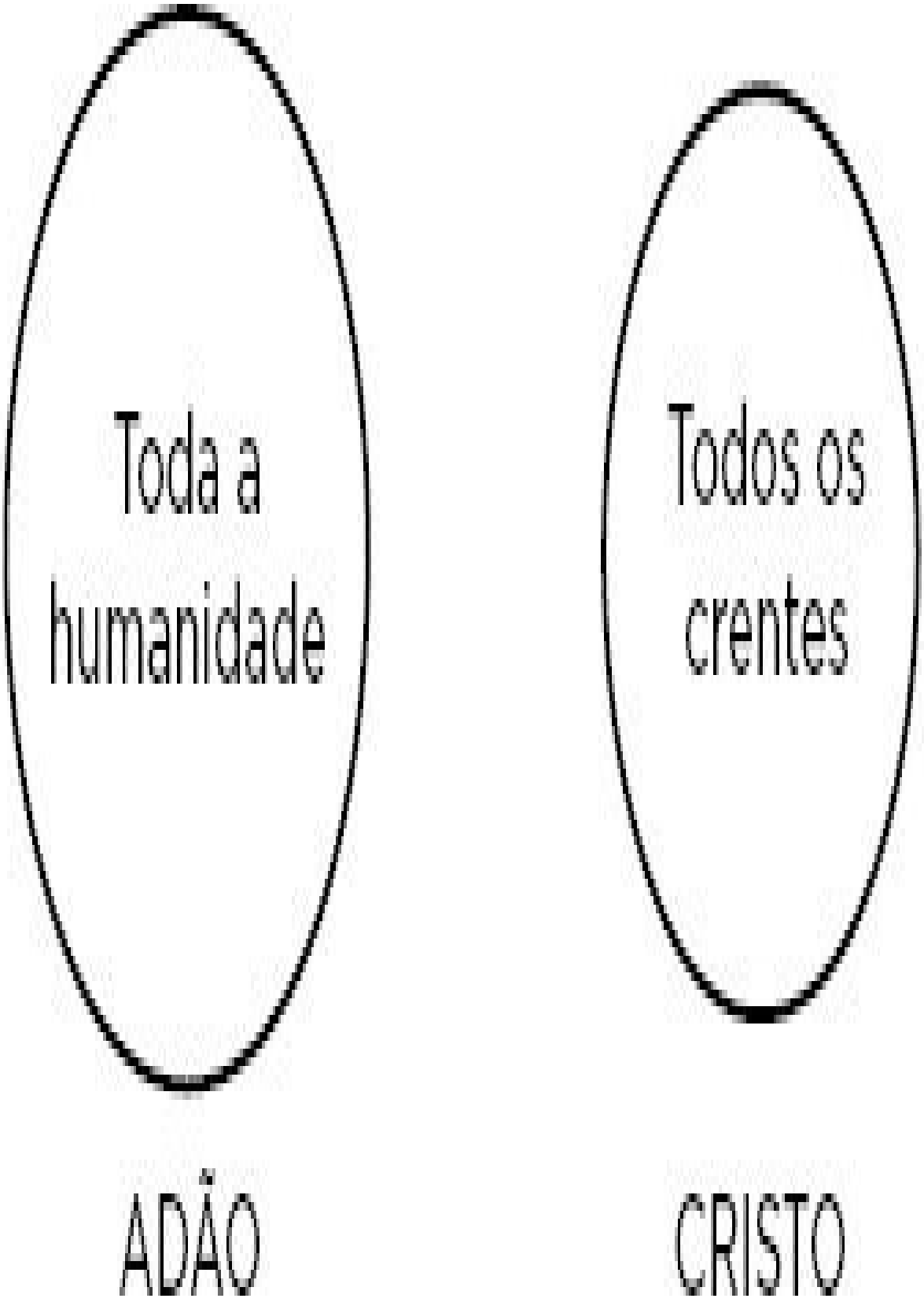
Testamento volta constantemente".[1] Como indiquei no capítulo 3, essa verdade é a base de nossa justificação e, como veremos neste capítulo, também a base de nossa santificação.

O conceito da união do cristão com Cristo é importante especialmente no ensino de Paulo. Seus modos sintéticos de fazer referência à união com Cristo são "em Cristo", "nele" e "no Senhor". O autor britânico John Stott afirma que essas expressões ocorrem não menos do que 164 vezes nas cartas de Paulo. [2] Para nosso propósito de responder ao temor de ênfase demais na graça de Deus poder vir a gerar uma conduta irresponsável e pecaminosa, a doutrina da união do crente com Cristo é a base da refutação que Paulo faz dessa acusação em Romanos 6.

Historicamente, os comentaristas e expositores bíblicos enxergaram dois aspectos diferentes na união do crente com Cristo, com dois resultados diferentes. O primeiro é chamado de união representativa, ou o que alguns teólogos e comentaristas chamam de união federal. O segundo é chamado de união vital ou espiritual.[3]

## UNIÃO REPRESENTATIVA

A passagem clássica das Escrituras sobre a união representativa entre Cristo e seu povo é Romanos 5.12-21. Embora a apresentação de Paulo seja um tanto difícil de entender, ela pode ser resumida pelo que ele disse em 1Coríntios 15.22: "Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados". Essa passagem pode ser entendida erroneamente, a menos que percebamos que os dois "todos" no versículo não significam a mesma coisa. O consenso de todos os comentaristas bíblicos evangélicos é que os dois "todos" significam, respectivamente, todos os que estão em Adão e todos os que estão em Cristo, em ambos os casos em virtude da união representativa ou federal. Essa união pode ser representada por dois círculos que simbolizam, respectivamente, Adão e Cristo:


Toda a humanidade
Todos os crentes
ADÃO
CRISTO

Todo ser humano (exceto Cristo) nasceu no círculo de Adão. Toda pessoa que crê em Jesus Cristo como Salvador nasceu no círculo de Cristo. Observe que o círculo que representa Cristo é menor do que o que representa Adão, pois apenas aqueles que creem em Cristo estão nele.

O que Paulo ensinou em Romanos 5.12-21 é, primeiro, que todos os seres humanos (exceto Jesus) pecaram em Adão como seu representante federal. Por isso, todos nós experimentamos a morte, que é a consequência do pecado (v. 12). Por causa da capacidade representativa de Adão, o pecado dele foi de fato nosso pecado, como se tivesse sido cometido por cada um de nós. Esse conceito é chamado de a liderança federal de Adão.

O conceito de procuração pode ser útil para entendermos a liderança federal ou capacidade representativa. Um amigo meu queria fazer um refinanciamento da sua casa para aproveitar juros mais baixos. Quando a data da transação foi por fim marcada, ele se deu conta de que ele e sua esposa estariam fora do país na data. Ele perguntou se eu poderia representá-los na transação. Eu disse que poderia e, assim, ele e sua esposa executaram uma procuração que me autorizava a agir em seu lugar.

Compareci à transação e, como representante legal do meu amigo, assinei todos os tipos de documentos. Quando os assinei, é como se eles próprios os tivessem assinado. Quando assinei a nota promissória para pagar uma certa quantia todo mês, esse ato gerou uma obrigação legal para eles como se tivessem assinado a nota, pois eu estava agindo como seu representante legal. De modo semelhante, Adão foi nosso representante legal no jardim, e, quando ele pecou, sua ação teve consequências para nós como se tivéssemos pecado pessoalmente.

Poderíamos apresentar a objeção de que não escolhemos Adão como nosso representante no jardim. No entanto, essa objeção é fútil, pois com ela estamos reclamando de Deus. Deveria bastar sabermos que Deus, o Criador soberano do universo e aquele em quem vivemos e nos movemos e existimos, o designou.

No entanto, as notícias realmente boas e a principal observação que Paulo estava tentando fazer é que, assim como Adão foi nosso representante federal no seu pecado, assim Jesus Cristo foi nosso representante federal na sua vida sem pecado e morte expiatória. Portanto, assim como o pecado de Adão trouxe

condenação e morte a toda a sua raça — isto é, a todos os seres humanos exceto Cristo —, o ato de justiça de nosso Senhor trouxe justificação e vida a toda a sua raça, isto é, todos os que creem nele (v. 18-19).

Por causa dessa união representativa entre Cristo e seu povo, todas as nossas responsabilidades diante de Deus dependem dele e todo o seu mérito é creditado a nós. Jesus, como nosso representante, assumiu todas as obrigações em que Adão falhou e as cumpriu em nosso lugar. Desse modo, assim como o pecado de Adão foi de fato nosso pecado como se o tivéssemos cometido, assim a obediência de Cristo à lei de Deus e sua morte para pagar a pena de uma lei violada são tanto nossa obediência e nossa morte quanto se tivéssemos obedecido perfeitamente à lei de Deus e morrido nessa cruz.

Nas palavras extremamente úteis de George Smeaton: “Temos um só ato público representativo e inclusivo executado pelo Filho de Deus, do qual participamos como se nós mesmos tivéssemos realizado essa expiação”.[4] Assim, como o dr. Smeaton escreveu de novo: “Podemos dizer que Cristo morreu por nós ou que morremos nele. Podemos igualmente afirmar que ele foi crucificado por nós ou que fomos co-crucificados com ele”.[5] Essa última expressão é, aliás, o que Paulo disse essencialmente aqui: “Fui crucificado com Cristo” (Gl 2.20).

Toda essa análise da representação federal de Cristo em favor do seu povo pode ter a aparência de minúcias teológicas inúteis para algumas pessoas, mas na realidade é um dos ensinos das Escrituras que mais deveriam nos empolgar. Tenho afirmado desde o início deste livro que nossa condição diária diante de Deus bem como nosso destino eterno se baseiam não no nosso desempenho, mas no desempenho do Senhor. A única verdade que torna esse argumento válido é o desempenho exibido por Jesus como nosso representante legal.

Portanto, quando nossa consciência nos condena pelos nossos pecados ou nossas falhas em cumprir as disciplinas da vida cristã, devemos voltar para o fato de Jesus ser nosso representante legal e, nessa qualidade, ter obedecido perfeitamente à vontade do seu Pai. Ele poderia legitimamente dizer: “Sempre faço o que lhe agrada” (Jo 8.29) e, quando ele agradou ao Pai, nós agradamos ao Pai. Toda confiança em nossa aceitação diante de Deus baseia-se apenas no fato de Jesus ter sido nosso representante legal em sua vida sem pecado e morte obediente.

Quando reflito profundamente sobre essa morte e suas implicações no meu

relacionamento com um Deus santo, fico extremamente empolgado. Em várias ocasiões em que Paulo havia escrito sobre alguma verdade profunda, ele rompeu em uma doxologia espontânea de louvor a Deus. Palavras fluíram do seu coração, como:

Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos! (Rm 11.33).

Ao Rei eterno, único, imortal e invisível, o único Deus, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém (1Tm 1.17).

Esse é o sentimento de meu coração no exato momento em que escrevo sobre a verdade extraordinária de que, pela nossa união com ele, Jesus nos representou diante de Deus na sua vida e na sua morte.

## O REINADO E O DOMÍNIO DO PECADO

Tudo que eu disse sobre nossa união com Cristo na sua morte talvez aparente ser uma digressão, mas isso é necessário para, enfim, tratarmos do que Paulo quis dizer com sua declaração de que morremos para o pecado. Para responder à pergunta, precisamos voltar à declaração paulina em Romanos 5.21: “O pecado reinou na morte”. Paulo personifica e vê o pecado como reinando sobre nós em um reino da morte. Por que o pecado reinou? A resposta é: por causa de nossa culpa em Adão. A consequência penal de nossa culpa foi termos sido entregues ao pecado como um domínio legal, e o resultado dessa entrega foi nossa sujeição ao domínio do pecado. O reino penal do pecado e seu domínio corruptor são inseparáveis e têm o mesmo alcance.

Davi falou sobre esse reino legal e consequente domínio do pecado na nossa vida:

Sei que sou pecador desde que nasci,

pecador desde que me concebeu minha mãe (Sl 51.5).

A única razão de Davi poder ter dito que era pecador já ao nascer, antes de ter de fato cometido qualquer pecado, foi sua percepção de ter nascido debaixo da culpa de Adão e, assim, experimentado o domínio do pecado na sua vida.

Desse modo, morrer para o pecado significa, em primeiro lugar, morrer para seu reino legal ou penal e, em segundo, como resultado necessário, morrer para seu domínio sobre nós. Fazemos referência à depravação total de uma pessoa que está fora de Cristo. Não queremos dizer que iniquidade é a única realidade dessa pessoa, mas que o pecado corrompeu o ser inteiro dessa pessoa. A culpa, e sua consequência penal, é a fonte e causa contínua dessa depravação. Portanto, a libertação da culpa e das suas consequências penais produz uma libertação do domínio do pecado. No plano de salvação divino, há uma conexão necessária entre essas duas libertações. É inconcebível uma salvação da pena do pecado sem uma libertação concomitante do domínio do pecado. O significado disso obviamente não é que deixamos de pecar, mas que o pecado já não reina mais na nossa vida.

Como morremos para o pecado? Já observamos que morremos para o pecado pela nossa união com Cristo. Paulo disse em Romanos 6.10 que Cristo morreu para o pecado e, no versículo 8, que morremos com Cristo. A declaração de que Cristo morreu para o pecado é um tanto surpreendente, mas extraordinária. Cristo não morreu para o domínio do pecado, pois nunca esteve debaixo dele. No entanto, ao ser feito pecado por nós (2Co 5.21) — isto é, ao ser acusado por nosso pecado — , ele foi submetido ao seu reino legal e se tornou sujeito à sua pena.

Quando Jesus morreu, ele morreu para o reino legal do pecado. Pela nossa união federal com ele na sua morte, também nós morremos para o reino legal do pecado. Mas, pelo fato de o reino legal e o domínio prático do pecado na nossa vida serem inseparáveis, morremos não apenas para seu reino legal, mas também para seu domínio corruptor sobre nós. Aleluia! Que salvador extraordinário o que temos, que foi capaz de nos libertar não apenas da pena do pecado, mas

também do seu domínio.

No entanto, surge a pergunta: “Se morremos para o domínio do pecado, por que ainda lutamos com o pecado na nossa vida diária?”. Quando Paulo escreveu: “Nós morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?”, ele estava se referindo não à atividade de cometer pecados, mas a continuar vivendo debaixo do domínio do pecado. A palavra viver significa continuar em ou permanecer em. Ela aponta para um modo de viver estabelecido. Nas palavras de Paulo em Romanos 8.7: “A mentalidade da carne [aquela debaixo do domínio do pecado] é hostil a Deus. Ela não se submete à lei de Deus, nem pode fazê-lo”. Mas o cristão que morreu para o reino e o domínio do pecado tem prazer na lei de Deus. Ele a aprova como santa, justa e boa (Rm 7.12), mesmo que venha a lutar para obedecê-la.

Devemos diferenciar entre a atividade do pecado, que existe em todos os cristãos, e o domínio do pecado, que existe em todos os descrentes. Sinclair Ferguson escreveu:

O pecado não é acima de tudo uma atividade da vontade do homem, mas é principalmente uma escravidão que o homem vivencia, em que um poder exterior se apodera da sua alma. É um axioma para [John] Owen [cujo ensino Ferguson está resumindo] que embora seja impossível abolir a presença do pecado nesta vida nem alterar a influência do pecado (sua tendência sempre é a mesma), o seu domínio pode e deve ser destruído se uma pessoa quer ser cristã.[6]

Portanto, um cristão não pode continuar no pecado. Já não vivemos mais na esfera do pecado, debaixo do seu reino e do seu domínio prático. Nas palavras de Paulo, morremos para o pecado. De fato pecamos e até mesmo nossas melhores obras estão manchadas pelo pecado, mas nossa atitude para com ele é essencialmente diferente da de um descrente. Sucumbimos a tentações, quer procedam dos nossos próprios desejos maus (Tg 1.13), quer do mundo ou do Diabo (Ef 2.1-3), mas essa situação é diferente de uma disposição arraigada. Em outras palavras, parafraseando o que Ferguson diz sobre John Owen, nosso pecado é um fardo que nos aflige, e não um prazer para nós.

O falecido teólogo escocês John Murray escreveu sobre Romanos 6.2: “O que o

apóstolo tem em mente é a ruptura definitiva de uma vez por todas com o pecado que constitui a identidade do cristão. Portanto, um cristão não pode viver no pecado; o homem que vive no pecado não é um cristão. Se vemos o pecado como um domínio ou esfera, então o cristão não vive mais nesse domínio ou esfera".[7]

Minha percepção da cristandade dos dias atuais é que a maioria dos cristãos tem pouca compreensão do que o dr. Murray chamou de "a ruptura definitiva de uma vez por todas com o pecado". Mas é essa libertação decisiva do domínio do pecado que assegura que um cristão genuíno não terá a atitude soberba: "Continuaremos pecando para que a graça aumente?". Se um indivíduo não tem essa atitude, provavelmente está indicando que não é um cristão genuíno, por mais que professe ter crido em Cristo para ser salvo.

## VIVOS PARA DEUS

Há mais uma razão de Paulo ter certeza de que a pregação do evangelho da graça não resultará em uma conduta irresponsável. Não apenas estamos mortos para o pecado, mas também estamos vivos para Deus em Cristo Jesus (Rm 6.11). Não apenas o pecado não mais reina na morte sobre nós, mas agora a graça reina pela justiça (Rm 5.21). Não apenas fomos resgatados do domínio das trevas, mas fomos transportados para o reino do Filho amado de Deus (Cl 1.13).

O que significa estar vivo para Deus? Já mencionei neste capítulo os dois aspectos diferentes de nossa união com Cristo: a união federal ou legal e a união vital ou espiritual. Por enquanto, examinamos nossa união legal com Cristo na sua morte e a libertação trazida por ela do reino legal e do consequente domínio corruptor do pecado. Mas, em nossa análise do que significa estar vivo para Deus, entramos na esfera da união vital ou espiritual.

A união vital é uma união espiritualmente orgânica do cristão com Jesus Cristo. União orgânica aqui se refere a uma união viva. O próprio Jesus nos apresentou a melhor ilustração dessa união orgânica, a da videira e os ramos, em João 15.1-5. É um fato bastante óbvio que os ramos fazem parte da videira por uma união orgânica ou viva e não por estarem simplesmente ligados à videira de uma forma

morta e mecânica. Do mesmo modo, os crentes estão unidos com Cristo de tal modo que, nas palavras do apóstolo Pedro, nós “participamos da natureza divina” (2Pe 1.4). Ou seja, assim como os ramos participam da vida da videira, assim nós participamos da própria vida do próprio Cristo. Essa é a razão de estar “em Cristo” ser tão importante para Paulo. Ele não via isso apenas como um conceito teológico. Era a própria essência de sua vida cristã. Tratava-se muito mais do que um forte relacionamento que dois amigos poderiam ter. Era sua própria vida. Paulo vivia como um ramo que participa da vida da videira. Ele vivia todo dia como uma pessoa “em Cristo”.

Não somente estamos em Cristo, mas ele também está em nós (Gl 2.20; Ef 3.17). Cristo entra na nossa humanidade pelo seu Espírito Santo que habita em nós, para nos renovar e nos transformar cada vez mais à sua semelhança. A presença de Cristo em nós para nos tornar santos é mais uma certificação de que, como cristãos, não podemos continuar em uma vida de pecado ou uma atitude de soberba. Examinaremos nossa dependência de Cristo no capítulo 8. No entanto, ela não é como a dependência que um filho tem de um pai. O filho não está “no” pai. Nossa dependência é como a dependência que os ramos têm da videira que lhes dá vida e alimento.

Nossa união com Cristo não é apenas orgânica ou viva. Ela também é uma união espiritual em oposição a uma união física. No entanto, devemos ter em mente que a dimensão espiritual é tão real quanto a dimensão física. O fato de a dimensão espiritual da nossa vida ser invisível não a torna menos real. Realmente somos participantes da própria vida de Cristo. Ele realmente habita em nós pelo seu Espírito.

Também devemos observar que a união legal analisada anteriormente garante para nós a união vital. A morte de Cristo para o pecado e a satisfação dele da justiça de Deus possibilitou o reino da graça na nossa vida.

Paulo iniciou Romanos 6 com uma refutação retumbante da noção de que o evangelho promove uma conduta irresponsável e pecaminosa. Ele mostrou não apenas que o evangelho não a promove, mas também que a própria natureza do evangelho torna impossível ocorrer algo desse tipo. Ao tratar dessa questão, Paulo passou de modo muito natural da justificação para a santificação, ou a busca da santidade. Começaremos a tratar dos aspectos práticos da nossa santificação no capítulo seguinte, mas por enquanto quero chamar nossa atenção para a graça de Deus na santificação.

Todos os cristãos creem que somos salvos pela graça (Ef 2.8). Mas vimos neste capítulo que essa salvação inclui tanto uma libertação da pena do pecado quanto liberdade do domínio do pecado. Vimos que nossa união legal com Cristo na sua morte e ressurreição garante nossa união vital com ele, pela qual participamos da sua natureza divina. É essa união vital que nos proporciona a capacitação para viver a vida cristã.

Por favor, observe que tudo isso provém de Deus. A libertação tanto da pena quanto do domínio do pecado é pela sua graça. Seria totalmente impossível perseguirmos a santidade se Deus na sua graça não tivesse primeiro nos libertado do domínio do pecado e nos unido com seu Filho ressurreto. A salvação é pela graça e a santificação é pela graça.

## NÃO DEIXEM O PECADO REINAR

Às vezes Paulo usa a mesma expressão tanto no indicativo (uma declaração de um fato) quanto no imperativo (uma declaração de uma ordem).[8] Por exemplo, ele diz em Gálatas 3.27: “Todos vocês que foram batizados em Cristo se revestiram de Cristo” (uma declaração indicativa). No entanto, em Romanos 13.14, ele nos faz a seguinte exortação: “Revistam-se do Senhor Jesus Cristo” (uma ordem imperativa). De modo semelhante, em muitas ocasiões, ele se refere a nós como “em Cristo Jesus” (por exemplo, 1Co 1.30; 2Co 5.17), sempre em declarações indicativas. No entanto, em Colossenses 2.6, ele nos exorta: “Continuem a viver nele” (uma exortação imperativa).

Achamos mais uma ilustração disso em Romanos 6.11-13. Paulo havia de modo um tanto elaborado explicado que os cristãos morreram para o reino do pecado. Mas, no versículo 12, ele nos exortou a não deixar o pecado reinar no nosso corpo mortal. “Por que”, poderíamos perguntar, “se morremos para o reino do pecado, precisamos ser exortados a não deixar o pecado reinar no nosso corpo?”. Basicamente, Paulo estava dizendo aqui e nas passagens anteriores: “Concretizem na sua vida a realidade do evangelho. Aproveitem e apliquem na sua vida todas as provisões de graça que Deus lhes deu em Cristo”.

John Murray nos apresentou uma ilustração excelente da relação entre o

imperativo e o indicativo. Ele escreveu: “Dizer ao escravo que não foi emancipado: ‘Não se porte como um escravo’ é zombar da sua escravidão. Mas dizer a mesma coisa ao escravo que foi liberto é o apelo necessário para colocar em prática os privilégios e direitos dessa libertação”.[9]

Consideraremos os imperativos de Romanos 6.12-13 em capítulos posteriores. No entanto, por enquanto queremos examinar o versículo 11, que diz: “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus”. Na verdade, o versículo 11 é um imperativo, mas é uma exortação a crer em algo, e não a fazer algo. Devemos contar com ou crer no fato de que realmente morremos para o pecado e o consequente domínio do pecado. Fazendo uso da ilustração do escravo apresentada pelo professor Murray, devemos crer que de fato fomos libertos. Não apenas devemos crer que morremos para o pecado; também devemos crer que estamos vivos para Deus, que estamos unidos com o Cristo ressurreto e somos participantes da sua natureza divina. É nossa convicção dessa verdade que nos dará a coragem para não deixar o pecado reinar no nosso corpo mortal. E é nossa dependência desse fato que possibilitará experimentarmos o poder do Espírito de Cristo, que habita em nós e nos capacita para resistirmos aos impulsos do pecado, impedindo que ele reine em nós.

Durante os longos anos da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, um piloto das forças aéreas russas pilotou seu avião de combate de uma base na Rússia até uma base aeronáutica americana no Japão e pediu asilo. Ele foi levado de avião até os Estados Unidos, onde foi devidamente interrogado, recebeu uma nova identidade e caracterizado como um legítimo residente dos Estados Unidos. No tempo devido, ele se tornou um cidadão americano.

A experiência do piloto russo ilustra em certa medida o que aconteceu conosco quando morremos para o pecado e fomos vivificados para Deus. Ele mudou de reino; recebeu uma nova identidade e uma nova condição. Ele não era mais russo; agora era um americano. Ele não estava mais debaixo do domínio do que então era um governo opressivo e totalitário. Agora estava livre para experimentar todas as vantagens e recursos de viver em um país livre e próspero.

No entanto, esse ex-piloto russo continuava sendo a mesma pessoa. Ele tinha a mesma personalidade, os mesmos hábitos e os mesmos padrões culturais que tinha antes de fugir da Rússia. Mas ele tinha uma nova identidade e uma nova condição. Por causa dessa nova identidade e condição como cidadão em um país

livre, ele agora tinha a oportunidade de crescer como uma pessoa livre, de se desfazer da mentalidade de uma pessoa que vive em uma tirania e de se livrar dos padrões habituais de uma pessoa sob o controle de um regime despótico. Além disso, como benfeitor do establishment de inteligência de nosso governo, ele recebeu todos os recursos necessários a fim de ter êxito na sua transição para se tornar um cidadão americano.

O fato é que esse piloto russo "morreu" para sua velha identidade como cidadão russo e foi "vivificado" em uma nova identidade como cidadão americano. Como americano, todos os recursos do nosso governo estavam à sua disposição para se tornar de fato o que havia se tornado na sua condição. Mas isso não poderia ter ocorrido sem uma mudança anterior na sua condição.

Como cristãos, quando morremos para o pecado, morremos para uma condição em que estávamos debaixo do reino tirânico do pecado. Ao mesmo tempo, recebemos nossa cidadania no reino de Deus e, pela nossa união vital com Jesus Cristo, recebemos todos os recursos necessários para nos tornar de fato o que nos tornamos na nossa condição. Agora temos tudo que é necessário para harmonizar o imperativo — "não permitam que o pecado reine no seu corpo mortal" — com o indicativo — "morremos para o pecado". Mas isso não poderia ter acontecido sem uma mudança na nossa condição. E é nossa união legal com Cristo na sua morte e sua ressurreição que mudou nossa condição para sempre.

Devemos depender dessa verdade e crer nela. Devemos pela fé na palavra de Deus nos apoderar do fato de termos morrido para o reino do pecado e agora estarmos vivos para Deus, debaixo do seu reino da graça. Sem fazermos isso, acabaremos tentando perseguir a santidade pela força da nossa própria vontade, e não pela graça de Deus. Assim, o imperativo de perseguir a santidade — não permitir que o pecado reine no nosso corpo mortal — é baseado no fato da graça. Em outras palavras, pela nossa união com Cristo na sua morte para o pecado e sua vida para Deus, Deus nos deu todos os recursos necessários de que precisamos para buscar a santidade.

Portanto, podemos afirmar que a verdade de que "onde aumentou o pecado, transbordou a graça" (Rm 5.20), longe de ser uma ocasião para pecar ainda mais, é na realidade a única provisão de Deus que possibilita lidarmos com o pecado e fazermos qualquer progresso na busca da santidade. Essa é a razão de eu ter dito antes no capítulo 1 que a busca da santidade, embora demande um esforço completo de nossa parte, deve estar ancorada firmemente na graça de Deus.

[1] Sinclair B. Ferguson, The Christian life: a doctrinal introduction (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1989), p. 104.

[2] John Stott, Life in Christ (Carol Stream: Tyndale, 1991), p. 38 [publicado em português por Ultimato sob o título A vida em Cristo]. A união com Cristo também foi ensinada pelo próprio Jesus na analogia da videira e os ramos (Jo 15.1-8) e pelos apóstolos Pedro e João (veja 2Pe 1.4 e 1Jo 2.5-6; 3.6).

[3] Sinclair Ferguson, no seu capítulo sobre a união com Cristo em The Christian life, lista seis "categorias" diferentes da nossa união com Cristo. Esses são de fato modos muito úteis de ver nossa união com Cristo, mas todos eles podem ser incluídos ou harmonizados nos aspectos tradicionais da união federal e da união vital.

[4] George Smeaton, The apostles' doctrine of the atonement (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1991; publicação original em 1870), p. 162.

[5] Ibid.

[6] Sinclair B. Ferguson, John Owen on the Christian life (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1987), p. 125, grifo do autor da citação.

[7] John Murray, The Epistle to the Romans, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), vol. 1, p. 213 [publicado em português por Fiel sob o título Romanos: comentário bíblico].

[8] Para aqueles que precisam se lembrar da gramática que aprenderam na escola, o modo indicativo de um verbo é usado para afirmar um fato, como: "O cachorro sentou". O modo imperativo é usado para dar uma ordem, como: "Rex, sente!". Também é usado em exortações e até mesmo em pedidos.

[9] John Murray, The Epistle to the Romans, vol. 1, p. 227.

# 5

# DISCIPLINADOS PELA GRAÇA

*A graça de Deus que traz salvação se manifestou a todos os homens. Ela nos ensina a dizer "Não" à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira disciplinada, justa e piedosa nesta era presente*

(Tt 2.11-12).

Gosto de oxímoros, aquelas expressões muitas vezes cômicas e contraditórias como "geladeiras da Ponto Quente" ou a observação de Yogi Berra sobre as sombras no campo externo do Yankee Stadium: "Ali entardece cedo". Mas o oxímoro clássico para mim é alguns versos de uma canção de acampamento que cantávamos como escoteiros: "Oh! Suzana":

*Choveu a noite toda no dia em que parti;*

*O tempo, ele estava seco.*

*O sol estava tão quente que congelei completamente*

*Suzana, não chores.*

O título deste capítulo talvez soe como um oxímoro para certas pessoas. Para elas, disciplina sugere repressão e legalismo, regras e regulamentos e um Deus que faz cara feia para qualquer pessoa que se diverte. Por outro lado, graça lhes aparenta significar liberdade de qualquer regra, uma conduta espontânea e desregulamentada e, acima de tudo, um Deus que nos ama de modo

incondicional, não importa nossa conduta pecaminosa.

Esse modo de pensar reflete um entendimento errôneo tanto da graça quanto da disciplina. Na realidade, como podemos perceber a partir da epígrafe deste capítulo, a mesma graça que nos traz salvação também nos disciplina como cristãos. O versículo de fato diz “a graça de Deus […] nos ensina”. No entanto, a palavra traduzida por “ensina” significa muito mais do que a ideia que normalmente atribuímos a ela de comunicar conhecimento. Seu uso original era como um termo para a educação de filhos e incluía não apenas a instrução, mas também admoestação, repreensão e castigo, todas essas coisas administradas com amor e para o benefício do filho. O apóstolo Paulo usou a mesma palavra em Efésios 6.4 ao exortar os pais a criar seus filhos na educação (isto é, disciplina) e instrução do Senhor.

Usada em um sentido espiritual, a disciplina inclui toda a instrução, toda a repreensão e correção e todos os sofrimentos que a providência divina situa na nossa vida para cultivar um crescimento espiritual e um caráter piedoso. E, embora no domínio físico os filhos acabem alcançando a idade adulta e não estejam mais debaixo da disciplina dos seus pais, no domínio espiritual permanecemos debaixo da disciplina parental de Deus enquanto vivemos.

Assim, vemos que a mesma graça que traz salvação também nos treina para viver de uma maneira agradável a Deus. Todos os processos disciplinares de Deus estão baseados em sua graça, seu favor imerecido e incondicional a nós. Tendemos a identificar a disciplina com regras e padrões de desempenho. Deus a identifica com uma preocupação firme, mas amorosa com nossa alma.

No meu primeiro contato com a noção de disciplina cristã, recebi uma lista de sete disciplinas espirituais que deveria praticar todos os dias — coisas como a devocional diária, estudo bíblico, memorização das Escrituras e oração. Todas essas disciplinas foram muito úteis para mim, e sou grato por cada uma delas. Elas constituíram o fundamento do meu crescimento espiritual.

No entanto, durante o aprendizado dessas disciplinas, acabei acreditando que meu relacionamento diário com Deus dependia de quão fielmente as praticava. Ninguém de fato me disse que minha aprovação divina se baseava em meu desempenho. Contudo, desenvolvi uma impressão vaga, mas real, de que a aprovação ou desaprovação de Deus dependia de eu praticar esses exercícios espirituais. O desafio para ser fiel na minha devocional, embora fosse algo bom

em si mesmo, provavelmente contribuiu para essa impressão.

Minha experiência não é rara. Um amigo que ministra em um campus universitário me contou sobre um aluno que levava extremamente a sério fazer sua devocional diária. Meu amigo perguntou ao aluno por que era tão rígido na sua prática, e o jovem respondeu: “Para nada de ruim acontecer comigo”. Ele não estava sendo disciplinado pela graça, mas pelo legalismo.

Somos orientados para o desempenho por natureza. Nossa cultura e às vezes nossa criação reforça essa mentalidade legalista. É extremamente comum pais aceitarem um filho com base em seu desempenho, e essa mentalidade certamente tende a ser verdade na nossa sociedade. Levamos esse mesmo modo de pensar para nosso relacionamento com Deus. Assim, seja no contexto da nossa resposta à disciplina divina aplicada a nós, seja no da nossa prática das disciplinas espirituais que são imensamente boas e úteis, tendemos a achar que é a “lei” de Deus e não a graça de Deus que nos disciplina.

Paulo, porém, disse que é exatamente a mesma graça — o favor imerecido de Deus — que começou nos trazendo salvação que também nos disciplina. Isso significa que todas as nossas respostas à maneira de Deus lidar conosco e toda a nossa prática das disciplinas espirituais devem se basear no conhecimento de que Deus está lidando conosco na graça. E isso significa que todo o nosso esforço de ensinar uma conduta piedosa e maturidade espiritual a outras pessoas deve estar baseado na graça. Sem ensinarmos que a disciplina é pela graça, as pessoas simplesmente irão pressupor, como no meu caso, que ela se baseia no desempenho.

Essa é a razão de não devermos pôr de lado o evangelho após a conversão de uma pessoa. Essa pessoa achará tão difícil crer que Deus se relaciona conosco todos os dias com base na graça quanto uma pessoa crer que Deus salva pela graça e não pelas obras. Assim, não apenas devemos pregar o evangelho para nós mesmos todos os dias, devemos também continuar ensinando-o e pregando-o àqueles que venhamos a estar disciplinando de algum modo, seja na condução de uma classe de escola dominical ou estudo bíblico, seja em um relacionamento em que mentoreamos alguém individualmente. A disciplina deve se basear na graça de Deus.

## A SALVAÇÃO E A DISCIPLINA SÃO INSEPARÁVEIS

Outra verdade que vemos em Tito 2.11-12 é que a salvação e a disciplina espiritual são inseparáveis. A graça que nos traz salvação também nos disciplina. Ela não faz uma coisa sem fazer a outra. Ou seja, Deus nunca salva as pessoas e as deixa continuar vivendo na sua imaturidade e conduta pecaminosa. Aos que salva, ele também disciplina. Paulo disse isso de outro modo em Filipenses 1.6: "Aquele que começou a boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus".

Essa noção tanto nos encoraja quanto nos conscientiza. Ela nos encoraja por nos assegurar de que nosso crescimento espiritual não recai sobre nossa iniciativa nem é dependente da nossa sabedoria para reconhecer em quais áreas e em que direção precisamos crescer. Antes, é o próprio Deus que inicia e conduz nosso crescimento espiritual. Isso não significa que não temos nenhuma responsabilidade em responder à formação espiritual de Deus na nossa vida como seus filhos, e sim que ele é o responsável pela nossa formação.

Obviamente, Deus usará outras pessoas para nos disciplinar, como nossos pastores e outros cristãos maduros como seus agentes, além de vários outros meios, sobretudo sua palavra e as circunstâncias, mas a responsabilidade suprema é dele. E como aquele que é infinitamente sábio, ele sabe exatamente quais meios devem ser usados em qualquer momento específico. Desse modo, nossa resposta deve ser confiar nele e obedecer a ele, e, usando as palavras do autor de Hebreus, orar para que ele "opere em nós o que lhe é agradável" (Hb 13.21).

Ao mesmo tempo, essa inseparabilidade entre a graça de Deus e a disciplina espiritual é uma verdade que nos conscientiza. Basta observar a situação da cristandade, em especial nos Estados Unidos, para perceber que há uma vasta multidão de pessoas que afirmam ter chegado a crer em Cristo, mas que não passam a impressão de ter alguma vez experimentado a disciplina da graça. Elas talvez tenham respondido a um apelo e vindo à frente no culto, preenchido uma ficha ou até mesmo feito uma oração, mas a graça não lhes está ensinando a renunciar à impiedade e às paixões mundanas, sem mencionar conduzir uma vida disciplinada, justa e piedosa. Em essência, sua vida agora não é nada diferente da vida antes de terem professado crer em Cristo.

Pensando sobre essas pessoas, recordo as palavras de Hebreus 12.8: “Se vocês não são disciplinados (e a disciplina é para todos), então vocês não são filhos legítimos, mas sim ilegítimos”. E o próprio Jesus disse: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21). Não aqueles que apenas fizeram uma profissão de fé, mas sim aqueles cuja vida evidencia a formação paternal de Deus são os herdeiros da vida eterna.

Cada um de nós deve fazer uma reflexão sobre essa verdade conscientizadora. A graça de Deus está me disciplinando? O apóstolo Paulo disse: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês — a não ser que obviamente tenham sido reprovados?” (2Co 13.5). E o apóstolo Pedro nos apresenta esta exortação: “Empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês” (2Pe 1.10). Você está realmente confiando em Jesus Cristo como seu Salvador como é apresentado no evangelho que analisamos no capítulo 3? Há alguma evidência de sua morte para o reino do pecado pela união com Jesus Cristo? E a graça de Deus está atuante em você para discipliná-lo ou educá-lo, produzindo seu crescimento espiritual? Caso sua resposta honesta seja não, estimulo você a ir a Jesus com fé nas suas palavras de que “quem vier a mim eu jamais rejeitarei” (Jo 6.37).

Preciso ser claro a esta altura. Não perseguimos a santidade ou as evidências da disciplina de Deus para obter a salvação. Isso seria uma salvação pelas obras. Antes, a disciplina exercida por Deus na nossa vida e nosso próprio desejo de perseguir a santidade, por mais fraco que seja, são o resultado inevitável de receber a dádiva divina da salvação pela fé. Como Martinho Lutero é citado tantas vezes dizendo: “Somos salvos somente pela fé, mas a fé que salva nunca está sozinha”.

Muitos de nós têm amigos e parentes que se dizem cristãos, mas em cuja vida não conseguimos perceber nenhuma evidência da disciplina da graça. Muitas vezes nos agarramos a uma esperança frágil de que essas pessoas são cristãs por terem chegado a fazer uma profissão de fé, apesar da ausência de qualquer evidência da obra do Espírito na vida delas. Geralmente observamos que pais têm uma propensão especial a esse tipo de negação com respeito a filhos que não demonstram nenhuma evidência de uma obra genuína da graça.

Certamente, não podemos determinar a realidade da salvação de uma outra

pessoa, e nunca podemos afirmar que certo indivíduo não é cristão. No entanto, não devemos ser ingênuos diante de nenhuma evidência de vida espiritual. Em vez de nos agarrarmos ao que sem dúvida pode ser uma esperança falsa, devemos orar seriamente para Deus levar essa pessoa à salvação, ou, se por acaso a levou, para começar a manifestar a disciplina da graça na vida dela.

## A GRAÇA NOS ENSINA A DIZER NÃO

Ainda uma outra verdade que vemos em Tito 2.11-12 é que a disciplina exercida pela graça em nós tem tanto um aspecto negativo quanto um positivo. Isso faz bastante sentido quando pensamos na disciplina como educação de filhos. Todo pai responsável não apenas quer lidar com o mau comportamento de um filho, mas também deseja promover traços de caráter positivos. Ambos os elementos são necessários na educação de filhos físicos, e ambos também são necessários no domínio espiritual.

A graça primeiro nos ensina a dizer não à impiedade e às paixões mundanas. A impiedade é geralmente identificada com a iniquidade: aquilo que é imoral, desonesto, cruel, mau ou corrupto (veja, por exemplo, Rm 1.18-32). No entanto, na sua forma mais ampla, a iniquidade basicamente constitui rejeitar a Deus, ignorá-lo ou não o levar em consideração na própria vida. Toda a iniquidade apresentada por Paulo em Romanos 1.18-32 começa com a ideia de que, “tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças” (v. 21). Assim, nesse sentido mais amplo, uma pessoa pode ter um comportamento moral extremamente elevado e até mesmo benevolente sem deixar de ser impiedosa.

Recentemente, li uma resenha de um livro chamado Timelines of the ancient world [Linhas do tempo do mundo antigo], publicado pela Smithsonian Institution. A pessoa que escreveu a resenha mostrou que, ainda que grandes figuras históricas sejam devidamente mencionadas, não há uma menção sequer aos grandes homens da Bíblia como Moisés, Abraão ou Davi. O fato mais revelador é que sequer uma menção rápida é feita a Jesus Cristo, apesar do fato de o livro usar os indicadores a.C. e d.C. na sua datação. Os editores deram um testemunho inconsciente da realidade histórica daquele ao redor de quem o

tempo é medido sem chegar a mencionar seu nome.

Suspeito que os editores sejam pessoas boas e decentes, pessoas que você gostaria de ter como seus vizinhos. Mas, se o livro é um indicativo, elas são pessoas impiedosas. Elas são indiferentes a Deus.

Quando cremos em Cristo como nosso Salvador, trazemos à nossa vida cristã um hábito de impiedade. Como os editores do livro, estamos acostumados a viver sem nenhuma consideração por Deus. Como descrentes, não nos importávamos com sua glória nem com sua vontade. Basicamente, nós o ignorávamos. Mas agora que fomos libertos do domínio do pecado e transportados para o reino da graça, a graça nos ensina a renunciar a essa atitude (bem como a ações) de impiedade. Obviamente, essa educação não ocorre de uma só vez. Aliás, Deus arrancará de nós a impiedade durante nossa vida inteira nesta terra.

A graça também nos ensina a dizer não às paixões mundanas, o desejo desordenado das coisas desta vida e a preocupação com elas, como posses, prestígio, prazer ou poder. A paixão mundana é o oposto da atitude a que Paulo nos exortou quando escreveu: “Os que usam as coisas do mundo, [devem viver] como se não as usassem. Porque a presente forma deste mundo está passando” (1Co 7.31).

O que significa dizer não à impiedade e às paixões mundanas? Basicamente, significa uma ruptura decisiva com essas atitudes e práticas. Em um sentido, essa ruptura decisiva é um ato divino que ocorreu na nossa morte para o domínio do pecado na nossa vida. O tempo verbal grego realmente aponta para a noção de termos morrido para a impiedade e as paixões mundanas, um ato anterior. No entanto, em um outro sentido, devemos praticar essa ruptura com o pecado fazendo morrer os atos maus do corpo (Rm 8.13). Ainda desenvolveremos essa ideia no capítulo 11. Mas, por enquanto, dizer não às paixões mundanas significa “abster-se dos desejos pecaminosos, que guerreiam contra a sua alma” (1Pe 2.11). Significa que reconhecemos esses desejos como “enganosos” (Ef 4.22) e “maus” (Tg 1.14) e, assim, renunciamos ao prazer que sugerem e aos atos para os quais tentam nos atrair.

## A GRAÇA NOS ENSINA A DIZER SIM

Às vezes, podemos ter a impressão de a vida cristã consistir principalmente em uma série de proibições negativas: “Não faça isto” e “Não faça aquilo”. As proibições são definitivamente uma parte importante de nossa disciplina espiritual, como atestado pelo fato de oito dos dez mandamentos serem proibições (Êx 20.1-19). Precisamos das proibições que são apresentadas, não apenas nos Dez Mandamentos, mas em todas as seções de aplicação prática no Novo Testamento. O pecado que continua morando em nós tem uma inclinação persistente às paixões mundanas, e precisamos renunciar à satisfação dessas paixões de modo constante.

No entanto, a vida cristã também deve focar nas expressões positivas do caráter cristão, que Paulo chamou de o fruto do Espírito em Gálatas 5.22. Aliás, todo o ensino ético de Paulo é caracterizado por essa abordagem dupla de se despir do velho homem e se revestir do novo homem. Por exemplo, ele escreveu em Efésios 4.22-24: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a se despir do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a se revestir do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em verdadeira justiça e santidade”.

Para representar essa abordagem dupla “despir-se de” e “revestir-se de”, gosto de usar a analogia de duas lâminas de uma tesoura. Reconhecemos sem dificuldade alguma que uma só lâmina da tesoura é inútil na execução da tarefa para a qual foi planejada. As duas lâminas precisam ser unidas na junção e devem funcionar de modo combinado para serem eficazes. As lâminas ilustram um princípio espiritual: precisamos nos empenhar para simultaneamente nos despir das características do nosso velho homem e nos revestir das características do novo homem. Uma coisa sem a outra não é eficaz.

Alguns cristãos aparentam focar em se despir das práticas pecaminosas, mas dão pouca atenção àquilo com que devem se revestir. Com muita frequência, a vida dessas pessoas torna-se difícil e instável e, provavelmente, baseada na justiça própria, pois elas tendem a identificar a piedade com uma lista definida de “nãos”. Outros cristãos tendem a focar em se revestir de certos traços positivos como o amor, compaixão e bondade. Mas sem prestarem atenção nos “nãos” das Escrituras, eles podem se tornar negligentes na moral e na ética. Assim, precisamos do foco dual “despir-se de” e “revestir-se de”, e devemos dar uma atenção igual a cada um dos aspectos.

Na passagem de Tito que estamos analisando, o aspecto positivo da vida cristã está presente na expressão: “Ela nos ensina […] a viver de maneira disciplinada, íntegra e piedosa nesta presente era”. Essas três palavras — disciplinada, íntegra e piedosa — são vistas pela maioria dos comentaristas bíblicos como se referindo a ações relativas a si mesmo, ao próximo e a Deus. Disciplina expressa o autocontrole que devemos praticar em relação às coisas boas e legítimas da vida, bem como a negação total de coisas claramente pecaminosas. Uma conduta íntegra ou reta se refere a ações justas e corretas em relação a outras pessoas, fazer a elas o que gostaríamos que fizessem a nós (Mt 7.12). Piedade é levar em consideração a glória e a vontade de Deus em cada aspecto de nossa vida, fazer tudo por reverência e amor a Deus.

Matthew Henry descreve a piedade de modo muito proveitoso em seu comentário sobre Tito 2.12:

Deveres pessoais e relativos devem ser executados em obediência às suas ordens, com o propósito apropriado de agradá-lo e honrá-lo, a partir de princípios de amor santo e temor a ele. Mas há também um dever expresso e direto que deve ser dirigido a Deus, isto é, a fé nele e o reconhecimento do seu ser e perfeições, prestando-lhe um culto e tributo interno e externo: amando, temendo e confiando nele; dependendo dele e nos dedicando a ele; observando todos os deveres e ordenanças religiosas que ele estipulou — orando a ele, louvando-o e meditando na sua palavra e suas obras.[1]

## CONDUTA CRISTÃ PRÁTICA

O apóstolo Paulo resumiu nossos deveres em três direções da vida cristã com três palavras: disciplinada, íntegra e piedosa. No entanto, o contexto dessa caracterização moral da graça salvadora de Deus é uma série inteira de exortações de Tito 2.1—3.2. As instruções se dirigem às necessidades espirituais práticas de vários grupos — homens mais velhos, mulheres mais velhas, mulheres mais jovens, homens mais jovens, escravos, o próprio Tito e, por fim, todos os cristãos. A partir dessas instruções específicas, podemos começar a

entender de modo mais detalhado o que ele quer dizer com uma vida disciplinada, íntegra e piedosa.

Essa seção das Escrituras contém tantas instruções concisas que elaborá-la seria basicamente reafirmá-la. Insto você a pessoalmente ler toda a passagem em oração, pedindo que Deus o ajude a avaliar sua própria vida à luz das instruções de Paulo sobre nossa conduta cristã prática. Não apenas preste atenção na seção que mais é aplicável a você (homens mais velhos, mulheres mais velhas, mulheres mais jovens e assim por diante). Há virtudes cristãs em cada seção aplicáveis a todos nós, não importa nossa idade ou sexo.

Chamo sua atenção para os três casos em que Paulo enfatizou a importância do nosso testemunho cristão diante dos descrentes. Ele disse em Tito 2.5: “a fim de que ninguém difame a palavra de Deus”. E, no versículo 8: “para que aqueles que se opõem a você fiquem envergonhados por não terem nada de mal para dizer a nosso respeito”. E, então, nas suas instruções a escravos, Paulo conclui com: “para que assim tornem atraente em tudo o ensino de Deus, nosso Salvador” (v. 10).

Paulo, obviamente, tinha uma preocupação com o testemunho de vida apresentado pelos cristãos em Creta. Em Romanos, ele havia dito aos judeus: “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vocês” (Rm 2.24), e ele deve ter tido uma preocupação semelhante com respeito aos cristãos cretenses. O que ele diria sobre nós hoje? A situação do mundo incrédulo, que se torna cada vez mais hostil ao verdadeiro cristianismo, só intensifica seu desejo de achar inconsistências na nossa vida para ridicularizar Deus e sua Palavra.

Há mais de quatrocentos anos, o grande reformador João Calvino expressou uma preocupação semelhante:

Todas as coisas ruins a que eles [os ímpios] podem se agarrar na nossa vida são distorcidas maliciosamente contra Cristo e seu ensino. O resultado é que, pela nossa culpa, o nome santo de Deus é submetido a insulto. Quanto mais forte é nossa percepção de estarmos sendo observados pelos nossos inimigos, maior deve ser nossa resolução de evitar suas difamações, de modo que sua hostilidade nos fortaleça no desejo de sermos exemplares.[2]

Portanto, como cristãos, devemos buscar ser exemplares em todo aspecto da nossa vida, portando-nos do melhor modo possível por causa de Cristo e seu evangelho. Todas as nossas ações em nosso trabalho, na nossa diversão, ao volante, ao fazer compras devem ser efetuadas com o propósito não apenas de que os descrentes não tenham nada de ruim para dizer, mas, pelo contrário, de que eles sejam atraídos ao evangelho que observam em ação na nossa vida.

Mais uma apresentação muito prática de uma conduta diária cristã está presente na seção sobre se despir e se revestir em Efésios. Já chamei a atenção para a declaração desse princípio básico em Efésios 4.22-24. No entanto, logo após essa declaração, Paulo dá exemplos específicos da aplicação do princípio. Devemos nos despir da falsidade e falar a verdade (Ef 4.25). Aqueles que estão roubando (por exemplo, em contas de despesas ou declarações de renda) não devem mais roubar. Em vez disso, eles, e todos nós, devemos aprender a compartilhar com aqueles em necessidade (v. 28).

O contraste apresentado por Paulo entre a generosidade e o furto ilustra muito bem o conceito do revestimento de um caráter piedoso junto com o despir de traços pecaminosos. Se uma pessoa na sua congregação que estivesse roubando fizesse uma ruptura definitiva com essa prática, isso seria motivo para celebrarmos uma grande vitória. Mas Paulo não ficaria satisfeito até essa pessoa também adquirir um espírito generoso de ajudar outras pessoas em necessidade. Além de se despir da desonestidade, a pessoa também precisa se revestir da generosidade.

Há três atitudes que podemos ter em relação ao dinheiro e às posses:

“O que é seu é meu; eu o tirarei de você”.

“O que é meu é meu; isso ficará comigo”.

“O que é meu é seu; eu o compartilharei”.

A primeira atitude é a do ladrão. A segunda é da pessoa típica, incluindo, o que é lamentável, muitos cristãos. A terceira atitude é aquela com que cada um de nós deve buscar se revestir. Não basta não roubar; também precisamos aprender a

compartilhar.

O princípio do despir e revestir é visto de novo na nossa fala (Ef 4.29). Devemos despir-nos de palavras torpes (não apenas palavras vulgares ou obscenas, mas também críticas, queixas, fofocas e assim por diante) e revestir-nos do que é construtivo e edifica outras pessoas. Emoções negativas de amargura, indignação, ira e ações pecaminosas de gritaria e calúnia devem ser despidas e substituídas pela bondade, compaixão e perdão (v. 31-32).

Qualquer tipo de imoralidade ou impureza, não apenas em ações, mas também em palavras, pensamentos e desejos, não deve ser praticada — não deve sequer haver menção disso. Isso leva naturalmente a uma exortação contra qualquer forma de obscenidade ou gracejos espertos, mas chulos. Em vez disso, a fala de um cristão deve ser marcada por ações de graça (Ef 5.3-4).

Por que Paulo contrasta ação de graças com gracejos espertos, mas chulos? Uma razão é que o idioma original exibe um jogo de palavras — eucharistia contra eutrapolia. Mas uma razão mais importante é que Paulo estava nos dizendo que nossa fala deve ser dominada por ações de graças a Deus, e não por palavras obscenas ou até mesmo queixas. Como ele disse em 1Tessalonicenses 5.18, devemos dar “graças em todas as circunstâncias, pois essa é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus”.

## A GRAÇA NOS ENSINA

No entanto, toda essa ênfase em uma conduta cristã prática não deve nos fazer perder de vista o fato de ser a graça — e não a lei — que nos ensina. Quando me converti, eu considerava a Bíblia basicamente um livro de regras. Minha percepção era que ela me diria o que fazer (ou não fazer) e eu apenas obedeceria. Era tão simples quanto isso, eu pensava na minha ingenuidade de recém-convertido.

Assim, para mim, os preceitos práticos da Bíblia não passavam de uma declaração da lei de Deus. Eles me ordenavam, mas não me davam nenhuma capacidade de obedecer. Além disso, essas ordens me condenavam por não

obedecer como sabia que deveria. Minha impressão era que, quanto mais tentava, mais eu fracassava.

Eu não sabia nada sobre a capacitação da graça de Deus para viver a vida cristã. Achava que era tudo uma questão de pura determinação e força de vontade. E um fato igualmente importante era meu fraco entendimento da graça perdoadora de Deus por meio do sangue de Cristo. Assim, eu me sentia tanto culpado quanto impotente — culpado por causa dos recorrentes padrões pecaminosos na minha vida e impotente para fazer qualquer coisa quanto a eles.

No entanto, minha experiência não foi incomum. Na realidade, eu diria que é relativamente típica, não apenas entre recém-convertidos, mas também entre muitos que são cristãos há bastante tempo. Essa é a razão de precisarmos entender que é a graça — e não a lei — que nos disciplina. Obviamente, Paulo personificou a graça na passagem de Tito. Na realidade, é Deus na sua graça, ou pela sua graça, que nos disciplina. Ou, para deixar a questão mais clara, a educação parental exercida por Deus em seus filhos é baseada nos princípios da graça e administrada no domínio da graça.

Quais são os princípios da graça? Basicamente, são as duas verdades que analisamos nos capítulos 3 e 4. A primeira é o perdão de todos os nossos pecados e a aceitação incondicional da nossa pessoa proporcionada pela obra expiatória de Jesus Cristo. A segunda é a libertação do domínio do pecado e o poder capacitador do Espírito em nós pela nossa união com Cristo. O que significa o fato de Deus administrar sua disciplina no domínio da graça? Significa que todo o ensino, educação e disciplina são administrados com amor e pelo nosso bem-estar espiritual. Significa que Deus nunca está indignado conosco, embora fique com frequência entristecido pelos nossos pecados. Significa que ele não nos condena nem considera nossos pecados contra nós. Tudo que ele faz em nós e a nós é feito com base no seu favor imerecido. Nas palavras de William Hendricksen: “A graça de Deus é seu favor ativo que confere a maior dádiva de todas àqueles que mereciam o maior castigo de todos”.[3]

Assim, onde a lei condena, a graça perdoa por meio do Senhor Jesus Cristo. Onde a lei ordena, mas não proporciona nenhuma capacitação, a graça ordena, mas capacita pelo Espírito Santo que mora e atua em nós.

Durante o período em que estava escrevendo este capítulo, almocei por acaso com um pequeno grupo que incluía um professor de Novo Testamento em um

dos nossos seminários evangélicos. Ele nos passou um pequeno verso útil que achava ser atribuível a John Bunyan, o autor de O peregrino, mas não pôde verificar isso. Quando nos citou o verso, pensei: “É isso que Paulo quis dizer com ‘A graça nos ensina’”.

Aí está. É fácil de memorizar, e, se memorizar o verso, ele ajudará você a captar a essência do que significa ser discipulado pela graça:

*Corra, João, corra. A lei ordena*

*Mas não dá nem mãos nem pés.*

*Melhores novas o evangelho traz;*

*Ele a voar me ordena e asas me dá.*

Dessa forma, como você está sendo discipulado? Pela lei ou pela graça? Obviamente, Deus está discipulando pela sua graça, mas qual sua percepção desse discipulado? Como você está buscando responder à educação parental de Deus? Você aceita o perdão da sua graça ou está se esforçando sob o fardo da culpa? Está dependendo da sua união com Cristo e o Espírito Santo em você para ser capaz de responder à educação divina ou a Bíblia é apenas um livro de regras que você está lutando para obedecer pela sua própria força de vontade?

Não se esqueça: a graça que lhe trouxe salvação é a mesma graça que o ensina. Mas você precisa responder com base na graça, e não na lei. Por isso é imprescindível sempre se lembrar do lema: “Pregue a graça a si mesmo todos os dias”.

[1] Matthew Henry, A commentary on the whole Bible (Old Tappan: Revell, s.d.), vol. 6, p. 867 [publicado em português por CPAD sob o título Comentário bíblico Matthew Henry].

[2] João Calvino, Calvin’s New Testament commentaries, edição de David W. Torrance e Thomas F. Torrance, tradução para o inglês de T. A. Smail (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), vol. 10: The Second Epistle of Paul to the Corinthians,

and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, p. 371.

[3] William Hendricksen, Commentary on I and II Timothy and Titus (London: The Banner of Truth Trust, 1959), p. 370 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Comentário do Novo Testamento — 1 e 2 Timóteo e Tito].

# 6

# TRANSFORMADOS NA SUA SEMELHANÇA

*E todos nós, que com a face descoberta contemplamos como que por um espelho a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de glória em glória, a qual vem do Senhor, o Espírito*

(2Co 3.18, NASB).

Algumas coisas na natureza são um mistério total para mim. Como um inseto que se arrasta pelo chão pode se transformar em um que voa? Como pode uma criatura de cor preta, penugenta e feia se transformar em uma criatura bela e fascinante com asas brilhantemente coloridas? Como um inseto destrutivo capaz de literalmente exterminar as folhas de uma árvore (ao menos um enxame desse tipo de inseto) pode se tornar uma criatura delicada capaz de pousar na pétala de uma flor sem deformá-la? Em resumo, como uma lagarta pode se tornar uma borboleta?

Não entendo o processo, mas sei a palavra para ele. É metamorfose. Essa palavra de cinco sílabas muito potente é usada para se referir ao que acontece quando uma lagarta tece um casulo firme e resistente à sua volta e, alguns dias depois, aparece como uma borboleta.

Muitas coisas no domínio espiritual também são um mistério total para mim. Como uma pessoa que é indiferente ou hostil a Deus pode se tornar um seguidor profundamente comprometido com Jesus Cristo? Como uma pessoa que é um escravo de hábitos pecaminosos destrutivos pode se tornar uma pessoa que tem domínio próprio, é gentil e compassiva? Como um judeu fanático e orgulhoso da própria justiça chamado Saulo de Tarso pode se tornar um Paulo humilde e modesto, o apóstolo dos gentios?

Novamente, eu não entendo o processo, mas sei seu nome. Em 2Coríntios 3.18, Paulo o chama de transformação (ser transformado). A palavra grega para transformação é metamorphoomai. É fácil perceber que a palavra metamorfose, em nosso idioma, é essencialmente uma transliteração de metamorphoomai. Acho um tanto fascinante e instrutivo o fato de Paulo usar a mesma palavra que designa a transformação de uma lagarta em uma borboleta para se referir à transformação espiritual na vida de um cristão. O processo é igualmente misterioso, e os resultados são ainda mais impressionantes.

Na verdade, o processo de transformação sobre o qual Paulo fala bem brevemente em 2Coríntios 3.18 é chamado santificação. Essa é mais uma daquelas palavras bastante potentes. É uma palavra que não faz parte do nosso vocabulário cotidiano e, talvez, até soe mesmo um pouco pretensiosa. Mas é uma palavra bíblica importante com que devemos nos familiarizar, se desejamos buscar a santidade. A santificação é a obra do Espírito Santo em nós responsável por uma transformação progressiva do nosso ser interior, libertando-nos cada vez mais de traços pecaminosos e desenvolvendo em nós ao longo do tempo as virtudes de um caráter semelhante a Cristo. No entanto, embora a santificação seja a obra do Espírito Santo em nós, ela também envolve nossa resposta de obediência total e o uso regular das disciplinas espirituais que são instrumentos de santificação.

## REGENERAÇÃO

A santificação já começa no momento da nossa conversão, quando, por um ato chamado regeneração, ou o novo nascimento, o princípio da vida espiritual é plantado em nós. Essa obra de regeneração é prometida em profecias do Antigo Testamento como Jeremias 31.33, em que Deus diz: “Porei a minha lei na mente deles e a escreverei nos seus corações”. E, em Ezequiel 36.26-27, ele diz: “Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis”.

No Novo Testamento, Paulo também descreveu a regeneração em 2Coríntios

5.17: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”. E, em Tito 3.5: “Ele nos salvou pelo lavar de renascimento [ou regeneração, como em muitas versões bíblicas] e renovação do Espírito Santo”.

Observe a transformação radical que é apresentada de modo explícito em cada uma dessas passagens das Escrituras. Deus porá sua lei na nossa mente e a escreverá no nosso coração. Em outras palavras, ele nos dará uma disposição que, em vez de ser hostil à lei de Deus, de fato terá prazer nela. A lei, que antes era apenas exterior, agora foi escrita em nosso coração pelo Espírito Santo, fazendo-nos obedecer.

O coração de pedra foi transformado em um coração de carne. “Coração de pedra” é uma figura de linguagem para um coração duro, que é insensível às coisas de Deus e incapaz de receber qualquer impressão da verdade divina. O coração de carne representa um coração macio e sensível, que é capaz e está disposto a receber e agir de acordo com as verdades da Palavra de Deus. Matthew Henry fala sobre esse versículo: “A graça renovadora opera uma transformação tão grande na alma quanto a transformação de uma pedra morta em carne viva”.[1]

Paulo disse em 2Coríntios 5.17 que, quando uma pessoa é unida com Cristo, há uma nova criação. Um cristão é uma pessoa radicalmente transformada no momento que crê em Cristo. Isso não significa que nos tornamos “santos” na prática de uma hora para outra. Significa que uma nova criação — um novo princípio de vida — foi plantado em nós pelo Espírito Santo, e é impossível voltarmos a ser o que éramos.

A expressão “nascer de novo”, extraída de João 3.3-8, é geralmente entendida como apenas ser salvo da pena do pecado. De acordo com Jesus, ela significa nascer do Espírito (Jo 3.6-8), ou seja, receber uma nova vida. Paulo disse a mesma coisa em Tito 3.5 ao se referir à renovação gerada pelo Espírito Santo.

Esse ato de regeneração ou novo nascimento pelo qual uma pessoa entra no reino de Deus (Jo 3.5) é exclusivamente a obra de Deus Espírito. Logo, é inteiramente uma obra da graça, assim como a santificação é. Também é um ato instantâneo de Deus. No momento em que somos justificados, também somos regenerados. Uma pessoa não pode ser justificada sem ser regenerada.

Novamente, minha preocupação é que há milhares de pessoas que se dizem cristãs que acham que foram justificadas, que seus pecados foram perdoados e que estão indo para o céu, mas que não mostram nenhuma evidência da obra regeneradora do Espírito Santo na sua vida. Meu temor é que um dia ouvirão aquelas palavras terríveis da boca de Cristo: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que praticam o mal!” (Mt 7.23).

Para não ser mal interpretado neste ponto, preciso afirmar de modo enfático que a solução para essas pessoas não é mudar sua conduta para constatarem algumas evidências de regeneração. A solução é ir a Jesus, renunciando a qualquer confiança na sua própria bondade, confessando que são pecadores diante de Deus e confiando inteiramente na sua obra expiatória. Apenas assim elas serão realmente justificadas (salvas da pena do pecado) e, ao mesmo tempo, genuinamente regeneradas (feitas uma nova criação em Cristo). Nessa situação, elas e outras pessoas ao seu redor constatarão a evidência de regeneração.

## SANTIFICAÇÃO

Portanto, a regeneração é o início da santificação ou, usando a palavra de Paulo em 2Coríntios 3.18, da transformação. Desse modo, a santificação é o cumprimento da regeneração até seu fim. William Plumer, um ministro presbiteriano do século 19, escreveu: “A regeneração é um ato do Espírito de Deus. A santificação é uma obra do Espírito de Deus, que resulta desse ato […] Na regeneração, nós nos tornamos ‘bebês recém-nascidos’; na santificação, alcançamos a condição de homens adultos em Cristo Jesus”.[2]

Às vezes, é feita a pergunta: “Qual a relação da santificação com a justificação? Uma pessoa pode ser justificada, mas não santificada?”. A resposta é: a justificação e a santificação são inseparáveis. Deus nunca concede a justificação sem a santificação (veja 1Co 1.30-6.11). A fonte de ambas as coisas é o amor infinito e a graça gratuita de Deus. Ambas são alcançadas pela fé. Na justificação, dependemos do que Cristo fez por nós na cruz. Na santificação, dependemos de Cristo para trabalhar em nós pelo seu Espírito Santo. Na justificação, bem como na regeneração, Deus age sozinho. Na santificação, ele atua em nós, mas provoca nossa resposta para cooperar com ele.

Citando William Plumer de novo:

A justificação é um ato de Deus completo de uma só vez e para sempre. A santificação é uma obra de Deus iniciada na regeneração, conduzida durante a vida e concluída na morte. A primeira é igual e perfeita em todas as pessoas; a segunda não é igual em todas as pessoas, não é perfeita em nenhuma pessoa até que ela se livre da carne. Na justificação, Deus nos imputa [isto é, credita] a justiça de Cristo; na santificação, ele [concede] graça e possibilita nosso exercício dela.[3]

A obra do Espírito Santo é uma obra da graça sob dois aspectos. Em um livro anterior, Graça que transforma, mostrei que as Escrituras usam a palavra graça de modos diferentes, mas relacionados. O significado mais amplo e mais comum é o favor imerecido de Deus a nós por meio de Jesus Cristo. Mas há vários casos nas Escrituras em que o significado é o auxílio de Deus a nós por meio do Espírito Santo.[4] Contudo, até mesmo esse auxílio divino é um resultado do favor imerecido de Deus. Assim, quer vejamos a santificação como uma bênção imerecida, que ela é, quer como a obra graciosa do Espírito em nós, ela é de fato uma obra da graça.

Nossa parte, isto é, nossa resposta à obra do Espírito Santo e nossa cooperação com ele na sua obra, é a busca da santidade. Analisaremos nossa parte na santificação a partir do capítulo 7. Mas, por enquanto, quero enfatizar que buscar a santidade, ainda que exija nosso esforço diligente, depende do poder capacitador do Espírito Santo. O apóstolo Paulo expressou esse princípio de disciplina dependente de modo bem sucinto em Filipenses 4.13: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Paulo fez sua parte, nesse sentido, aprendendo a viver contente. Mas ele se esforçou por meio da força capacitadora do Espírito Santo. É difícil entender esse princípio de ser responsável e ainda assim dependente. Mas é absolutamente vital que o entendamos e vivamos de acordo com ele.

## O PROPÓSITO

O propósito da santificação é nossa semelhança com o Senhor Jesus Cristo. Paulo disse em 2Coríntios 3.18 que “estamos sendo transformados na sua semelhança”. Em Romanos 8.29, ele disse que Deus “predestinou [todos os cristãos] para serem conformes à semelhança do seu Filho”. A semelhança com Cristo é o propósito de Deus para todos os que creem em Cristo, e esse também deve ser o nosso objetivo.

Ambas as palavras, transformados e conformes, têm a mesma raiz, forma, que significa um padrão ou molde. “Sendo transformados” se refere ao processo; “conformes” se refere ao produto final. Jesus é nosso padrão ou molde. Estamos sendo transformados para no fim sermos conformes à semelhança de Jesus.

Assim, a santificação ou santidade (as palavras são um tanto permutáveis) é conformidade à semelhança de Jesus Cristo. Vemos essa mesma ideia expressa com palavras diferentes em outras passagens das Escrituras. Em Efésios 4.24, Paulo disse que nosso novo homem é “criado para ser semelhante a Deus em verdadeira justiça e verdadeira santidade”. O autor de Hebreus afirmou que Deus nos disciplina “para que participemos da sua santidade” (Hb 12.10) e, em 1Pedro 1.16, o apóstolo Pedro cita uma passagem do Antigo Testamento em que Deus disse: “Sejam santos, porque eu sou santo” (grifos do autor nas três citações bíblicas).

Como podemos saber que estamos sendo transformados cada vez mais na semelhança de Cristo? Começamos com uma análise do caráter dele. Uma das minhas caracterizações preferidas de Cristo é que ele “amou a justiça e odiou a iniquidade” (Hb 1.9). Jesus não apenas agiu de modo justo, ele também amou a justiça. Na sua humanidade, ele amou a equidade, a imparcialidade, a justiça e o tratamento correto de outras pessoas. Ao mesmo tempo, ele odiou a iniquidade. Jesus odiou o pecado como pecado. Nós, muitas vezes, odiamos as consequências do pecado (mesmo que aparentem não ser mais do que os sentimentos de culpa resultantes do pecado), mas suspeito que raramente odiamos o pecado como pecado. Vimos no capítulo 2 que o pecado é uma rebelião contra a autoridade, um desprezo a Deus e um desafio às suas ordens. Realmente odiamos o pecado quando o observamos na nossa vida por causa da natureza desprezível dele? Na medida em que fazemos isso, estamos sendo transformados na semelhança de Cristo.

Uma outra passagem útil é João 6.38: “Pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou”. O objetivo completo de Jesus na sua vida terrena foi fazer a vontade do seu Pai, ainda que essa vontade tenha culminado no ato de Jesus dar sua vida pelas suas ovelhas. Para nos tornarmos cada vez mais semelhantes a ele, devemos crescer em direção ao mesmo objetivo de buscar sua vontade. Ser como Jesus não é apenas parar de cometer alguns pecados óbvios como mentir, trair, fofocar e ter pensamentos impuros. Ser como Jesus é buscar sempre fazer a vontade do Pai. Esse é um padrão muito elevado. Temos o desejo frequente de fazer nossa própria vontade, resultando em ações que talvez não tenham o aspecto de pecaminosas em si mesmas. Mas elas são pecaminosas se não são a vontade do Pai.

Não apenas Jesus fez a vontade do Pai, não apenas esse foi o objetivo de toda sua vida, mas Salmos 40.8 nos diz que ele tinha prazer em fazer a vontade do Pai.[5] Assim, nos tornarmos como Jesus é estarmos na situação de termos prazer em fazer a vontade do Pai, por mais sacrificial ou desagradável que essa vontade aparente ser no momento, pelo simples fato de ser a vontade dele.

Assim, há a declaração de Jesus em João 8.29: “pois sempre faço o que agrada a ele [o Pai]”. Tudo que Jesus fez foi feito com o objetivo de agradar ao Pai. E, sem dúvida, ele alcançou esse objetivo de modo perfeito. E quanto a nós? Com que frequência pensamos, falamos ou agimos com o objetivo de agradar ao Pai? Obviamente, nunca alcançaremos esse objetivo na extensão que Jesus alcançou, mas a pergunta continua: qual é o nosso objetivo? É agradar ao Pai em tudo que fazemos ou é apenas vivermos do modo mais confortável possível?

Considere também o fato de Deus examinar não apenas nossas ações, mas também nossas intenções (veja 1Cr 28.9; Pv 16.2; 1Co 4.5). No exterior, podemos fazer ou dizer a coisa certa, mas qual é nossa motivação? É agradar ao Pai, ou é às vezes nos sentirmos bem conosco mesmos ou para que os outros nos vejam com bons olhos? Não estou dizendo que sempre devemos estar questionando nossas intenções; apenas estou tentando apresentar uma caracterização, em alguma medida, do que significa ser transformado cada vez mais na semelhança de Cristo.

## UM PROCESSO

A partir do padrão da vida de Jesus, podemos perceber facilmente que a conformidade a ele é um processo que dura a vida inteira e um objetivo que nunca será alcançado completamente nesta vida. Essa é a razão de Paulo se referir à transformação contínua sendo gerada em nós com sua expressão em 2Coríntios 3.18, “com glória cada vez maior” ou, na tradução mais literal da New American Standard Bible, “de glória em glória”. Isto é, à medida que o Espírito de Deus atua em nós, avançamos de um estágio de glória para o seguinte. Como Charles Hodges escreveu: “A transformação é levada adiante sem interrupção, desde a primeira limitada semelhança discernível até a conformidade plena à imagem de Cristo, tanto na alma quanto no corpo”.[6]

Pelo fato de a santificação ser um processo, sempre haverá um conflito em nós entre a “carne”, ou a natureza pecaminosa, e o Espírito Santo. Paulo descreve esse conflito em Gálatas 5.17: “Pois a natureza pecaminosa deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à natureza pecaminosa. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam”. Ele apresentou uma elaboração mais detalhada desse conflito em Romanos 7.14-25, em que disse coisas como: “Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo” (v. 18).

Sei que não é um consenso de todos os expositores bíblicos que a tensão descrita em Romanos 7.14-25 é uma caracterização de uma experiência cristã normal, sem mencionar de uma pessoa que está buscando a santidade de modo vigoroso. No entanto, que cristão honesto não admitiria a distância frequente entre seus desejos espirituais e o próprio desempenho? Quem de nós não admitiria que, “quando queremos fazer o bem, o mal está junto a nós” (v. 21) é um lamento frequente?

Os comentários de John Murray são muitíssimo úteis aqui. Ele escreveu:

A presença do pecado no cristão envolve um conflito no seu coração e em sua vida. Se o pecado ainda permanece em alguma medida na sua natureza pecaminosa, é necessário haver o conflito que Paulo descreve em Romanos 7.14ss. É fútil argumentar que esse conflito não é normal. Se ainda há pecado,

em qualquer medida, em uma pessoa que é habitada pelo Espírito Santo, então, há tensão, sim, há contradição no coração dessa pessoa. De fato, quanto mais santificada é essa pessoa, mais conformada é à imagem do seu Salvador, mais precisa rechaçar toda ausência de conformidade à santidade de Deus. Quanto mais profunda for sua compreensão da majestade de Deus, quanto maior for a intensidade do seu amor a Deus, quanto mais persistente for seu anseio pela obtenção do elevado prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus, mais consciente a pessoa será da gravidade do pecado que permanece nela e mais aguda será sua aversão a ele.[7]

Imagine que você está entrando em uma sala com um regulador para iluminação. Ao entrar, a iluminação é fraca e você vê todos os móveis arrumados, não vê nenhum jornal deixado em algum canto e nenhum copo sujo na mesa de centro. A sala aparenta estar arrumada e limpa. Mas, quando você aumenta a voltagem da iluminação, começa a ver pó nos móveis, manchas nas paredes, a pintura descascando e pontos gastos no carpete. A sala que na luz fraca não exibia nenhum problema subitamente se mostra suja e desagradável debaixo do brilho intenso da luz mais forte.

Isso é o que acontece na vida de uma pessoa que está buscando a santidade. Inicialmente, sua vida talvez aparente ser relativamente boa por você ter sido um tipo de pessoa decente e sem nenhum pecado flagrante visível. Então, o Espírito Santo começa a "aumentar a voltagem" da sua palavra e revelar os pecados mais sutis e "sofisticados" dos quais você nem sequer estava ciente. Ou, talvez, estivesse ciente de certos pensamentos ou ações, mas sem saber que eram pecaminosos.

Uma analogia ainda melhor talvez seja a iluminação com um holofote nos cantos mais sombrios e escondidos de uma casa velha. O Espírito Santo está continuamente iluminando com seu holofote de convicções os cantos obscuros do nosso coração, revelando atitudes e ações pecaminosas das quais não estávamos cientes. Esses pecados recém-descobertos geralmente nos deixam tristes e aflitos. E, quanto mais santa uma pessoa é, mais triste e aflita ela fica. Então, quando tentamos lidar com esses pecados, descobrimos que eles estão obstinadamente arraigados nos nossos hábitos de vida, não sendo fácil expulsá-los. Ou um hábito pecaminoso que achávamos que havíamos eliminado de modo definitivo acaba reaparecendo e aparentamos ser impotentes diante do seu

ataque. Todas essas experiências estabelecem a tensão que Paulo descreveu na segunda metade de Romanos 7.

Isso significa que não estamos em uma situação melhor do que o descrente que luta com algum hábito que quer eliminar? De modo algum. John Murray apresenta uma percepção útil sobre a diferença entre a luta de um cristão com o pecado e a de um descrente com alguns hábitos indesejáveis. Ele escreveu:

É necessário haver uma compreensão constante e crescente de que, embora o pecado continue na nossa vida, ele não tem o domínio. Há uma diferença total entre o pecado remanescente e o pecado que reina, o regenerado em conflito com o pecado e o não regenerado complacente com o pecado. Uma coisa é o pecado viver em nós; outra coisa é nós vivermos no pecado.[8]

O puritano Samuel Bolton também nos ajuda a perceber a diferença ente a luta do crente com o pecado e o domínio do pecado no descrente:

Nós [cristãos] ainda temos a presença do pecado, ainda mais, as inspirações e as operações da corrupção. Essas coisas produzem em nós muitos corações tristes e lágrimas. No entanto, Cristo por enquanto nos libertou do pecado; ele já não tem mais domínio. Pode haver turbulência, mas não o predomínio do pecado […] [O pecado] pode vir a alcançar o trono do coração e fazer de conta que é um tirano neste ou naquele ato particular de pecado, mas ele nunca será mais como um rei ali.[9]

O pecado é como um exército derrotado em uma guerra civil que, em vez de se render e parar de lutar, simplesmente desaparece no interior do país, do qual continua travando um combate de guerrilha para perturbar e sabotar as forças governamentais. O pecado como um poder dominante está derrotado na vida do cristão, mas ele nunca se renderá. Ele continuará nos perturbando e tentando sabotar nossa vida cristã enquanto estivermos vivos.

É importante entendermos essa diferença entre o descrente que vive conformado com o pecado e o cristão que luta contra o pecado. Para buscarmos a santidade, precisamos aceitar o fato de que haverá uma tensão contínua em nós entre nossos desejos e nosso desempenho. Como o teólogo britânico J. I. Packer disse tantas vezes, nosso alcance sempre irá além do que podemos pegar.

## O AGENTE

Quem é responsável por essa transformação? É o Espírito Santo. Paulo disse em 2Coríntios 3.18 que estamos sendo transformados pelo "Senhor, que é o Espírito". O verbo sendo transformados é passivo — ou seja, algo está sendo feito a nós, e não por nós. Isso não significa que não temos nenhuma responsabilidade na santificação. Significa que em última análise é o Espírito de Deus que nos transforma. Ele nos insta a cooperar com ele e a executar a função que nos designou a fazer, mas ele é aquele que trabalha no fundo do nosso caráter para nos transformar.

A busca da santidade tem sido um objeto central dos meus pensamentos e estudo há quase 35 anos. Ao longo desse período, acabei percebendo — a partir tanto do estudo pessoal quanto da observação da minha vida — que a obra profunda de transformação da minha alma foi o que o Espírito Santo fez, e não o que eu fiz. Posso mudar minha conduta em alguma medida, mas apenas ele pode transformar meu coração.

Várias passagens das Escrituras enfatizam o fato de a santificação ser acima de tudo a obra do Espírito Santo. Em 1Tessalonicenses 5.23-24, Paulo disse: "Que o próprio Deus, o Deus da paz, santifique vocês inteiramente. Que todo o espírito, alma e corpo de vocês sejam conservados imaculados na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele que os chama é fiel, e fará isso". Observe que o próprio Deus nos santificará "inteiramente". Em outras palavras, ele completará o processo de forma total.

Novamente, Paulo escreveu em Filipenses 1.6: "[Tenham] certeza de que aquele que começou a boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus". Por fim, o autor de Hebreus orou para que Deus "opere em nós o que lhe é

agradável” (Hb 13.21). Embora essas passagens se refiram a Deus em um sentido não específico, ou usem o pronome ele, sabemos a partir de outras passagens que a obra de santificação na Trindade é principalmente a obra do Espírito Santo (2Ts 2.13; 1Pe 1.2). Desse modo, devemos orar diariamente pela obra de santificação do Espírito em nós. Uma das minhas orações favoritas é usar as palavras de Hebreus 13.21 para pedir que ele opere em nós o que lhe é agradável (examinaremos mais a função da oração na santificação no capítulo 8).

O Espírito de Deus, de fato, nos deu certas responsabilidades no processo de santificação. Aliás, a Bíblia está repleta de exortações, desafios e ordens que devemos obedecer, bem como disciplinas espirituais que devemos praticar. Analisaremos essas coisas a partir do capítulo 7. No entanto, agora estou enfatizando a obra do Espírito por sermos tendenciosos em perder de vista que ele é o agente da santificação.

O modo de o Espírito operar a santificação na nossa vida está envolto em mistério. Paulo disse que ele opera em nós “o querer e o realizar de acordo com a boa vontade dele” (Fp 2.13), mas ele nunca nos diz como o Espírito Santo interage conosco ou atua em nosso espírito humano. Gosto de saber como as coisas funcionam e, por um tempo, tentei descobrir como o Espírito Santo interage com nosso espírito, mas acabei chegando à conclusão de que essa era uma investigação fútil. Sobre esse tema, os comentários de John Murray são úteis mais uma vez: “Não sabemos o modo da habitação do Espírito, nem o modo da sua operação eficaz no coração, na mente e vontade do povo de Deus pelo qual são purificados cada vez mais da corrupção do pecado e cada vez mais transformados segundo a imagem de Cristo”.[10]

Muitas vezes estaremos conscientes da atuação do Espírito Santo na nossa vida e até mesmo seremos capazes de discernir o que ele está fazendo até certo ponto, em especial naqueles casos em que ele provoca uma resposta consciente em nós. Mas, usando as palavras de John Murray mais uma vez: “Não devemos achar que a medida do nosso entendimento ou experiência é a medida da atuação do Espírito”.[11]

## OS MEIOS

Embora o Espírito Santo seja o agente da santificação, e ele atue em nós dessa maneira misteriosa, também é verdade que ele usa meios racionais e compreensíveis de nos santificar. Alguns desses meios, como adversidades, a exortação e o encorajamento de outras pessoas, estão fora da nossa capacidade de controle. Com outros meios, como o aprendizado, a aplicação das Escrituras e o uso frequente da oração, o Espírito demanda nossa iniciativa. Trataremos desses meios em capítulos posteriores. Por enquanto, quero focar em um só meio específico que Paulo menciona em 2Coríntios 3.18 — isto é, contemplar a glória de Cristo.

Paulo escreveu: “Mas todos nós, com a face descoberta, contemplamos como em um espelho a glória do Senhor e estamos sendo transformados” (2Co 3.18, NASB).[12] Ou seja, contemplar a glória do Senhor é um meio que o Espírito Santo usa para nos transformar.

Qual é a glória do Senhor a que Paulo se referiu e como contemplá-la nos transforma? Em primeiro lugar, a glória do Senhor denota a presença de Deus e tudo que ele é em todos os seus atributos — sua infinitude, eternidade, santidade, soberania, bondade e assim por diante. Em outras palavras, Deus é glorioso em todo o seu ser e em todas as suas obras. No entanto, no contexto de 2Coríntios 3.18, Paulo estava contrastando a glória da lei concedida por Moisés com a glória extremamente superior do evangelho (veja 2Co 3.7-11). Depois, em 2Coríntios 4.4, ele se referiu ao “evangelho da glória de Cristo”. Por isso, a glória de Cristo são boas notícias, pois a palavra evangelho significa boas notícias.

Essa forte conexão entre o evangelho e a glória de Cristo me faz achar que Paulo, nesse caso, tinha em mente a glória de Cristo, em especial como revelada no evangelho. A lei revela a glória de Deus na sua justiça; o evangelho revela a glória de Deus tanto na sua justiça quanto na sua graça. A morte de Cristo revela a justiça de Deus por ter satisfeito a justiça de Deus, mas também revela a graça de Deus por significar a salvação daqueles que apenas merecem a ira eterna.

Além disso, o evangelho revela a sabedoria de Deus por exibir um modo infinitamente magnífico de satisfazer nossa necessidade desesperada sem sacrificar a santidade divina. E ele revela o poder de Deus, exibido tanto quando Deus ressuscita Jesus dos mortos quanto ao nos ressuscitar da vida espiritual para uma nova vida em Cristo. Assim, o evangelho une e harmoniza todos esses atributos gloriosos do Senhor: sua justiça com sua graça, sua justiça com sua

misericórdia, seu poder com seu amor, sua sabedoria com sua paciência e compaixão.

Ao que parece, porém, Deus deseja enaltecer sua graça de um modo especial a nós, pois Paulo escreveu em Efésios 2.6-7: “E Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus”. A expressão central é que Deus possa mostrar a incomparável riqueza da sua graça. Esse é o objetivo de Deus na salvação de seres humanos caídos: a exaltação da sua graça demonstrada a nós em Cristo.

James Fraser (1700-1769), um obscuro pastor escocês, escreveu um tratado magistral sobre a santificação que foi reconhecido como um clássico na sua época e recebeu uma reimpressão recente. Nesse livro, ele fala sobre a glória do evangelho:

É o evangelho que demonstra a glória mais elevada de Deus, e o propósito central de Deus é exibi-la diante de homens pecaminosos, sendo ela a própria glória de Deus que brilhou na face de Cristo. É o evangelho que apresenta a glória de Cristo, e é por meio dele que o próprio Espírito Santo é glorificado; e é ele que será honrado com a influência concomitante [conjunta] do Espírito Santo […]

Agora deve ser feita a pergunta: qual é essa doutrina especial do evangelho e, em um sentido mais exato, a doutrina da fé? Darei uma resposta breve.

Toda a verdade revelada deve ser grandemente valorizada e recebida pela fé; e, sendo usada apropriadamente, pode ser subserviente ao objeto e desígnio do evangelho. Mas o objeto especial do evangelho é Cristo; e pregar a Cristo, segundo a luz e a direção da palavra de Deus, é pregar o evangelho […] Pregar a Cristo, o Salvador e Senhor, é a essência da pregação do evangelho.[13]

Assim, essa é a glória que tem um efeito transformador em nós. É a glória de Cristo revelada no evangelho, as boas notícias de que Cristo morreu em nosso lugar como nosso representante para nos livrar não apenas da pena do pecado,

mas também do seu domínio. Um entendimento e apropriação claros do evangelho, que nos dá liberdade da culpa e do domínio do pecado, são, quando usados pelo Espírito Santo, um meio central de santificação.

O grau em que sentimos que estamos em um relacionamento legalizado ou de desempenho com Deus é o grau em que nosso progresso na santificação é impedido. Um modo legalizado de pensar dá ao pecado em nós uma vantagem, pois nada enfraquece mais o desejo de buscar a santidade do que um sentimento de culpa. Pelo contrário, nada nos motiva tanto a lidar com o pecado na nossa vida como o entendimento e a aplicação das duas verdades de que nossos pecados foram perdoados e de que o domínio do pecado foi destruído por causa da nossa união com Cristo.

Robert Haldane, em seu comentário de Romanos, cita um autor anterior identificado apenas como “sr. Romaine”, que disse: “Nenhum pecado pode ser crucificado no coração ou na vida sem ter sido primeiro perdoado na consciência; pois haverá falta de fé para receber a força de Jesus, que é o único capaz de crucificar esse pecado. Se ele não for mortificado [considerado morto] na culpa, é impossível subjugá-lo no poder”.[14]

Analisaremos a disciplina de mortificar o pecado, ou subjugá-lo, no capítulo 11. Mas por enquanto, devemos examinar a conexão feita por sr. Romaine entre o pecado ser perdoado na nossa consciência e nossa capacidade de depender de Cristo para termos a força para subjugá-lo. A purificação da nossa consciência da culpa do pecado deve ser anterior aos nossos esforços de lidar com a presença do pecado na nossa vida diária.

Nas palavras de Hebreus 9.14, é o “sangue de Cristo” que “purificará a nossa consciência de atos que levam à morte [isto é, de atos pecaminosos], de modo que sirvamos ao Deus vivo!”. É totalmente impossível servirmos a Deus ou buscarmos a santidade com qualquer vigor se estamos lidando com uma consciência culpada. Portanto, é necessário o evangelho nos lembrar que nossos pecados foram perdoados em Cristo e que o “sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7).

Assim, nossa responsabilidade específica na busca da santidade, como vista em 2Coríntios 3.18, é contemplarmos a glória do Senhor como apresentada no evangelho. O evangelho é o “espelho” pelo qual agora contemplamos a beleza dele. Um dia veremos Cristo não como em um espelho, mas face a face. Então,

“seremos como ele, pois o veremos como ele é” (1Jo 3.2). Mas, enquanto esse dia não chega, nós o contemplamos no evangelho. Portanto, devemos “pregar o evangelho a nós mesmos todos os dias”.

Contemplar a glória de Cristo no evangelho é uma disciplina. É um hábito que deve ser desenvolvido pela prática enquanto aprendemos a pregar o evangelho a nós mesmos. Como eu já disse repetidas vezes, embora a santificação seja a obra do Espírito Santo, é uma obra em que ele nos envolve. Em capítulos posteriores, examinaremos outras disciplinas que precisamos praticar na busca da santidade. Mas nenhuma é mais importante do que a disciplina de contemplar a glória de Cristo no “espelho” do evangelho.

[1] Matthew Henry, A Commentary on the whole Bible (Old Tappan: Revell, n.d.), vol. 4, p. 962 [publicado em português por CPAD sob o título Comentário bíblico Matthew Henry].

[2] William S. Plumer, The grace of Christ, or sinners saved by unmerited kindness (Keyser: Odom Publications, s.d.; publicação original em 1853), p. 278, grifo do autor da citação.

[3] Ibid., p. 279.

[4] Para uma análise mais detalhada desse segundo significado de graça, veja Jerry Bridges, Transforming grace (Colorado Springs: NavPress, 1991), p. 137-8 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Graça que transforma].

[5] “Desejo fazer a tua vontade, ó meu Deus.” Todas as outras versões de que disponho traduzem por “Tenho prazer em fazer [a tua vontade] (grifo do autor). Veja KJV, NKJV, RSV, NASB, MLB, TLB e ASV.

[6] Charles Hodge, Second Epistle to the Corinthians, ed. rev. (London: The Banner of Truth Trust, 1959), p. 78.

[7] John Murray, Redemption—accomplished and applied (London: The Banner of Truth Trust, 1961; publicação original em 1955), p. 144-5 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Redenção consumada e aplicada].

[8] Ibid., p. 145.

[9] Samuel Bolton, The true bounds of Christian freedom (Edinburgh: The Banner

of Truth Trust, 1964; publicação original em 1645), p. 26.

[10] John Murray, Redemption—accomplished and applied, p. 146.

[11] Ibid., p. 147.

[12] Usei a versão da NASB para 2Coríntios 3.18, pois essa versão, bem como a maioria das outras versões, diz “contemplamos” a glória do Senhor, enquanto a NIV diz “refletimos” a glória do Senhor. Embora ambos os significados sejam plausíveis, penso que o contexto favoreça o uso de “contemplamos”.

[13] James Fraser, A treatise on sanctification (Audubon: Old Paths Publications, 1992; publicação original em 1774, edição revisada de 1897), p. 464-5.

[14] Robert Haldane, Exposition of the Epistle to the Romans (London: The Banner of Truth Trust, 1958; publicação original em c. de 1842), p. 253-4.

# 7

# OBEDECENDO AO GRANDE MANDAMENTO

*"Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?" Respondeu Jesus: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas"*

(Mt 22.36-40).

Tenho prazer na comunhão com Deus, e muitas manhãs acordo com as seguintes palavras na minha mente: "Eu te amo, Senhor".

No entanto, a impressão que tinha por um tempo era que a voz calma e baixa de Deus estava dizendo na minha mente: "É mesmo?". Após algumas dessas ocasiões, comecei a refletir sobre o que estava dizendo. O que eu queria dizer com "Eu te amo, Senhor?". E, por que tinha a impressão de Deus não estar tão impressionado assim com minhas expressões sinceras de amor a ele?

Quando eu dizia: "Eu te amo, Senhor", estava expressando um sentimento de prazer em Deus e o fato de estar ansioso pela minha comunhão com ele durante meu tempo devocional matinal. Eu não via a hora de estar vestido. Meu desejo era estar com Deus; ter prazer na sua palavra; compartilhar meu coração com ele em oração; e, nas palavras de Davi:

contemplar a beleza do Senhor

e buscá-lo no seu templo (Sl 27.4).

Qual é o problema com isso? Esses não são desejos nobres e piedosos? Por que havia esse pensamento persistente na minha mente de que Deus não estava tão convicto assim do meu amor?

Comecei a refletir sobre a pergunta: o que significa amar a Deus? Essa é uma pergunta importante. Afinal de contas, Jesus disse que o maior mandamento é: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mt 22.37). Amar a Deus de todo o meu coração, alma e mente obviamente significa amá-lo com todo o meu ser, com tudo que tenho. E, para amar a Deus com esse compromisso total, preciso saber o que significa amar a Deus. Assim, comecei a estudar essa passagem em Mateus.

A primeira coisa que percebi na resposta de Jesus, em Mateus 22, é que ele na verdade citou uma passagem do Antigo Testamento. A pergunta feita a ele foi: “Qual é o maior mandamento da Lei?”. Assim, Jesus foi direto à Lei, especificamente Deuteronômio 6.5, e citou esse versículo como resposta. Assim, decidi estudar esse maior mandamento de todos no seu contexto original no Antigo Testamento.

Para entendermos o que Deus está dizendo a nós, precisamos examinar Deuteronômio 6.5 no seu contexto. Para facilitar o acompanhamento da lição central que aprendi dessa passagem, reproduzirei Deuteronômio 6.1-8 aqui mesmo.

Estes são os decretos, mandamentos e leis que o Senhor, o seu Deus, ordenou que eu lhes ensinasse, para que vocês os cumpram na terra para a qual estão indo para dela tomar posse. Desse modo, vocês, seus filhos e seus netos temerão ao Senhor, o seu Deus, durante todos os dias da sua vida, guardando todos os teus decretos e mandamentos, que eu lhes ordeno, e, desse modo, terão vida longa. Ouça e obedeça, ó Israel! Assim tudo lhe irá bem e você será muito numeroso numa terra onde manam leite e mel, como lhe prometeu o Senhor, o Deus dos seus antepassados.

Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todos estes mandamentos que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Grave-os

no coração dos seus filhos. Converse sobre eles quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-os como um sinal nas mãos e prenda-os na testa.

## COMO AMAR A DEUS

Durante a leitura desses versículos de Deuteronômio, uma coisa que fica clara é que a mensagem central é a obediência a Deus. Observe a proeminência de palavras como mandamentos, decretos e leis (veja os v. 1- 2- 6). Então observe a ênfase que é dada à obediência a esses mandamentos, decretos e leis.

Devemos cumpri-los (v. 1), guardá-los (v. 2) e obedecê-los (v. 3). Eles devem estar no nosso coração (v. 6). Devemos gravá-los nos nossos filhos e falar sobre eles o tempo inteiro; isto é, quando estamos sentados em casa, andamos pelo caminho, nos deitamos e nos levantamos (v. 7). Devemos usar todo tipo de recurso que sempre nos faça lembrar os mandamentos de Deus.

Para os israelitas, isso significava prendê-los nas mãos e testas (v. 8) e escrevê-los nos batentes das portas e portões (v. 9). Para nós, isso poderia significar uma nota adesiva com um versículo pertinente das Escrituras colada no espelho do banheiro ou no relógio da nossa mesa. Para um amigo meu significa um pequeno cartão com uma passagem bíblica para o dia que ele leva no bolso da camisa e que consulta ao longo do dia. Para um outro amigo meu que tinha um problema com um “pé pesado” no acelerador, significava deixar um cartão no painel do carro com a seguinte paráfrase de 1João 2.6: “Aquele que afirma estar nele deve dirigir como Jesus dirigiria”. Certamente, o lembrete mais óbvio é a disciplina da memorização de passagens bíblicas. Nosso ato diário de memorizar passagens bíblicas centrais e meditar sobre elas é, sem dúvida alguma, o modo mais eficaz de manter os mandamentos de Deus continuamente diante de nós.

É em meio a essa forte ênfase dos judeus na obediência à lei de Deus e na necessidade prática de manter os preceitos divinos sempre diante deles para obedecerem, que encontramos o maior mandamento: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças” (v. 5). Portanto, concluí que, entre todas as coisas que poderiam estar envolvidas em

amar a Deus de todo o meu coração, a obediência à lei dele certamente era uma delas.

(Novamente, quero lembrá-lo de que, quando falo sobre a lei de Deus na sua aplicação a nós atualmente, refiro-me à lei moral permanente de Deus, que é obrigatória para todo ser humano. Não estou me referindo à lei dada a Israel por meio de Moisés, parte da qual era temporária, como a lei cerimonial e a lei civil.)

Essa identificação da obediência a Deus com o amor a Deus é um aspecto proeminente do livro de Deuteronômio. Sem tentar esgotar essa questão, achei seis outras palavras no livro em que o amor e a obediência estão unidos. Para nos ajudar a sentir o impacto dessa forte ênfase, elas são citadas a seguir:

E agora, ó Israel, que é que o Senhor, seu Deus, pede de você, senão que tema o Senhor, o seu Deus, que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva ao Senhor, ao seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, e que obedeça aos mandamentos e aos decretos do Senhor, que hoje lhe dou para o seu próprio bem? (Dt 10.12-13).

Portanto, se vocês obedecerem fielmente aos mandamentos que hoje lhes dou — amar o Senhor, o seu Deus, e servi-lo de todo o coração e de toda a alma… (Dt 11.13).

Se vocês obedecerem cuidadosamente a todos os mandamentos que lhes mando cumprir — amar o Senhor, o seu Deus, andar em todos os seus caminhos e apegar-se a ele… (Dt 11.22).

Porque vocês obedecem fielmente a todas estas Leis que hoje lhes ordeno — amar o Senhor, o seu Deus, e sempre andar nos seus caminhos (Dt 19.9).

O Senhor, o seu Deus, circuncidará o coração de vocês e os de seus descendentes, para que o amem de todo o coração e de toda a alma e vivam […] Vocês obedecerão de novo ao Senhor e seguirão todos os seus mandamentos que lhes dou hoje (Dt 30.6-8).

Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida, para que vocês e os seus filhos vivam e para que vocês amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a sua voz e se apeguem firmemente a ele. Pois o Senhor é a sua vida, e ele lhes dará muitos anos na terra que jurou dar aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó (Dt 30.19-20).

Não deveria nos surpreender que a obediência à lei de Deus seja uma parte central de amá-lo. Afinal de contas, Jesus disse: “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele” (Jo 14.21; veja também os v. 15-23). E o apóstolo João escreveu: “Nisto consiste o amor a Deus: obedecer aos seus mandamentos” (1Jo 5.3). Conheço João 14.21 há muitos anos. Preguei esse versículo e escrevi sobre ele. Ensinei que a evidência do nosso amor a Deus é nossa obediência a ele. Ou, em outras palavras, nosso amor a Deus sempre se manifestará em obediência a ele.

## OBEDIÊNCIA DE “PILOTO AUTOMÁTICO”

Então, o que é novo? O que aprendi do meu estudo de Mateus 22.37 e Deuteronômio 6.5 que ainda não sabia? O que constatei foi a intensidade e o compromisso total com que devo obedecer a Deus. Se devemos amar a Deus de todo o nosso coração, alma e mente e se a obediência é uma parte central desse amor, a consequência é que devemos obedecer a ele de todo o nosso coração, alma e mente. Devemos dedicar tudo que temos à obediência a ele.

Minha observação é que a maior parte de nós, cristãos, pratica o que chamo de uma abordagem de “piloto automático” à obediência. Muitos carros atuais têm uma vantagem conveniente chamada “piloto automático”. Quando você está dirigindo na estrada, pode acelerar até alcançar a velocidade desejada, apertar o botão de “piloto automático” e tirar o pé do acelerador. Um mecanismo ligado ao motor manterá essa velocidade desejada e você poderá tirar o pé do acelerador e relaxar um pouco. Você não precisa ficar observando o velocímetro para não ganhar uma multa por excesso de velocidade, e seu pé não ficará cansado por pisar constantemente no acelerador. Isso é muito conveniente e relativamente relaxante. É uma grande vantagem em carros.

No entanto, nossa tendência é obedecer a Deus do mesmo modo. Continuando na mesma analogia, pisamos no acelerador da obediência até levarmos a obediência a um certo nível ou “velocidade”. O nível de obediência é determinado na maioria das vezes pelo padrão de conduta exibido por outros cristãos à nossa volta. Não queremos ficar atrás deles porque queremos ser tão espirituais quanto eles. Ao mesmo tempo, não ansiamos por passar na frente deles porque não gostaríamos de ser diferentes. Nosso único desejo é nos adequarmos confortavelmente ao nível de obediência daqueles à nossa volta.

Tendo alcançado esse nível confortável de obediência, apertamos o botão do “piloto automático” no nosso coração, tiramos o pé do acelerador e relaxamos. Nossa cultura cristã específica, então, assume o controle e nos mantém indo no nível aceito de conduta. Não precisamos observar as placas de limite de velocidade na palavra de Deus e, certamente, não precisamos experimentar o cansaço gerado por buscar obedecê-lo de todo o nosso coração, alma e mente. A isso dou o nome de obediência de “piloto automático”, e meu temor é que descreva muitos de nós em grande parte do tempo, se não o tempo inteiro.

## OBEDIÊNCIA DE CARRO DE CORRIDA

Em contraste, considere pilotos de carros de corrida. Não passaria pela cabeça deles usar “piloto automático”. Eles não estão interessados em se adequar à velocidade daqueles à sua volta. Eles não estão passeando em um domingo à tarde. Seu desejo é ganhar a corrida.

Esses pilotos estão totalmente focados na condução do seu carro. O pé deles está sempre no acelerador enquanto tentam levar o carro ao limite máximo da sua capacidade e resistência mecânicas. Eles não tiram o olho da pista enquanto levam ao limite sua própria habilidade em completar as voltas na pista e superar os riscos representados por outros carros à sua volta. Eles estão pilotando de todo o seu coração, alma e mente.

É isso que significa amar a Deus de todo o nosso coração, alma e mente. Significa obedecê-lo de todo o nosso coração, alma e mente. Significa, nas palavras de Hebreus 12.14: “Esforcem-se ao máximo […] para serem santos” e, nas palavras do apóstolo Pedro: “Esforcem-se ao máximo” para acrescentar à sua fé as várias facetas do caráter cristão (2Pe 1.5-7).

O apóstolo Paulo não tinha corridas automobilísticas e “piloto automático” para usar como ilustrações, mas ele usou a metáfora de uma corrida a pé. Ele a expressou assim em 1Coríntios 9.24-27:

Vocês não sabem que dentre todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio. Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece. Mas nós corremos para ganhar uma coroa que dura para sempre. Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado para receber o prêmio.

Você percebe a semelhança com nossa ilustração contemporânea? O atleta que corre sem alvo ou o boxeador que esmurra o ar é a mesma pessoa que passeia no domingo com o “piloto automático” ligado. O atleta focado em alcançar o prêmio que se submete a um treinamento rigoroso e esmurra seu corpo — isto é, subjuga seus desejos — é como o piloto de carro de corrida que pilota de todo o seu coração, alma e mente. E Moisés, Jesus e Paulo foram os que disseram que é assim que devemos viver a vida cristã.

Deus não fica impressionado com nosso culto domingo de manhã na igreja, se estamos praticando obediência de “piloto automático” durante o resto da

semana. Você talvez cante com um prazer reverencial ou grande fervor emocional, mas sua adoração é apenas tão agradável a Deus quanto a obediência que a acompanha.

É por isso que o Espírito Santo estava criando esse sentimento de inquietação na minha mente quanto ao meu declarado amor a Deus. Não havia algum pecado flagrante na minha vida, eu estava simplesmente vivendo em um modo "piloto automático" de obediência. Eu havia perdido o compromisso e a intensidade implícitos na "busca" da santidade. Eu não estava buscando obedecer à lei de Deus de todo o meu coração, alma e mente. Em vez disso, havia me conformado com uma rotina confortável, desprovida de grandes vícios, mas também de um esforço completo de obedecer a Deus em todas as áreas da vida, em especial nas relações interpessoais.

*Devemos ter prazer em Deus. Devemos ansiar com intensidade pela comunhão com ele durante nosso tempo devocional e até mesmo o dia inteiro. É saudável desejar contemplar a beleza dele e buscá-lo no seu templo. O Breve Catecismo de Westminster responde à pergunta: "Qual é o fim principal do homem?"com a declaração: "O fim principal do homem é glorificá-lo e desfrutá-lo para sempre". Não apenas devemos glorificar a Deus, também devemos desfrutá-lo para sempre, tanto nesta vida quanto na eternidade.*

Assim, nosso prazer em Deus e o desejo de termos comunhão com ele e de o adorarmos são certamente dimensões importantes do nosso amor a Deus. Mas a dimensão mais importante é nossa obediência irrestrita: nosso desejo de obedecê-lo de todo o nosso coração, alma e mente.

## UM MOTIVO ACEITÁVEL

Embora a obediência seja o modo principal de expressarmos nosso amor a Deus, ela e o amor não são a mesma coisa. Alguém fez a observação de que o amor é um verbo. Por exemplo, devo amar minha esposa como Cristo amou a igreja (Ef 5.25). Jesus disse que devemos amar nossos inimigos (Mt 5.44). Todas essas passagens usam o amor como um verbo. Desse modo, está correto dizer que o amor é um verbo, e não um sentimento. Devo amar meus inimigos não importa

como me sinta em relação a eles.

No entanto, em outro sentido, o amor não é um verbo, mas o motivo que instiga e guia outros verbos, isto é, certas ações. Por exemplo, amo meus inimigos, primeiro perdoando-os pelas suas ações danosas dirigidas a mim e depois buscando seu bem-estar de modos apropriados. Os verbos nessa afirmação são perdoar e buscar. O amor sempre precisa de outros verbos que lhe dão mãos e pés. Sozinho é incapaz de fazer qualquer coisa. Podemos observar esse fato em 1Coríntios 13, em que Paulo usa o amor como um substantivo, o sujeito de uma lista inteira de declarações de ações. O amor é paciente, o amor é bondoso, não inveja, não se vangloria e assim por diante.

Porém, a verdade inversa é que o amor dá validade às minhas ações e as torna aceitáveis a Deus. Posso buscar o bem-estar dos meus inimigos na esperança de me tratarem bem ou não me prejudicarem de novo. Isso não é amor; é manipulação. É uma preocupação com meu próprio bem-estar disfarçada de uma preocupação com o bem-estar deles.

Assim, o amor a Deus é o único motivo aceitável para obedecê-lo. Esse amor pode se expressar em uma reverência a ele e um desejo de agradá-lo, mas essas expressões devem brotar do amor. Sem o motivo do amor, minha aparente obediência pode ter essencialmente o propósito de servir a mim mesmo. De modo negativo, eu talvez tema que Deus vá me punir, ou no mínimo me privar da sua bênção por causa de alguma desobediência. Talvez eu me abstenha de uma ação pecaminosa particular por medo de descobrirem o que fiz ou por não querer me sentir culpado depois.

De modo positivo, eu talvez esteja tentando obter a bênção de Deus com certas ações piedosas. Talvez eu me ajuste a um certo padrão de conduta por querer fazer parte e ser aceito pela cultura cristã em que vivo. Talvez até mesmo obedeça exteriormente por ter temperamento submisso, sendo simplesmente minha “natureza” obedecer aos meus pais, meu professor, autoridades civis ou até mesmo Deus.

Todos esses motivos — tanto negativos quanto positivos — podem resultar em uma forma exterior de obediência, mas não é uma obediência de coração. Nossa conduta talvez aparente ser extraordinária para outras pessoas, mas não é aceitável a Deus por não ser motivada por nosso amor a ele. Apenas uma conduta gerada pelo amor é digna de ser chamada de obediência.

Amar a Deus de todo o nosso coração, alma e mente e obedecer a ele de modo irrestrito e diligente são como dois lados da mesma moeda. É impossível haver uma coisa sem a outra. Nosso culto fervoroso, no domingo de manhã ou em momentos de devoção privados, é vão sem um fervor concomitante na nossa obediência a Deus. Por outro lado, uma obediência precisa e exata à lei de Deus é vã sem o motivo do nosso amor a ele.

Calvino comentou sobre Mateus 22.37:

[Cristo] quer dizer com isso que apenas o serviço voluntário da nossa vontade é aceitável a Deus. O homem que vem a obedecer a Deus nunca o faz sem amá-lo primeiro […] Portanto, aprendemos que o amor a Deus é o princípio da religião, pois Deus não quer a obediência forçada dos homens, mas deseja que seu serviço seja voluntário e espontâneo […] Por último, aprendemos que Deus não se detém muito no sinal exterior da realização, mas sonda principalmente a disposição interior [a motivação], para que uma raiz boa possa gerar bons frutos.[1]

Minha esposa e eu nos mudamos para uma casa com uma garagem inacabada. Toda vez que eu entrava na garagem, eu me deparava com a estrutura das vigas escuras não preenchidas e não revestidas. Após vinte anos morando em uma casa com uma garagem terminada, eu achava a situação um tanto deprimente. Nosso filho veio nos visitar e, após ficar sabendo de como estava me sentindo, ofereceu-se para instalar o isolamento térmico e o drywall na garagem.

Dan nunca havia trabalhado com drywall antes e teve de aprender fazendo. O resultado final, embora fosse muito aceitável, não era exatamente o tipo de resultado apresentado por um instalador profissional. Mas estou mais contente com o trabalho do que se tivesse sido executado por um profissional. Por quê? Porque o trabalho foi realizado por amor. Dan não esperava receber nada em troca. Ele não estava tentando obter algum favor meu ou me manipular. Ele apenas desejava demonstrar seu amor. Agora, toda vez que entro na garagem, vejo as paredes terminadas, mas acima de tudo, vejo o amor que fez parte delas. O motivo de Dan era mais importante para mim do que seu desempenho.

O motivo da obediência é simplesmente tão importante, provavelmente ainda

mais importante do que o nível da nossa obediência. Uma pessoa que luta com algum pecado persistente, mas faz isso por amor a Deus, é mais agradável a ele do que a pessoa sem essa luta, mas que tem orgulho do seu autocontrole. Obviamente, a pessoa que obedece motivada pelo amor se preocupará com seu desempenho. Haverá um desejo sincero e um esforço sério de agradar a Deus em todas as áreas da vida.

Outros motivos além do orgulho podem macular nossa obediência. Provavelmente, após o orgulho vem o motivo de não querer se sentir culpado. Esse motivo está presente de modo especial em áreas de pecados persistentes. Você cometeu um pecado específico muitas vezes antes e está bem familiarizado com os sentimentos de culpa resultantes do ato. Seu motivo para lutar contra a tentação é evitar a culpa subsequente, e não expressar seu amor a Deus.

Outro motivo errado é o medo das consequências da desobediência. Em meu livro Graça que transforma, falei sobre um homem que achava que tinha o dever de dar o dízimo (isto é, dar 10% do seu salário à obra de Deus). Quando perguntei por que era tão rígido na prática de dar o dízimo, ele respondeu: “Tenho medo do que aconteceria se não fizesse isso”. Ele temia que Deus o puniria financeiramente se não desse o dízimo. Seu motivo não era o amor, mas o medo das consequências que viriam.

Ainda outro motivo frequente é o desejo de obter alguma coisa de Deus. Poderia ser algo tão sutil e tolo quanto achar que, se eu me ajoelhar para orar sobre uma mensagem que estou prestes a comunicar, Deus me abençoará mais do que se me sentar na minha cadeira para orar. No uso desse exemplo, não estou depreciando o ato de se ajoelhar para orar. Apenas estou tentando ilustrar como nosso coração enganoso pode nos levar a fazer algo bom por algum motivo que não seja nosso amor a Deus.

## CRESCENDO NO AMOR

Assim, como podemos desenvolver esse amor a Deus para nossa obediência ser motivada pelo amor e não por algum motivo inferior? As Escrituras nos dão nossa primeira pista, ou ponto de partida, nesta declaração: “Nós amamos

porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). Nosso amor a Deus apenas pode ser uma resposta do amor dele por nós. Sem crer que Deus me ama, não posso amá-lo. Para amar a Deus, preciso crer que ele é por mim, e não contra mim (Rm 8.31), e que ele me aceita como um filho ou filha, e não um escravo (Gl 4.7).

O que nos impediria de crer que Deus nos ama? A resposta é um sentimento de culpa e condenação por causa do nosso pecado. Charles Hodge disse:

A grande dificuldade de muitos cristãos é não serem capazes de se convencer de que Cristo (ou Deus) os ama; e a razão de não conseguirem se sentir convictos do amor de Deus é saberem que não merecem o amor dele; pelo contrário, que não são amáveis no grau mais elevado. Como pode o Deus infinitamente puro amar aqueles que estão corrompidos pelo pecado, que são orgulhosos, egoístas, insatisfeitos, ingratos, desobedientes? De fato, é difícil crer nisso.[2]

Uma consciência sensível que está alerta para o pecado, em especial para aqueles pecados “sofisticados”, como orgulho, espírito crítico, ressentimento, descontentamento e irritabilidade, é uma grande vantagem na busca da santidade e possibilita nos tornar conscientes de pecados que estão muito abaixo do nível de ações exteriores. Mas essa mesma consciência sensível pode colocar um fardo de culpa sobre nós e, quando estamos sob esse fardo e sentimento de condenação, é difícil amar a Deus ou crer que ele nos ama.

James Fraser disse: “Mas, enquanto a consciência permanece com a acusação de culpa, condenação e ira, não pode haver pureza, ou sinceridade do coração para Deus, ou sinceridade de amor a Deus. A natureza humana é constituída de tal modo, que é incapaz de amar qualquer objeto que é terrível e adversa a ela”.[3] O que Fraser estava em essência dizendo era que não podemos amar a Deus se achamos que estamos debaixo do seu juízo e condenação.

Isso significa que precisamos de modo contínuo levar os pecados de que nossa consciência nos acusa à cruz e invocar o sangue purificador de Jesus. É apenas o sangue de Cristo que purifica nossa consciência para podermos não nos sentir mais culpados (Hb 9.14-10.2). Parafraseando James Fraser: “Após ser purificada, a consciência não mais apresenta uma acusação de culpa e de juízo. Assim, há dois modos de ter uma boa consciência. Um é não transgredir; o outro

é deixarmos nossa culpa ser levada embora pela aplicação do sangue de Jesus”.[4]

Quando nosso sentimento de culpa é levado embora por nossa consciência purificada pelo sangue de Cristo, somos libertos para amá-lo de todo o nosso coração, alma e mente. Aliás, não apenas somos libertos, mas também somos motivados de modo positivo a amá-lo desse modo irrestrito. Nosso amor será espontâneo, transbordando em gratidão a ele e em um desejo fervoroso de obedecê-lo.

Jesus disse: “Aquele que pouco foi perdoado, pouco ama” (Lc 7.47). No contexto dessa afirmação, ele disse essencialmente que o contrário também é verdade: aqueles que muito foram perdoados, muito amam. Portanto, podemos afirmar que o grau em que percebemos e reconhecemos nossa própria pecaminosidade e o grau em que percebemos o perdão e a purificação totais desses pecados determinarão o grau do nosso amor a Deus.

Assim, se quisermos crescer no nosso amor a Deus e na obediência aceitável gerada por esse amor, devemos sempre voltar à cruz e ao sangue purificador de Jesus Cristo. Essa é a razão de ser tão importante mantermos o evangelho diante de nós todos os dias. Por pecarmos todo dia e nossa consciência nos condenar todo dia, precisamos do evangelho todo dia.

## FÉ E AMOR

Há uma ligação inextricável entre a fé e o amor. Sem a fé, é impossível agradar a Deus (Hb 11.6) e, como vimos, sem o amor é impossível agradar a Deus. Mas esse amor surge em nosso coração apenas quando nos apoderamos pela fé das grandes verdades do evangelho. Para fazermos isso, nossa fé precisa ser alimentada constantemente pelo evangelho. Essa é a razão de eu ter afirmado no capítulo 1 que a mensagem mais importante que nós, cristãos, precisamos ouvir é o evangelho. Não é a única mensagem; também precisamos ouvir as demandas do discipulado. Mas o evangelho é a mensagem mais importante, pois apenas ela proporciona tanto o motivo apropriado quanto a única motivação duradoura para responder ao chamado do nosso Senhor para o discipulado.

O apóstolo Paulo disse em Gálatas 5.6: “Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão têm valor algum. A única coisa que importa é a fé que se manifesta pelo amor”. Ao nos alimentarmos do evangelho pela fé, essa fé se manifestará em amor, isto é, em uma obediência amorosa a Deus. Essa é a própria natureza da fé.

A partir do capítulo seguinte, analisaremos algumas das outras disciplinas que devemos praticar que são importantes para a busca da santidade. Mas não se esqueça, nenhuma é mais importante do que a disciplina de alimentar sua alma com a grande verdade do evangelho.

John Owen foi considerado o príncipe dos teólogos puritanos. Ele escreveu três tratados magistrais sobre o pecado: A mortificação do pecado[5], Tentação e mortificação do pecado[6] e A natureza, o poder, o engano e a prevalência do pecado em nós. Esses três volumes têm sido muito influentes na minha busca pessoal da santidade. Ele também escreveu um livro chamado Comunhão com o Deus trino,[7] em que afirmou: “A maior tristeza e fardo que você pode depositar sobre o Pai, a maior crueldade a que você pode submetê-lo é não crer que ele o ama”.

Essa afirmação o deixa espantado? Você achava que Owen diria que a maior tristeza e fardo que podemos submeter ao Pai é cometer algum pecado escandaloso? Não é desse modo que tendemos a ver Deus, mais como nosso Juiz e menos como nosso Pai? É por isso que precisamos manter o evangelho constantemente diante de nós.

É fácil percebermos pela natureza desses três tratados que John Owen não amenizava a realidade do pecado. Aliás, seu trabalho sobre o pecado em nós é muito conscientizador — quase assustador — na sua exposição da natureza, poder e capacidade de enganar do pecado que ainda reside em nós. Mas Owen estava mais interessado em nunca nos esquecermos do evangelho: o amor de Deus revelado no seu Filho, Jesus Cristo.

O grau em que vivermos com uma percepção duradoura do amor de Deus por nós em Cristo é o grau em que amaremos a Deus de todo o nosso coração, alma e mente. Assim, ao focarmos nossa atenção nos capítulos seguintes nas disciplinas pessoais que devemos praticar na busca da santidade, não deixemos o evangelho “na prateleira” da nossa vida. Revejamos o evangelho diariamente e, na alegria que ele produz, persigamos essas disciplinas.

[1] João Calvino, Calvin's New Testament commentaries, edição de David W. Torrance e Thomas F. Torrance, tradução para o inglês de A. W. Morrison (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), vol. 3: A harmony of the Gospels Matthew, Mark and Luke and the Epistles of James and Jude, p. 36.

[2] Charles Hodge, Commentary on the Epistle to the Romans (Grand Rapids: Eerdmans, reimpr., 1955; 1886), p. 290 [publicado em português por PES sob o título Romanos].

[3] James Fraser, A treatise on sanctification (Audubon: Old Paths Publications, 1992; publicação original em 1774, edição revisada de 1897), p. 418.

[4] Ibid.

[5] Publicado em português por editora Vida.

[6] Publicado em português por PES.

[7] John Owen, Communion with God, R. J. K. Law, org. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1991), p. 13 [publicado em português por Cultura Cristã].

# 8

# DISCIPLINA DEPENDENTE

*Se não for o Senhor que constrói a casa, o trabalho dos construtores será inútil.*
*Se não for o Senhor que vigia a cidade, será inútil os vigias montarem guarda*

(Sl 127.1).

Imagine que você está em um avião voando a 11 mil metros do solo. Então imagine (saiba que isso não pode acontecer na vida real) que o piloto anuncia a todos: “Pessoal, estamos com um sério problema. Uma das asas está prestes a cair”. Qual das asas você preferiria perder, a esquerda ou a direita? Essa é uma pergunta tola, não? Nenhum avião pode voar com uma só asa. Aviões com múltiplos motores como aviões para transporte de passageiros são projetados para voar em um modo emergencial com um só motor. Mas nenhum avião pode voar com uma única asa; ambas as asas são absolutamente necessárias.[1] Visualize essa aeronave como se a estivesse observando de cima, como mostrado na seguinte ilustração.



Você vê a fuselagem, onde está sentado, as duas asas e a cauda do avião. Enquanto observa as duas asas, imagine as palavras dependência na asa esquerda e disciplina na asa direita. Esse avião ilustra um dos princípios mais importantes na vida cristã. Assim como o avião necessita das duas asas para voar, também precisamos exercitar tanto a disciplina quanto a dependência na busca da santidade. Assim como é impossível um avião voar com uma só asa, também é impossível termos êxito na busca da santidade com apenas a dependência ou a disciplina. Temos uma necessidade absoluta de ambas as coisas.

A disciplina, como estou conceituando agora, refere-se a certas atividades que servem para treinar uma pessoa em determinada habilidade. O apóstolo Paulo exortou Timóteo a treinar a si mesmo, ou se disciplinar, na piedade (1Tm 4.7). Nessa exortação a Timóteo, Paulo tomou emprestado um termo do mundo do atletismo. A palavra originariamente se referia ao treinamento de jovens atletas para os jogos competitivos da época. Ela viria a se referir a um treinamento tanto mental quanto moral. Paulo a usou para se referir ao treinamento espiritual.

Observe o que Paulo disse a Timóteo: “Treine a si mesmo”. No capítulo 5, “Disciplinados pela graça”, analisamos a disciplina exercida por Deus para nos educar como seus filhos espirituais. Agora examinaremos a disciplina de nós mesmos, as responsabilidades que devemos assumir na busca da santidade. Mas a mensagem da ilustração do avião é que não devemos executar nossas responsabilidades pela nossa própria capacidade e força de vontade. Devemos depender do Espírito Santo para nos capacitar. Ao mesmo tempo, não devemos pressupor que não temos nenhuma responsabilidade pelo simples fato de sermos dependentes. Deus nos capacita para trabalhar, mas ele não faz o trabalho por nós.

## TRABALHAR OU ORAR?

As Escrituras, em muitos lugares, apresentam os conceitos tanto da dependência quanto da responsabilidade na mesma frase ou no mesmo parágrafo. Por exemplo, Salmos 127.1 diz:

Se não for o Senhor que constrói a casa,

o trabalho dos construtores será inútil.

Se não for o Senhor que vigia a cidade,

será inútil os vigias montarem guarda.

O salmista vê Deus envolvido tão intimamente na construção e na vigilância que diz: “Se não for o Senhor que constrói a casa, […] se não for o Senhor que vigia a cidade” (grifo do autor). Ele não diz: “Se o Senhor não ajudar os construtores e os vigias”, mas se o Senhor não construir e vigiar.

No entanto, é tão óbvio quanto essa situação o fato de o salmista ter em mente os construtores trabalhando na construção da casa e os vigias montando guarda para vigiar a cidade. Os construtores não podem guardar suas ferramentas e ir pescar e achar que Deus construirá a casa. Tampouco os vigias podem ir dormir e achar que Deus vigiará a cidade. Os construtores precisam trabalhar, e os vigias precisam montar guarda, mas todos eles devem executar suas responsabilidades em uma dependência tão total de Deus que o salmista fala da construção e da vigilância de Deus.

Neemias, o construtor de muro, entendeu bem o princípio de disciplina dependente, a ideia de que somos tanto dependentes quanto responsáveis. Em seu projeto de reconstrução da muralha em volta de Jerusalém, Neemias sofreu uma oposição intensa de certos inimigos dos judeus. As Escrituras relatam quando os judeus haviam reconstruído a muralha até metade da sua altura: “Todos [esses inimigos] juntos planejaram ir atacar Jerusalém e causar confusão. Mas nós oramos ao nosso Deus e colocamos guardas de dia e de noite para proteger-nos dessa ameaça” (Ne 4.8-9).

Observe a resposta de Neemias à ameaça de ataque. Seu povo orou e colocou guardas. Neemias reconheceu sua dependência de Deus, mas ele também aceitou sua responsabilidade de trabalhar — isto é, de montar guarda. Hoje em dia, tenderíamos a nos dividir em dois grupos. As pessoas mais “espirituais” convocariam uma vigília e orariam a noite inteira. Para elas, colocar guardas

seria depender do esforço humano, e não de Deus. Os cristãos mais “práticos” ficariam ocupados com a organização da vigilância. Eles teriam êxito em dividir os vários turnos da noite entre todos, mas estariam ocupados demais para orar. “Como assim, fazer uma vigília?”, eles diriam. “Precisamos de guardas nos postos.”

Neemias e seu povo fizeram ambas as coisas. Eles oraram e colocaram guardas. Eles reconheceram sua dependência de Deus, mas também entenderam que estavam dependendo dele para capacitá-los e ajudá-los, e não para fazer seu trabalho por eles.

Sim, o Antigo Testamento apresenta casos em que Deus interveio de modo miraculoso e de fato lutou por Israel (veja em 2Cr 20 um exemplo extraordinário disso). Mas esses casos são a exceção, e não a regra. No entanto, e preste muita atenção nisso, em absolutamente nenhum lugar o ensino do Novo Testamento sobre a santidade nos diz para depender do Espírito Santo sem um exercício correspondente de disciplina exibido por nós.

A disciplina não é necessariamente uma dependência do esforço humano, ou, como muitas vezes é chamada, uma obra “da carne”. Ela pode ser isso e, infelizmente, muitas vezes é. Mas, quando Paulo exortou Timóteo a treinar a si mesmo, ou a se disciplinar na piedade, ele certamente não tinha em mente a dependência de uma pura disciplina e força de vontade humanas. Aliás, em 2Timóteo 2.1, ele instou Timóteo a ser forte na graça — ou seja, a buscar a força que há em Cristo Jesus. No entanto, Paulo exortou Timóteo a se disciplinar, e não apenas “entregar tudo ao Senhor”. Precisamos ter ambas as asas do avião. Não podemos voar só com uma.

## O TESTEMUNHO DE PAULO

Observe o testemunho de Paulo em Filipenses 4.11-13:

Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a estar contente

em toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece.

Paulo disse que havia aprendido a viver contente. Ele reconheceu que tinha a responsabilidade de viver contente e que precisava crescer nessa área da vida. Ele não apenas entregou tudo ao Senhor e confiou que ele faria o trabalho de torná-lo contente. Paulo se empenhou. Mas ele sabia que poderia viver contente apenas por meio do Senhor, que o fortalecia. Paulo também entendeu que não recebia essa força do Senhor como um "pacote enviado do céu", como se a força de Cristo fosse um produto a ser recebido. Antes, ele sabia que essa força era um resultado da sua união com Cristo. Por estar "em Cristo", era capaz de depender pela fé da atuação de Cristo nele por meio do seu Espírito.

Vemos mais um exemplo do entendimento que Paulo tinha do princípio de disciplina ou responsabilidade dependente na descrição do seu ministério. Paulo disse em Colossenses 1.28-29: "Nós o proclamamos, admoestando e ensinando a cada um com toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu me esforço, lutando com toda a sua força, que atua poderosamente em mim". Segundo Paulo, no exercício do seu ministério, ele se esforçou a ponto de lutar.

F. F. Bruce diz que a palavra grega traduzida aqui por "me esforço" ("labor" na New International Version) é "uma palavra forte, que denota labutar a ponto de ficar fatigado ou exausto".[2] A palavra lutando no grego é a palavra agonizomai, da qual deriva nossa palavra agonizar, e comunica a ideia de um atleta que se esforça arduamente para vencer a corrida.

Assim, não há dúvida alguma quanto à intensidade dos esforços de Paulo. Ele labutou a ponto de ficar exausto e agonizou como um atleta que se esforça arduamente para romper a fita de chegada. Mas ele logo acrescenta: "com toda a sua força, que atua poderosamente em mim". Paulo lutou, mas o fez com a força do Senhor. Ele era disciplinado no seu ministério, mas também era dependente do Senhor. Voltando à nossa ilustração do avião, ele não tentou voar só com uma asa.

Em Colossenses 1.28-29, Paulo escrevia claramente sobre o seu ministério, não sobre sua própria busca da santidade. Mas ele aplicou o mesmo princípio de disciplina dependente ao seu processo de aprender a viver contente na sua vida pessoal. Ele reconheceu sua responsabilidade de disciplinar a si mesmo, de aprender a viver contente, mas também reconheceu sua dependência do Espírito Santo.

## A ABORDAGEM PASSIVA

Precisamos aprender esse princípio bíblico de que o Espírito atua em nós para nos capacitar a conduzir uma vida agradável a Deus. Ele não faz o trabalho por nós; antes, ele nos capacita para fazer o trabalho. Com frequência usamos a expressão: “Que o Senhor viva sua vida por meio de mim”. Essa expressão me deixa incomodado, pois sugere que nossa postura é passiva. Ele não vive sua vida por meio de nós. O que acontece é que, na minha dependência dele, ele me capacita para conduzir uma vida agradável a ele.

Há alguns anos, quando estava seguindo essa abordagem mais passiva, que de fato me aparentava ser mais espiritual na época, eu estava lutando para amar um irmão em Cristo. Certa noite, Deus realmente se dirigiu a mim quanto à minha falta de amor, e senti que Deus estava falando comigo por um pensamento plantado na minha mente: “Se eu o amo, você consegue?”. Eu respondi: “Senhor, eu não consigo, mas estou disposto a deixar você amá-lo por meio de mim”.

O que aconteceu? Com o passar do tempo, minha atitude em relação a esse irmão mudou. Aliás, tornamo-nos bons amigos. Assim, Jesus o amou por meio de mim? Não, ele me capacitou a amar o homem. Não somos passivos na busca da santidade. Somos aqueles que amam. Somos aqueles que se revestem da compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência (Cl 3.12). Mas o fazemos em uma relação de dependência total daquele que nos fortalece.

Essa é muito mais do que apenas uma questão semântica. É uma diferença em nosso entendimento de como Deus atua em nós. A essência da visão passiva (sendo justo com aqueles que ensinam essa visão da santificação, eles a

chamariam de uma abordagem da “fé”, e não de uma abordagem passiva) é resumida em uma afirmação que é mais ou menos assim: a parte do homem é confiar; a parte de Deus é trabalhar. A única coisa que o cristão pode fazer é confiar, enquanto o Deus em quem confia faz o trabalho.

É a ideia de que a única coisa que podemos fazer é confiar que acho particularmente incômoda. Penso que o salmista — e Neemias e Paulo — diria(m): “A parte do homem é confiar e trabalhar. A parte de Deus é capacitar o homem para fazer o trabalho”. Ou talvez seria mais útil dizer: “Nossa parte é trabalhar, mas dependendo de Deus para nos capacitar para trabalhar”. O trabalho de Deus não torna nosso esforço desnecessário, mas, sim, o torna eficiente. Paulo não disse: “Cristo mostra contentamento por meio de mim”. Mas ele disse: “Aprendi a viver contente por meio dele que me fortalece”.

Hesito em discordar de muitos cristãos piedosos que tanto acreditam quanto ensinam essa abordagem mais passiva. Faço-o com grande relutância e, espero, também com humildade e amor. Mas abracei esse ensino durante muitos anos, e com grande dificuldade cheguei ao que agora penso ser o ensino bíblico sobre dependência e responsabilidade.

Um dos autores puritanos que mais me ajudaram a entender a relação bíblica entre a dependência e a disciplina foi John Owen. Por causa do estilo de escrita do século 17 um tanto enfadonho de Owen, parafrasearei algumas frases dele sobre a relação entre a graça (a capacitação divina) e nossa responsabilidade, que ele chama de nosso dever:

Consideremos qual a visão que devemos ter em relação ao nosso próprio dever e em relação à graça de Deus. Alguns separariam essas coisas como inconsistentes. Se a santidade é nosso dever, eles diriam, não há espaço para a graça; e se ela é o resultado da graça, não há espaço para o dever. Mas nosso dever e a graça de Deus não apresentam absolutamente nenhuma oposição na questão da santificação; pois uma coisa pressupõe absolutamente a outra. Não podemos executar nosso dever sem a graça de Deus; tampouco Deus concede sua graça com qualquer propósito que não seja o de podermos executar nosso dever.[3]

Não restam dúvidas de que temos a responsabilidade de perseguir a santidade com toda a intensidade implícita na palavra perseguir. Todo imperativo moral na Bíblia se dirige à nossa responsabilidade de nos disciplinarmos na piedade. Não devemos apenas entregar tudo ao Senhor e deixá-lo viver sua vida por meio de nós. Antes, devemos amar uns aos outros; devemos mortificar as más obras do corpo; devemos nos despir do velho homem e nos revestir do novo.

Se desejamos qualquer progresso na busca pela santidade, devemos assumir nossa responsabilidade de nos disciplinarmos ou nos treinarmos. Mas devemos fazer tudo isso em uma dependência total do Espírito Santo atuando em nós e nos fortalecendo com a força que há em Cristo. Às vezes, não temos a impressão de estarmos experimentando sua força. O que experimentamos é um fracasso profundo e agonizante. Talvez até mesmo choremos pelos nossos pecados e não entendamos por que o Espírito Santo não vem em nosso auxílio para nos fortalecer contra o ataque da tentação. Identificamo-nos com Paulo na sua declaração: “Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas faço o que odeio” (Rm 7.15).

Por que o Espírito Santo nem sempre nos fortalece? A resposta pode ser uma ou mais de várias razões. Ele talvez esteja nos deixando ver a pecaminosidade do nosso próprio coração. Ou talvez esteja nos fazendo perceber quão fracos somos em nós mesmos e quão dependentes dele realmente somos. Talvez esteja refreando uma tendência de orgulho espiritual e nos fazendo crescer na humildade. Qualquer que seja a razão, que talvez nunca conheçamos, nossa responsabilidade é depender completamente dele. Na sua soberania e sabedoria infinita, ele determina a melhor maneira de responder à nossa dependência.

## A ABORDAGEM DA AUTODISCIPLINA

Apesar de minha preocupação com a chamada abordagem passiva à santidade, a abordagem da autodisciplina me preocupa tanto quanto a anterior. Não restam dúvidas de que pessoas disciplinadas, tanto cristãos quanto não cristãos, podem efetuar mudanças em si mesmas. Durante a própria produção deste capítulo, estou lendo um livro secular excelente sobre crescimento pessoal. Estou totalmente certo de que as pessoas que aplicam os princípios expostos pelo autor

experimentam mudanças na sua vida. Eu mesmo espero algumas delas.

No entanto, uma grande tentação na abordagem da autodisciplina à santidade é depender de um programa de disciplinas espirituais, e não do Espírito Santo. Eu acredito nas disciplinas espirituais. Busco praticá-las, e, nos capítulos restantes deste livro, trataremos de algumas relacionadas de modo especial à busca da santidade. Mas essas disciplinas não são a fonte da nossa força espiritual. O Senhor Jesus Cristo é a fonte, e é o ministério do Espírito Santo que aplica a força dele na nossa vida. Parafraseando a afirmação de Paulo em 1Coríntios 3.7, podemos plantar e podemos regar, mas não podemos fazer crescer. Apenas o Espírito Santo pode fazê-lo.

A verdade é esta: devemos plantar e devemos regar para progredirmos na santidade, mas apenas o Espírito Santo pode nos transformar cada vez mais na semelhança de Jesus. Nosso problema é que tendemos a depender de nosso processo de plantar e semear, e não do Senhor.

Uma vez que Paulo usou uma metáfora agrícola — plantar e regar —, exploremos essa ilustração. Na atividade agrícola, há certas coisas que os agricultores devem fazer, mas há duas coisas que eles não podem fazer. Podemos apresentar em uma tabela o que eles podem e devem fazer versus o que não podem fazer:

| PODEM E DEVEM FAZER | Arar | Plantar | Fertilizar | Irrigar | Cultivar | Colher | NÂ |
|---|---|---|---|---|---|---|---|

Há seis coisas que os agricultores devem fazer e apenas duas coisas que eles não podem fazer. Em certa medida eles até podem ignorar o tempo, irrigando o solo no caso de falta de chuva. Mas a única coisa sobre a qual eles não têm controle nenhum é a mais crucial de todas. Sem a vida que faz todas as coisas crescer, todas as suas disciplinas agrícolas são inúteis. Veja bem, agricultores típicos, a não ser que sejam cristãos piedosos, focarão nas coisas que devem fazer e tenderão a tomar por certa a vida na semente que gera seu crescimento. Eles depositarão toda a sua confiança na execução dos seus deveres, e não em Deus, que faz as coisas crescer. Na visão desses agricultores, seu êxito depende deles mesmos.

Como no caso da agricultura, Deus ordenou certas disciplinas ou práticas que são necessárias para crescermos na santidade. Devemos observá-las ou não cresceremos, assim como agricultores não produzirão uma safra sem executar seus deveres. No entanto, há uma coisa que não podemos fazer. Não podemos gerar nosso crescimento. Mas, assim como fazendeiros típicos depositam sua confiança na execução dos seus deveres, assim nós, cristãos, que levamos a sério nossa responsabilidade pela santidade, tendemos a confiar na execução das nossas disciplinas. Como agricultores, tomamos por certa a vida espiritual que nos faz crescer.

Aqui, John Owen é útil para nós e, mais uma vez, parafrasearei para facilitar a compreensão do leitor. Owen escreveu:

O auxílio e a operação interior do Espírito de Deus são de fato necessários para produzir todo ato santo da nossa mente, vontade e emoção em todo e qualquer dever. A despeito do poder ou capacidade que os crentes receberam pelo princípio da nova vida implantada na salvação, eles continuam tendo necessidade da capacitação divina do Espírito em absolutamente todo ato ou dever direcionado a Deus.[4]

Assim, ainda que tenhamos recebido um novo coração e o princípio da vida espiritual, o Espírito Santo precisa nutrir e sustentar essa nova vida de modo

contínuo. Ela não é efetiva de modo independente.

Jonathan Edwards, o grande filósofo-teólogo (e também pastor) da América colonial, reuniu uma série de setenta resoluções para suas próprias disciplinas e condutas espirituais. Isso que é disciplina espiritual! Diante das resoluções de Edwards, a maioria de nossas disciplinas atuais tem o aspecto de um jardim de infância espiritual. Mas no início dessa lista de resoluções escritas ele inseriu estas palavras: “Estando ciente de que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem o auxílio de Deus, eu suplico humildemente que ele, pela sua graça, me capacite a guardar estas resoluções, contanto que estejam de acordo com a vontade dele, por causa de Cristo”.[5] Edwards era disciplinado, mas ele também era dependente.

Tenho certeza de que aqueles cristãos que tendem à corrente de santidade da autodisciplina concordam com John Owen e Jonathan Edwards em que somos dependentes do poder capacitador do Espírito Santo. Acreditamos nessa capacitação e a exaltamos da boca para fora, mas será que a praticamos? Será que todo dia e o dia inteiro reconhecemos nossa dependência dele? Ou na realidade o que buscamos é perseguir a santidade pela nossa própria força de vontade?

Todos nós conhecemos as palavras familiares de Jesus: “Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15.5). Na teoria, acreditamos nelas, mas na prática tendemos a viver como se pudéssemos fazer algumas coisas. Todos temos certas áreas morais e éticas em que nos sentimos relativamente seguros. Tendemos a depender da nossa própria bondade nessas áreas; não sentimos que precisamos do auxílio do Espírito Santo. Mas Jesus disse: “Sem mim […] coisa alguma”. Não podemos fazer nada espiritualmente bom sem a atuação do Espírito Santo em nós. Para fazermos qualquer progresso no processo de nos tornarmos cada vez mais como Cristo, precisamos aprender a depender do Espírito Santo, e não das nossas próprias virtudes e capacidades.

## A DISCIPLINA DA ORAÇÃO

Desse modo, como podemos crescer em um senso consciente de dependência de

Cristo? Podemos fazê-lo pela disciplina da oração. A oração é a expressão tangível da nossa dependência. Podemos vir a reconhecer o fato de sermos dependentes de Cristo, mas, se nossa vida de oração é escassa ou mecânica, nós o negamos desse modo. O que estamos dizendo é que podemos conduzir a maior parte da nossa vida espiritual com nossa própria autodisciplina e o que consideramos nossa bondade inata. Ou talvez estejamos dizendo que sequer estamos comprometidos com a busca da santidade.

O autor do salmo 119 nos ensina sobre a disciplina da oração na busca da santidade. Normalmente vemos esse salmo como o salmo da Palavra de Deus, pois ele se refere à Palavra de Deus com vários nomes em 172 dos seus 176 versículos. Mas o salmo é, de modo mais exato, uma expressão do desejo ardente do salmista pela busca da santidade e do seu compromisso com essa busca. Por 22 vezes o salmista ora para Deus ajudá-lo a obedecer à sua lei. Os versículos 33-37 são um bom exemplo:

Ensina-me, ó Senhor, a seguir teus decretos,

e a eles obedecerei até o fim.

Dá-me entendimento, para que eu guarde a tua lei

e a ela obedeça de todo o coração.

Dirige-me pelo caminho dos teus mandamentos,

pois nele encontro satisfação.

Inclina o meu coração para os teus estatutos,

e não para a ganância.

Desvia os meus olhos das coisas inúteis;

preserva a minha vida de acordo com a tua palavra.

O salmista quer que Deus lhe ensine, dê-lhe entendimento e o dirija nos caminhos dos mandamentos divinos. Ele também quer que Deus atue de modo direto no seu coração, inclinando-o para os estatutos dele e afastando seus olhos das coisas inúteis. Mas o salmista também exerceu uma disciplina espiritual. Observe sua disciplina com respeito à Palavra de Deus:

Guardei no coração a tua palavra

para não pecar contra ti.

Bendito sejas, ó Senhor;

ensina-me os teus decretos.

Com os lábios repito

todas as leis proferidas por ti.

Regozijo-me em seguir os teus estatutos

como o que se regozija com grandes riquezas.

Medito nos teus preceitos e

dou atenção às tuas veredas.

Tenho prazer nos teus decretos;

não me esquecerei da tua palavra (Sl 119.11-16).

O salmista guardou a Palavra de Deus no seu coração. Ele a repetiu a outros, ele se regozijou em obedecê-la, ele meditou nela, ele teve prazer nela e não se esqueceu dela. O salmista não apenas era um homem de disciplina, mas também era um homem de oração. Sua disciplina não o fez negligenciar a oração para Deus atuar, nem sua oração o fez negligenciar sua própria oração. Ele praticou a disciplina e a dependência.

## O EXEMPLO DE NEEMIAS

Nossas orações de dependência devem ser de dois tipos: períodos de oração planejados e orações não planejadas e espontâneas. Vemos ambos os tipos ilustrados de maneira bela diante de nós na vida de Neemias nos capítulos 1 e 2 do livro que leva seu nome. Neemias era um dos judeus no exílio e era o copeiro do rei persa Artaxerxes. O livro começa com Neemias ficando ciente da triste situação dos judeus na terra de Judá e com o fato de o muro de Jerusalém ter sido derrubado e suas portas terem sido destruídas pelo fogo. Ao ouvir isso, Neemias se sentou e chorou. Então, ele jejuou e orou durante um período de vários meses (Ne 1).

O relato das Escrituras não indica isso, mas podemos pressupor que Neemias dedicou um certo período ou certos períodos do dia a suplicar a Deus pelo bem-estar de Jerusalém. Afinal de contas, ele era o copeiro do rei e, nessa condição, teria deveres oficiais para executar. Assim, é extremamente provável que tenha precisado organizar seus períodos de oração junto com seus deveres diários, como também nós precisamos fazer. Pelo fato de ter orado durante um período de sete meses, podemos caracterizar essa parte da oração de Neemias como uma oração planejada, prolongada e perseverante. Ela foi planejada por fazer parte das suas atividades diárias, prolongada por durar um período de sete meses e perseverante por Neemias continuar orando até Deus responder.

Certo dia, após vários meses de oração, quando Neemias levou ao rei seu vinho, o rei notou que o rosto de Neemias estava triste. Até então, Neemias havia escondido a tristeza do seu coração pelos seus compatriotas e a condição da amada cidade deles, Jerusalém. Mas agora o rei perguntou qual era o motivo da sua tristeza, e Neemias explicou a razão ao rei (Ne 2.1-3).

Então o rei Artaxerxes disse: “O que gostaria de pedir?” (v. 4). O momento de crise havia chegado. Agora Neemias precisava apresentar ao rei seu pedido de ir a Jerusalém e reconstruir o muro da cidade. Mas, antes de responder, ele “orou ao Deus dos céus, e respondeu ao rei” (v. 4,5). Obviamente, o rei não estava ciente da oração rápida e silenciosa de Neemias. Ela foi provavelmente mais ou menos assim: “Senhor, ajude-me a falar. Obtenha-me o favor do coração do rei”.

Neemias enviou essa oração rápida e silenciosa ao céu ao mesmo tempo em que estava abrindo a boca para falar ao rei. Em contraste com sua oração planejada, prolongada e perseverante durante os meses anteriores, essa oração foi não planejada, curta e espontânea.

Ambos os tipos de oração eram necessários na situação de Neemias. Cada tipo dava validade ao outro. Neemias não abusou da boa vontade de Deus esperando até aquele dia importante para orar. Ele percebeu uma necessidade e persistiu na oração até Deus responder.

Ao mesmo tempo, Neemias não se precipitou em responder ao rei sem primeiro fazer uma oração rápida e silenciosa. Ele não presumiu que, por estar orando há sete meses, não precisava orar naquele momento. Ele estava muito consciente da sua dependência total de Deus, tornando sua oração rápida e silenciosa mais um reflexo do que uma ação planejada.

Podemos aprender pelo exemplo de Neemias sobre como orar por nós mesmos na busca da santidade. Como Neemias, precisamos dedicar um tempo todo dia a uma oração planejada, prolongada e perseverante. Precisamos apresentar a Deus qualquer área de pecado persistente na nossa vida: pecados como a fofoca; irritabilidade; impaciência; falta de amor; pensamentos impuros; e olhos indisciplinados e distraídos. Precisamos orar de modo sério sobre esses pecados para Deus atuar em nós e nos capacitar a lidar com eles. Note que eu disse “nos capacitar”. Somos aqueles que precisam lidar com esses pecados, mas o Espírito Santo precisa nos capacitar a fazê-lo.

Em Romanos 8.13, o apóstolo Paulo escreveu: “Mas, se pelo Espírito fizerem morrer os maus atos do corpo, vocês viverão”. Note de novo a disciplina dependente. Há a disciplina de mortificar os pecados do corpo, que receberá uma análise detalhada no capítulo 11, mas fazemos isso “pelo Espírito”. Isso significa uma oração contínua e fervorosa para a obra do Espírito Santo nos capacitar a executar nosso dever. Como John Murray disse: “O crente não conta com um estoque de força que usa quando necessário. É sempre ‘pelo Espírito’ que toda atividade santificada e santificadora é exercida”.[6]

É precisamente por não contarmos com um estoque de força que precisamos orar diariamente pela atuação capacitadora do Espírito em nós. A santidade exige que nos esforcemos de modo contínuo e que o Espírito Santo nos nutra e fortaleça de modo contínuo. No entanto, a não ser que planeje orar e dedique um tempo

específico para orar, você constatará que não concretizará suas boas intenções. Assim, se já não tem essa prática, por que não parar para fazer seu plano agora? Eu também acho útil anotar em um papel (só para mim) os pecados específicos em relação aos quais preciso de ajuda e as virtudes específicas do caráter cristão nas quais, até onde eu saiba, mais preciso crescer.

Além de orarmos sobre os pecados na nossa vida e áreas de nosso caráter nas quais precisamos crescer, também é bom orarmos para sermos guardados da tentação (Mt 6.13) e para estarmos vigilantes e não sermos surpreendidos pela tentação quando ela aparecer. Por fim, no nosso tempo de oração planejado, é bom orarmos de acordo com Hebreus 13.21, para Deus operar em nós o que lhe é agradável, pois ele sabe muito melhor do que nós o que realmente precisa acontecer na nossa vida em qualquer momento.

E, como Neemias, também precisamos daquelas orações não planejadas, curtas e espontâneas. Precisamos delas o dia inteiro enquanto enfrentamos tentações de pecar e encontramos circunstâncias nas quais precisamos de ajuda para exibir um caráter piedoso. Qualquer que seja a situação, uma oração simples e rápida, “Senhor, ajude-me”, foca nossa dependência em Deus, não na nossa própria força de vontade, e nos traz o auxílio do Senhor. Ele não nos estende seu auxílio quando nos esquecemos da nossa necessidade desse auxílio e não o pedimos. Assim, precisamos dessas orações curtas e espontâneas o dia inteiro, tanto para nos ajudar a cultivar nosso senso de dependência de Cristo quanto para receber o auxílio que ele envia pelo seu Espírito.

## O PECADO DA AUTOSSUFICIÊNCIA

Penso que uma das características principais de nossa natureza humana, ou “carne”, como é chamada na maioria das versões bíblicas, é uma atitude de independência em relação a Deus. Até mesmo quando sabemos e admitimos que somos dependentes dele, nossa tendência natural é agirmos de modo independente. Essa situação faz parte da síndrome de “o mal que não quero fazer — esse continuo fazendo” (Rm 7.19), síndrome que insiste em não se desgarrar de nós. Certamente, uma das razões de Deus nos deixar cair em tentação tantas vezes é nos ensinar pela experiência que somos de fato dependentes dele para

nos capacitar a crescer na santidade.

Um dos melhores modos de aprender a dependência, sem considerar essas experiências dolorosas de fracasso, é desenvolver a disciplina da oração. Isso nos obriga de um modo tangível a reconhecer nossa dependência do Espírito Santo. Isso de fato é assim porque, a despeito de todas as outras coisas que podemos dizer sobre a oração, ela é um reconhecimento da nossa própria impotência e dependência absoluta de Deus.

É essa admissão de impotência e de dependência que é tão repugnante para nosso espírito pecaminoso de autossuficiência. E, se somos naturalmente disciplinados por temperamento, é ainda mais difícil reconhecermos que somos dependentes de Cristo e do seu Espírito, e não da nossa própria autodisciplina.

No entanto, lembre-se de que se tornar santo é se tornar como o Senhor Jesus. E ele mesmo disse: “Por mim mesmo, nada posso fazer” (Jo 5.30). Ele era totalmente dependente do Pai, e ele reconheceu esse fato de livre e espontânea vontade. Sua dependência não era relutante; ela era irrestrita — até mesmo entusiástica — por saber que fomos criados para sermos dependentes de Deus. Assim, se queremos nos tornar santos, devemos perseguir não um espírito de independência, mas um espírito de dependência. E um dos melhores meios que Deus nos deu de fazer isso é a disciplina da oração.

Pense nas duas asas do avião: disciplina e dependência. Elas existem em uma proporção igual na sua vida? Na realidade, ainda nem começamos a tratar das disciplinas, a não ser a disciplina de contemplar Cristo no evangelho e, agora, a da oração. Até o fim dessa análise, examinaremos várias outras, e no total você terá cerca de seis disciplinas na asa “disciplina” do seu avião. Mas lembre-se da ilustração do agricultor. Havia seis disciplinas que os agricultores deviam executar e apenas uma coisa sobre a qual eles não tinham nenhum controle. Mas essa única coisa era a mais essencial de todas. Assim, ao fim você pode vir a ter seis disciplinas nessa asa e apenas uma só palavra, dependência, na outra. Mas a dependência é a disciplina mais vital de todas e dá o equilíbrio essencial à totalidade das disciplinas.

A dependência não é apenas uma de uma lista de várias disciplinas. Antes, ela lhes dá vida e vitalidade. Assim como o princípio da vida que faz a semente crescer faz com que todo o esforço dos agricultores valha a pena, de igual modo a capacitação do Espírito Santo em nós alcança o fim das nossas disciplinas.

Portanto, na nossa análise subsequente das disciplinas necessárias para perseguir a santidade, não se esqueça de que a dependência do Espírito Santo deve permear todas elas.

[1] Aparentemente, a força aérea dos EUA tem um avião projetado para voar com um só motor e sem parte de uma asa.

[2] F. F. Bruce, The Epistles to the Colossians to Philemon and to the Ephesians, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 88.

[3] Paráfrase de John Owen, The works of John Owen, edição de William H. Goold (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965; publicação original em 1850-1853), vol. 3, p. 384.

[4] Ibid., p. 529.

[5] Jonathan Edwards, The works of Jonathan Edwards, edição de Edward Hickman (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974; publicação original em 1834), vol. 1, p. xx.

[6] John Murray, The Epistle to the Romans, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), vol. 1, p. 294 [publicado em português por Fiel sob o título Romanos].

# 9

# A DISCIPLINA DO COMPROMISSO

*Fiz um juramento e o confirmei,*

*de que seguirei as tuas justas leis*

(Sl 119.106).

Uma tirinha no nosso jornal diário mostrou um homem pronto para pular de um prédio alto com uma nota de suicídio na mão, mas com um paraquedas nas costas. Sua esposa, pondo a cabeça para fora da janela, diz-lhe: “Você simplesmente não é capaz de se comprometer com nada — não é mesmo, Larry?”.

Embora tivesse a intenção de ser cômica, a tirinha de fato fez uma declaração muito reveladora sobre nossa sociedade atual. A virtude antiquíssima da honra, outrora tão estimada, está enfrentando um período difícil. Como Larry na tirinha, as pessoas de hoje aparentam ter uma aversão a se comprometer com qualquer coisa.

Uma exceção notável à aversão geral da sociedade ao compromisso é a vida dos atletas olímpicos. É óbvio que ninguém jamais consegue participar dos jogos olímpicos sem um compromisso com o treinamento rigoroso necessário para alcançar esse nível de desempenho. Não é à toa que, ao exortar Timóteo a se exercitar na piedade (1Tm 4.7), Paulo usou uma palavra do mundo atlético da época. Paulo sabia que o exercício na piedade, ou a busca da santidade, ou qualquer outra busca espiritual exigiria esse mesmo nível de compromisso. Se temos a esperança de fazer qualquer progresso na busca da santidade, nosso compromisso é absolutamente essencial. Uma razão de não experimentarmos mais progresso na santidade na nossa vida é o fato de termos, de modo geral,

perdido de vista a necessidade do compromisso.

## COMPROMETA-SE COM DEUS

Quando Paulo desviou a atenção de sua exposição magistral do evangelho em Romanos 1—11 para tratar de questões práticas de conduta cristã, a primeira coisa que fez foi exortar ao compromisso.

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que ofereçam seu corpo como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; esse é o culto espiritual de vocês (Rm 12.1).

Ao examinarmos a exortação de Paulo ao compromisso, percebemos uma diferença óbvia entre o compromisso do atleta olímpico e o compromisso apresentado aqui. O compromisso do atleta é consigo mesmo ou talvez com o time. O compromisso a que Paulo nos instou é com Deus. Comprometa-se com Deus. Ofereça-lhe seu corpo como um sacrifício que é vivo, santo e agradável a ele.

Quando nos comprometemos com a busca da santidade, precisamos ter certeza de que nosso compromisso é de fato com Deus, e não simplesmente com um estilo de vida santo ou com um conjunto de valores morais. As pessoas da geração dos meus pais eram de modo geral honestas, castas, sóbrias e frugais. Elas tinham um compromisso com esses valores, mas não necessariamente com Deus. Muitas delas eram moralistas notáveis e até mesmo iam à igreja, mas não estavam comprometidas com Deus. Seu compromisso era com seus valores, e não com Deus.

Como cristãos, devemos tomar cuidado para não cometer o mesmo erro. Podemos ter um compromisso com um conjunto de valores cristãos ou com uma conduta de discipulado sem termos um compromisso com o próprio Deus. Mas

Paulo disse para nos oferecermos a Deus e, ao fazer isso, a nos comprometermos com a busca da santidade para agradá-lo.

Não devemos buscar a santidade para nos sentirmos bem em relação a nós mesmos ou para nos sentirmos parte do nosso grupo social cristão ou para evitarmos sentir vergonha e culpa após cometermos um pecado persistente na nossa vida. Demasiadas vezes nossa preocupação com o pecado é uma consequência de como ele nos faz sentir. Hábitos pecaminosos, às vezes chamados de "pecados insistentes", produzem em nós um sentimento de derrota, e não gostamos de ser derrotados em nada, seja em uma partida de pingue-pongue, seja em nossa luta contra o pecado.

Certa vez, falei em um retiro sobre a importância de nos revestirmos de um caráter que reflete Cristo ao mesmo tempo em que buscamos nos despir de hábitos pecaminosos. Após minha mensagem, quatro ou cinco pessoas vieram me pedir ajuda pessoal para lidar com algum pecado específico em sua vida. Até aí tudo bem, mas me chamou a atenção o fato de que ninguém veio me pedir ajuda para se revestir de qualquer virtude que reflete Cristo. Durante minha reflexão sobre as possíveis razões disso, percebi que hábitos pecaminosos produzem em nós um sentimento de culpa e de derrota. A ausência de um caráter que espelha Cristo normalmente não tem um efeito semelhante em nós, havendo menos motivação para buscarmos mudanças na nossa vida.

Precisamos nos esforçar para assegurar que nosso compromisso com a santidade seja um compromisso com Deus, e não com a nossa própria autoestima. Frederick W. Faber, um autor britânico do século 19, entendeu essa tendência muito bem. Mais uma vez, para facilitar o entendimento, parafrasearei:

Quando pecamos, ficamos mais irritados com o rebaixamento da nossa autoestima do que aflitos com a desonra de Deus. Ficamos espantados e irritados com nossa própria ausência de autocontrole na nossa sujeição a hábitos desonrosos […] A primeira causa disso é o amor-próprio, que é incapaz de suportar a frustração que sentimos quando não saímos de um momento de provação belos, admiráveis e de cabeça erguida.[1]

O apóstolo Paulo já havia exortado a um compromisso com Deus em Romanos

6.13. Ele escreveu: “Não ofereçam os membros de seus corpos ao pecado, como instrumento de iniquidade; antes ofereçam-se a Deus como quem foi levado da morte para a vida; e ofereçam os membros dos seus corpos a ele, como instrumentos de justiça”. Nesse versículo, Paulo estabeleceu um contraste absoluto entre oferecer os membros do nosso corpo ao pecado como instrumentos da iniquidade e oferecê-los a Deus como instrumentos da justiça. Mas a base dessa mudança absoluta de compromisso é a oferta de nós mesmos — nosso ser inteiro — a Deus. Não podemos controlar para o que nossos olhos olham, o que nossa boca fala ou o que nossas mãos e pés fazem, se nosso ser inteiro, incluindo nossa mente e coração, não está comprometido com Deus.

A palavra oferecer em Romanos 12.1 contém a ideia de uma dedicação decisiva e definitiva. Devemos oferecer nosso corpo a Deus da mesma maneira definitiva que um israelita levaria seu sacrifício animal ao templo para ser morto e ofertado a Deus. Ao mesmo tempo, essa oferta deve ser um sacrifício vivo, que significa uma dedicação constante ou um sacrifício perpétuo que nunca deve ser negligenciado ou revogado. Assim, o compromisso com a santidade deve ser um compromisso decisivo que é reafirmado de modo constante.

## SEM EXCEÇÕES

Desse modo, um compromisso com a busca da santidade é em primeiro lugar um compromisso com Deus de perseguir um estilo de vida que seja agradável a ele. Em resumo, é um compromisso com uma vida de obediência. Esse compromisso não deve permitir nenhuma exceção, nenhum pecado secreto que queiramos manter em nossa vida, nenhum hábito pecaminoso que não estejamos dispostos a abandonar. Nosso alvo deve ser não pecar.

Isso não significa que podemos alcançar uma perfeição sem pecado nesta vida, pois até mesmo nossas melhores obras estão manchadas pelo pecado. Mas significa que nosso propósito resoluto deve ser não pecarmos de modo intencional. Analisaremos a questão das escolhas diante da tentação no capítulo 11, mas, por enquanto, precisamos saber que é impossível fazermos as escolhas corretas de modo constante sem termos um compromisso com uma vida de santidade sem exceção. Não faz sentido algum orarmos pela ajuda de Deus

diante da tentação se não nos comprometemos com uma obediência sem exceção.

O salmista disse:

Fiz um juramento e o confirmei

de que seguirei tuas justas leis (Sl 119.106).

Ele levava tão a sério seu compromisso com a obediência que fez um juramento de que seguiria as leis justas de Deus. Nesse contexto, um juramento é uma invocação solene de Deus para testemunhar que a pessoa realmente está decidida a fazer o que está dizendo. É uma declaração de que ela cumprirá uma promessa. É um compromisso do nível mais elevado. O salmista não apenas fez um juramento, mas também o confirmou. Ele queria tornar seu compromisso o mais forte possível.

O pastor e autor puritano Stephen Charnock comentou sobre esse versículo: "Renove com frequência resoluções já decididas e santas. Um soldado não determinado a lutar pode ser derrotado facilmente […] A fraqueza das nossas vontades, a força das nossas tentações e a intensa aplicação dos nossos inimigos espirituais demandam resoluções fortes".[2]

Já me referi no capítulo 8 às setenta resoluções de Jonathan Edwards. Uma das suas resoluções foi: "Resolvi que viverei como gostaria de ter vivido quando chegar a hora da minha morte".[3] Edwards não queria nenhuma exceção no seu compromisso com a busca da santidade. Ele sabia que na hora da morte os pequenos flertes com o pecado que aparentam ser tão atrativos em tempos de saúde se tornariam um motivo de remorso profundo.

Como respondemos a esse desafio ao compromisso para apresentar nosso corpo como um sacrifício vivo; para, por assim dizer, fazer um juramento de obedecer às leis justas de Deus; para resolver não permitir nenhuma exceção à nossa obediência? Suspeito que a primeira coisa em que todos nós pensamos é a impossibilidade de sermos totalmente fiéis a esse compromisso. E hesitamos em estabelecer um compromisso ao qual sabemos que não seremos fiéis. Mas a

pergunta ainda permanece: estamos dispostos a tornar isso nosso alvo, nosso objetivo na vida?

Você se lembra da analogia da obediência do "piloto automático" versus a obediência de "piloto de corrida"? Estamos dispostos a nos comprometer com a abordagem de piloto de corrida ou nos conformaremos com a mediocridade de apenas evitarmos pecados escandalosos? Estamos dispostos a lidar com os pecados "sofisticados" na nossa vida e os chamados pecados pequenos que talvez consideremos desimportantes? Estamos dispostos a nos comprometer com um objetivo de obediência sem exceção? Nossa busca pela santidade exige esse compromisso.

## QUAIS SÃO SUAS INTENÇÕES?

William Law, no seu clássico A serious call to a devout and holy life, em certa parte do livro, escreveu sobre a linguagem vulgar ou, como ele a chamou, os palavrões. Ele disse: "Em geral a razão dos palavrões é esta: que os homens não têm a intenção de agradar a Deus em todas as suas ações".[4] O que podemos dizer de nós hoje? Nossa intenção é agradar a Deus em todas as nossas ações? É a esse compromisso que Paulo nos exortou quando nos instou a oferecer nosso corpo como um sacrifício vivo a Deus.

Law continuou:

E se agora você parar para se perguntar qual o motivo de não ser tão [santo] quanto os cristãos primitivos, seu próprio coração lhe revelará que o motivo não é nem ignorância nem incapacidade, mas puramente o fato de essa nunca ter sido totalmente a sua intenção […] Essa doutrina não pressupõe que não temos nenhuma necessidade da graça divina ou que está ao nosso próprio alcance nos tornarmos perfeitos. Ela apenas pressupõe que, pela [ausência] de uma intenção sincera de agradarmos a Deus em todas as nossas ações, somos vítimas de tais irregularidades na vida que pelos meios ordinários da graça deveríamos ser capazes de evitar.[5]

É a intenção de agradar a Deus em todas as nossas ações que é o elemento central para o compromisso com uma vida de santidade. Se não estabelecemos esse compromisso com uma obediência sem exceção, nos veremos permitindo exceções constantes. Teremos uma síndrome de “só mais uma vez” na nossa vida. Mas a verdade é que essa mentalidade de “só mais uma vez” enfraquece nosso compromisso. Toda vez que cedemos a uma tentação, ainda que aparente ser pequena e insignificante, tornamos mais fácil ceder na próxima vez.

O pecado tem a tendência de exercer um poder cada vez maior sobre nós se não sofrer resistência em cada ocasião. O apóstolo Paulo escreveu em Romanos 6.19: “Assim como vocês ofereceram os membros dos seus corpos em escravidão à impureza e a uma maldade sempre crescente, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade”. Faremos uma análise mais detalhada dessa passagem no capítulo 11, mas por enquanto note a expressão “maldade sempre crescente”. Paulo estava se referindo a essa capacidade e tendência que o pecado tem de exercer uma grande força sobre nós à medida que cedemos em cada tentação.

Não importa se o pecado que nos tenta aparenta ser pequeno ou grande. O princípio que estamos examinando — que ceder a qualquer tentação enfraquece nosso compromisso de resistir ao pecado — é válido em ambos os casos.

Assim como precisamos nos comprometer em não pecar de modo intencional, assim também precisamos nos comprometer em nos revestirmos das virtudes positivas do caráter cristão. Lembre-se do que Paulo disse: “Revistam-se de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência” (Cl 3.12). Vimos no capítulo 2 que há ao menos 27 desses traços de caráter positivos que devemos buscar. Qual é nossa intenção com respeito a essas características? Se queremos ser como Cristo no seu caráter, precisamos nos comprometer em nos revestir das virtudes dele.

Não basta pararmos de sonegar nosso imposto de renda; também devemos aprender a compartilhar com aqueles em necessidade. Não basta evitarmos sentir mágoa daqueles que nos fizeram mal; precisamos perdoar como Deus nos perdoou. Não basta orarmos pela capacitação divina para lidarmos com um temperamento volátil; também devemos pedir que Deus nos ajude a nos revestir da compaixão e da bondade.

E, assim como precisamos nos comprometer em lidar com o pecado na nossa vida sem exceção, também precisamos nos comprometer em nos revestirmos do fruto do Espírito com a mesma aplicação. Nesse sentido, mais uma vez as observações de William Law nos são úteis:

De novo, que um comerciante tenha somente essa intenção e ela fará dele um santo no seu comércio; sua atividade diária será uma demonstração de ações sábias e sensatas, tornadas santas para Deus, por serem efetuadas em obediência à sua vontade e desejo […] Portanto, ele considerará não quais artes ou métodos ou aplicação serão mais eficientes em fazê-lo mais rico e maior do que seus irmãos ou tirá-lo de um comércio e inseri-lo em uma vida de pompa e prazer; mas ele considerará quais artes, quais métodos e qual aplicação são mais capazes de tornar atividades mundanas agradáveis a Deus e tornar uma vida de comércio uma vida de santidade, devoção e piedade. Esse será o humor e o espírito de todo comerciante; ele não pode ficar aquém desses graus de piedade, sempre que sua intenção for agradar a Deus em todas as suas ações, como a coisa que é a melhor e mais feliz no mundo.[6]

Obviamente, Law estava aplicando o princípio das “intenções”, ou, como eu diria, o compromisso à sociedade da sua época, em particular no âmbito do comércio. O comerciante na sua descrição tinha um negócio de uma só pessoa, que era um sapateiro, um curtidor, um alfaiate ou alguma outra coisa. E Law estava dizendo que o comerciante deveria se comprometer em conduzir seu negócio não com o objetivo de ganhar o máximo possível de dinheiro, mas com o de ser o mais agradável possível a Deus. Assim, o princípio é que devemos nos comprometer em fazer tudo que fazemos não da maneira que poderia aparentar nos trazer o máximo de vantagem pessoal ou melhor alcançar nosso objetivo pessoal, mas da maneira que seria a mais agradável a Deus.

Esse princípio se aplica a como um aluno aborda seus estudos, à maneira de comprarmos e consumirmos, ao nosso modo de competir em jogos e esportes, a como decoramos nossa casa e cuidamos do nosso gramado e até ao nosso modo de dirigir.

A cidade em que moramos atrai um grande número de visitantes no verão, e a

estrada pela qual dirijo até nosso escritório com frequência está repleta de turistas durante essa época. Não familiarizados com a cidade e às vezes se sentindo perdidos, os turistas muitas vezes tendem a dirigir mais devagar do que os habitantes locais. É fácil nessa situação ficar irritados com eles e mostrar essa impaciência na nossa maneira de dirigir. Às vezes, após eu "ultrapassar voando" um outro veículo para chegar ao trabalho, minha esperança era que essa pessoa não me visse entrando para o pátio de uma organização cristã.

Porém, a verdade é que Deus sabe que sou cristão e sabe que trabalho para uma organização cristã. Se eu ficaria envergonhado por um turista identificar minha maneira impaciente de dirigir com um cristão, quanto mais eu não deveria ficar envergonhado diante de Deus. Afinal de contas, ele é aquele com quem estabeleci um compromisso de buscar agradá-lo em todos os meus pensamentos, palavras e ações. Assim, nosso compromisso com a busca da santidade deve abranger todas as áreas da vida e deve incluir tanto as coisas significativas quanto as aparentemente insignificantes que fazemos. Deve ser um compromisso tanto de nos despirmos do estilo de vida do velho eu quanto de nos revestirmos das virtudes do novo eu.

## COMPROMISSOS ESPECÍFICOS

Além de um compromisso geral com a busca da santidade em cada área da vida, penso ser útil assumirmos compromissos específicos em áreas nas quais somos vulneráveis ou propensos a pecar de modo especial. Por exemplo, se temos uma propensão a fofocar ou falar de modo crítico de outras pessoas, é útil estabelecermos um compromisso específico com a interrupção dessas práticas. Analisaremos a maneira de fazer isso nos dois capítulos seguintes, mas por enquanto quero enfatizar o valor de identificar aquelas áreas da nossa maior vulnerabilidade ao pecado — seja no que fazemos (p. ex., a fofoca), seja no que não fazemos (amar nossa esposa como Cristo amou a igreja, e assim por diante) — e então estabelecer compromissos específicos nessas áreas.

Encontramos dois exemplos de compromissos específicos na vida de Jó e de Daniel. O compromisso de Jó dizia respeito a olhares lascivos, uma tentação que é comum na vida dos homens e contra a qual precisam se precaver todo dia. Jó

disse:

Fiz um acordo com os meus olhos

de não olhar com lascívia para as moças (Jó 31.1).

O próprio Deus reconheceu Jó como um homem que era “irrepreensível e íntegro, um homem que teme a Deus e evita o mal” (Jó 1.8). No entanto, Jó achou útil selecionar essa área específica de tentação e estabelecer um compromisso com respeito a ela, um compromisso que caracterizou como “[fazer] um acordo com os meus olhos”.

O compromisso de Daniel era não comer alimentos que violariam as leis alimentícias que Deus havia determinado para a nação de Israel. Daniel estava entre aqueles que haviam sido levados exilados para a Babilônia, e ele foi selecionado, junto com outros jovens israelitas da família real e da nobreza, a fim de ser treinado para ingressar no serviço do rei babilônico. Durante esse treinamento, eles deveriam se alimentar da mesma comida que era servida na mesa do rei. No entanto, isso era um problema, pois a comida do rei incluiria alimentos que Deus proibia os judeus de comer.

Daniel 1.8 diz: “Mas Daniel decidiu não se tornar impuro com a comida e com o vinho do rei, e pediu ao chefe dos oficiais permissão para não se tornar impuro com essas coisas”. Daniel estabeleceu um compromisso específico de não pecar contra Deus pela violação das leis alimentícias judaicas. O relato bíblico sugere que ele fez isso tendo plena consciência da possibilidade de que violar a ordem resultaria em perder sua cabeça. (Veja o versículo 10. Se o oficial temia perder sua cabeça por causa da dieta de Daniel, podemos pressupor que Davi também corria o risco de perder a dele.)

A tentação de Jó de olhar com lascívia para uma moça tinha origem no seu próprio coração. A origem da tentação de Daniel era o ambiente ou circunstâncias em que se via. Estamos vulneráveis a ambos os tipos de tentação. Algumas são geradas pelo pecado que continua residindo no nosso coração; outras são resultado do ambiente em que vivemos ou trabalhamos.

Um vendedor de carros se tornou cristão alguns anos atrás. Naquela época, havia uma prática extremamente comum entre as revendedoras autorizadas de diminuir a marcação dos hodômetros de carros aceitos como parte do pagamento. Por exemplo, se um hodômetro mostrava sessenta e cinco mil quilômetros, ele poderia passar a mostrar apenas cinquenta mil. Assim que esse homem se tornou cristão, entendeu que essa era uma prática antiética, então se comprometeu a parar. Obviamente, ele fez isso tendo plena consciência de que esse compromisso o colocaria em uma posição desvantajosa em relação a outros vendedores ainda adeptos da prática. No entanto, a tentação de continuar uma prática antiética existia por causa do seu ambiente profissional específico.

Um executivo em uma grande empresa ficou convicto em relação a "inflar" suas despesas de viagem. Mas, como ele me disse, "o problema é que todos na empresa fazem isso". Ele sabia que sofreria uma enorme pressão, pois, se apresentasse um relato de despesas honesto, o relato dos seus colegas não pareceria correto. Mas ele se comprometeu com uma conduta honesta nessa situação.

Aqui vemos dois exemplos de profissionais que enfrentaram a tentação de continuar em uma prática pecaminosa por causa do ambiente profissional em que se viam. Parece que quase todas as pessoas envolvidas com qualquer tipo de atividade profissional no nosso atual ambiente social em algum momento estarão diante de tentações éticas. Ainda que eu trabalhe em uma organização cristã, tive a experiência de um agente de viagens aéreas me sugerir modos de escapar de regulamentos relativos a passagens para evitar um preço mais alto. As pessoas o ajudarão a comprometer sua integridade se você não estiver comprometido em ser absolutamente honesto nas suas atividades profissionais.

Há uma percepção muito interessante e desafiadora sobre Jó e Daniel em Ezequiel 14.14. No contexto desse versículo, Deus estava falando ao profeta Ezequiel acerca de seu juízo sobre um país que peca contra ele. Deus disse: "Mesmo que estes três homens — Noé, Daniel e Jó — estivessem nela, por sua justiça eles só poderiam salvar a si mesmos". Deus estava dizendo que sua ira seria provocada de tal modo que, diferentemente da vez em que disse a Abraão que pouparia Sodoma e Gomorra caso encontrasse dez justos nela, não pouparia esse país mesmo que Noé, Daniel e Jó estivessem nele. Eles apenas salvariam a si mesmos por sua justiça.

Deus queria enfatizar que nem mesmo a presença de três homens justos pouparia

um país da ira dele. E, com esse fim, ele passou por toda a história humana até aquele momento e selecionou os nomes de três homens que seriam notáveis pela sua justiça. Dois desses homens, Noé e Jó, eram muito antigos. Daniel foi um contemporâneo de Ezequiel durante os setenta anos do exílio. Mas dois desses homens proporcionam nossos breves estudos de caso sobre o estabelecimento de compromissos específicos. A lição para nós é: se Jó e Daniel, que se destacaram pela sua justiça, precisaram estabelecer compromissos com respeito a áreas específicas de tentação, nós precisamos muito mais.

Insto você, antes de chegar ao fim deste capítulo, a parar para listar quaisquer áreas de tentação nas quais precisa estabelecer um compromisso específico. Você precisa fazer um acordo com seus olhos sobre para o que olha, ou com sua boca sobre o que diz ou com sua mente sobre o que pensa? Há uma tentação particular, ou talvez até mesmo uma prática pecaminosa, que surge no seu trabalho, escola ou ambiente profissional que demanda um compromisso que fortaleça você contra ela? Anote esses compromissos em um papel só para você para poder revê-los e orar sobre eles diariamente.

Talvez haja uma área particular no seu casamento, ou no relacionamento com seus filhos ou seus pais, ou até mesmo com um amigo ou com um colega de trabalho na qual não está demonstrando o fruto do Espírito do amor, paciência ou bondade. Você precisa estabelecer um compromisso de que, em uma relação de dependência do Espírito Santo para capacitá-lo, buscará exibir esse "fruto" particular a esse indivíduo? Se esse for o caso, insto você a estabelecer esse compromisso. Aliás, talvez você descubra que terá necessidade de vários compromissos — pecados dos quais deve se despir e traços que espelham Cristo dos quais deve se revestir. Se não se comprometer com a busca da santidade nessas áreas específicas da sua vida, descobrirá uma tendência de vacilar diante dessas tentações.

## MOTIVO E MOTIVAÇÃO

Suspeito que o sabor geral deste capítulo tenha um aspecto rigoroso demais e até mesmo legalista para algumas pessoas. "Quem", elas talvez perguntem, "seria capaz de ser fiel a esse compromisso com uma busca da santidade sem sequer

permitir a exceção de alguns pecados ‘pequenos’? E, se não há exceções, há qualquer espaço para a graça? Deus é realmente tão rígido assim?”.

Sim, Deus é realmente tão rígido, pois ele não pode comprometer sua santidade nem um milímetro. Seu objetivo é nos conformar à semelhança do seu Filho, e Jesus foi completamente sem pecado, embora tenha sido tentado de todas as maneiras em que nós somos tentados (Hb 4.15). Não, não podemos, ou talvez não venhamos a ser fiéis a esses compromissos de modo perfeito, mas uma fidelidade perfeita deve ser ao menos nosso alvo. Em uma batalha, alguns soldados sempre serão atingidos, mas cada um deles tem o alvo de não ser atingido. Ter um alvo menor seria o ápice da tolice para um soldado, e essa postura é um perigo do mesmo nível para nós na batalha com o pecado.

Há qualquer espaço para a graça? Sem dúvida alguma; aliás, o apóstolo Paulo baseou sua exortação a esse compromisso tão decisivo na misericórdia ou graça de Deus. (Paulo aparenta usar misericórdia e graça de modo permutável sem considerar a diferença de significado precisa entre as duas palavras.) Examinemos Romanos 12.1 mais uma vez: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que ofereçam seu corpo como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; esse é o culto racional de vocês”.

Foi pelas misericórdias de Deus que Paulo instou os romanos, e a nós hoje, a oferecer seus (nossos) corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus. Certamente Paulo tinha em mente a misericórdia de Deus como apresentada por ele nos capítulos anteriores: a misericórdia de Deus na nossa salvação. Ele poderia estar pensando na justiça de Deus que recebemos pela fé, na justificação gratuita pela sua graça por meio da redenção que há em Cristo Jesus ou em Deus apresentando Jesus como uma propiciação pelos nossos pecados que desvia de nós a ira santa e justa de Deus.

Certamente, a mente de Paulo teria meditado mais uma vez sobre aquela declaração extraordinária de Romanos 4.8:

Bem-aventurado é aquele

cujo pecado o Senhor nunca contará contra ele.

Ele teria pensado no fato de que, tendo sido justificados pela fé, agora temos paz com Deus e que agora estamos firmes na graça diante dele todos os dias. Ele teria se regozijado na nossa libertação do domínio do pecado pela nossa união com Cristo na sua morte. Ele teria mais uma vez exultado na afirmação fantástica em Romanos 8.1 de que “agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus”.

Ele teria se deleitado de novo nas promessas da glória futura e da garantia de que já nesta vida nada pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Ele teria mais uma vez refletido estupefato sobre a misericórdia de Deus aos gentios e a promessa de misericórdia futura aos judeus. Em resumo, Paulo teria tido em mente o evangelho de Jesus Cristo em todos os seus aspectos extraordinários ao escrever sobre a misericórdia de Deus.

É essa misericórdia que nos é revelada no evangelho e que nós, cristãos, experimentamos que é a base do nosso compromisso. O tipo de compromisso ao qual Paulo exortou de fato seria um compromisso legalista e opressor se não estivesse fundamentado no amor. E o único modo de Paulo instigar nosso amor seria nos lembrar do amor de Deus por nós, revelado por meio de sua misericórdia e sua graça. O que Paulo nos pediu é apenas uma resposta de amor e gratidão, que se expressa em compromisso amoroso.

João Calvino comentou, sobre Romanos 12.1:

A súplica de Paulo nos ensina que os homens nunca adorarão a Deus com um coração sincero ou serão instigados a temê-lo e obedecê-lo com suficiente zelo se não entenderem apropriadamente a extensão da sua dívida para com a misericórdia dele […] Paulo, […] a fim de nos ligar com Deus não por um temor servil, mas por um amor voluntário e alegre pela justiça, atrai-nos pela doçura da graça na qual nossa salvação consiste.[7]

Assim, vemos mais uma vez a relação entre a graça e a disciplina. Uma resposta de amor à graça e à misericórdia divinas é o único motivo aceitável a Deus do compromisso ao qual Paulo exortou. E é o ato de nos lembrarmos de modo contínuo da sua graça e misericórdia que proporciona a única motivação duradoura para manter esse compromisso e impedi-lo de se tornar opressivo.

Essa é a razão de devermos pregar o evangelho a nós mesmos todos os dias.

Há mais um encorajamento ao compromisso no contexto de Romanos 6.13. Você recorda que Romanos 6.13 é uma passagem paralela a Romanos 12.1, pois em ambas as passagens Paulo roga que ofereçamos nosso corpo a Deus na busca da santidade. Mas o contexto de Romanos 6.13 é a garantia da capacitação de Deus para executarmos esse compromisso. Em Romanos 6.11, somos instados a nos considerar mortos para o domínio do pecado e vivos para o poder capacitador de Deus. No versículo 14, Paulo nos assegura de que "o pecado não [nos] dominará, porque [nós] não est[amos] debaixo da lei, mas debaixo da graça". Em outras palavras, Deus não apenas pede que nos comprometamos com a busca da santidade, mas também fornece a graça que nos capacita para esse compromisso. Como diz o pequeno verso que vimos no capítulo 5: "Ele a voar me ordena e asas me dá".

Obviamente, a graça, nesse contexto, refere-se à capacitação de Deus pelo poder do seu Espírito. Assim, quer vejamos a graça como o favor imerecido de Deus, o sentido em Romanos 12.1, quer a vejamos como a capacitação divina, o sentido em Romanos 6.13, é a graça que é a base do nosso compromisso com a busca da santidade.

Assim, um compromisso total, irrestrito e sem limitações com a busca da santidade talvez seja exaustivo, mas não será opressivo se estiver fundamentado na graça. Mas, para estar fundamentado na graça, é necessário reconectá-lo de modo constante com o evangelho. Portanto, não apenas pregue o evangelho a si mesmo todo dia para experimentar a purificação da sua consciência. Certamente precisa fazê-lo por essa razão. Mas, ao fazê-lo, reafirme, como uma resposta de amor e gratidão a Deus, seu compromisso com ele. E faça isso em dependência do seu Espírito, para que ele, pela sua graça, o capacite a executar seu compromisso.

E, a propósito, se já não o fez, não deixe de listar áreas específicas de tentação nas quais quer estabelecer um compromisso. Apresente-as ao Senhor e, tendo consciência plena da sua misericórdia para com você, comprometa-se em lidar com essas áreas da sua vida.

[1] Paráfrase de Frederick William Faber, Growth in holiness (Westminster: The Newman Press, 1960; publicação original em 1854), p. 93 [publicado em português por Vozes sob o título Progresso na vida espiritual].

[2] Stephen Charnock, como citado por C. H. Spurgeon em The treasury of David (Grand Rapids: Baker, reimpr., 1984; 1882-1887), vol. 2: Psalms 119–127, p. 249 [publicado em português por Pão Diário sob o título O tesouro de Davi].

[3] Jonathan Edwards, The Works of Jonathan Edwards, edição de Edward Hickman (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974; publicação original em 1834), vol. 1, p. xxi.

[4] William Law, A serious call to a devout and holy life, ed. rev. (Grand Rapids: Sovereign Grace Publishers, 1971), p. 6 [publicado em português por Clube de autores sob o título Um chamado sério para uma vida devota e santa].

[5] Ibid., p. 6, 9.

[6] Ibid., p. 7.

[7] João Calvino, Calvin's New Testament commentaries, edição de David W. Torrance e Thomas F. Torrance, tradução para o inglês de Ross Mackenzie (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), vol. 8: The Epistle of Paul to the Romans and to the Thessalonians, p. 263.

# 10

# A DISCIPLINA DAS CONVICÇÕES

*Não se conformem mais ao padrão deste mundo, mas sejam transformados pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e aprovar qual é a vontade de Deus — sua boa, agradável e perfeita vontade*

(Rm 12.2).

No início da década de 1990, os autores de um livro sobre a sociedade contemporânea americana escreveram: “Na década de 1950 e até mesmo no início da de 1960, havia algo muito mais próximo de um consenso moral na América […] Não há absolutamente nenhum consenso moral de nenhum tipo na década de 1990. Todas as pessoas estão inventando seu próprio código moral — seus próprios Dez Mandamentos”.[1]

Não deveria ser nenhuma surpresa que a sociedade em geral tenha ido na direção do antigo Israel: “cada um fazia o que lhe parecia certo” (Jz 21.25, KJV). A civilização ocidental se afastou de modo deliberado da Bíblia como sua autoridade moral. Agora estamos experimentando as consequências disso.

No entanto, o que deve nos deixar perturbados é o fato de os evangélicos estarem indo na mesma direção. “Quatro entre dez pessoas que se autodenominam evangélicas não acreditam na existência de uma verdade absoluta, de acordo com uma pesquisa do Barna Research Group”.[2] Se isso significa que esses 40% decidem sozinhos o que é certo ou errado em vez de irem à Bíblia, então não é de admirar que haja pouca diferença entre as visões éticas e a conduta de pessoas que se dizem cristãs e aquelas pessoas sem relação nenhuma com o cristianismo. A moral se torna apenas uma questão de opinião pessoal. Aliás, sei de situações em que cristãos foram confrontados quanto a algum pecado na sua vida e responderam: “Essa é apenas sua opinião”.

No entanto, tratemos de uma situação mais familiar. O que dizer dos 60% restantes de evangélicos que aparentemente acreditam na existência de uma verdade absoluta? Será que essa crença influencia nossa conduta ou altera nosso caráter? Em que medida acreditarmos que a Bíblia apresenta uma verdade absoluta determina nosso modo de viver? Em grande medida, a resposta deve ser muito pouco, pela simples razão de que um enorme número de cristãos não está se expondo às verdades das Escrituras de modo diário.

A situação aparente é que em muitos círculos evangélicos temos uma moral por consenso. Talvez não estejamos fazendo o que meramente nos parece certo, como na sociedade à nossa volta, mas tampouco estamos vivendo de acordo com os padrões bíblicos. O que acontece é que vivemos segundo os padrões de conduta de cristãos à nossa volta. Não apenas temos uma moral por consenso, mas também temos uma santificação por consenso. Nossa expectativa é nos tornarmos santos por osmose, pela absorção dos valores éticos do nosso grupo de colegas cristãos.

Para progredirmos na busca da santidade, nosso alvo deve ser viver de acordo com os preceitos das Escrituras — e não de acordo com a cultura, nem mesmo a cultura cristã à nossa volta. Mas podemos fazer isso se não sabemos quais são esses preceitos? Não basta ouvirmos um ou dois sermões de 32 minutos por semana. Devemos ser expostos às Escrituras de modo diário se esperamos viver debaixo da autoridade delas.

Para buscar a santidade, uma das disciplinas nas quais devemos nos tornar proficientes é o desenvolvimento de convicções baseadas na Bíblia. Uma convicção é uma crença determinativa: algo em que você acredita tão fortemente que influencia seu modo de viver. Alguém observou que uma crença é algo que você tem, mas uma convicção é algo que tem você. Você pode viver contra aquilo que acredita, mas não pode viver contra suas convicções (isso não significa que você nunca age contra suas convicções, mas que não as viola de modo constante). Assim, a disciplina de que estamos falando é o desenvolvimento de convicções, e não apenas crenças. Obviamente, convicções podem ser boas ou ruins, tornando necessário termos certeza de que nossas convicções se baseiam na Bíblia, de que resultam da nossa interação pessoal com as Escrituras.

## A LINHA CONTÍNUA DA INFLUÊNCIA

No capítulo anterior, vimos que, em Romanos 12.1, o apóstolo Paulo fez um forte apelo para nos comprometermos com Deus a fim de conduzirmos uma vida que é santa e agradável a ele. No versículo seguinte, ele começa a nos dizer como executar esse compromisso. A primeira coisa é que devemos desenvolver convicções baseadas na Bíblia. Eis como Paulo coloca a questão:

Não se conformem mais ao padrão deste mundo, mas sejam transformados pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e aprovar qual é a vontade de Deus — sua boa, agradável e perfeita vontade (Rm 12.2).

Quando examinamos Romanos 12.2, uma das primeiras coisas que notamos é o contraste estabelecido por Paulo entre nos conformarmos (ou sermos conformados) ao padrão deste mundo e sermos transformados pela renovação da nossa mente. Ele pressupõe a existência de apenas duas alternativas. Nossas convicções e valores procederão da sociedade à nossa volta (o mundo) ou procederão da renovação da nossa mente gerada pela Palavra de Deus. Não há uma terceira opção.

O autor de Salmos 1 afirmou essa verdade de modo semelhante. Ele disse:

Como é feliz aquele

que não segue o conselho dos ímpios,

não se detém no caminho dos pecadores,

nem se assenta na roda dos zombadores!

Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor,

e, nessa lei, medita dia e noite.

Ele é como árvore plantada à beira de águas correntes,

que dá fruto no tempo certo

e cujas folhas não murcham.

Tudo o que ele faz prospera (Sl 1.1-3).

O salmista imagina duas alternativas, ou dois grupos de pessoas. Aqueles caracterizados no versículo 1 (por seguir o conselho dos ímpios e se deter no caminho dos pecadores) ficam cada vez mais debaixo da influência controladora dos iníquos e, por fim, eles mesmos começam a influenciar outras pessoas. O ato de se "assentar na roda dos zombadores" provavelmente se refere a uma posição de influência e autoridade semelhante à exercida pelos mestres da lei que "se assentavam na cadeira de Moisés" (Mt 23.2). Assim, essas pessoas não apenas são pessoalmente escravas do pecado, mas também influenciam outras pessoas a pecar.

O segundo grupo de pessoas são aqueles que se satisfazem na lei de Deus e meditam nela, ou pensam sobre ela de modo contínuo. De novo, note que o salmista apresenta um contraste entre duas influências diametralmente opostas: a influência onipresente da sociedade pecaminosa ou a influência transformadora da lei de Deus. Não há nenhuma esfera ou influência neutra. Estamos sendo influenciados por forças da sociedade pecaminosa ou pela Palavra de Deus.

Obviamente, a verdade é que nós, cristãos, provavelmente, somos influenciados tanto pela sociedade quanto pela Palavra de Deus. Podemos conceber essas duas influências opostas como representando os dois polos opostos de uma linha contínua, como na seguinte ilustração:

Todos os cristãos estão em algum ponto dessa linha, influenciados em parte pela sociedade pecaminosa e em parte pela Palavra de Deus. Quanto mais somos influenciados pela sociedade, mais perto estamos do polo esquerdo da linha. Quanto mais somos influenciados pela Palavra de Deus, mais perto estamos do polo direito. O que determina se vamos para a esquerda ou para a direita? O salmista nos dá a resposta: nossa atitude em relação à Palavra de Deus e o tempo que dedicamos pensando sobre ela. Nada mais determinará onde você está na linha.

A pessoa que está vivendo perto do polo esquerdo da linha é caracterizada, em primeiro lugar, como alguém que se satisfaz na lei de Deus. Como o apóstolo Paulo, essa pessoa está convicta de que a lei de Deus é "santa, justa e boa" (Rm 7.12). Ela percebe que a lei de Deus não é onerosa ou opressiva, mas que foi dada para nos ajudar a agradar a Deus e conduzir uma vida que é produtiva e nos traz satisfação (veja Sl 1.3). Uma pessoa que tem prazer na lei de Deus vê a Bíblia não apenas como um livro de regras difíceis de seguir, mas como a Palavra do seu Pai celestial que é o Deus de toda a graça e que lida com essa pessoa na graça.

A pessoa que vive perto do polo direito da linha também medita na lei de Deus dia e noite. Nas Escrituras, a palavra meditar significa pensar sobre uma verdade tendo em vista seu significado e aplicação à própria vida. Como Deus disse a Josué: "Medita nele [o Livro da Lei] dia e noite, para que cumpra fielmente tudo que está escrito nele" (Js 1.8). É a aplicação, ou o "fazer", que deve ser o objetivo da meditação. Está incluída nesse conceito de meditação uma reflexão sobre a própria vida para determinar a conformidade que há ou não há entre a verdade bíblica e o caráter ou a conduta na própria vida. Como o salmista disse:

Refleti em meus caminhos

e voltei os meus passos para os teus estatutos (Sl 119.59).

Ele não apenas pensou sobre as Escrituras. Ele também pensou sobre sua vida e quanto ela se conformava às Escrituras.

“Dia e noite” é uma expressão para continuamente. Se queremos viver perto do polo direito da linha de influência, nossa mente precisa estar imersa nas Escrituras. Precisamos focar nossa mente de modo contínuo na Palavra de Deus, considerando o significado e a aplicação das suas verdades na nossa vida. A ideia de uma meditação contínua talvez aparente ser impraticável e inalcançável nos nossos tempos agitados em que nossa mente precisa estar ocupada com as várias responsabilidades que todos nós temos. “Como posso meditar nas Escrituras”, você talvez pergunte, “quando tenho que pensar sobre meu trabalho o dia inteiro?”.

Não devemos conceber o conceito de “continuamente” como todo momento. Devemos, sim, concebê-lo como consistentemente e habitualmente. No que sua mente pensa quando está livre para pensar em qualquer coisa? Você começa a meditar sobre as Escrituras? Com frequência faço esta pergunta às pessoas: “Quando pode pensar sobre qualquer coisa que quer pensar, sobre o que você pensa?”. Você pensa sobre seus problemas ou você se imagina discutindo com uma outra pessoa ou talvez até mesmo deixa sua mente se perder no solo infértil de pensamentos impuros? Pensar é nossa atividade mais constante. Nossos pensamentos são nossa ocupação constante. Nunca estamos sem eles. Mas podemos escolher a direção e o conteúdo desses pensamentos.

A meditação nas Escrituras é uma disciplina. Precisamos nos comprometer com uma atitude proativa. Precisamos memorizar passagens centrais (ou levá-las em notas) para podermos pensar sobre elas. Precisamos estar alertas àqueles momentos durante o dia em que podemos pensar na Palavra de Deus e, quando esses momentos chegam, devemos fazê-lo. Até mesmo a prática da leitura bíblica diária é insuficiente se passamos o resto do dia sem meditar em algumas verdades das Escrituras. Devemos escolher meditar em vez de pensar sobre outras coisas, ou ouvir o rádio, ou assistir televisão. Simplesmente precisamos decidir em qual polo da linha da influência queremos viver e agir de acordo com essa decisão.

Podemos estar certos de uma coisa: se não buscarmos de modo ativo ser influenciados pela Palavra de Deus, seremos influenciados pela sociedade pecaminosa à nossa volta. O impacto da nossa cultura com sua forte ênfase no materialismo, no viver para si mesmo e na satisfação instantânea é simplesmente forte e disseminado demais para não sermos influenciados por isso. Enfatizando mais uma vez: não existe uma postura neutra na linha da influência. Estamos sendo trazidos cada vez mais para debaixo da influência transformadora das

Escrituras ou estamos sendo arrastados para a rede de uma sociedade ímpia à nossa volta.

## SEJAM TRANSFORMADOS

A próxima ideia que vemos em Romanos 12.2 é que devemos ser transformados pela renovação da nossa mente. Examinamos a palavra transformados, no capítulo 6, quando analisamos 2Coríntios 3.18. Vimos que ela denota uma transformação interior profunda no nosso caráter que produz uma transformação exterior na nossa conduta. Jesus disse que "é do interior, do coração dos homens" que vêm os maus pensamentos e más ações (Mc 7.21). A transformação sobre a qual Paulo estava escrevendo ocorre no coração e o muda para que não continue a produzir esse mal.

Também vimos que o verbo sendo transformados em 2Coríntios 3.18 é passivo, indicando algo que é feito a nós, nesse caso, pelo Espírito Santo. Notamos que o Espírito Santo é o agente transformador ou santificador. Não transformamos a nós mesmos, embora tenhamos um papel a desempenhar no processo.

O verbo sejam transformados em Romanos 12.2 também está na voz passiva. No entanto, ele também é um imperativo — uma ordem, ou, nesse caso, uma exortação. O uso do modo imperativo com um verbo passivo não é comum em nosso idioma. Quando damos uma ordem ou instamos alguém a fazer alguma coisa, geralmente usamos um verbo ativo. O pai de um jogador em um torneio infantil de beisebol gritará ao seu filho: "Tommy, acerte a bola". Ele quer que Tommy faça alguma coisa, e não que algo seja feito a ele.

No entanto, Paulo nos exorta: "Sejam transformados". Ele nos insta não a fazer algo, mas receber algo a ser feito a nós. Mais uma ilustração com Tommy, nosso jogador do torneio infantil, talvez nos ajude a entender o que Paulo estava nos dizendo. Imagine que Tommy chega em casa todo suado e sujo do seu jogo. Sua mãe está se preparando para receber visitas naquela noite. Ela olha para Tommy e lhe diz: "Vá tomar banho".

Essa é uma ordem. É um imperativo, e ela usa um verbo ativo. Ela quer que

Tommy faça algo. Mas qual é o resultado final que a mãe de Tommy deseja? Ela quer que Tommy fique limpo, ordenando que vá tomar um banho. Ela sabe que Tommy não pode limpar a si mesmo. O único resultado de tentar fazer isso seria mudar a sujeira de lugar no próprio corpo. Assim, ela quer que Tommy se submeta à ação de limpeza do sabão e da água. É o sabão e a água que lavarão o suor e a sujeira, mas Tommy precisa se submeter à sua ação de limpeza. Assim, sua mãe lhe diz: “Vá tomar banho”.

Assim como Tommy não pode limpar a si mesmo, assim também nós não podemos transformar a nós mesmos. Apenas o Espírito Santo pode fazer isso. Mas, assim como Tommy precisa se submeter à limpeza efetuada pelo sabão e pela água, assim também nós precisamos nos submeter à ação transformadora do Espírito Santo. Obviamente, isso significa que devemos nos submeter de modo contínuo à palavra de Deus, que é o instrumento central do Espírito Santo para nos transformar.

Desta forma, quando Paulo nos exortou para sermos “transformados pela renovação da [nossa] mente”, ele estava em essência dizendo: “Tragam a si mesmos para debaixo da influência transformadora da Palavra de Deus”. É esse o meio de começarmos a desenvolver convicções baseadas na Bíblia.

A exortação de Paulo também está no tempo presente. Isso significa que devemos permitir a nós mesmos ser transformados. Esse é um processo contínuo que deve ocorrer todos os dias da nossa vida. Como John Murray disse: “Devemos estar constantemente no processo de ser metamorfoseados pela renovação do que é a sede do pensamento e do entendimento”.[3] É mais do que nossos pensamentos e entendimento que devem ser transformados. Também devemos ser transformados nas nossas afeições e vontades. Mas esse processo começa com nosso entendimento da verdade. O comentarista escocês do século 19, John Brown, escreveu:

A mente é renovada quando, debaixo da influência do Espírito, a verdade é entendida e crida de tal modo que substitui a ignorância e o erro que prevalecia anteriormente. É a verdade, entendida e crida, que purifica o cerne do amor do mundo; e, na exata proporção em que essa verdade é entendida e crida, os homens são transformados. É pelo fato de os homens serem formados para uma maneira correta de pensar que eles são formados para um modo correto de sentir

e de agir com respeito a este mundo e o futuro — a Deus e nossos irmãos humanos.[4]

## BUSQUE SABEDORIA NAS ESCRITURAS

Obviamente, precisamos ter certeza de que, ao pensarmos sobre as Escrituras e sua aplicação à nossa vida, estamos pensando a verdade de Deus, e não nossas próprias opiniões. Em primeiro lugar, isso significa que devemos estar totalmente convictos de que a Bíblia é a Palavra de Deus — de que aquilo que as Escrituras dizem, Deus diz. Devemos abordar a Bíblia com a convicção profunda e arraigada de ela ser uma expressão precisa da mente de Deus e da vontade de Deus sobre como devemos viver.

Uma ambivalência nessa questão pode ser fatal para a busca da santidade, pois, afinal de contas, apenas Deus é a autoridade final no que constitui uma conduta santa. Se a Bíblia não é a Palavra de Deus completa e imbuída de autoridade, então não há nenhuma verdade absoluta, e estamos à mercê das nossas próprias opiniões.

No entanto, a Bíblia afirma de modo constante que é de fato a própria Palavra de Deus. O apóstolo Paulo disse: “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). O apóstolo Paulo disse que “homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). Expressões como “o Espírito Santo disse […] pela boca de Davi” (At 1.16), ou de Moisés, ou de um dos profetas ocorrem com frequência no Novo Testamento. Pedro se referiu aos escritos de Paulo como Escrituras (2Pe 3.16).

Talvez não entendamos como o Espírito inspirou a mente daqueles que escreveram as Escrituras ou como seu ato de falar pela boca de homens, como Davi, os fez falar exatamente o que queria que dissessem, mas isso é o que a Bíblia afirma de modo constante. Se essa é uma noção nova para você ou se tem algumas dúvidas sobre isso, encorajo você a estudar essa questão em oração e com humildade. Peça a Deus que remova quaisquer dúvidas que venha a ter e lhe dê uma convicção arraigada de que a Bíblia é de fato a Palavra de Deus, que é completa e imbuída de autoridade e que é uma verdade absoluta.

No entanto, não basta crermos que todas as Escrituras procedem de Deus. Precisamos nos empenhar para entendê-las do melhor modo possível. Devemos abordar a Bíblia todo dia com um espírito de humildade, reconhecendo que nosso entendimento da verdade espiritual é, na melhor das hipóteses, incompleto e, em alguma medida, incorreto. Nenhum cristão ou conjunto de cristãos tem o monopólio da verdade inteira. Certa vez, Jesus disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado” (Lc 10.21).

Por mais instruídos acerca das Escrituras que venhamos a ser, devemos abordá-la todo dia como criancinhas, pedindo que o Espírito Santo nos ensine. Não importa quanto já sabemos e entendemos, sempre há um tesouro infinito de entendimento da mente divina nos aguardando nas Escrituras. Minha própria experiência, baseada em mais de quarenta anos de estudo bíblico, é que, quanto mais aprendo sobre as Escrituras e entendo das Escrituras, mais percebo quão pouco entendo de tudo que Deus nos revelou na sua Palavra. Assim, não apenas leia ou estude a Bíblia com o objetivo de confirmar as opiniões que já tinha ou de afirmar suas doutrinas favoritas. Antes, peça que o Espírito Santo o ensine.

Ore como o salmista para que Deus abra seus olhos para ver as coisas extraordinárias na sua lei e lhe dê entendimento para guardar a lei dele (Sl 119.18,34). Talvez ele afirme de fato suas doutrinas e confirme suas convicções de modo mais profundo, havendo uma harmonia entre elas e o ensino das Escrituras. Também é muito provável que ele torne você ciente de áreas na sua vida em que não é totalmente obediente à sua vontade revelada ou faça você perceber que talvez um outro grupo de cristãos que tem uma posição doutrinária diferente da sua tem passagens bíblicas que, na visão deles, apoia a posição deles. Assim, devemos abordar as Escrituras com humildade e na expectativa de que o Espírito Santo nos humilhará ainda mais à medida que continuar nos ensinando pela sua Palavra.

Em seguida, devemos abordar as Escrituras com uma atitude de disciplina mental. Já vimos no capítulo 8 que precisamos tanto da disciplina quanto da dependência na busca da santidade. Esse também é o caso no nosso estudo das Escrituras. Há muitas abordagens e métodos para o estudo da Bíblia, mas todos têm em comum uma atitude de disciplina diligente. Salomão expressa muito bem essa atitude em Provérbios 2.1-5:

Meu filho, se você aceitar as minhas palavras

e guardar no coração os meus mandamentos;

se der ouvidos à sabedoria

e inclinar o coração para o discernimento;

se gritar por discernimento

e clamar bem alto por entendimento;

se procurar a sabedoria como se procura a prata

e buscá-la como quem busca um tesouro escondido,

então, você entenderá o que é temer ao Senhor

e achará o conhecimento de Deus.

Aqui vemos novamente que deve haver um espírito de humildade: “se você aceitar as minhas palavras” (v. 1). Essa atitude é contrastada com a atitude dos tolos:

Não quiseram aceitar meu conselho

e fizeram pouco caso da minha repreensão (Pv 1.30).

Observamos a prática do estudo diligente nas seguintes expressões: “inclinar o coração para o entendimento”, “procurar a sabedoria como quem procura a prata” e “buscá-la como um tesouro escondido”. A ideia de buscar sabedoria nas Escrituras com a mesma intensidade com que se buscaria um tesouro escondido sugere o valor que devemos dar ao ensino das Escrituras. Salomão também se referiu a esse valor quando disse: “Guarde meus ensinos como a pupila dos seus olhos” (Pv 7.2).

A pergunta que precisamos nos fazer é esta: qual o valor que damos à palavra de Deus? Buscamos sabedoria nela como se estivéssemos buscando tesouros escondidos ou a lemos e a estudamos apenas por sabermos que isso é algo que devemos fazer?

Junto com uma atitude de diligência, também precisamos de uma atitude de dependência como a expressa em Provérbios 2.3:

se gritar por discernimento

e clamar bem alto por entendimento.

“Gritar” e “clamar bem alto” denotam um senso de dependência quase desesperado, uma atitude muito diferente de uma oração mais comum e superficial a Deus que nos é ensinada a nós a fazer no início de nosso estudo bíblico semanal. A pergunta é: será que, de fato, acreditamos que somos dependentes do Espírito Santo para iluminar nosso entendimento ou na realidade dependemos das nossas próprias capacidades intelectuais no nosso estudo das Escrituras? Suspeito que muitos de nós, embora afirmemos nossa dependência do Espírito da boca para fora, no fundo dependemos do nosso próprio intelecto. É difícil manter uma atitude tanto de diligência quanto de dependência, mas sem essa atitude não podemos ser ensinados pelo Espírito Santo. Ele não recompensa nem a indolência nem uma autoconfiança pecaminosa. Ele abençoa a diligência quando a buscamos com uma atitude sincera de dependência dele. O que estamos falando aqui não é apenas sobre adquirirmos mais conhecimento da verdade bíblica, e sim sobre o desenvolvimento de convicções baseadas na Bíblia que devem guiar nossa conduta.

Podemos adquirir um conhecimento maior da verdade bíblica assim como podemos aumentar nosso conhecimento de ciência ou história. Infelizmente, um enorme número de cristãos parece abordar o estudo da Bíblia do mesmo modo que abordariam esses temas mais acadêmicos. Quando fazemos isso, a tendência é nos tornarmos mais orgulhosos, e não humildes. Tornamo-nos orgulhosos do nosso conhecimento “superior” da verdade bíblica em vez de ficarmos humilhados pela nossa falta de obediência ao que as Escrituras ensinam. Novamente, precisamos orar como o salmista:

Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus decretos,

e a eles obedecerei até o fim (Sl: 119.33).

Ou seja, devemos orar por um conhecimento da verdade que transformará nossa vida e não apenas informará nossa mente.

## GUARDE AS ESCRITURAS

Desse modo, vemos que, antes de iniciarmos uma meditação apropriada das Escrituras, precisamos de um entendimento correto do que elas dizem — não apenas de modo intelectual, mas também no nosso coração. Precisamos saber o que Deus nos diz sobre como devemos viver. Isso exige um estudo humilde, dependente e disciplinado. Também demanda que "guardemos" a verdade de Deus na nossa mente e no nosso coração.

Salomão usou a expressão "guardar no coração os meus mandamentos" em Provérbios 2.1 e 7.1. A ideia por trás de "guardar" é reservar para o caso de uma necessidade futura. Na minha infância, minha mãe enlatava muitas frutas e vegetais durante o verão, quando havia abundância desses alimentos. O que ela estava fazendo era guardar comida em vista dos meses futuros, quando essas frutas e vegetais não estariam disponíveis no seu jardim.

Um versículo bem conhecido da Bíblia é Salmos 119.11, que diz:

Escondi tua palavra no meu coração

para não pecar contra ti.

O verbo esconder nessa passagem não significa esconder algo no sentido de ocultar de modo deliberado para não se saber onde está. O que ele significa é guardar, ou, de modo mais exato, acumular como um tesouro. Assim, a palavra também sugere o mesmo sentido de guardar que Provérbios 2.1 e 7.1, mas com a dimensão adicional de que o que é guardado tem grande valor e deve ser valorizado.

É desse modo que devemos considerar e tratar a Palavra de Deus. Voltando a Provérbios 2.1-5, vemos que, logo após a forte exortação a um estudo dependente e diligente, o versículo 6 afirma que o Senhor dá sabedoria, conhecimento e discernimento. No contexto, é óbvio que ele dá essas coisas em resposta à nossa busca das Escrituras, como descrito nos versículos 1-4.

Então, em Provérbios 3.13-15, lemos esta avaliação da sabedoria e do entendimento que Deus dá àqueles que investigam sua Palavra desse modo:

Como é feliz o homem que acha a sabedoria,

o homem que obtém entendimento,

pois a sabedoria é mais proveitosa do que a prata

e rende mais do que o ouro.

É mais preciosa do que rubis;

nada do que você possa desejar se compara a ela.

A sabedoria e o entendimento que Salomão descreveu é o que poderíamos chamar de uma sabedoria e entendimento “espirituais” em oposição a uma sabedoria apenas humana. Basicamente, Salomão está se referindo a princípios de vida que, se seguidos, possibilitarão conduzirmos uma vida agradável a Deus. O apóstolo Paulo se referiu a esse tipo de sabedoria ao escrever aos cristãos colossenses que orava por eles, “pedindo que Deus os enchesse do conhecimento da sua vontade, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. E isso para que vivessem de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo” (Cl 1.9-10).

No entanto, observe o valor extremamente elevado que Salomão deu à sabedoria espiritual. Ela é mais proveitosa do que a prata, rende mais do que o ouro e é mais preciosa do que rubis. Aliás, ele disse que nada se compara a ela. Agora podemos entender a razão de o salmista se referir a acumular como um tesouro a Palavra de Deus no coração.

Desse modo, como acumulamos a Palavra de Deus no nosso coração? A resposta é pela meditação contínua nas Escrituras. No entanto, para pensarmos de modo contínuo sobre as Escrituras, devemos mantê-las na nossa mente. O melhor modo de fazermos isso é a disciplina de memorizarmos passagens centrais das Escrituras. Estou muito ciente do fato de a memorização das Escrituras ter sido amplamente abandonada nos nossos dias de refeições de micro-ondas e entretenimento televisivo. Contudo, permita-me dizer isto do modo mais gracioso, mas também mais firme possível: não podemos buscar a santidade com eficiência sem a Palavra de Deus guardada no nosso coração, onde o Espírito Santo pode usá-la para nos transformar.

Não se esqueça, devemos ser transformados pela renovação da nossa mente. Já vimos que cada um de nós vive em uma linha de influência entre a sociedade à nossa volta e a Palavra de Deus. Simplesmente, não há nenhum modo melhor de nos aproximarmos do polo da "Palavra de Deus" do que a disciplina de memorização das Escrituras. Sei que isso exige nosso esforço e, às vezes, ficamos desanimados se não conseguimos recordar com exatidão um versículo ao qual dedicamos um esforço intenso de memorização. No entanto, a verdade é que todas as formas de disciplina demandam nosso esforço e, muitas vezes, nos desanimam. Mas a pessoa que persevera em qualquer disciplina, a despeito do esforço intenso e momentos de desânimo, colhe a recompensa do fim prometido pela disciplina.[5]

O exemplo de Jesus usando as Escrituras ao ser tentado pelo Diabo no deserto com frequência é empregado para nos desafiar a memorizar as Escrituras. Ele foi tentado três vezes e, nessas três, respondeu à tentação de Satanás recorrendo às Escrituras, dizendo: "Está escrito" (Mt 4.1-11). É óbvio que ele havia memorizado essas ordens do Antigo Testamento que usou para rechaçar com eficiência os ataques de Satanás. Mas também deve ficar claro para nós que Jesus sabia mais do que alguns versículos isolados da lei mosaica. Na verdade, sua mente estava imersa nas Escrituras. Para você e eu sermos santos como ele é santo, nossa mente também precisa estar cheia das Escrituras. Nas palavras de Paulo, devemos deixar "a palavra de Cristo habitar ricamente em [nós]" (Cl

3.16).

No entanto, o uso da palavra de Cristo em passagens bíblicas específicas para rechaçar as tentações de Satanás deve ser instrutivo para nós. Já falei sobre identificar algumas tentações específicas às quais você está vulnerável e listá-las em um papel de oração privado. Depois, no capítulo anterior, incentivei você a estabelecer compromissos específicos com respeito às mesmas áreas de vulnerabilidade. No exemplo de Cristo, vemos um aprofundamento dessa especificidade: ele dirigiu passagens particulares do Antigo Testamento às tentações que estava enfrentando. Assim, encorajo você a memorizar passagens bíblicas que lidam com as tentações específicas às quais está especialmente vulnerável. Depois, peça ao Espírito Santo que o faça lembrar delas em momentos de tentação.

## APLIQUE À SUA VIDA

Vimos que nos submeter à influência transformadora da Palavra de Deus significa muito mais do que apenas adquirirmos conhecimento sobre os conteúdos das Escrituras. Aliás, a mera aquisição de fatos bíblicos ou verdades doutrinárias sem a aplicação à própria vida pode produzir orgulho espiritual. Como Paulo disse: “O conhecimento infla nosso orgulho, mas o amor edifica” (1Co 8.1). Em contraste, Paulo também se referiu ao “conhecimento da verdade que conduz à piedade” (Tt 1.1).

Qual é a diferença entre esses dois conceitos de conhecimento bíblico? No primeiro caso, os coríntios estavam usando seu conhecimento de um modo egoísta e orgulhoso. Eles “empinavam o nariz” para pessoas com convicções diferentes das suas. Por outro lado, o conhecimento que conduz à piedade é um conhecimento das Escrituras que está sendo aplicado à própria vida e que produz uma conduta piedosa.

Uma das tragédias do cristianismo evangélico atual é o fato de ouvirmos toda semana o ensino da Palavra de Deus, ou até mesmo meditarmos sozinhos e talvez participarmos de um grupo de estudo bíblico, sem um propósito sério de obedecermos à verdade que aprendemos. A acusação ao povo judaico

apresentada por Deus a Ezequiel certamente poderia ser aplicada aos cristãos de hoje:

O meu povo vem a você, como costuma fazer, e se assenta diante de você para ouvir as suas palavras, mas não as põe em prática […] De fato, para eles você não é nada mais do que alguém que entoa cânticos de amor com uma bela voz e que sabe tocar um instrumento, pois eles ouvem as suas palavras, mas não as põem em prática (Ez 33.31-32).

Nossa aparente tendência é igualarmos o conhecimento da verdade, ou até mesmo nossa concordância com ela, com a obediência a ela. Tiago disse que enganamos a nós mesmos se fazemos isso (Tg 1.22). Esse é especialmente o caso quando focamos nos pecados mais escandalosos da sociedade "lá fora" e ignoramos os pecados mais "sofisticados" que cometemos.

Não podemos desenvolver convicções baseadas na Bíblia apenas guardando o conhecimento bíblico na nossa cabeça. Nem mesmo desenvolvemos convicções baseadas na Bíblia pelo estudo pessoal da Bíblia e memorização das Escrituras, embora essas práticas, certamente, nos ajudem a iniciar o processo. À medida que começamos a meditar nas Escrituras com constância, chegamos mais perto desse desenvolvimento. Mas as convicções são realmente desenvolvidas quando começamos a aplicar os ensinos das Escrituras a situações da vida real.

Há pouco tempo, minha esposa e eu saímos para comprar uma mesa de centro. Decidimos juntos o estilo de mesa que queríamos e achamos muito rápido uma mesa na nossa faixa de preço. Sou o tipo de pessoa que compro tão logo acho o que quero, mas minha esposa gosta de "dar uma olhada". Ela gosta de "dar uma olhada" em tudo na loja. E, como seria de se esperar, ela não demorou para encontrar sua mesa de centro "dos sonhos", um estilo bastante incomum com que havia sonhado por anos, mas que nunca imaginou que teria. Mas, como você poderia imaginar — e é sempre o caso —, a mesa era mais cara.

Comecei a falar sobre sermos bons mordomos do dinheiro que Deus nos deu, mas Deus começou a "falar" comigo (pela obra de convencimento do seu Espírito) sobre maridos amarem suas esposas, assim como Cristo amou a igreja (Ef 5.25). Durante essa reflexão, entendi que um dos modos concretos de amar

minha esposa era ser mais sensível aos seus sonhos e desejos. Nessa situação, o desejo de Deus era mais que eu aprendesse sobre o que significa maridos amarem suas esposas do que eu ser um bom mordomo dos recursos dele. Mas o ponto central da história é este: eu conhecia Efésios 5.25. Eu cria na passagem, a havia memorizado e meditava nela. Mas minha aplicação a uma situação da vida real é o que aprofundou minha convicção a respeito dela. Desde esse incidente, constatei que estou mais sensível ao que significa de um modo prático eu amar minha esposa como Cristo amou a igreja de uma maneira sacrificial e desinteressada.

Assim, é pelo conhecimento, mais a meditação e a aplicação das Escrituras a situações concretas na nossa vida diária que desenvolvemos convicções baseadas na Bíblia. E, ao desenvolvermos essas convicções, seremos transformados cada vez mais pelo Espírito Santo na semelhança de Cristo.

## HÁ QUALQUER ESPAÇO PARA A GRAÇA?

Examinamos algumas disciplinas difíceis neste capítulo: o estudo diligente, mas dependente da Bíblia, da memorização das Escrituras, da meditação contínua e da aplicação das Escrituras a situações da vida real. Na realidade, essas disciplinas não são tão difíceis assim, mas elas podem certamente se mostrar assim àqueles que nunca as praticaram. Desse modo, talvez surja a pergunta em algumas mentes: há qualquer espaço para a graça na prática das disciplinas necessárias para o desenvolvimento de convicções baseadas na Bíblia? Por exemplo, o que acontece se tropeço na memorização das Escrituras?

O que acontece se tropeçamos ou caímos na prática dessas disciplinas? Em primeiro lugar, Deus não nos ama nem um pouco menos. Seu amor por nós se baseia unicamente no fato de estarmos unidos com seu Filho, Jesus Cristo. É disso que trata o evangelho. A justiça de Cristo se tornou nossa justiça. Nossos pecados foram colocados sobre ele, e ele pagou totalmente a pena por eles na cruz. Seu sangue nos purifica diariamente de todo o pecado. A graça de Deus — seu favor imerecido — nunca é dependente do nosso desempenho, mas sempre do mérito imutável de nosso Senhor Jesus Cristo.

No entanto, nosso progresso na busca da santidade é dependente da nossa prática das disciplinas que Deus nos deu. É verdade que somos transformados cada vez mais na semelhança de Cristo pelo Espírito. Porém, também é verdade que um dos meios centrais — aliás, provavelmente, o meio central — usado por ele é a renovação da nossa mente. E o apóstolo Paulo foi bem insistente, em Romanos 12.2, para que nos submetamos à influência transformadora da Palavra de Deus pela qual nossa mente é renovada.

Portanto, podemos dizer que o ato de Deus Pai nos aceitar é baseado unicamente na sua graça dada a nós por meio de Cristo. Seu favor nunca é obtido pelo que fazemos nem perdido pelo que não fazemos. Mas podemos afirmar com a mesma ênfase que nosso progresso na busca da santidade é dependente em um grau significativo do uso das disciplinas que Deus designou para nós. E elas foram designadas por Deus. Elas não foram iniciadas pela "disciplinada" escola de discipulado. Elas foram iniciadas por Deus.

Tudo que eu disse sobre as disciplinas do estudo bíblico, memorização das Escrituras, meditação contínua e aplicação das Escrituras à vida diária se baseou na Bíblia. Não desenvolvi nenhuma teoria humana sobre o crescimento cristão. Tudo que fiz foi mostrar o que as Escrituras dizem sobre essas disciplinas. E, como observei antes neste capítulo, o que as Escrituras dizem, Deus diz. Se ignoramos essas disciplinas, estamos ignorando Deus.

Todavia, devemos sempre nos lembrar de que a prática dessas disciplinas não nos oferece nenhum favor diante de Deus. É útil fazermos uma distinção entre uma causa meritória da bênção de Deus e uma causa instrumental. A causa meritória é sempre o mérito de Cristo. É totalmente impossível acrescentarmos qualquer coisa ao que ele já fez para obter a bênção de Deus na nossa vida. No entanto, a causa instrumental são os meios ou instrumentos que Deus ordenou que usássemos. Deus claramente apresentou certas disciplinas que devemos praticar na busca da santidade. Durante nossa prática delas, Deus as usará na nossa vida, não por termos conquistado sua bênção, e sim por termos seguido seu meio ordenado de bênção.

Também precisamos ter em mente que o imperativo em Romanos 12.2 "sejam transformados" acompanha diretamente o imperativo do versículo 1 "ofereçam seu corpo como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus". A segunda exortação, assim como a primeira, é baseada na misericórdia de Deus. A disciplina de desenvolver convicções baseadas na Bíblia, portanto, deve ser uma

resposta à misericórdia e à graça de Deus para nós através de Cristo. Se realmente desejamos viver pela graça, então queremos responder a essa graça procurando levar uma vida que seja agradável a Deus. E simplesmente não podemos fazer isso se não praticamos as disciplinas necessárias para desenvolver convicções baseadas na Bíblia.

[1] James Patterson; Peter Kim, The day America told the truth (New York: Prentice-Hall, 1991), p. 25.

[2] Relatado no vol. 8, n. 5, 21 de fevereiro de 1994, p. 2.

[3] John Murray, The Epistle to the Romans, New International Commentaryon the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), vol. 2, p. 114 [publicado em português por Fiel sob o título Romanos: comentário bíblico].

[4] John Brown, Analytical exposition of the Epistle of Paul to the Romans (Grand Rapids: Baker, reimpr., 1981; publicação original em 1857), p. 437.

[5] O ministério The Navigators tem enfatizado a memorização das Escrituras há mais de sessenta anos. O seu sistema de memorização tópico (Topical Memory System), que ensina princípios de memorização e fornece sessenta versículos centrais das Escrituras para memorizar, está disponível pela NavPress. Se você nunca desenvolveu a disciplina de memorização das Escrituras, recomendo fortemente esse programa.

# 11

# A DISCIPLINA DAS ESCOLHAS

*Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e a uma maldade sempre crescente, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade*

(Rm 6.19).

Um momento decisivo na minha vida ocorreu muito discretamente, certa noite, no primeiro grupo de estudo bíblico de que participei. O líder do grupo nos disse: “A Bíblia não foi dada apenas para aumentar seu conhecimento, mas para guiar sua conduta”. Por mais óbvia que essa verdade agora seja para mim, na época era uma noção totalmente inédita. Foi exatamente como se uma luz tivesse sido acesa na minha mente. Vi claramente algo para o qual estava completamente cego até então.

Não era o caso de que eu estivesse vivendo o que consideraríamos um estilo de vida pecaminoso. Na realidade, tratava-se exatamente do oposto. Eu havia crescido em um contexto de igreja, havia crido em Cristo como meu Salvador, havia lido a Bíblia todo dia e até mesmo havia memorizado alguns versículos bíblicos. Mas a noção de aplicar as Escrituras a situações específicas da minha vida diária nunca havia me ocorrido. Naquela noite, fiz uma oração simples: “Senhor, a partir de hoje, quero usar a Bíblia para guiar minha conduta”. Toda a minha abordagem à Palavra de Deus mudou de uma hora para outra, e as Escrituras subitamente se tornaram relevantes à minha vida cotidiana. Esse foi o início da minha própria “busca de santidade” pessoal.

A Bíblia é de fato um livro muito relevante, dando instruções e orientações para nossa vida diária. No entanto, quando seguimos essas instruções, precisamos fazer escolhas de modo contínuo. Obviamente, a vida é uma série constante de

escolhas desde o momento em que levantamos até a hora de nos deitarmos. Muitas dessas escolhas têm consequências morais. Por exemplo, o caminho pelo qual você escolhe dirigir até o trabalho provavelmente não tem relevância moral, mas os pensamentos que escolhe ter enquanto está dirigindo e seu modo de dirigir são escolhas morais.

## UMA ESCOLHA POR VEZ

Examinamos Efésios 4.25-32, no capítulo 5, como uma ilustração do princípio de nos revestirmos e nos despirmos. Examinemos agora a passagem à luz de escolhas que precisamos fazer. Para sua conveniência, reproduzo esta passagem das Escrituras:

Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo. “Quando vocês ficarem irados, não pequem”. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha, e não deem lugar ao Diabo. O que furtava não furte mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade.

Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que beneficie os que a ouvem. E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção. Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo.

Passando pela lista de instruções práticas que o apóstolo Paulo nos deu, percebemos que podemos escolher:

Dizer a verdade ou contar uma mentira.

Lidar com a ira ou deixá-la nos consumir.

Ser absolutamente honestos nas nossas finanças ou efetivamente roubar (do governo ou do nosso patrão, por exemplo).

Compartilhar com outras pessoas necessitadas ou gastar nossos recursos conosco.

Falar apenas o que é útil para os outros ou proferir palavras torpes (como críticas, fofocas, queixas).

Ser bondosos, compassivos e perdoadores ou cultivar amargura, ira e ressentimento.

Em outras palavras, a prática de nos despirmos de atitudes e ações pecaminosas e nos revestirmos de um caráter que reflita Cristo envolve uma constante série de escolhas. Escolhemos em toda situação a direção da nossa conduta. São essas escolhas que permitem desenvolvermos hábitos de conduta que espelham Cristo. Hábitos são desenvolvidos pela repetição, e é na arena das escolhas morais que desenvolvemos padrões de hábitos espirituais.

Vemos esse desenvolvimento de hábitos morais em uma direção ou em outra em Romanos 6.19: “Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e a uma maldade sempre crescente, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade”. Os cristãos de Roma outrora haviam oferecido as partes do seu corpo à impureza e a uma maldade sempre crescente. Quanto mais pecavam, mais estavam inclinados a pecar. Eles estavam continuamente aprofundando seus padrões habituais de pecado simplesmente por meio da prática de escolhas pecaminosas.

O que era verdadeiro a respeito dos romanos pode ser exatamente tão verdadeiro a respeito de nós hoje. O pecado tende a obscurecer nossa razão, embotar nossa consciência, estimular nossos desejos pecaminosos e enfraquecer nossa vontade. Por causa disso, cada pecado que cometemos reforça o hábito de pecar e torna

mais fácil cedermos a essa tentação numa próxima vez que a encontrarmos. Paulo queria que os cristãos romanos e os de hoje mudassem de direção e desenvolvessem hábitos de conduta piedosa. Ele disse: “Ofereçam [os membros do seu corpo] agora em escravidão à justiça que leva à santidade”. A justiça aqui não se refere à justiça que temos em Cristo (como em Rm 3), mas à justiça ética — a conduta correta — que devemos praticar todo dia. Enquanto a justiça, nesse versículo, refere-se à nossa conduta, a santidade refere-se ao nosso caráter. Assim, é por ações justas que desenvolvemos um caráter santo. Portanto, a santidade de caráter é desenvolvida em uma escolha por vez, à medida que escolhemos agir de modo justo em cada e toda situação e circunstância que encontramos durante o dia.

Tudo que analisamos nos capítulos anteriores nos conduziu até essa questão. Não nos tornamos mais santos pela disciplina ou pela dependência. Tampouco nos tornamos mais santos estabelecendo um compromisso com Deus ou desenvolvendo convicções baseadas na Bíblia. Tornamo-nos mais santos pela obediência à Palavra de Deus, escolhendo obedecer à sua vontade apresentada nas Escrituras nas várias circunstâncias da nossa vida.

No entanto, é bem verdadeiro que a disciplina e a dependência, o compromisso e as convicções são absolutamente necessários para fazermos as escolhas certas. Não fazemos nossas escolhas em um vácuo. Elas são determinadas pelas convicções que desenvolvemos e os compromissos conscientes e inconscientes que estabelecemos. E, certamente, é verdade que, por causa do pecado que ainda permanece em nós, apenas pelo poder capacitador do Espírito Santo podemos fazer as escolhas certas. Contudo, apenas quando obedecemos aos mandamentos de Deus em cada uma das escolhas que podemos fazer, todos esses princípios e meios de crescimento espiritual alcançam seu propósito supremo. E nessa obediência, com uma escolha de cada vez, nossas ações justas produzem um caráter santo.

Enquanto eu escrevia este livro, minha esposa começou a fazer uma colcha (com belos retalhos). Observando seu trabalho, percebi que ela primeiro faz vários “quadrados” de retalhos, cada um de 30 cm quadrados. É o desenho que ela costura em cada um desses quadrados que determina o padrão total da colcha. O desenho específico que ela escolheu, uma bússola de marinheiro, é um tanto intrincado, cada quadrado contendo cerca de quarenta triângulos um tanto estreitos. Cada quadrado da colcha é de fato belo e é uma demonstração da sua habilidade como costureira. Mas esses quadrados individuais, por mais belos que

sejam, não constituem a colcha. Somente quando eles são costurados e combinados com uma tira estreita de pano entre eles é que se tornam uma colcha de retalhos.

A busca da santidade pode ser comparada a uma colcha dessas com muitos retalhos quadrados. Há o quadrado da obediência, o quadrado da dependência, o do compromisso, o das convicções e o de contemplar a glória de Cristo no evangelho. Cada um desses "quadrados" é belo em si mesmo. Mas um exame desses princípios e meios de santidade individualmente não será capaz de produzir uma visão da "colcha" da santidade. O que une todos esses princípios e meios e, assim, forma a "colcha da santidade" é a obediência. E obedecemos em cada uma das escolhas que precisamos fazer.

## EXERCITE-SE NA DIREÇÃO CERTA

Em um capítulo anterior, fizemos um breve exame de 1Timóteo 4.7, em que Paulo exortou Timóteo: "Treine a si mesmo na piedade". Vimos que por treinar/exercitar Paulo utilizou uma palavra do mundo do atletismo, uma palavra que se referia ao treinamento de moços que se preparavam para competir nos jogos atléticos da época. Assim como esses moços treinavam fisicamente para competir nos jogos, de igual modo Paulo queria que Timóteo e nós hoje treinássemos espiritualmente para sermos piedosos. Embora a piedade seja um conceito mais amplo do que a santidade (veja minha análise de piedade e impiedade no capítulo 5), a santidade é uma parte central dela. Assim, treinar para ser santo certamente inclui o treinamento e o exercício na santidade.

No entanto, o ponto importante é que treinemos pelo exercício. Aliás, a King James Version traduz essa expressão por "exercite-se na piedade". E como nos exercitamos no domínio espiritual? Pelas escolhas que fazemos.

O que acontece quando fazemos as escolhas erradas, quando escolhemos pecar em vez de obedecer à Palavra de Deus? Treinamo-nos na direção errada. Reforçamos os hábitos pecaminosos que já desenvolvemos e permitimos que adquiram uma força maior na nossa alma.

Considere 2Pedro 2.14: “Tendo os olhos cheios de adultério, nunca param de pecar; iludem os instáveis; são peritos na ganância — raça maldita!”. Nesse versículo 14, estamos bem no meio da descrição e acusação severa apresentada por Pedro aos falsos mestres. A expressão central desse versículo para nosso presente propósito é “são peritos na ganância”. A New American Standard Bible diz que eles têm um “coração treinado na ganância”. A palavra treinado é o mesmo verbo que Paulo usou aqui: “Treine a si mesmo na piedade”. Pedro disse que os falsos mestres haviam treinado a ganância. Eles haviam treinado tanto que, na expressão bem pitoresca, mas precisa da New International Version, tornaram-se “peritos na ganância”.

Todos nós já assistimos aos jogos olímpicos na televisão. Após cada evento olímpico, os três melhores atletas ficam de pé em um pódio enquanto um representante do comitê olímpico pendura no pescoço de cada um uma fita com uma medalha de ouro, prata ou bronze. Eles são os “peritos” nesse evento específico. A caracterização feita por Pedro aos falsos mestres me lembra esse aspecto dos jogos olímpicos. É como se ele tivesse pendurado no pescoço de cada um desses falsos mestres uma fita com uma medalha que diz: “Perito em ganância”.

De que maneira esses mestres haviam se tornado peritos na ganância? Em primeiro lugar, eles haviam obviamente se comprometido com a busca de lucro financeiro pelo seu falso ensino. No entanto, além de estabelecer esse compromisso, eles também haviam feito uma série contínua de escolhas de ensinar uma doutrina falsa que encheria seus bolsos. (O v. 3 diz: “Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram”.) Eles haviam exercido essas escolhas por tanto tempo que haviam se tornado peritos na ganância. Eles haviam se treinado na ganância com uma escolha por vez.

Esses falsos mestres haviam se tornado peritos, mas na direção errada. Em vez de se tornarem peritos na generosidade e na entrega em sacrifício pelos outros, eles haviam se tornado peritos na ganância. Em vez de se exercitarem para serem piedosos, eles haviam se exercitado para serem gananciosos. A palavra na New International Version que é traduzida por “treine” também pode ser precisamente traduzida por “disciplina”, que, aliás, é a tradução da palavra em inglês na New American Standard Version em 1Timóteo 4.7. Assim, esses falsos mestres eram disciplinados, mas na direção errada.

A mensagem implícita em 2Pedro 2.14 é muito conscientizadora. É possível nos

disciplinarmos na direção errada. Geralmente, imaginamos pessoas disciplinadas como aquelas que “fazem tudo certinho” e que fazem as coisas que devem fazer quando devem ser feitas. Mas, a verdade é que todos nós somos disciplinados em alguma medida. A pergunta é: em que direção somos disciplinados? Todo dia, em algumas áreas da vida, estamos nos disciplinando em uma direção ou outra em cada escolha que fazemos.

## ONDE AS COISAS FICAM DIFÍCEIS

Deus quer que nos treinemos na direção certa. Ele quer que façamos as escolhas certas. Francamente, é aqui que as coisas ficam difíceis. Concordaremos com o ensino das Escrituras sobre algum pecado específico e até mesmo estabeleceremos alguma espécie de compromisso para eliminá-lo da nossa vida. Mas então a tentação de ceder a esse pecado aparece mais uma vez, e não estamos dispostos a dizer não. Não estamos dispostos a fazer escolhas difíceis. Nós gostaríamos de nos livrar desse pecado e até mesmo oramos a Deus para tirá-lo da nossa vida, mas será que estamos dispostos a dizer não a ele?

Não se esqueça, todo dia estamos nos treinando em uma direção ou outra. Todo dia estamos nos treinando para

| | | |
|---|---|---|
| mentira | ou | verdade |
| egoísmo | ou | altruísmo |
| ira | ou | perdão |
| impureza | ou | pureza |
| impaciência | ou | paciência |
| cobiça | ou | generosidade |
| orgulho | ou | humildade |

materialismo ou simplicidade

Pense nos padrões de pecado persistentes na sua vida que você já identificou em relação aos quais, de modo esperançoso, já estabeleceu compromissos específicos, sobre os quais está orando diariamente e para os quais já memorizou alguns versículos das Escrituras para ajudá-lo na sua luta contra eles. Devemos estar atentos especialmente nessas áreas para fazer as escolhas certas. Já fizemos escolhas erradas demais; essa é a razão desses padrões de pecado estarem tão profundamente arraigados em nós. É apenas fazendo a escolha certa de obedecer à Palavra de Deus que destruiremos os hábitos do pecado e desenvolveremos hábitos de santidade. É aqui que precisamos desesperadamente do poder do Espírito Santo para nos capacitar a fazer as escolhas certas. Assim, clame a Deus todo dia pela sua ajuda e, então, clame de novo toda vez que precisar escolher pecar ou obedecer.

Dawson Trotman, fundador do ministério The Navigators, costumava dizer: "Você será o que agora está se tornando". E o que está se tornando agora depende das escolhas que você faz. Assim, comprometa-se em fazer as escolhas certas e, então, dependa do Espírito para efetuar em você "tanto o querer quanto o realizar" (Fp 2.13) na execução desse compromisso.

## A DISCIPLINA DA MORTIFICAÇÃO

Fazer as escolhas certas de obedecer a Deus e não aos desejos da nossa natureza pecaminosa (ou carne) necessariamente envolve a disciplina da mortificação.[1] Mortificação? O que é isso? Não usamos mais essa palavra. As pessoas costumavam dizer: "Eu estou morto", quando queriam dizer que estavam profundamente envergonhadas ou humilhadas. Mortificar, no entanto, significa na verdade fazer morrer. Acredito que a palavra mortician [coveiro] vem da raiz desse significado, embora os coveiros não façam as pessoas morrerem. Eles simplesmente preparam o enterro dos corpos de pessoas que já morreram.

Desse modo, qual a relação da mortificação com a santidade? Por que está envolvida em fazer as escolhas certas? O apóstolo Paulo nos dá a resposta em Romanos 8.13: "Pois, se vocês viverem de acordo com a natureza pecaminosa,

morrerão; mas, se pelo Espírito vocês fizerem morrer [mortificarem] os maus atos do corpo, viverão".

Assim, vemos que para fazer as escolhas certas é necessário mortificar, ou fazer morrer, os maus atos do corpo. Os maus atos do corpo são as ações pecaminosas que cometemos em pensamento, palavra ou ação. Paulo foi mais específico na identificação desses maus atos em Colossenses 3.5: "Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, lascívia, desejos maus e a ganância, que é idolatria". A intenção de Paulo aqui não é fazer uma lista completa, mas apenas uma lista de expressões típicas dos pecados que tinha em mente quando disse para fazê-los morrer.

Em nosso exame de Romanos 8.13, uma coisa que percebemos claramente é que a mortificação, ou fazer o pecado morrer, é nossa responsabilidade. Paulo disse: "se vocês fizerem morrer" (grifo do autor). Isso é algo que nós devemos fazer. Não é algo que entregamos a Deus. É, sim, nossa responsabilidade, como Paulo também enfatizou em Colossenses 3.5.

Também devemos observar que Paulo disse: "Pois, se vocês viverem de acordo com a natureza pecaminosa, morrerão". Paulo estava se referindo à morte espiritual, e não à física. O contrário também é verdade. Se vivermos de acordo com o Espírito — isto é, se fizermos "morrer os maus atos do corpo" — viveremos no sentido espiritual. Mais uma vez, como fez com frequência, Paulo enfatizou a ligação inextricável entre a justificação e a santificação. Paulo ensinou claramente que somos salvos pela graça por meio da fé (Ef 2.8), mas ele também enfatizou que devemos pôr em ação a nossa salvação com temor e tremor (Fp 2.12), isto é, sem abusar da graça de Deus.

Romanos 8.13 é mais uma dessas passagens conscientizadoras que demandam um autoexame saudável, mas honesto. Será que nossa busca da santidade evidencia que fomos salvos pela graça? Essa pergunta não sugere que algum dia alcançaremos uma condição de não precisarmos mais lutar contra a carne. Seu significado é que a vida de um cristão deve ser caracterizada por um desejo sério e um esforço sincero de mortificar os pecados do corpo.

Embora a mortificação seja nossa responsabilidade, ela apenas pode ser executada pelo poder capacitador do Espírito Santo. Paulo disse: "mas, se pelo Espírito vocês fizerem morrer os maus atos do corpo, viverão" (grifo do autor). John Owen escreveu: "Todas as outras formas de disciplina são fúteis. Todos os

outros poderes nos deixam impotentes. A mortificação é realizada unicamente ‘pelo Espírito’ […] é gerada unicamente por ele. Nenhum outro poder pode realizá-la”.

Já analisamos a relação entre a disciplina humana e a dependência do Espírito Santo no capítulo 8. Vimos que as Escrituras enfatizam ambas as coisas, mas tendemos a enfatizar uma com a omissão da outra. Algumas pessoas veem como mais espiritual “apenas entregar tudo a Deus” e confiar que ele efetuará a mortificação. Qualquer menção à nossa responsabilidade é rejeitada como sendo apenas “uma obra da carne”.[2]

Outras pessoas, que enfatizam a disciplina, veem como mais responsável “apenas fazer”. Mas uma tentativa de mortificação apenas pela força de vontade humana sempre resulta em um senso de justiça própria ou em frustração. A pessoa mais naturalmente disciplinada tende a um senso de justiça própria e fica se perguntando por que todas as outras pessoas não conseguem ter o mesmo êxito que ela na mortificação. Mas tudo que essa pessoa fez foi trocar um pecado pelo outro. Por exemplo, o problema de pensamentos impuros é trocado pelo orgulho e pelo senso de justiça própria. Uma outra pessoa que tenta mortificar algum pecado particular pela sua própria força de vontade falha, fica frustrada e se sentindo culpada. Assim, o orgulho ou a frustração é sempre o resultado de tentativas de mortificar pecados sem uma dependência completa do Espírito.

## COMO MORTIFICAR O PECADO

Desse modo, o que significa mortificar ou fazer morrer os maus atos, ou as expressões pecaminosas do corpo? Em primeiro lugar, Paulo deu a ordem de mortificar não a natureza pecaminosa, mas sim os pecados, que são as várias expressões da natureza pecaminosa Não podemos eliminar nossa natureza pecaminosa nesta vida. Ela estará presente em nós até nossa morte.

Mortificar um pecado significa subjugá-lo, tirar o poder dele, destruir o padrão de hábito que desenvolvemos de ceder continuamente à tentação desse pecado específico. O objetivo da mortificação é enfraquecer os hábitos do pecado para fazermos as escolhas certas.

A mortificação envolve lidar com todo pecado conhecido na própria vida. Sem um propósito de obedecer à totalidade da Palavra de Deus, tentativas isoladas de mortificar um pecado específico são em vão. Uma atitude de obediência universal em toda área da vida é essencial. Como Paulo escreveu aos coríntios: "Purifiquemo-nos de tudo que contamina o corpo e o espírito" (2Co 7.1; grifo do autor). Por exemplo, não podemos purificar um coração impuro sem estar dispostos a também mortificar o ressentimento. Não podemos mortificar um temperamento colérico sem também buscar mortificar o orgulho que com tanta frequência está por trás dele. Odiar um pecado específico não basta. Devemos odiar todo pecado pelo que realmente é: uma expressão de rebeldia contra Deus.

Um homem veio me pedir ajuda para lidar com a lascívia sexual nos seus pensamentos e hábitos. No entanto, eu sabia que ele tinha um problema maior nos relacionamentos interpessoais. Ele tinha um espírito crítico e de julgamento e falava muito. Sua lascívia o incomodava por fazê-lo se sentir culpado e derrotado. Seu espírito de julgamento e palavras críticas não o incomodavam e, por isso, não estava fazendo nenhum esforço para lidar com esses pecados. Ele precisava mortificar todo pecado, e não apenas o que o fazia se sentir mal consigo mesmo.

Não apenas deve haver uma luta universal contra o pecado; também deve haver uma luta constante contra ele. Devemos mortificar o pecado de modo contínuo, todo dia, enquanto a carne busca se afirmar de vários modos na nossa vida. Nenhum cristão, por mais maturidade espiritual que venha a ter, chega a transcender a necessidade de mortificar os atos pecaminosos do corpo. John Owen disse: "Até mesmo os maiores santos que buscam permanecer livres do poder condenatório do pecado precisam se comprometer, enquanto estiverem vivos, em mortificar o poder do pecado presente neles".[3]

Para mortificar o pecado, devemos focar na sua verdadeira natureza. Tantas vezes ficamos incomodados por causa de um pecado persistente apenas por perturbar nossa paz e gerar um sentimento de culpa. Devemos focar nele como um ato de rebeldia contra Deus. Nossa rebeldia é obviamente contra a autoridade soberana de Deus. Mas também é uma rebeldia contra nosso Pai celestial que nos amou e enviou seu Filho para morrer por nós. Nossos pecados entristecem a Deus, nosso Pai. Gênesis nos diz que, quando "o Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra […] o Senhor remoeu-se por ter feito o homem sobre a terra; e isso cortou-lhe o coração" (Gn 6.5-6). Seu pecado e o meu não são apenas atos de rebeldia; eles são atos que entristecem a Deus. E,

ainda assim, ele enviou seu Filho para morrer por esses mesmos pecados que lhe cortam o coração.

O verbo mortificar, ou fazer morrer, é usado onze vezes no Novo Testamento. Em nove dessas ocorrências, refere-se a matar uma pessoa de modo literal. Em cada uma dessas nove vezes, o contexto é de uma hostilidade subjacente não apenas à pessoa, mas também ao que ela representa. Por exemplo, em Mateus 10.21, a Bíblia nos diz que “filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão”. A hostilidade é não apenas aos pais, mas também à sua autoridade. Só é possível se rebelar contra alguém que é uma autoridade. Várias das nove vezes se referem a matar Jesus (Mt 26.59-27.1). Ele foi morto não por causa de quem era, mas por causa do que representava. Estêvão, o primeiro mártir cristão, foi morto por causa do seu testemunho corajoso e inflexível de Jesus Cristo (At 7).

Agora aplique esse sentido de hostilidade ao pecado que deseja mortificar. Veja-o pelo que ele é e pelo que representa — uma rebeldia contra Deus, uma violação da sua lei, uma rejeição da sua autoridade e um ato de entristecer seu coração. É aqui que a mortificação de fato começa, com uma atitude correta em relação ao seu pecado. Ela começa com a percepção de que o pecado é errado, não pelo que faz a mim, minha esposa ou meu filho ou meu vizinho, mas por ser um ato de rebeldia contra o Deus infinitamente santo e majestoso que enviou seu Filho para ser uma propiciação pelos meus pecados.

Pense em um pecado persistente de modo incomum na sua vida — talvez alguma lascívia presente no seu coração da qual apenas você sabe. Você diz que é incapaz de superá-lo. Por que não? Será que o motivo é o fato de considerar seu desejo secreto acima da vontade de Deus? Para termos êxito na mortificação do pecado, precisamos entender que o pecado com que estamos lidando não é nada senão uma elevação contínua do nosso desejo acima da vontade conhecida de Deus.

## MORTIFIQUE SEUS DESEJOS PECAMINOSOS

Precisamos entender que, ao fazermos morrer o pecado, estamos renunciando a nossos próprios desejos. O modo mais frequente do pecado nos atrair é pelos

nossos desejos, ou o que os autores mais antigos chamavam de as nossas afeições. Obviamente, nem todos os desejos são pecaminosos. Podemos desejar conhecer a Deus, obedecê-lo e servi-lo. Há muitos desejos bons e positivos.

No entanto, as Escrituras falam sobre desejos enganosos (Ef 4.22), maus desejos (Tg 1.14; 1Pe 1.14) e desejos pecaminosos (1Pe 2.11). São os maus desejos que nos fazem pecar. Todo pecado é desejado, ou talvez os benefícios percebidos do pecado sejam desejados, antes de ser praticado. Satanás tenta nos atrair acima de tudo pelos nossos desejos. Eva viu "que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento" (Gn 3.6). Observe como o conceito de desejo está implícito em "agradável ao paladar" e "atraente aos olhos", bem como é mencionado de modo explícito em "desejável para dela se obter discernimento".

John Owen é mais uma vez muito perspicaz sobre esse tema:

O pecado guerreia contra nós enredando as afeições [desejos] e envolvendo-as em uma aliança contra a mente [nossa razão]. Deus pode estar no trono da mente, mas, se o pecado controla as afeições, ele se apossou de uma fortificação da qual atacará a alma sem parar. Logo, como veremos, é ordenado que a mortificação seja exercida principalmente sobre as afeições.[4]

A mortificação envolve uma luta entre o que sabemos que é certo (nossas convicções) e o que desejamos fazer. Essa é a luta que o apóstolo Paulo apresentou aqui: "Pois a natureza pecaminosa deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam" (Gl 5.17). Na pessoa que tende a abusar dos doces, haverá uma luta entre uma convicção da importância do autocontrole e o desejo de comer aquela sobremesa deliciosa e tentadora. No homem que desenvolveu um hábito de olhos indisciplinados e distraídos, haverá uma luta entre uma convicção com respeito à pureza e o desejo de olhar de modo lascivo. Quaisquer que sejam nossas áreas de vulnerabilidade específicas ao pecado, a mortificação envolverá uma luta — com frequência uma luta intensa — nessas áreas.

A natureza incessante dessa luta nos é sugerida por Provérbios 27.20:

A morte e a destruição são insaciáveis,

como insaciáveis são os olhos do homem.

Obviamente, nossos olhos são frequentemente a porta dos nossos desejos. Mas quer nossos desejos sejam estimulados pelo olho, quer por outro meio como o dinheiro, nossos desejos nunca são saciados. Mas são esses desejos pecaminosos que devem ser mortificados, isto é, subjugados e enfraquecidos no seu poder de nos instigar a pecar.

É sempre emocionalmente doloroso dizer não a esses desejos, em especial quando representam padrões de pecado recorrentes, pois esses desejos estão arraigados de modo profundo e forte. Eles querem ser satisfeitos a todo custo. Essa é a razão de Paulo usar uma expressão tão forte quanto “fazer morrer”.

## DOIS SÃO MELHORES DO QUE UM

Pelo fato de a mortificação ser um trabalho difícil, cujo objetivo é subjugar desejos fortes e hábitos profundamente arraigados, precisamos da ajuda de um ou dois amigos para travar nossa luta conosco. Esses amigos devem ser cristãos que compartilham do nosso compromisso com a busca da santidade e que também estão dispostos a um relacionamento em que nos abrimos mutuamente sobre nossas lutas.

O princípio subjacente a esse auxílio à mortificação é chamado de sinergismo, e ele está bem expresso em Eclesiastes 4.9-10:

Dois são melhores do que um,

porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas.

Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se.

Mas pobre do homem que cai

e não tem quem o ajude a levantar-se!

Em uma linguagem comum, sinergismo significa que duas pessoas que trabalham juntas podem ter um retorno maior do que as mesmas pessoas trabalhando sozinhas.

Na batalha de fazer o pecado morrer, precisamos de encorajamento, desafio e apoio em oração mútuos. Essa é a razão de o Novo Testamento ensinar o sinergismo espiritual com tanta frequência. Por exemplo, devemos admoestar uns aos outros (Cl 3.16), encorajar uns aos outros (Hb 3.13), confessar nossos pecados uns aos outros (Tg 5.16), levar os fardos uns dos outros (Gl 6.2) e orar uns pelos outros (Tg 5.16). Embora o princípio do sinergismo espiritual se aplique a todo aspecto da vida cristã, ele é certamente útil na busca da santidade. Precisamos ao menos de uma outra pessoa com quem nos identificamos para orar conosco, encorajar-nos e, caso necessário, admoestar-nos. Essa pessoa (ou pessoas) deve ser alguém que também esteja envolvida com a luta para mortificar o pecado na sua própria vida, para ser capaz de participar das nossas lutas e não ficar escandalizada com a natureza dos nossos pecados mais profundos. É dito que os puritanos costumavam pedir a Deus “um amigo do peito” com quem fossem capazes de compartilhar absolutamente tudo. Esse é o tipo de amigo que também nós devemos pedir a Deus e buscar a fim de nos ajudar na nossa luta para mortificar o pecado na nossa vida. No entanto, não se esqueça de que esse é um esforço mútuo. Cada um de nós em um relacionamento do tipo “um com outro” deve estar comprometido tanto em ajudar quanto em receber ajuda.

## MORTIFICAÇÃO E VIVIFICAÇÃO

Ao enfatizarmos a importância de fazermos morrer os atos pecaminosos do

nosso corpo, não devemos negligenciar o ato de nos revestirmos das qualidades de um caráter que espelhe Cristo. Você se lembra da ilustração da tesoura no capítulo 5? Tanto a lâmina de “nos despir” (mortificação) quanto a lâmina de “nos revestir” (colocar as vestes de um caráter que espelha Cristo) devem funcionar juntas. É necessário dar a mesma ênfase a ambas as lâminas. Os antigos pregadores puritanos costumavam falar não apenas sobre a mortificação (fazer o pecado morrer), mas também sobre a vivificação (trazer à vida os traços de uma nova pessoa em Cristo).

E, assim como é “pelo Espírito” que fazemos morrer os atos do corpo, de igual modo é pelo Espírito que nos revestimos das virtudes de um caráter que reflita Cristo. Essa é a razão de Paulo poder dizer em Colossenses 3.12-14 que nós mesmos devemos nos revestir dessas qualidades (enfatizando nossa responsabilidade), ao mesmo tempo que em Gálatas 5.22-23 ele se refere aos traços do caráter cristão como o “fruto do Espírito” (enfatizando nossa dependência do Espírito). O mesmo Espírito que nos capacita a mortificar o pecado também nos capacita a nos revestir de um caráter piedoso.

## ESCOLHAS E A GRAÇA DE DEUS

Já tratei no capítulo 8 da necessidade absoluta de dependermos do Espírito Santo para nos capacitar na busca da santidade. Mas, por termos acabado de examinar Gálatas 5.17, devemos dirigir nossa atenção ao versículo que vem logo antes: “Por isso digo: vivam pelo Espírito e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne”. É à medida que vivermos pelo Espírito — isto é, em dependência dele e obediência a ele — que não satisfaremos os desejos da natureza pecaminosa.

Devemos entender que a habitação do Espírito em nós para nos instruir e nos capacitar é uma dádiva da graça de Deus. Em 2Timóteo 2.1, Paulo exortou Timóteo: “Fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus”. Mas, em Filipenses 4.13, ele se referiu àquele “que me fortalece”. Ser forte na graça que há em Cristo é ser forte no poder do Espírito Santo, cuja presença é uma dádiva da sua graça. Assim, tudo que alcançamos mortificando nossos atos pecaminosos e nos revestindo de um caráter piedoso é um resultado da graça de Deus a nós.

Também devemos entender que a disciplina da mortificação será acompanhada por uma certa quantidade de falhas. Aliás, ao começarmos a mortificar um pecado específico, com frequência falharemos mais do que teremos êxito. É aqui que precisamos perceber que estamos diante de Deus baseados em sua graça, e não em nosso desempenho.

Sei que há uma linha tênue entre usar a graça como uma desculpa para o pecado e usar a graça como um remédio para nosso pecado. John Owen mais uma vez demonstrou um discernimento agudo ao tratar da graça como uma desculpa para pecar. Ele escreveu:

É aqui que o engodo do pecado se interpõe. Ele separa a doutrina da graça do seu propósito. Ele nos persuade a ficarmos pensando na noção da graça e desvia nossa atenção da influência proporcionada pela graça para alcançar sua aplicação apropriada em uma vida santa. A partir da doutrina da certeza do perdão dos pecados, esse engodo insinua uma despreocupação quanto ao pecado […] A alma — que tem necessidade constante de voltar ao evangelho da graça por causa da culpa — permite que a graça se torne lugar-comum e ordinária. Tendo achado um bom remédio para sua ferida, ela então a toma por certa.[5]

A solução para permanecermos do lado certo da linha tênue entre usar e abusar da graça é o arrependimento. O caminho ao arrependimento é uma tristeza segundo Deus (2Co 7.10). A tristeza segundo Deus é desenvolvida quando concentramos nosso foco na verdadeira natureza do pecado como uma ofensa contra Deus, e não algo que nos faz sentir culpa. O pecado é uma afronta à santidade de Deus, entristece seu Espírito Santo e fere mais uma vez o Senhor Jesus Cristo. Ele também satisfaz a Satanás, o inimigo supremo de Deus. Uma reflexão sobre a verdadeira natureza do pecado produz uma tristeza segundo Deus, que por sua vez leva ao arrependimento.

No entanto, tendo alcançado o arrependimento, devemos nos apossar pela fé do sangue purificador de Cristo, o único capaz de purificar nossa consciência. Aliás, são a fé em Cristo e a certeza da eficácia do seu sangue purificador que nos conduzem ao arrependimento.

A experiência de Davi é muito útil para entendermos a relação entre o

arrependimento e a graça. Ele escreveu:

Bem-aventurado é aquele
que tem suas transgressões perdoadas
e seus pecados encobertos.
Bem-aventurado é aquele
cujo pecado o Senhor não considera contra ele
e em cujo espírito não há engano.
Enquanto permaneci em silêncio,
meus ossos se consumiam
de tanto gemer o dia todo.
Pois, de dia e de noite,
a tua mão pesava sobre mim;
minha força foi se esgotando
como em tempo de seca.
Então, reconheci diante de ti o meu pecado
e não encobri as minhas culpas.
Eu disse: “Confessarei as minhas transgressões ao Senhor” —
e tu perdoaste a culpa do meu pecado (Sl 32.1-5).

Davi começou com uma conclusão nos versículos 1 e 2, falando sobre como

bem-aventurada é a pessoa perdoada. Então, ele explicou que o motivo de ser bem-aventurado foi reconhecer sua própria culpa e sua condição miserável antes do seu arrependimento. Mas o arrependimento genuíno foi acompanhado pela certeza profunda de ter sido perdoado. Na sequência temporal, os versículos 1 e 2, na verdade, vêm antes do versículo 5. Mas, como fazemos frequentemente, Davi apresentou o "x" da questão antes de explicar como chegou a essa ideia.

Precisamos seguir o exemplo de Davi se queremos experimentar a graça de Deus em nossas falhas na mortificação do pecado. Não é o caso de o arrependimento obter o favor de Deus. Apenas o sangue de Cristo o obtém. No entanto, Deus lida conosco como um pai amoroso, mas firme com seus filhos. Ele nos aceita de modo incondicional por sermos seus filhos e filhas em Cristo, mas nos disciplina para nosso próprio bem. E, na administração da sua disciplina, ele retém a certeza do seu perdão até que nós, através do arrependimento, estejamos prontos para recebê-la.

## A MOTIVAÇÃO DO EVANGELHO

No entanto, precisamos sempre voltar à graça dele. Apenas a graça de Deus revelada no evangelho de Jesus Cristo nos dará a coragem para nos levantarmos novamente e prosseguirmos até mesmo após falharmos pela milionésima vez. É apenas a graça que possibilitará sermos tão honestos sobre o nosso pecado quanto Davi foi sobre o dele. Lembre-se da afirmação de que "disciplina sem desejo é tormento". De onde procederá o desejo de praticar a disciplina da mortificação? Ele apenas procederá da gratidão e alegria de saber que, por pior que seja o pecado que cometi, a graça de Deus é maior do que a minha falha.

Cem anos atrás, o piedoso pastor escocês Horatius Bonar escreveu as seguintes palavras, extremamente aplicáveis a esse tema da graça e perdão:

É o perdão que impulsiona um homem no seu serviço a Deus. Ele serve não para ser perdoado, mas por ter sido perdoado, e a consciência do perdão do seu pecado o faz ansiar mais por toda a remoção do que alguma vez chegou a ansiar.

Um homem não perdoado não pode servir. Ele não tem a vontade, nem a capacidade, nem a liberdade. Ele está acorrentado. Israel no Egito não podia servir a Jeová. “Deixe meu povo ir para que me sirva”, foi a mensagem de Deus ao faraó (Êx 8.1): primeiro a liberdade, depois o serviço.

Um homem perdoado é o verdadeiro obreiro, o verdadeiro cumpridor da lei. Ele pode servir, ele irá servir, ele deve servir a Deus. Ele teve contato com aquela parte da natureza de Deus que aquece seu coração frio. O amor perdoador o constrange. Apenas lhe resta servir àquele que removeu seus pecados para tão longe quanto o oriente é longe do ocidente. O perdão o tornou um homem livre e lhe deu um novo e muitíssimo amoroso Mestre. O perdão, recebido gratuitamente do Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, atua como uma mola, um impulso, um estímulo da potência divina. É mais irresistível do que a lei, ou o terror, ou a ameaça.[6]

Todos nós experimentamos a alegria e a motivação desse perdão sobre o qual Bonar escreveu. Mas muitíssimos de nós o perderam de vista e acabaram praticando um relacionamento com Deus baseado no desempenho. A única cura para essa situação é voltarmos ao evangelho e começarmos a pregá-lo a nós mesmos todos os dias. É apenas o evangelho que nos fará permanecer vivendo pela graça. E é apenas a graça que nos dará a coragem e a motivação para mortificarmos o pecado e continuarmos buscando fazer as escolhas certas, mesmo que falhemos inúmeras vezes.

[1] A palavra grega traduzida por “natureza pecaminosa” na NIV significa “carne”. Hoje usamos a palavra carne em referência ao tecido mole do nosso corpo físico. A referência do apóstolo Paulo é ao princípio do pecado que continua presente em nós, ainda que tenhamos sido libertos do domínio do pecado. Eu prefiro a palavra carne a natureza pecaminosa, pois este último termo pode sugerir que o cristão tem duas naturezas: uma pecaminosa e uma nova natureza. Temos uma só natureza habitada e vivificada espiritualmente pelo Espírito Santo, mas também prejudicada pelo pecado que continua presente em nós.

[2] John Owen, Sin and temptation, edição de James M. Houston (Portland: Multnomah, 1983), p. 153 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Para vencer o pecado e a tentação].

[3] Ibid., p. 152.

[4] Ibid., p. 28.

[5] Ibid., p. 41-2.

[6] Horatius Bonar, God’s way of holiness (Durham: Evangelical Press, 1979; publicação original em 1864), p. 51-2 [publicado em português por Monergismo sob o título O caminho de Deus para a santidade].

# 12

# A DISCIPLINA DA VIGILÂNCIA

*Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito é forte, mas a carne é fraca*

(Mt 26.41).

Em 10 de abril de 1912, o navio a vapor Titanic partiu na sua viagem de estreia de Southampton, Inglaterra, rumo à cidade de Nova York. Sendo o maior navio de passageiros no mundo que já havia existido, a grande esperança era que também fosse o mais rápido. O capitão, tentando quebrar o recorde de travessia transatlântica, estava com os motores na sua velocidade máxima. No entanto, a dois dias de Nova York e a ponto de quebrar o recorde, o Titanic colidiu com um iceberg e rapidamente se tornou o maior desastre marítimo da história.

Embora a colisão tenha sido causada por uma combinação de erros, poderíamos resumir a causa geral do desastre com uma só expressão: falta de vigilância. Apesar do fato de o capitão saber que o navio estava se dirigindo diretamente a uma área de blocos de gelos perigosos, não foi tomada nenhuma precaução especial. Mensagens de rádio de outros navios alertando sobre gelo ou não foram levadas a sério ou foram completamente ignoradas. Uma mensagem essencial nem sequer foi copiada pelo operador de telégrafo porque ele estava ocupado demais enviando mensagens pessoais dos passageiros ricos do navio aos seus amigos e famílias em terra firme.

O vigia na gávea do navio não se deu ao trabalho de informar que não tinha o binóculo que poderia ter tornado possível enxergar o iceberg com antecedência. Determinado a quebrar o recorde de velocidade, o capitão não colocou o navio em uma velocidade menor e mais prudente. Em resumo, nenhuma precaução para evitar os icebergs foi tomada. Em retrospecto, uma atitude tão indiferente

ao maior perigo na navegação pelo Norte Atlântico hoje nos parece o auge da tolice e irresponsabilidade. No entanto, essa é a mesma atitude com a qual muitos cristãos abordam a vida cristã.

Usando a analogia náutica, todo dia navegamos por um mar infestado pelos icebergs da tentação. Ou, usando outra metáfora, todo dia andamos em um campo minado de um território dominado pelo inimigo. No entanto, apesar dos perigos, nossa aparente atitude em relação à tentação é de despreocupação. Ou temos uma atitude meio indiferente ou agimos como se "isso não poderia acontecer comigo" em relação ao pecado. Praticamente ignoramos a advertência de Jesus: "Vigiem e orem para que não caiam em tentação" (Mt 26.41).

## CONHEÇA SEU INIMIGO

Para vigiar contra a tentação, precisamos estar cientes de suas fontes e seu modo de agir. Usando a analogia de guerra mais uma vez — e de fato estamos travando uma guerra espiritual —, precisamos obter informações secretas sobre o inimigo.

A Bíblia se refere a três fontes diferentes de tentação: o mundo, a carne e o Diabo. Embora haja referências e advertências sobre cada uma delas espalhadas pelo Novo Testamento, a passagem das Escrituras que reúne todas as três em uma só afirmação sucinta é Efésios 2.1-3. Essa passagem na realidade fala sobre nossa sujeição ao mundo, à carne (ou natureza pecaminosa — veja a nota 1 do capítulo 11) e ao diabo antes da nossa salvação. Mas essas coisas continuam guerreando contra nós como filhos de Deus. Portanto, precisamos saber de que maneira operam e como nos tentam.

O mundo, ou a sociedade pecaminosa em que vivemos, é caracterizado pela pressão sutil e incessante que exerce sobre nós para nos conformarmos aos seus valores e práticas. Esse mundo vai invadindo nossa vida pouco a pouco. O que antes era inimaginável se torna imaginável, depois possível e por fim aceitável para a sociedade como um todo. O pecado se torna respeitável, e, assim, os cristãos o acabam abraçando. A impressão que tenho é que os cristãos não estão mais do que cinco ou dez anos atrás do mundo em abraçar a maioria das práticas pecaminosas.

A influência do mundo não apenas é sutil e incessante; a pressão que exerce sobre nós também é onipresente. As propagandas nos apresentam sem parar a busca do prazer, posses e prestígio como o bem mais elevado. A psicologia popular promove a autorrealização e a felicidade pessoal — certamente não a busca da santidade. Revistas, filmes e programas de televisão dirigidos aos nossos desejos lascivos acabam entrando na nossa sala de estar e a seguir na nossa mente.

Após um tempo, o mundo tende a vencer nossa resistência ao pecado. Valores e práticas que costumavam ser reconhecidos como pecaminosos se tornam aceitáveis para nós pelo simples fato de os nossos vizinhos, de modo geral bons e decentes, terem esses valores. Nenhum mar infestado por icebergs foi jamais tão perigoso quanto a sociedade em que vivemos todos os dias. Desse modo, é o auge da tolice não estarmos vigilantes em relação às tentações do mundo.

O Diabo, ou Satanás, é o deus deste mundo, a grande inteligência e o estrategista por trás de todas as tentações que nos vêm da sociedade. No entanto, além disso, ele muitas vezes nos tenta de modo direto. Ele “anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pe 5.8). É difícil e talvez desnecessário fazer diferenciação entre uma tentação do mundo e uma de Satanás. No entanto, em geral, as tentações do mundo tendem a ser sutis, graduais e insidiosas, ao passo que os ataques de Satanás são com mais frequência súbitos, violentos e cruéis. Usando uma expressão coloquial, Satanás tentará “nos pegar de surpresa”, buscando nos atingir desprevenidos e despreparados para resistir aos seus ataques.

Considere o exemplo do pecado da imoralidade. As pessoas geralmente acabando caindo nesse pecado ao longo do tempo por meio de pequenas indiscrições com uma pessoa do sexo oposto. Desse modo, o ato é fantasiado na mente antes de ser de fato praticado. No entanto, às vezes Satanás fará um ataque frontal explícito nessa área. Um professor de escola dominical estava sentado sozinho certo domingo na igreja porque sua esposa estava doente. Uma mulher da sua aula, que aparentemente estava infeliz no seu casamento, sentou-se perto dele e de modo sutil começou a sugerir um caso com ele. Essa tentação apareceu sem aviso e de modo totalmente inesperado, no ambiente menos provável de todos. Ao que tudo indica, essa tentação seria um ataque frontal e direto do Diabo.

## SOMOS NÓS

Por mais perigosos que sejam o mundo e o Diabo, nenhum deles é o nosso maior problema. Nossa maior fonte de tentação reside em nós mesmos. É o que Paulo chama de carne ou natureza pecaminosa. É o princípio do pecado que ainda permanece em nós, mesmo que já não exerça mais domínio. De acordo com Sinclair Ferguson, John Owen realçou que "a liberdade do domínio do pecado não é […] a mesma coisa que a liberdade da sua presença e sua influência. De fato, o poder do pecado permanece onde o domínio foi banido, e, embora esse poder do pecado 'esteja enfraquecido, sua natureza permanece inalterada'".[1]

Como indiquei em um capítulo anterior, o pecado em nós agora trava uma luta de guerrilha contra nós, e, como qualquer pessoa do exército confirmará, essa é a luta mais difícil de rechaçar. Paulo chamou o pecado em nós de uma lei ou, como diríamos, um princípio que está em ação em nós de modo constante para nos fazer pecar (Rm 7.21-25). Tiago se referiu a esse princípio do pecado desta forma: "Cada um, porém, é tentado pelo seu próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido" (Tg 1.14). Como um antigo cartum expressou anos atrás: "Já encontramos o inimigo, e o inimigo somos nós".

## CONHEÇA A SI MESMO

O mau desejo em nós busca sem parar ocasiões para expressar a si mesmo. É como um sistema de radar cuja antena está sondando a área constantemente em busca de tentações às quais pode responder. Há alguns anos, quando eu estava satisfazendo sem parar meu desejo de sorvete (o que não faço mais), meus olhos seriam atraídos automaticamente a uma sorveteria. Era esquisito. Eu podia passar pelas placas de inúmeras lojas sem vê-las de modo consciente, mas uma sorveteria nunca escapava da minha atenção.

Recentemente, fiquei interessado em um certo modelo de carro. Ele era da mesma marca do carro que dirijo, mas era um modelo melhor e mais caro. Assim que fiquei interessado nesse carro específico, passei a notar todos desse modelo

pelos quais passava na rua. Comecei a pensar sobre as razões de eu precisar de um modelo melhor. Ele era mais espaçoso, era mais confortável em uma viagem longa e tinha uma transmissão melhor. Acabei concluindo, com certa relutância, que eu na verdade não precisava desse carro. Mas a questão é esta: durante esse tempo, minha antena estava “sintonizada” nesse modelo de carro.

Talvez a satisfação do desejo de sorvete e a obsessão por um carro melhor pareçam benignos em comparação com as tentações que você enfrentou. Você talvez esteja pensando: “Pera aí, vamos falar sobre alguns pecados de verdade — cobiça, lascívia, inveja, ressentimento, mentir a clientes ou colar em provas”. Bem, em primeiro lugar, ceder ao desejo de sorvete e a preocupação com um carro melhor talvez não sejam tão benignos assim, mas, seja como for, essas questões demonstram o princípio: nossa carne está sempre buscando oportunidades de satisfazer a si mesma de acordo com os desejos pecaminosos particulares que cada um de nós tem.

**ESTUDE SUAS FRAQUEZAS**

Assim, precisamos estudar nossas propensões individuais ao pecado. Sem conhecimento de nós mesmos e de nossas fraquezas particulares em relação ao pecado, é impossível sermos vigilantes quanto a essas tentações. Provérbios 27.12 diz:

O prudente percebe o perigo e busca refúgio,

mas o ingênuo segue adiante e sofre as consequências.

O capitão do Titanic muito provavelmente poderia ter evitado o iceberg com a aplicação desse princípio simples. Do mesmo modo, poderemos evitar tentações se simplesmente percebermos o perigo óbvio e buscarmos refúgio.

Certa vez, sozinho em um quarto de hotel, liguei a televisão na busca de algo interessante para assistir. Deixei em um canal em que estava passando um filme. Por não ter assistido ao filme desde o início, eu estava tentando entender a história. De modo totalmente inesperado, a protagonista se despiu e pulou na cama com o protagonista. Fiquei atordoado. Eu tinha ouvido falar de filmes desse tipo, mas nunca havia assistido a um. Então, por ter um coração lascivo como a maioria dos homens, continuei vendo o filme na esperança de a mulher fazer a mesma coisa de novo.

Aprendi a lição. Não posso de modo algum assistir à televisão quando estou sozinho em um quarto de hotel, a não ser que seja para assistir a um programa específico como o jornal ou um evento esportivo ou um programa cujo conteúdo geral eu já sabia qual é. Conhecendo meu próprio coração lascivo e a probabilidade de ver algo na televisão que atrairá essa lascívia, eu preciso, nas palavras do provérbio, “perceber o perigo e buscar refúgio”. Minha maneira de buscar refúgio foi me comprometer em nunca ligar a televisão de modo aleatório se estou sozinho em um quarto de hotel. (A propósito, isso ilustra o tipo de compromisso específico ao qual me referi no capítulo 9.)

Já tratamos da área de padrões de pecado persistente na nossa vida, aquelas tentações às quais estamos vulneráveis de modo especial. Vimos que, após identificar nossas próprias áreas de vulnerabilidade, devemos orar sobre elas e memorizar versículos específicos das Escrituras que nos fortalecerão contra essas tentações. Agora precisamos acrescentar outro auxílio: esteja vigilante de modo especial em relação a elas. Entenda que sua “antena da tentação” está sondando seu meio sem parar na busca dessas áreas de pecado. Então vigie e ore contra elas.

A fonte de algumas das suas tentações talvez seja seu temperamento. Você talvez seja “pavio curto” ou mal-humorado ou preguiçoso ou tenha uma tendência de controlar outras pessoas. Uma grande bênção de viver pela graça é que, pelo fato de Deus não mais considerar esses pecados contra nós, podemos enfrentá-los com honestidade e começar a mortificá-los com o auxílio do Espírito Santo. Mas, para mortificá-los, precisamos estar alertas a esses pecados específicos enquanto buscam afirmar a si mesmos.

Talvez estejamos expostos a outras tentações por causa da ocupação ou profissão em que estamos. Um redator publicitário pode estar sendo pressionado para “exagerar as qualidades” de um produto. Um vendedor pode receber a orientação

para mentir. O responsável por uma construção pode ser tentado a falsificar especificações nas regras de construção. A pessoa com direito ao reembolso de despesas de uma empresa pode ficar tentada a ser desonesta nos números. E inúmeros alunos em um ambiente acadêmico competitivo podem experimentar a tentação de colar.

Cada um de nós está exposto a diversas tentações. Devemos investigar a nós mesmos e nossas situações para identificar aquelas áreas nas quais estamos ou podemos estar vulneráveis de modo especial, e depois determinar a melhor maneira de nos protegermos contra elas.

## ÁREAS FORTES

Eu estava contando a um amigo sobre um relacionamento adúltero em que um outro obreiro cristão havia se envolvido (não era fofoca; não identifiquei a pessoa envolvida, e, seja como for, meu amigo não a conhecia). Eu disse a esse amigo: “Ficar sabendo de coisas desse tipo me deixa assustado. Fico pensando: ‘Isso poderia acontecer comigo?’”. Meu amigo respondeu que ele não estava preocupado consigo mesmo porque há muito tempo havia estabelecido certas diretrizes para sua convivência com mulheres.

Sua autoconfiança me deixou espantado. Embora eu apreciasse as diretrizes que ele havia estabelecido para si mesmo, não consegui deixar de pensar em 1Coríntios 10.12: “Assim, aquele que julga que está firme, cuide para que não caia!”. Você se lembra do professor de escola dominical sentado sozinho na igreja que foi abordado por uma mulher solitária? As diretrizes do meu amigo não abarcariam essa situação. É totalmente impossível alcançarmos uma condição de não precisarmos mais estar vigilantes, mesmo em áreas em que achamos que somos fortes. Como John Owen disse: “Quando [o pecado em nós] é menos sentido é quando na realidade ele é mais poderoso”.[2]

Participei de um seminário do ministério Prison Fellowship, em que um dos prisioneiros que deu seu testemunho era um ex-juiz. Meu estereótipo de prisioneiros foi estilhaçado. Diante de mim estava um homem que havia jurado defender a lei e administrar a justiça, mas que havia sido pessoalmente

condenado por um crime. Então pensei em Davi, o homem segundo o próprio coração de Deus (At 13.22), o homem escolhido para escrever a maior parte de Salmos, uma das partes mais belas e inspiradoras de todas as Escrituras. Mas, mesmo com todo o seu privilégio espiritual, Davi cometeu adultério e então tramou um assassinato para esconder seu adultério. Pensei comigo mesmo: “Se Davi tivesse cometido esse pecado hoje, ele teria sido preso. Sou mais forte do que Davi?”.

Muitas vezes, ouvi um professor cristão bem conhecido dizendo: “Não há nenhum pecado que eu não seja capaz de cometer”. Penso que esse homem está muito mais protegido da tentação do que o homem que tinha tamanha autoconfiança com respeito ao pecado do adultério. Nossa única proteção é uma humildade profunda que sentimos quando percebemos quão poderoso o pecado em nós ainda é. Nunca comece a achar que há áreas de tentação nas quais não precisa estar vigilante. Essa postura poderia ser sua ruína. Assim, precisamos vigiar nas áreas de fraquezas conhecidas por ser nelas que estamos extremamente propensos a ceder à tentação. E precisamos vigiar nas áreas nas quais achamos que somos fortes, pois é nelas que tendemos a confiar em nós mesmos e não depender de Deus.

As palavras de John Owen mais uma vez nos são úteis aqui.

Quando percebemos que um inimigo constante da alma reside em nós, que diligência e vigilância não devemos ter! Sendo assim, quão deplorável é a indolência e a negligência de tantas pessoas que vivem cegas e adormecidas para essa realidade do pecado. Há uma eficácia e poder excedente no pecado que reside nos cristãos, pois ele se inclina sem parar ao mal. Desse modo, precisamos estar acordados a fim de nosso coração saber os caminhos de Deus. Nosso inimigo não apenas está sobre nós, como no caso de Sansão, mas ele também está em nós.[3]

**PEQUENAS COISAS**

Outra área da vida na qual devemos estar vigilantes são as pequenas coisas da vida diária, as pequenas questões que aparentam ser tão desimportantes — a pequena mentira, um pouco de orgulho, a pequena olhadela lasciva ou um pouquinho de fofoca. Talvez achemos essas coisas pequenas demais para nos importar com elas, mas as Escrituras dizem que elas são “as raposinhas que estragam as vinhas” (Ct 2.15).

Horatius Bonar escreveu com respeito às pequenas coisas da vida:

O ato de evitar pequenos males, pequenas inconsistências, pe- quenas fraquezas, pequenas tolices, pequenas indiscrições e imprudências, pequenos defeitos, pequenas satisfações do ego e da carne, pequenos atos de indolência ou indecisão ou desleixo ou covardia, pequenos equívocos ou desvios da integridade elevada, pequenos traços de sovinice e maldade, […] pequenas indiferenças aos sentimentos e desejos de outras pessoas, pequenas erupções de humor, irritabilidade, egoísmo ou vaidade — o ato de evitar coisas tão pequenas quanto essas por fim acaba constituindo no mínimo a beleza negativa de uma vida santa.[4]

Essa é uma lista longa, mas encorajo você a lê-la novamente em oração para verificar quais pequenas coisas mencionadas por Bonar vêm a ser um problema para você.

A vida é em grande medida um mosaico de pequenos acontecimentos e pequenos atos. É a decisão que fazemos quando o caixa do supermercado nos devolve troco demais ou o garçom do restaurante nos traz uma conta menor que revela se somos honestos ou não. Posso passar a impressão de tender a trivializar a vida com minhas ilustrações frequentes de pecados que algumas pessoas não consideram tão importantes. Mas a verdade é esta: é nas minúcias da vida que a maioria de nós vive no dia a dia. Raramente precisamos dizer não a uma tentação explícita de adultério. Mas com frequência precisamos dizer não à olhadela ou pensamento lascivo. E, como uma pessoa desconhecida disse: “Aquele que despreza as pequenas coisas cairá pouco a pouco”.

O puritano Thomas Brooks escreveu: “Pecados maiores tendem a mais rapidamente alarmar a alma, despertar e instigar a alma ao arrependimento, do

que pecados menores. Pecados menores com frequência entram de modo discreto na alma, vão sendo chocados e operam de modo secreto e imperceptível, até se tornarem tão fortes que pisam na alma e cortam o pescoço dela”.[5]

Há alguns anos, comecei a orar: “Senhor, mantenha-me sob rédeas curtas”. O que queria dizer era: não me deixe me safar com meus pecados pequenos. Dê-me uma consciência mais sensível que reconhecerá os pecados pequenos e disparará o alarme no meu coração. Receio que eu tenha acabado negligenciando essa oração simples, e uma das minhas próprias aplicações deste capítulo é tornar esse pedido parte da minha vida de oração de novo. Recomendo a você que faça o mesmo.

## LIBERDADE CRISTÃ

Uma mulher rica queria contratar um chofer. Em todas as entrevistas, ela fazia o candidato dirigir em uma estrada estreita e sinuosa em uma montanha e do lado de um precipício. Todos os motoristas, para tentar impressioná-la com suas habilidades na direção, dirigiam tão perto do precipício quanto ousavam. Por fim, um candidato não dirigiu assim. Ele ficou o mais longe possível do precipício. A viúva contratou o homem. Ela não queria um motorista ousado, ainda que extremamente habilidoso. Ela queria um que dirigisse do modo mais seguro possível.

Quer essa história seja verdadeira, quer seja apenas fictícia, ela ilustra um princípio importante da vigilância cristã. Na área da liberdade cristã, nosso objetivo deve ser “quão seguro posso ser” e não “quão ousado posso ser”. Liberdade cristã é a expressão usada para incluir a multidão de atividades nas quais a Bíblia não nos dá nenhuma orientação específica. Nessas áreas, temos a liberdade para escolher por nós mesmos o que fazer, contanto que nos guiemos por certos princípios das Escrituras.

Um princípio central é afirmado em Gálatas 5.13: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para satisfazer a natureza pecaminosa; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor”. O princípio é: não devemos usar nossa liberdade em Cristo para satisfazer a

natureza pecaminosa.

Na verdade, a advertência do apóstolo Paulo é menos contra satisfazer a natureza pecaminosa do que é contra permitir à natureza pecaminosa usar nossa liberdade como uma oportunidade ou ocasião para se afirmar. A New American Standard Bible nos ajuda a perceber esse sentido: “Mas não transformem a liberdade de vocês em uma oportunidade para a carne”. Nossa carne buscará de modo ativo usar nossa liberdade como uma oportunidade ou um trampolim para se satisfazer, se permitirmos que faça isso.

Ronald Y. K. Fung escreveu: “A palavra traduzida por ‘oportunidade’ ou ‘ocasião’ é usada no sentido militar de uma base de operações […]; aqui a imagem sugerida é a da ‘carne’ que ocupa a posição do inimigo malicioso e que usa a ‘liberdade’ como um trampolim para suas atividades”.[6] Essa é a natureza enganosa da nossa carne. Ela buscará nos levar para cada vez mais perto do precipício do pecado sob o pretexto de “afirmar nossa liberdade”.

Herman Ridderbos escreveu: “Essa liberdade não pode se tornar uma ocasião [ponto de partida, base] para a carne, isto é, para a natureza pecaminosa, para impulsos iníquos. A carne quer a liberdade de se expressar como desejar. Cristo não nos chamou para esse tipo de liberdade”.[7] Transformar a liberdade cristã em uma licença para pecar é um mal que está arraigado na nossa natureza humana pecaminosa. É fácil explicar a liberdade como o direito de fazer o que se quer fazer.

Sabendo que nossa natureza humana pecaminosa tem essa tendência, devemos estar vigilantes de modo especial quanto a ela. Quando eu era mais novo, a comunidade cristã tentava fazer isso vigiando por nós com suas várias listas de “nãos”. Essa prática resultou em um farisaísmo moderno que acrescentou à Bíblia regras específicas de conduta, ou “pecados” a serem evitados, como a vontade de Deus para nós.[8]

Mais recentemente, houve uma reação contra esse legalismo, uma reação talvez acertada. Mas, ao afirmar nossa liberdade, precisamos estar vigilantes para não darmos à carne a oportunidade de nos jogar no precipício do pecado. Voltando à história do chofer, queremos ver quanto ousamos chegar perto do precipício ou queremos ver quão seguramente podemos passar pelos perigos da nossa jornada espiritual?

As Escrituras dizem que:

O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa,

e sua doença é incurável.

Quem é capaz de compreendê-lo? (Jr 17.9).

Sabendo que nosso coração é enganoso, devemos estar vigilantes de modo especial para não transformarmos nossa liberdade em licença. Desse modo, como podemos vigiar nessa área da liberdade cristã? Paulo concedeu algumas diretrizes específicas aos cristãos coríntios que estavam afirmando sua liberdade em Cristo.

“Tudo me é permitido” — mas nem tudo é proveitoso. “Tudo me é permitido” — mas eu não deixarei que nada me domine (1Co 6.12).

“Tudo é permitido” — mas nem tudo é proveitoso. “Tudo é permitido” — mas nem tudo edifica. Ninguém deve buscar o seu próprio bem, mas sim o dos outros (1Co 10.23-24).

O consenso de comentários sobre 1Coríntios de que “Tudo me é permitido” é quase certamente um lema usado pelos cristãos coríntios para promover sua ideia de liberdade cristã. Eles o usavam como uma base lógica para dirigir o mais próximo possível do precipício. Seu interesse não era estarem protegidos da tentação, mas estarem livres de qualquer restrição. Paulo não negou seu conceito de liberdade, mas sim buscou lhes apresentar princípios melhores para controlar a liberdade que ele reconhecia que tinham. Em resposta à sua afirmação de que “tudo é permitido”, ele afirmou três princípios que apresentarei na forma de perguntas:

Será que isso é benéfico? Será que isso promove minha vida espiritual?

Será que essa é uma prática que com o passar do tempo tenderá a me dominar? Será que isso estimulará um desejo que será difícil de controlar?

Será que isso edifica? Será que promoverá o bem-estar espiritual de outros cristãos se eles adotarem essa prática que me é permitida?

A resposta de Paulo à afirmação de que “tudo me é permitido” deixa evidente que ele estava tentando afastar os coríntios do precipício e conduzi-los a um lugar em que poderiam viver com segurança. E, o mais importante, ele estava buscando transformar seu foco de “Qual a liberdade que tenho de viver como desejo?” em “O que será mais benéfico para mim e para meus irmãos cristãos?”.

Na conclusão da sua seção sobre liberdade cristã, Paulo apresenta um último princípio abrangente em 1Coríntios 10.31: “Assim, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”. Apenas esse princípio — fazer tudo que fizermos para a glória de Deus — deve nos proporcionar critérios suficientes para estarmos vigilantes quanto ao abuso da nossa liberdade cristã.

## A MELHOR DEFESA

Com todos os inimigos do mundo e de Satanás prontos para nos atacar e a guerrilha da carne no nosso próprio coração, como podemos executar uma vigilância eficaz quanto às tentações que nos atacam sem parar? O antigo ditado “A melhor defesa é um bom ataque” é um bom conselho para nossa vigilância contra a tentação. O melhor ataque é a meditação na Palavra de Deus e a oração. Certamente não é nenhuma coincidência que a Bíblia nos encoraje a praticar de modo contínuo apenas esses dois exercícios espirituais. Já vimos que devemos meditar na Palavra de Deus “dia e noite” (Sl 1.2), e Paulo nos exortou: “Orem

continuamente” (1Ts 5.17). Também observamos o poder da Palavra de Deus para nos guardar do pecado quando analisamos Salmos 119.11:

Guardei no coração a tua palavra

para não pecar contra ti.

Para toda tentação que você enfrenta, há passagens específicas das Escrituras que tratam dessa questão. Se você não sabe de algumas, peça ao seu pastor ou outro cristão maduro que o ajude a achá-las. Então memorize esses versículos, medite neles e ore sobre eles todo dia, pedindo que o Espírito Santo o lembre deles em tempos de necessidade. Além disso, também peça que ele fortaleça sua vontade para capacitá-lo a obedecer à Palavra da qual ele te lembra. Recorde a linha da influência que analisamos no capítulo 10. Todos nós estamos sendo influenciados tanto pela sociedade pecaminosa quanto pela palavra de Deus. Queremos fazer tudo que pudermos para chegar perto do polo da “Palavra de Deus” na linha, relacionando-a de modo contínuo com nosso pensamento.

Também recorde que Jesus nos disse para vigiar e orar. Não somos capazes de vigiar por nós mesmos. Considere mais uma vez as palavras de Salmos 127.1:

Se não for o Senhor que vigia a cidade,

será inútil os vigias montarem guarda.

Até mesmo com a nossa melhor diligência, precisamos da dimensão extra da vigilância do Senhor por nós.

Um pedido na Oração do Senhor é:

E não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do maligno (Mt 6.13).

Esse pedido na realidade tem duas partes: que não nos deixe cair em tentação e que fiquemos livres do Maligno. Uma vez que Tiago 1.13 nos diz que Deus não tenta ninguém, a primeira parte deve ser entendida como um pedido de que Deus na sua providência não nos permita cair em tentação. É a oração do crente que percebe suas próprias fraquezas e ora para nem sequer encontrar essas tentações.

Obviamente, se estamos orando para não sermos conduzidos à tentação, devemos tomar passos pessoais para assegurar que não nos dirijamos à tentação. Paulo disse em 1Tessalonicenses 5.22: “Evitem toda forma de mal”. Ele exortou a igreja coríntia a “fugir da imoralidade sexual” e Timóteo a “fugir dos desígnios malignos da juventude” (1Co 6.18; 2Tm 2.22, grifo do autor nos dois versículos). Obviamente, fugir denota uma resposta mais forte do que evitar, mas ambas as respostas são necessárias. Podemos evitar certas tentações não ligando a televisão nem folheando certas revistas. Mas às vezes uma tentação aparece diante de nós, e então precisamos fugir. Tudo isso faz parte de vigiar.

A segunda metade do pedido que Jesus nos ensinou a orar é: “livra-nos do maligno”, que é, obviamente, Satanás. Precisamos orar para nos defender dos ataques de Satanás. Cristo já o derrotou na cruz (Cl 2.15), e devemos pela fé nos apossar dessa vitória ao orarmos para ser libertos dos seus ataques.[9]

## NÃO SE ESQUEÇA DA SEGURANÇA

Estou escrevendo este capítulo em um quarto de hotel em uma cidade em que sou preletor de uma conferência. Todo dia tenho saído para caminhar e passado por um local em que um novo edifício comercial está sendo construído. Na entrada do local há uma grande placa branca com enormes letras vermelhas que dizem: “Não se esqueça da segurança”.

Na primeira vez em que vi a placa, pensei: “Essa é uma boa ideia. Todo dia os trabalhadores neste local estão sendo lembrados da importância de

procedimentos de trabalho seguros". Depois pensei: "Mas quantos deles será que prestam atenção na placa? Será que a maioria deles concorda com a ideia por trás dela, mas simplesmente continua com suas práticas de sempre, boas ou ruins, como se a placa não estivesse lá? Será que a placa serve para alguma coisa?". Não sei a resposta a essas perguntas. Ela depende em parte de quais instruções de segurança foram concedidas e se a execução de procedimentos de segurança está sendo garantida.

No entanto, sei de uma coisa. Se esses trabalhadores se esquecerem da segurança, mais cedo ou mais tarde eles provavelmente se machucarão. A segurança é algo que não pode ser tomada por certo em uma construção. Simplesmente há riscos demais.

A mesma coisa ocorre na vida cristã. Precisamos aprender a seguir a advertência "Não se esqueça da segurança" em um sentido espiritual. Não estamos em uma "construção espiritual". Estamos em uma guerra com o mundo, a carne e o Diabo. Os riscos em uma construção não "querem nossa cabeça". Eles simplesmente fazem parte da natureza do trabalho sendo feito. Mas nossos inimigos espirituais querem nossa cabeça. Não nos esquecermos da segurança é vigiarmos e orarmos. Se não prestarmos atenção nessa advertência, iremos nos machucar.

Obviamente, a verdade é que todos nos "machucamos" em alguma medida todo dia porque todos nós pecamos todo dia. Essa é a razão de precisarmos voltar ao evangelho da graça de Deus em Cristo. O evangelho do perdão de Deus dos nossos pecados pela morte de Cristo nos liberta para enfrentarmos esses pecados com honestidade e levá-los à cruz e ao sangue purificador de Jesus. A liberdade e a alegria que então procedem de uma consciência purificada criam o desejo e nos dão o motivo certo de lidar com esses pecados. Não podemos perseguir a santidade de modo efetivo sem voltarmos sempre de novo ao evangelho. O evangelho é o único fundamento sobre o qual podemos edificar as disciplinas necessárias para perseguir a santidade. A graça e a disciplina não podem ser separadas.

[1] Sinclair B. Ferguson, John Owen on the Christian life (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1987), p. 130-1, grifo do autor da citação.

[2] John Owen, Sin and temptation, edição de James M. Houston (Portland: Multnomah, 1983), p. 5 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título

Para vencer o pecado e a tentação].

[3] Ibid., p. 7, grifo do autor da citação.

[4] Horatius Bonar, God's way of holiness (Durham: Evangelical Press, 1979; publicação original em 1864), p. 109-10, grifo do autor da citação [publicado em português por Monergismo sob o título O caminho de Deus para a santidade].

[5] Thomas Brooks, The works of Thomas Brooks (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, reimpr., 1980; publicação original em 1861-1867), vol. 1, p. 21.

[6] Ronald Y. K. Fung, The Epistle to the Galatians, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 244.

[7] Herman N. Ridderbos, The Epistle of Paul to the Churches of Galatia, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 200. (O comentário de Fung substitui o de Ridderbos na série NICNT.)

[8] Trato dessa forma de legalismo em Transforming grace (Colorado Springs: NavPress, 1991), cap. 9 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título Graça que transforma].

[9] As Escrituras indicam que Deus às vezes permite que Satanás nos tente, como no caso de Pedro (Lc 22.31-32), mas ao menos nesse caso Deus aparentemente estava usando Satanás para incomodar o orgulho de Pedro (veja o v. 33).

# 13

# A DISCIPLINA DA ADVERSIDADE

*Suportem as dificuldades como disciplina; Deus os trata como filhos. Pois qual o filho que não é disciplinado por seu pai?*

(Hb 12.7)

Por vários capítulos, temos analisado as disciplinas que são necessárias na busca da santidade. Vimos que precisamos contemplar Cristo no evangelho, precisamos aprender a relação apropriada entre a dependência e a disciplina pessoal, precisamos estabelecer um compromisso com a santidade e precisamos desenvolver convicções baseadas na Bíblia. Na aplicação diária das Escrituras, precisamos aprender a fazer as escolhas corretas, a mortificar o pecado e a vigiar contra a tentação.

A palavra “precisamos” ocorre cinco vezes no último parágrafo. Repeti essa palavra propositadamente para enfatizar que há de fato certas disciplinas que precisamos praticar para progredirmos na busca da santidade. Embora sempre sejamos dependentes da obra capacitadora do Espírito Santo, precisamos cumprir nossas responsabilidades. Deus não o faz por nós.

No entanto, há mais uma coisa que precisamos fazer. Preci-samos reconectar todas essas disciplinas com a graça de Deus para a prática delas não nos fazer pensar que estamos em um relacionamento de desempenho com ele. Precisamos nos lembrar de modo contínuo do fato de essas disciplinas não nos obterem nem sequer um pouquinho de favor divino. Recebemos o favor de Deus estritamente pelo mérito de Jesus Cristo. Praticamos essas disciplinas não para obter o favor divino, mas por elas serem os meios dados por Deus para nos capacitar para perseguir a santidade.

Ainda há mais uma disciplina que é absolutamente necessária no processo de santificação — a disciplina das adversidades ou dificuldades. A adversidade não é uma disciplina que nós mesmos empreendemos, mas nos é imposta por Deus como um meio de crescimento espiritual. Como Hebreus 12.10 diz: “Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade”. Desse modo, o propósito da disciplina da adversidade é nos tornar mais santos.

Usei a palavra “disciplina” de dois modos neste livro. No capítulo 5, em que vimos que a graça nos disciplina, usei a palavra no sentido de educação espiritual de filhos. Em capítulos posteriores, usei “disciplina” para indicar o treinamento espiritual pelo qual nós mesmos somos responsáveis. Assim, Deus nos disciplina, e nós disciplinamos a nós mesmos. Em Hebreus 12, o autor usa “disciplina” no sentido da educação aplicada por Deus aos seus filhos espirituais. No entanto, a referência é a uma parte específica da educação de filhos: a adversidade. Hebreus 12.4-13 é a passagem clássica sobre esse tema. Para nossos propósitos, examinaremos os versículos 5 a 11.

## UMA PALAVRA DE ENCORAJAMENTO

E vocês se esqueceram da palavra de encorajamento que ele lhes dirige como a filhos:

“Meu filho, não faça pouco da disciplina do Senhor,

nem fique desanimado com a sua repreensão,

pois o Senhor disciplina a quem ama,

e castiga todo aquele a quem aceita como filho” (Hb 12.5-6).

O autor de Hebreus começou sua instrução e exortação com respeito à disciplina das dificuldades com uma palavra de ânimo: “E vocês se esqueceram da palavra

de encorajamento que ele lhes dirige como a filhos” (grifo do autor). Encorajar alguém é buscar instilar coragem nessa pessoa ou fortalecê-la com coragem. O autor queria instilar coragem nos seus leitores explicando o propósito por trás das adversidades ou dificuldades que eles estavam encontrando. Para fazer isso, ele citou Provérbios 3.11,12.

A questão central do encorajamento é que o Senhor disciplina quem ele ama. Seria um consenso entre os leitores de Hebreus do primeiro século (e deveria ser entre nós hoje) que a disciplina não é a marca de um pai cruel, mas sim de um pai que exibe uma preocupação profunda com o bem-estar e a maturidade dos seus filhos. Portanto, devemos entender que a disciplina de Deus, que nos alcança na forma de adversidade ou dificuldade, é uma indicação da sua preocupação amorosa, e não um sinal do seu desfavor.

Os versículos 5 e 6 nos advertem contra duas reações opostas, mas inapropriadas à disciplina de Deus. Uma é fazer pouco da disciplina do Senhor ou desprezá-la; a outra é um desânimo gerado por ela. Talvez seja difícil imaginarmos fazer pouco da disciplina do Senhor, mas um modo de o fazermos é ver sua disciplina como tendo pouco valor — como algo apenas a ser suportado, e não como algo para nosso benefício.

Também desprezamos a disciplina divina da adversidade quando não enxergamos a mão de Deus nas dificuldades que encontramos. Em vez de reconhecer sua origem em Deus, tendemos a ver as adversidades como algo que ocorre por acaso e, de novo, como algo a ser suportado e do qual queremos nos livrar o mais rápido possível. Não buscamos o propósito de Deus na disciplina. Todo o nosso foco acaba sendo achar uma forma de alívio.

No entanto, as Escrituras nos dizem que as adversidades não ocorrem por acaso, que todas elas, assim como nossas chamadas bênçãos, procedem da mão de Deus. Essa verdade está espalhada pela Bíblia inteira, mas quatro passagens do Antigo Testamento nos ajudarão a entender o ensino bíblico.

Considere o que Deus fez:

Quem pode endireitar

o que ele fez torto?

Quando os dias forem bons, aproveite-os bem;

mas, quando forem ruins, considere:

Deus fez tanto um

quanto o outro,

Desse modo, o homem não pode descobrir

qualquer coisa sobre o seu futuro (Ec 7.13-14).

Eu formo a luz e crio as trevas,

promovo a paz e causo a desgraça;

eu, o Senhor, faço todas essas coisas (Is 45.7).

Quem poderá falar e fazer acontecer,

se o Senhor não o tiver decretado?

Não é da boca do Altíssimo

que vêm tanto as desgraças como as bênçãos? (Lm 3.37-38).

Ocorre alguma desgraça na cidade,

sem que o Senhor a tenha mandado? (Am 3.6).

Alguns cristãos têm dificuldade com essa verdade e até mesmo a negam, pois eles não conseguem acreditar que um “Deus de amor” seja responsável pelos desastres individuais ou públicos que nos alcançam.[1] Mas o testemunho claro

das Escrituras é contrário aos nossos protestos. Assim, precisamos reconhecer a mão de Deus em todas as adversidades e não fazer pouco da sua disciplina.

A outra resposta inapropriada é “ficar desanimado com a sua repreensão”. Tendemos a ficar desanimados quando achamos que Deus está nos disciplinando por raiva, e não por amor. No entanto, Hebreus 12.6 diz de modo explícito que “o Senhor disciplina a quem ama”. Reconheço que muitas vezes é difícil perceber o amor de Deus quando ele está nos disciplinando, mas precisamos aceitar pela fé o testemunho das Escrituras.

O puritano Samuel Bolton (1606-1654) escreveu: “Deus tem pensamentos de amor em tudo que ele faz ao seu povo. A base dos seus procedimentos conosco é o amor (embora a ocasião possa ser um pecado), a maneira dos seus procedimentos é o amor e o propósito dos seus procedimentos é o amor. Seu interesse é, em tudo, nosso bem aqui, para nos tornar participantes da sua santidade e para nossa glória futura, para nos tornar participantes da sua glória”.[2]

Lembre-se, a intenção do autor foi nos encorajar. Uma boa parte desse encorajamento precisa ser resultado do entendimento de que as dificuldades que encontramos vêm de um Deus que não apenas está no controle soberano de toda circunstância da nossa vida, mas que também nos ama e lida conosco apenas com base no amor. Ele não apenas é o governante soberano do seu universo, mas ele também é nosso Pai celestial por meio do Senhor Jesus Cristo.

Assim, não despreze os tempos de adversidade se recusando-se a reconhecer a mão de Deus e não fique desanimado por não enxergar seu amor neles.

Além de disciplinar aqueles que ele ama, o Senhor também “castiga todo aquele a quem aceita como filho”. O castigo pode servir a um de dois propósitos: a execução da justiça ou a correção do caráter. Quando uma pessoa condenada por um crime, vai para a prisão, esse castigo é uma execução da justiça. Quando um pai castiga um filho, o propósito é, ou ao menos deveria ser, a correção do caráter do filho.

Embora hoje geralmente identifiquemos a disciplina com o castigo, o uso bíblico da palavra “disciplina”, como vimos, tinha um significado mais amplo. O castigo seria apenas um aspecto do programa geral de educação de filhos. Mas toda a disciplina de Deus, incluindo o castigo pela desobediência que ele nos envia na forma de adversidade, é administrada em amor e para nosso bem-estar.

Sabemos que inúmeras vezes os pais humanos não administram o castigo em amor e para o bem-estar do filho. Muitíssimas vezes um pai ou mãe infligirá um castigo no impulso do momento, ou até mesmo motivado por paixões pecaminosas, pois ele ou ela foi provocado pelo filho. O objetivo não é nem a justiça nem a correção. Obviamente, Deus não tem paixões pecaminosas. Portanto, nunca devemos identificar sua punição com as emoções que observamos tantas vezes em um pai humano.

Deus castiga para executar a justiça. As Escrituras dizem: “Deus é justo” (2Ts 1.6) e “‘Minha é a vingança; eu retribuirei’, diz o Senhor” (Rm 12.19). Mas, no que diz respeito aos cristãos, Deus executou a justiça que deveríamos ter recebido no seu Filho na cruz. Cristo satisfez totalmente a justiça de Deus e afastou sua ira de nós. Portanto, o castigo que Deus nos inflige é sempre corretivo; ele é sempre administrado em amor e para nosso bem-estar.

Em tempos de adversidade, Satanás buscará plantar a ideia na nossa mente de que Deus está irritado conosco e está nos disciplinando por ira. Esse é mais um caso em que precisamos pregar o evangelho a nós mesmos. É o evangelho que renovará nossa certeza de que a pena pelos nossos pecados foi paga, de que a justiça de Deus foi totalmente satisfeita. É o evangelho que proporciona uma grande parte da armadura de Deus com a qual devemos nos defender dos ataques acusatórios do Diabo (veja Ef 6.13-17).

## TODA DIFICULDADE É DISCIPLINA

Suportem dificuldades como disciplina; Deus os trata como filhos. Pois qual o filho que não é disciplinado por seu pai? Se vocês não são disciplinados (e a disciplina é para todos os filhos), então vocês não são filhos legítimos, mas sim ilegítimos (Hb 12.7-8).

O autor nos instruiu a “suportar dificuldades como disciplina”. Não há nenhum pronome adjetivo qualificador. Ele não disse: “Suportem todas as dificuldades”; tampouco disse: “Suportem algumas dificuldades como disciplina”. Na ausência

de um pronome adjetivo, o significado implícito aqui deve ser todas as dificuldades. Isto é, toda dificuldade de absolutamente todo tipo tem um propósito disciplinador na nossa vida. Um sofrimento sem propósito simplesmente não existe na vida de um cristão.

Isso não necessariamente significa que uma dificuldade específica está relacionada a um ato ou hábito pecaminoso específico na nossa vida. O que isso significa é que o propósito de toda expressão de disciplina é nossa conformidade à semelhança de Cristo. É um fato que muitas vezes somos incapazes de perceber a conexão entre a adversidade e o propósito de Deus. No entanto, deve nos bastar saber que ele sabe qual é a conexão e o resultado final que ele tem em mente.

Podemos saber se uma adversidade particular está relacionada a algum pecado específico na nossa vida? Não com certeza, mas o que penso sobre isso é que o Espírito Santo nos conscientizará dessa conexão caso seja necessário para lidarmos com um pecado específico. Se nada nos vier à mente, podemos orar, perguntando a Deus se há algo que ele quer que aprendamos de modo consciente. No entanto, para além disso, é inútil especular sobre a razão de Deus ter trazido uma dificuldade particular à nossa vida. Parte do processo santificador da adversidade é seu mistério, isto é, nossa incapacidade de dar qualquer sentido a uma dificuldade específica.

Embora todo sofrimento tenha um propósito na mente de Deus, esse propósito com frequência — certamente na maioria das vezes — está oculto para nós. O apóstolo Paulo escreveu sobre os caminhos de Deus:

Quão insondáveis são os seus juízos

e inescrutáveis os seus caminhos! (Rm 11.33).

Charles B. Williams expressa o pensamento de Paulo de um modo ainda mais poderoso: “Quão insondáveis são suas decisões e quão misteriosos são seus métodos!”.[3] Os caminhos de Deus, sendo infinitamente mais elevados do que os nossos, geralmente permanecerão um mistério para nós.

Quando somos incapazes de dar qualquer sentido às circunstâncias, precisamos voltar à garantia de Hebreus 12.7: “Deus os trata como filhos”. Não se esqueça: ele é aquele responsável pela santificação na nossa vida. Ele sabe exatamente qual e quanta adversidade desenvolverá mais semelhança com Cristo em nós, e ele não trará nem permitirá chegar à nossa vida nenhuma adversidade além das necessárias para o propósito dele.

Suporte toda dificuldade como disciplina. Não quero trivializar as dificuldades, mas todos sabemos que há níveis diferentes de adversidade. Algumas adversidades são profundamente devastadoras, como a morte de um ente querido ou um ferimento que nos incapacita de modo permanente. No outro polo do espectro há situações que realmente não passam de incômodos temporários, como uma visita inesperada que aparece quando você está se debatendo com um prazo muito próximo. Todas essas circunstâncias e acontecimentos, sejam triviais ou graves, são planejadas por Deus como meios de desenvolver um caráter mais semelhante a Cristo.

Uma coisa, por exemplo, é reconhecer que precisamos desenvolver o fruto específico do Espírito chamado paciência. É uma coisa bem diferente exibir esse fruto, e com sinceridade de coração, em uma situação em que outra pessoa esteja realmente testando sua paciência. No entanto, Deus, pela sua providência, está sempre nos colocando em situações que exigem o exercício da obediência ou o exercício de um dos traços do fruto do Espírito.[4] Nós apenas podemos nos tornar mais semelhantes a Cristo nas provações da vida real. E Deus é aquele que orquestra e supervisiona essas circunstâncias particulares necessárias na vida de cada um de nós.

## SUBMISSÃO À DISCIPLINA

Além disso, todos nós tínhamos pais humanos que nos disciplinavam, e nós os respeitávamos. Quanto mais devemos submeter-nos ao Pai dos nossos espíritos, para assim vivermos! (Hb 12.9).

Para obtermos o máximo de benefício da disciplina das dificuldades, precisamos nos submeter a ela. O autor nos recorda que, na família humana, os filhos respeitam o pai que os disciplina. Obviamente, talvez seja difícil constatar isso em famílias em que o pai disciplina por razões egoístas, motivado pela raiva e impaciência, e não pelo amor para o benefício do filho. No entanto, nessa analogia entre a disciplina parental humana e a disciplina de Deus, o autor de Hebreus está pressupondo um modelo paternal mais normal.

Tive a felicidade de ter um pai que buscou cumprir a função bíblica de um pai. Eu sabia que ele me amava, mas também sabia que ele não toleraria mau comportamento. Sua disciplina era firme, mas amorosa. Ele me disciplinava para meu bem. Eu respeitava sua disciplina já quando era criança e lhe dei ainda mais valor após me tornar adulto.

No entanto, o ponto central do autor é que, se respeitávamos a disciplina do nosso pai, quanto mais não devemos nos submeter à disciplina de Deus. A disciplina do nosso pai era, na melhor das hipóteses, imperfeita, tanto na sua motivação quanto na sua aplicação. Mas a disciplina de Deus é perfeita, totalmente adequada às nossas necessidades.

Dessa maneira, como nos submetemos à disciplina de Deus? De modo negativo, essa submissão significa não ficarmos irados com Deus nem o acusarmos de ser injusto quando estamos diante de circunstâncias muito difíceis. Eu estava inclinado a escrever “não permanecermos irados” em vez de “não ficarmos irados com Deus”, para permitir uma reação inicial curta contra Deus. Mas penso que até mesmo uma ira de breve duração dirigida a Deus é um pecado do qual precisamos nos arrepender. Ainda que a ira possa ser uma resposta emocional, ela não deixa de ser uma acusação de injustiça contra Deus. Certamente, isso é um pecado.

No entanto, é ainda mais grave a situação de uma pessoa que permite uma ira dirigida a Deus continuar durante meses ou até mesmo anos. Essa atitude significa um rancor para com Deus e passa a ser rebeldia. Trata-se sem dúvida de insubmissão ao nosso Pai celestial.

De modo positivo, nossa submissão à disciplina de Deus é aceitarmos toda dificuldade como procedendo da sua mão amorosa para nosso bem. Isso significa que nossa resposta principal seria uma submissão e confiança humildes. Como o apóstolo Pedro escreveu: “Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa

mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido” (1Pe 5.6). Devemos nos submeter aos procedimentos providenciais de Deus conosco, sabendo que ainda há muito no nosso caráter que precisa ser aperfeiçoado. Devemos confiar nele, crendo que sua sabedoria é infinita e que ele sabe exatamente o tipo e a medida de adversidade necessários para alcançarmos seu propósito.

John Owen disse que submeter-nos ao Pai de nosso espírito significa:

um reconhecimento do seu direito soberano de fazer o que quer conosco como propriedade dele; uma renúncia da vontade própria; um reconhecimento da sua justiça e sabedoria em todos os seus procedimentos conosco; uma percepção do seu cuidado e amor, com uma apreciação apropriada do fim dos seus castigos; uma aplicação diligente de nós mesmos à sua mente e vontade ou àquilo para o qual nos chama de maneira especial no tempo propício; uma preservação da nossa alma do cansaço e do desânimo por meio da fé perseverante; uma sujeição total de nós mesmo à sua vontade, com respeito ao tema, à maneira, aos tempos e à continuação das nossas aflições.[5]

A citação de Owen não é nada curta, mas usei-a por ser uma descrição bem completa da atitude e resposta para com a adversidade que precisamos desenvolver. Encorajo você a revisá-la várias vezes até absorver totalmente o que ele disse.

Submeter-nos à disciplina de Deus não significa que não devemos orar por alívio da dificuldade ou que não devemos buscar meios legítimos de obter alívio. Às vezes, o fim que Deus tem em mente é exercitarmos nossa fé e, assim, ele nos coloca em uma situação difícil para podermos nos focar nele e ver seu livramento. Mas o fortalecimento da nossa fé é um aspecto importante da disciplina.

A questão central é a nossa atitude. Podemos orar seriamente a Deus por alívio e ainda assim sermos submissos a ele quanto ao desfecho da situação. Jesus é o nosso exemplo supremo nesse sentido, na oração que fez uma noite antes da sua crucificação: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice. Contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mt 26.39).

## O PROPÓSITO DA ADVERSIDADE

Nossos pais nos disciplinavam por curto período, segundo lhes parecia melhor; mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade. Nenhuma disciplina parece ser agradável no momento, mas sim dolorosa. Posteriormente, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram treinados (Hb 12.10-11).

O autor de Hebreus contrasta a sabedoria finita de pais humanos na disciplina dos filhos com a sabedoria infinita e infalível de Deus. Até mesmo os melhores pais humanos apenas podem disciplinar da maneira que acham melhor. Seu julgamento é falível, suas ações às vezes são incoerentes e com frequência são guiadas pelo impulso do momento. Como é observado muitas vezes, eles precisam aprender pela experiência. Qualquer pessoa que tentou criar um filho de um modo piedoso e responsável sabe que há ocasiões em que os pais simplesmente não sabem qual é a maneira ou medida apropriada de disciplina para um filho.

No entanto, Deus sempre nos disciplina para nosso bem. Ele sabe o que é o melhor para cada um de nós. Ele sabe de maneira intuitiva e perfeita a natureza, a intensidade e a duração que melhor servirão ao seu propósito de nos tornar participantes da sua santidade. Ele nunca traz mais sofrimento do que o necessário para alcançar seu propósito. Lamentações 3.33 expressa assim essa noção:

Porque não é do seu agrado trazer aflição

e tristeza aos filhos dos homens.

Voltando a Hebreus 12.10: “Deus nos disciplina para nosso bem, para que participemos da sua santidade”. Observe que o autor identificou nosso bem como o fato de nos tornarmos mais santos. O apóstolo Paulo escreveu de maneira semelhante: “E sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam […] Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à semelhança de seu Filho” (Rm 8.28-29). Ser conforme à semelhança de Cristo e participar da santidade de Deus são expressões equivalentes. Esse é o bem mais elevado ao qual o cristão pode aspirar.

Esse é o plano de Deus em todas as adversidades e sofrimentos que experimentamos nesta vida. Não existem acontecimentos aleatórios ou acidentais na nossa vida. O propósito de todo sofrimento que experimentamos é nos fazer chegar mais perto do alvo de sermos santos como Deus é santo.

“Nenhuma disciplina parece ser agradável no momento”, disse o autor de Hebreus. A adversidade assume muitas formas: uma doença ou ferimento grave, a morte de um ente querido, desemprego, decepções e humilhações de vários tipos. Todas essas aflições são dolorosas. Elas são necessárias para alcançarem seu propósito planejado de eliminar o que não é santo na nossa vida a fim de que um verdadeiro caráter santo possa ser produzido. Devemos admitir a dor. Cheguei a conhecer uma pessoa que contava algumas das adversidades que sua família estava enfrentando e então forçava um sorriso e dizia: “Mas somos vitoriosos”. Ao que tudo indica, ela achava que os cristãos não devem admitir dor na vida. Mas o autor de Hebreus foi honesto. Ele disse que a disciplina das dificuldades é dolorosa.

No entanto, mais tarde a disciplina produz um fruto de justiça e paciência. O “fruto de justiça” é em essência equivalente a participar da sua santidade. Assim, a disciplina é um dos meios centrais que Deus usa para nos tornar santos. O caminho para a santidade é um caminho de adversidades. Se queremos ser santos, devemos contar com a disciplina exercida por Deus por meio das aflições e frustrações que ele traz ou permite chegar à nossa vida.

A disciplina das dificuldades também produz paz para aqueles que foram treinados por ela. A palavra treinados aqui é a mesma que Paulo usou em 1Timóteo 4.7, que ele emprestou do mundo do atletismo da época. Philip Hughes disse: “Quando nosso autor [de Hebreus] descreve o fruto produzido como ‘de paz’, a metáfora ainda é a da competição atlética, pois o adjetivo

indica o descanso e repouso desfrutado pelo competidor vitorioso com o fim do conflito”.[6]

Hughes estava se referindo ao descanso experimentado pelo cristão quando vai estar com o Senhor. Mas também há uma paz a ser desfrutada nesta vida por aqueles que aprenderam a suportar a adversidade como a evidência da mão paternal de Deus sobre eles para torná-los mais santos. F. F. Bruce captou bem essa ideia: “A pessoa que aceita a disciplina pela mão de Deus como algo planejado pelo seu Pai celestial para seu bem não mais se sentirá ressentido e rebelde; ele ‘acalmou e tranquilizou’ sua alma [Sl 131.2], proporcionando um terreno fértil para o cultivo de uma vida justa, que responde à vontade de Deus”.[7]

## DESTINADOS À GLÓRIA

Não está claro se o autor de Hebreus estava se referindo à paz proporcionada pela maturidade nesta vida, que é a interpretação de Bruce, ou ao descanso que o cristão experimenta de modo final na eternidade, que é o entendimento de Hughes. A verdade é esta: ambas as noções são ensinadas nas Escrituras. Com respeito a esta vida, Paulo escreveu que nossos sofrimentos produzem perseverança, que por sua vez produz um caráter em nós (Rm 5.3-4), e Tiago disse que a prova da nossa fé desenvolve perseverança, que produz maturidade (Tg 1.2-5).

Porém, nossa esperança suprema não está na maturidade de caráter nesta vida, por mais valiosa que seja, mas na perfeição de caráter na eternidade. O apóstolo João escreveu: “Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” (1Jo 3.2). O processo muitas vezes doloroso de sermos transformados na sua semelhança terá terminado. Seremos totalmente conformes à semelhança do Senhor Jesus Cristo.

Ansiando por esse tempo futuro, Paulo escreveu: “Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18). Enquanto penso sobre o que Paulo disse, imagino um par daqueles pratos antigos de balança. Paulo primeiro coloca todos os nossos sofrimentos, todas as nossas aflições e frustrações, todas as nossas adversidades

de absolutamente qualquer tipo e qualquer origem sobre um dos pratos da balança. Obviamente, o peso aqui faz esse prato baixar o máximo possível. Mas então ele coloca sobre o outro prato a glória que será revelada em nós. A situação que vemos diante de nós não é um equilíbrio dos pratos nem sequer algum grau de equilíbrio desigual, como seria de se esperar. Em vez disso, o peso no prato da glória que será revelado em nós o faz baixar o máximo possível. Paulo disse que nossos sofrimentos não podem ser comparados com a glória que experimentaremos na eternidade.

Na sua Segunda Carta aos Coríntios, Paulo escreveu:

Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia. Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa muito mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (2Co 4.16-18).

Aqui vemos novamente o peso fazendo baixar o máximo possível o prato da glória eterna, que pesa muito mais do que nossos sofrimentos desta vida.

Isso não significa que nossas presentes dificuldades não sejam dolorosas. Hebreus 12.11 já nos deixou claro que elas de fato são dolorosas, e todos sabemos desse fato em alguma medida pela nossa experiência. Nada que digo neste capítulo tem a intenção de minimizar a dor e a perplexidade da adversidade. Mas precisamos aprender pela fé a olhar além do presente sofrimento para a glória eterna que será revelada em nós. Não se esqueça: o Deus que nos disciplina também nos glorificará. Assim, Deus nos dá a disciplina da adversidade como um meio da nossa santificação. Nossa função nessa disciplina é responder a ela e nos sujeitar ao que Deus esteja fazendo, ainda que um caso particular de adversidade não faça sentido algum para nós. Ao fazermos isso, veremos no tempo devido o fruto do Espírito Santo sendo produzido na nossa vida.

## VIVA PELA GRAÇA

Aprender a viver pela graça e não pelo desempenho nos ajuda a aceitar a disciplina da adversidade. Em primeiro lugar, entendemos que Deus está nos disciplinando não por causa do nosso mau desempenho, mas, muito pelo contrário, é por seu amor por nós. Também aprendemos a aceitar que não importa nossa situação, ela é muito melhor do que merecemos. Nenhum de nós gostaria de receber de Deus o que realmente merecemos, pois apenas receberíamos o castigo eterno. Assim, aprendemos a não fazer a pergunta: “Por que isso aconteceu comigo?” (isto é, o que fiz para merecer ser tão maltratado por Deus?). Por fim, aprendemos, como o apóstolo Paulo na sua situação do espinho na carne, que a graça de Deus nos basta (2Co 12.9), por mais difíceis e frustrantes que nossas circunstâncias venham a ser. Isto é, a graça capacitadora de Deus nos dará a força espiritual interior necessária para perseverarmos no sofrimento e suportarmos a dificuldade, até vermos o fruto de justiça e paz produzido por isso.

Desse modo, vimos que a graça e a disciplina — tanto o ato de Deus nos disciplinar quanto nossa disciplina de nós mesmos —, longe de serem coisas opostas, estão unidas de modo inextricável no programa de santificação de Deus. A disciplina de Deus é baseada na graça, esse é um fato absolutamente incontestável. Nós somos os que têm um problema com a relação entre a graça e a disciplina e que precisam se esforçar para cultivar uma relação apropriada.

Recorde a linha do tempo no capítulo 1 (p. 23) que representa nossa visão típica de que o evangelho é para o descrente e que o dever do discipulado é para o cristão. O resultado frequente dessa divisão é a prática de uma aceitação diante de Deus baseada no desempenho e uma abordagem de esforço próprio na busca da santidade.

No entanto, a mensagem da Bíblia é que o evangelho é exatamente tão necessário para o cristão quanto para o não cristão. Devemos basear o “dever” do discipulado no evangelho, com o resultado da prática de uma aceitação diante de Deus baseada em Cristo e uma abordagem de capacitação do Espírito na busca da santidade. Dessa maneira, o chamado dever do discipulado se torna uma alegria e um prazer, ainda que exija um esforço vigoroso. Portanto, aprenda a “pregar o evangelho a si mesmo” todo dia e, pela alegria e força de saber que

seus pecados foram perdoados e o domínio do pecado foi destruído, prossiga tornando-se santo, assim como Deus é santo.

[1] Tratei extensamente desse tema em meu livro Trusting God (Colorado Springs: NavPress, 1988) [publicado em português por Nutra sob o título Confiando em Deus].

[2] Samuel Bolton, The true bounds of Christian freedom, ed. rev. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1964; publicação original em 1645), p. 25.

[3] Charles B. Williams, The New Testament in the language of the people (Nashville: Holman Bible Publishers, 1986), p. 351.

[4] Para aqueles sem familiaridade com a expressão "a providência de Deus", defini-a em meu livro Trusting God como "seu interesse constante com sua criação inteira e seu governo absoluto sobre ela para sua própria glória e para o bem do seu povo" (p. 25).

[5] John Owen, como citado por John Brown em An exposition of Hebrews (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, reimpr., 1961; publicação original em 1862), p. 626.

[6] Philip Edgecumbe Hughes, A Commentary on the Epistle to the Hebrews (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 532-3.

[7] F. F. Bruce, The Epistle to the Hebrews, ed. rev., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 346.

# GUIA DE DISCUSSÃO

# COMO USAR ESTE GUIA

Cada seção na discussão a seguir se refere a um trecho do livro e leva o leitor a perguntas para estudo pessoal e discussão em grupo. Se você está usando este guia com um grupo, provavelmente gostará de ler o trecho e responder às perguntas sozinho antes da reunião do seu grupo. No entanto, se a reunião dura noventa minutos ou mais, vocês poderiam ler o trecho juntos e, então, discutir as perguntas.

Em um guia de estudo sobre o crescimento espiritual na santidade, é de se esperar que algumas perguntas peçam que você reflita sobre o pecado na sua própria vida. Se você está usando este guia com um grupo, talvez não se sinta confortável em compartilhar com o grupo inteiro suas respostas o mais francas possível a essas perguntas. Nesse caso, tente ser o mais honesto possível nas respostas que escrever para você mesmo e compartilhe com o grupo apenas o que for apropriado. Você talvez decida que há uma outra pessoa no grupo com quem gostaria de discutir algumas das perguntas em particular. No entanto, de modo geral, as perguntas neste guia são planejadas para serem apropriadas para a discussão em grupo.

A maioria das seções termina com uma sugestão para oração em grupo. Em alguns casos, agradecer a Deus pela sua graça é uma resposta apropriada à discussão. Em outros, você desejará pedir algo específico a Deus. Uma vez que alguns grupos têm o costume de orar juntos, enquanto outros grupos não têm o costume de orar em voz alta, você e seu líder gostarão de adaptar essas sugestões de oração às características do grupo. Elas poderiam servir de base de um tempo de oração em silêncio, caso prefiram não orar em voz alta. Ou vocês poderiam começar a aprender a orar em voz alta, deixando cada pessoa orar apenas uma frase. Se você está usando este guia sem um grupo, poderia aplicar essas sugestões a um tempo de oração individual.

Que Deus use este guia para ajudar você a crescer na disciplina da graça dele.

# LIÇÃO 1

# QUÃO BOM É BOM O SUFICIENTE?

*Capítulo 1*

*"Por que me chama de bom?", Jesus respondeu.*

*"Ninguém é bom — senão um, que é Deus"*

(Mc 10.18).

## IDEIA CENTRAL

Ao contrário do que diz uma noção comum equivocada, não obtemos ou perdemos a bênção de Deus na nossa vida diária com base em nosso desempenho. Não importa nosso desempenho, sempre somos dependentes da graça de Deus, que é seu favor imerecido àqueles que merecem sua ira.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Qual é sua primeira reação a esta afirmação: "O ato de perseguir a santidade deve estar ancorado na graça de Cristo; sem isso, ele está fadado ao fracasso"?

___ A graça de Deus e a busca vigorosa da santidade não podem ser unidas; elas aparentam ser opostos diretos e claros para mim, meio que como “camarões gigantes”.

___ A busca da santidade me soa como legalismo e regras humanas.

___ Uma ênfase na graça me passa a impressão de ser uma porta aberta para uma conduta irresponsável e pecaminosa, libertando-nos para pecar à vontade.

___ Entendo que a graça e a disciplina pessoal são coisas inseparáveis.

___ Não entendo o que significa viver pela graça na minha vida diária, em especial, a relação entre a graça e a disciplina pessoal.

___ Outra resposta (elabore).

2. A imagem de um homem bem-esculpido — munido de martelo e cinzel — representa como muitos cristãos tentam viver a vida cristã. A situação aparente é que sempre estamos tentando mudar a nós mesmos com nossas próprias ferramentas (martelo e cinzel). Coloque-se nessa imagem e considere este livro uma ferramenta disponível para esculpi-lo. Qual seria a diferença entre usar este guia como uma ferramenta nas suas mãos e deixar Deus usar o guia como uma ferramenta nas dele? O que significaria adotar cada uma dessas atitudes na prática?

3. Considere dois dias radicalmente diferentes, mas típicos na sua própria vida. O primeiro dia é espiritualmente bom para você. O segundo é justamente o contrário. Então responda às perguntas a seguir.

a. Seu grau de confiança seria diferente naquelas duas oportunidades de testemunho? (Você estaria menos confiante em um dia ruim do que em um dia bom? Você acharia difícil acreditar que Deus o abençoaria e o usaria em um dia não muito bom espiritualmente?) Por quê?

b. Tente se lembrar do seu último dia realmente “bom” e do último realmente “ruim”. A bênção de Deus chegou a parecer mais real ou distante de você em um dia do que no outro? Por quê?

4. A pergunta sobre dias bons e a bênção de Deus levanta a questão se é possível de alguma forma ser bom o suficiente para Deus. Quão bom seria “bom o suficiente” para agradar a Deus? Quais respostas Jesus ou Paulo dão? Faça cada membro do grupo consultar uma ou mais das seguintes passagens bíblicas e contar o que descobriu.

• Mateus 5.48

• Mateus 22.36-39

• Lucas 18.9-14

• Lucas 18.18-25

• Romanos 3.9-20

• Filipenses 3.4-10

5. Desenhe uma linha do tempo simples da sua vida, com três momentos

demarcados: seu nascimento, o dia da sua salvação e o dia futuro da sua morte. Não importa com quantos anos creu em Cristo, a cruz divide sua vida inteira em dois períodos: você como descrente e você como cristão. Em que período dessa linha do tempo a graça foi mais do que um conceito teológico para você?

6. Bridges faz a observação de que relegamos o evangelho ao descrente e empurramos os deveres das disciplinas espirituais, santidade e serviço para o cristão. Isso se aplica à sua própria experiência? Por que você acha que isso acontece?

7. Tanto o cristão semelhante ao fariseu quanto o cristão oprimido pela culpa não entendem corretamente o significado da graça. De que forma?

8. Como “pregar o evangelho a si mesmo todo dia” está relacionado a essa armadilha do desempenho?

9. Um modo prático de “pregar o evangelho a si mesmo” é ajustar as lentes pelas quais lê as Escrituras. Com as lentes certas, você poderia ver o evangelho e a graça presentes nas Escrituras inteiras e, assim, sentir-se motivado. Sem essas lentes, você pode acabar enxergando apenas lei e dever e, então, sentir-se desmotivado.

Considere, por exemplo, o que motivou Paulo. Como você lê 2Coríntios 5.14? Você acha que foi o amor de Paulo por Cristo que o constrangeu para praticar boas obras e perseguir a santidade? Ou o que na verdade o constrangeu foi o amor de Cristo por ele? (Leia 2Coríntios 5.14 no contexto e em várias traduções. Você também pode examinar Romanos 5.5 e Filipenses 3.10.)

10. Mutua Mahiaini faz esta observação:

*A graça de Deus é maior do que todos os nossos pecados. O arrependimento é um dos maiores privilégios do cristão. O foco de um cristão penitente é a misericórdia e a graça de Deus. Qualquer momento de deleite na misericórdia e na graça de Deus é nosso momento mais elevado. Mais elevado do que quando nos sentimos extremamente satisfeitos conosco pelo nosso desempenho decente e não somos capazes de pensar em nada que precisamos confessar […]*

*Esse momento tem a capacidade de ser glorioso. Pois nesse momento podemos aceitar a misericórdia e a graça abundantes de Deus e não ter mais nada do que nos vangloriar senão do próprio Cristo ou, então, podemos lutar com nossa vergonha, focando nela, bem como na nossa performance. Falhamos por termos afastado nossa atenção da graça e da misericórdia. Aquele que se beneficia da misericórdia e da graça de Deus não hesita em se arrepender, mas também hesita em pecar.*

Você está disposto a se "deleitar na misericórdia e graça de Deus" como seu "momento mais elevado? Mais elevado do que quando [você] se sente satisfeito consigo pelo [seu] desempenho decente e não é capaz de pensar em nada que precisa confessar?". Como você se comportaria ao adotar essa atitude?

11. (Opcional) Para alguns, uma ênfase exagerada na graça faz surgir o fantasma da "graça barata". O fato de saber que seus pecados já foram e certamente serão perdoados permite que você continue pecando e se torne relaxado nas suas disciplinas espirituais? Ou a consciência do perdão constrange você a buscar a santidade com um afinco ainda maior? Compare sua resposta com as de Jesus e Paulo, presentes nas passagens bíblicas a seguir (cada membro do grupo pode consultar um texto e contar o que descobriu).

• Mateus 23.23-28

• Lucas 9.23-25

• Romanos 6.1-2-15-18

• Gálatas 6.13-16-18

• Filipenses 3.12-14

• Hebreus 12.14

12. Dediquem um tempo no fim da reunião do grupo a agradecer a Deus pela sua graça abundante.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

As boas notícias do evangelho são que a graça de Deus está disponível nos nossos piores dias. Seus piores dias nunca são tão ruins que você esteja além do alcance da graça de Deus. E seus melhores dias nunca são tão bons que você esteja além da necessidade da graça de Deus. Exploraremos mais o significado desse fato em nosso exame da parábola do fariseu e do coletor de impostos. Medite sobre Lucas 18.11-12 e leia o capítulo 2 para a lição seguinte. Em preparação para essa lição, reflita sobre o que significa ser complacente e satisfeito consigo mesmo na sua vida cristã.

# LIÇÃO 2

# O FARISEU E O COLETOR DE IMPOSTOS

*Capítulo 2*

*"O fariseu estava em pé e orava sobre si mesmo: 'Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens — ladrões, malfeitores, adúlteros — nem mesmo como este coletor de impostos. Jejuo duas vezes por semana e dou um décimo de tudo quanto ganho'"*

(Lc 18.11-12).

## IDEIA CENTRAL

Temos coisas em comum tanto com o fariseu quanto com o coletor de impostos, tanto com o Filho Pródigo quanto com o irmão mais velho.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

William Carey, que foi para a Índia em 1793, com frequência é chamado de o pai das missões modernas. Seus empreendimentos vastos para Cristo incluíram traduções da Bíblia inteira ou partes dela para mais de quarenta idiomas e dialetos. O lema missionário bem conhecido de Carey era: "Espere grandes coisas de Deus; tente fazer grandes coisas para Deus". No entanto, o mesmo homem escreveu estas palavras:

Hoje, faço setenta anos de idade, um monumento da misericórdia e bondade divinas, mas, em um retrospecto da minha vida, constato o incontável número de coisas pelas quais eu deveria estar me sentindo completamente humilhado; meus pecados diretos e positivos são inumeráveis, minha negligência na obra do Senhor tem sido grande, não tenho promovido sua causa, nem buscado sua glória e honra como devo. A despeito de tudo isso, fui poupado até agora, ainda permaneço na obra dele e confio que o favor divino está sobre mim por intermédio dele.[1]

1. a. Como foi possível um homem com uma fé tão extraordinária em Deus lamentar sua própria pecaminosidade e falhas perto do fim da sua vida? (Por que Carey não preferiu refletir com gratidão e louvor sobre o que Deus havia feito por meio dele?)

b. A atitude de Carey deve ser um exemplo para nós ou devemos descartá-la como uma pequena amostra lamentável da introspecção trazida pela velhice? (A razão da atitude de Carey foi uma baixa autoestima não saudável? Ou ela refletiu um realismo saudável que é característico de um cristão piedoso e maduro?)

c. Você acha a atitude de Carey difícil de manter na sua própria vida? Ela é motivadora? Por quê?

2. Quando paramos para pensar em alguém que se sobressaiu nas disciplinas da vida cristã, na obediência e no serviço sacrificial, essa pessoa certamente foi Paulo. No entanto, sua visão sobre si mesmo era semelhante à de William Carey. Paulo estava sempre rebaixando sua autoimagem diante da gravidade do pecado. Com seu crescimento ao longo dos anos, ao que ele se comparou? (Como ele era “classificado” em cada caso?)

• Cerca de 55 d.C., 1Coríntios 15.9

• Cerca de 57 d. C., Romanos 7.18

• Cerca de 60 d. C., Efésios 3.8

• Cerca de 63 d. C., 1Timóteo 1.15-16

3. Agora considere a parábola do fariseu e do coletor de impostos. O fariseu era ortodoxo nas suas convicções e muito comprometido com suas práticas religiosas. Ele jejuava duas vezes por semana (disciplinas espirituais); ele não era um ladrão, malfeitor ou adúltero (obediência); e dava um décimo de tudo que ganhava (serviço). Usando nossa terminologia de dia bom e dia ruim, ele estava em um cenário constante de dia bom, ou ao menos achava isso.

a. Assim, qual foi a falha fatal no pensamento do fariseu?

b. Em contraste com o fariseu, como o coletor de impostos enxergava a si mesmo e seu pecado? (E em relação a quem?)

c. Por que Jesus declarou o coletor de impostos justo diante de Deus?

d. Como essa parábola fala com você?

4. Jesus também nos apresentou a parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32). A ênfase nessa história está na compaixão e na graça do pai ao filho. Jesus poderia ter parado aqui, mas ele continuou nos contando sobre a inveja e o ressentimento do irmão mais velho. De que modo esse irmão mais velho é semelhante ao fariseu de Lucas 18.9-14?

5. Embora o amor seja o traço de caráter principal que deve estar presente nos cristãos, ele também é o mais difícil de ser de fato praticado, e não apenas exaltado da boca para fora. Para “dar carne” ao conceito do amor, tente ver o grande capítulo do amor, 1Coríntios 13, na perspectiva de ações específicas. Enquanto lê todas essas declarações de ações baseadas nos versículos 4 e 5 que vêm a seguir, pergunte-se como está sendo sua prática diária do amor. Em uma escala de 1 (nunca) a 5 (sempre), com que frequência você tende a praticar essas ações mensuráveis? Circule a resposta aplicável.

Sou paciente com você porque amo você e quero perdoá-lo.

1 2 3 4 5

Sou bondoso com você porque amo você e quero ajudá-lo.

1 2 3 4 5

Não invejo suas posses ou dons porque amo você e quero que tenha o melhor.

1 2 3 4 5

Não me vanglorio dos meus feitos porque amo você e quero ouvir sobre os seus.

1 2 3 4 5

Não sou orgulhoso porque amo você e quero dar mais valor a você do que a mim.

1 2 3 4 5

Não sou rude porque amo você e me importo com seus sentimentos.

1 2 3 4 5

Não procuro meus interesses porque amo você e quero satisfazer suas necessidades.

1 2 3 4 5

Não me iro facilmente com você porque amo você e quero ignorar suas ofensas.

1 2 3 4 5

Não fico me remoendo com as coisas erradas que faz porque amo você e o amor “perdoa uma multidão de pecados”.

1 2 3 4 5

(Há qualquer espaço para a justiça própria à luz desse critério prático de amor?)

6. Bridges encontrou 27 traços de caráter positivos ensinados no Novo Testamento (veja Gl 5.22-23; Ef 4.1-2-25-32; Cl 3.12-17; 1Tm 6.6-11; Tg 3.17). Eles são:

___ Compaixão

___ Consideração

___ Contentamento

___ Fé

___ Fidelidade

___ Longanimidade

___ Espírito perdoador

___ Generosidade

___ Gentileza/mansidão

___ Piedade

___ Bondade

___ Honestidade

___ Humildade

___ Imparcialidade

___ Alegria

___ Amabilidade

___ Amor

___ Misericórdia

___ Paciência

___ Paz

___ Perseverança

___ Pureza

___ Justiça

___ Domínio próprio

___ Sinceridade

___ Submissão

___ Gratidão

a. Com a ajuda de um amigo que o conhece bem, marque aqueles traços em que você cresceu no último ano.

b. Marque dois traços que você acha que Deus gostaria que fossem seu foco no seu crescimento pessoal (peça a Deus que lhe mostre os dois traços que deve marcar).

c. Com o grupo, discuta quão útil esse exercício foi para você. O que você aprendeu sobre si mesmo?

Na medida em que falhamos nesses traços de caráter positivos, somos pecadores

que necessitam da graça de Deus.

7. a. Bridges afirma que os cristãos devem se ver tanto como santos quanto como pecadores. Qual é a razão disso?

b. Como você tende a se ver normalmente — como um santo, um pecador ou ambas as coisas?

c. Como você está se vendo após concluir esta seção de estudo?

d. O que você fará com o que aprendeu nesta seção?

8. Agora o líder do grupo pode encerrar com uma oração, usando a oração do coletor de impostos, em Lucas 18, como base.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

O sentido de tudo isto é nos ajudar a nos identificar tanto com o fariseu quanto com o coletor de impostos, tanto com o Filho Pródigo quanto com o irmão mais velho. Enquanto ninguém quer se identificar com o fariseu ou o irmão mais velho, estamos mais dispostos a nos identificar com o coletor de impostos e com o Filho Pródigo. Mas estamos de fato dispostos a dizer: “Deus, tem misericórdia de mim, o pecador” ou “Não sou mais digno de ser chamado teu filho”? Estamos prontos para reconhecer que até mesmo nossos atos de justiça não passam de “trapos imundos” aos olhos de Deus (Is 64.6)? Se você é capaz de responder sim com honestidade a essas perguntas, então você entendeu o sentido do capítulo.

Após lidar com a gravidade do nosso pecado, estamos em uma posição melhor

para aplicar o evangelho da graça à nossa vida todo dia. Na próxima lição, exploraremos mais do que significa “pregar o evangelho a si mesmo”. Medite sobre Romanos 8.1 e leia o capítulo 3 como preparação para a lição seguinte.

[1] William Carey, citado em Timothy George, Faithful witness: the life and mission of William Carey (Birmingham: New Hope, 1991), p. 155 [publicado em português por Vida Nova sob o título Fiel testemunha: a vida e a obra de William Carey].

# LIÇÃO 3

# PREGUE O EVANGELHO A SI MESMO

*Capítulo 3*

*Portanto, agora já não há condenação para*

*os que estão em Cristo Jesus*

(Rm 8.1).

## IDEIA CENTRAL

Quando decidir buscar a santidade de modo sério, você começará a perceber o pecador terrível que é. E, se não estiver enraizado de modo firme no evangelho e não tiver aprendido a pregá-lo a si mesmo todo dia, não demorará para ficar desanimado e relaxar na busca da santidade.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Durante o ano de 1993, foi feita uma pesquisa entre a plateia de uma grande conferência cristã que contou com a presença de vários milhares de pessoas. Uma das perguntas da pesquisa foi: “O que é o evangelho?”. Entre o enorme número de pessoas entrevistadas, apenas uma deu uma resposta adequada.[1]

a. Se você tivesse sido um dos entrevistados, qual resposta teria dado? Escreva sua resposta aqui e compare-a com a dos outros no grupo.

b. Quais semelhanças você identifica entre as apresentações do evangelho de cada um do grupo? Quais são os elementos centrais?

2. Mais de 80% das pessoas entrevistadas por Bridges em contextos de grupo ao redor do país indicaram que teriam mais certeza da bênção de Deus quando tivessem tido um “bom” dia espiritual. Não há muita diferença entre cristãos que baseiam seu relacionamento diário com Deus em um desempenho de dia bom e descrentes que acham que vão para o céu por terem sido “bons o suficiente”. Em Romanos 3.19-26, como Paulo trata dessa concepção equivocada, presente tanto no cristão quanto no descrente?

3. A palavra fé é um substantivo e não tem nenhuma forma verbal em nosso idioma. O que é usado é o verbo crer, como em Romanos 3.22. O que significa crer em Jesus? (Isto é, o que é aquilo em que devemos crer ou depositar nossa fé?)

4. Romanos 3.19-26 está repleto de termos teológicos que precisam ser esclarecidos nas conversas com nossos amigos não cristãos. Explique os termos a seguir nas suas próprias palavras como se estivesse conversando com alguém sem nenhuma familiaridade significativa com a Bíblia. Isto é, não use o jargão cristão ou longas proposições teológicas, mas use analogias seculares, sinônimos ou expressões de conversas curtas.

• Versículo 19: a lei (de Deus)

• Versículo 20: declarado justo

• Versículo 20: (conscientes do) pecado

• Versículo 21: a Lei e os Profetas

• Versículo 21: retidão de Deus

• Versículo 22: fé

• Versículo 23: glória de Deus

• Versículo 24: justificados gratuitamente

• Versículo 24: graça

• Versículo 24: redenção

• Versículo 25: sacrifício de expiação

• Versículo 25: sangue de Cristo

• Versículo 26: justiça de Deus

• Versículo 26: justificação daquele que crê

5. Houve um enorme protesto gerado pelo perdão do presidente Nixon, pois muitos, certos ou errados, sentiram que a justiça havia sido violada pela concessão do seu perdão. Do mesmo modo, algumas pessoas não gostam do ato de Deus de justificar pecadores desmerecedores, em especial, aqueles que decidem se converter de última hora à espera da pena da morte ou no leito de morte.

a. Como você se sentiria se Deus justificasse assassinos em série condenados como Ted Bundy ou Jeffrey Dahmer pela graça mediante a fé? Por que você se sentiria assim?

b. Como você se sentiria se eles fossem perdoados pelo estado após se arrependerem com sinceridade pelo seu pecado? Por quê?

c. Qual é a diferença entre a “justificação” (efetuada por Deus) e um mero “perdão” (concedido por um presidente ou governador)?

6. Considere as declarações ousadas de Paulo em Romanos 8.1-31-33 à luz de um recente dia ruim ou falha recente que tenha experimentado. Apesar de o que Paulo diz ser objetivamente verdadeiro a respeito da nossa condição diante de

Deus, há ocasiões em que nossa consciência nos diz que estamos debaixo de condenação. Por causa das nossas falhas frequentes diante de Deus, não sentimos que Deus é por nós, mas que, certamente, é contra nós. Desse modo, como estabelecemos uma harmonia entre o veredicto da consciência e o veredicto do céu?

7. “O sangue de Cristo”, em relação à nossa salvação, é uma expressão favorita dos autores do Novo Testamento. Ela ocorre cerca de trinta vezes, e não apenas em Romanos 3. O que significa ter fé no sangue?

• Romanos 3.25

• 1Coríntios 11.25-26

• Hebreus 9.1-27

8. Com qual aspecto (ou quais aspectos) do evangelho você precisa se tornar mais familiarizado? O que você precisa pregar a si mesmo todo dia?

9. O que se destacou como pessoalmente significativo para você nesta seção?

10. (opcional) Este é um modo prático de pregar o evangelho a si mesmo todo dia: medite e memorize um ou mais dos textos do evangelho a seguir, os quais apresentam garantias do perdão de Deus. Você talvez prefira meditar e memorizar os textos aos quais já se dedicou (perguntas 6 e 7). Se for realmente ambicioso, tente memorizar Romanos 3.19-26. Para auxiliar a memorização,

escreva o texto completo e/ou faça desenhos simples ao lado do versículo. Todas essas promessas extraordinárias de perdão chamam sua atenção para a morte expiatória de Cristo, a base da busca da santidade.

• Salmos 103.12

• Isaías 38.17

• Isaías 43.25

• Isaías 53.6

• Miqueias 7.19

• Gálatas 3.13

• Colossenses 1.22

• Colossenses 2.13

11. Encerrem com oração, agradecendo a Deus pelo que ele fez por vocês por meio de Cristo. Usem Romanos 3.19-26 como base. Vocês poderiam dedicar um tempo a uma ação de graças silenciosa, ou cada membro do grupo pode

agradecer por uma coisa que viu nessa passagem.

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Consideraremos diversos fatores que fazem parte da busca da santidade em seções futuras. Mas nenhum fator é mais importante do que aprender a pregar o evangelho a si mesmo todo dia. Na próxima lição, exploraremos mais o que significa estar unido com Cristo na sua morte, que nos liberta não apenas da pena do pecado, mas também do poder do pecado. Medite em Romanos 6.1-2 e leia o capítulo 4 como preparação para a lição seguinte.

[1] Relatado por R. C. Sproul em sua mensagem “The priority of righteousness”, proferida na Independent Presbyterian Church, Memphis, TN, 18 de setembro de 1993.

# LIÇÃO 4

# NÓS MORREMOS PARA O PECADO

*Capítulo 4*

*Que diremos então? Continuaremos pecando*

*para que a graça aumente?*

*De maneira nenhuma! Nós morremos para o pecado;*

*como podemos continuar vivendo nele?*

(Rm 6.1-2).

## IDEIA CENTRAL

Não existe uma salvação da pena do pecado sem uma libertação concomitante do domínio do pecado. Esse fato obviamente não significa que não pecamos mais, mas sim que o pecado já não reina mais na nossa vida.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. O que você acha desta afirmação: “A morte de Cristo nos obteve não apenas a libertação da pena do pecado, mas também a liberdade do domínio do pecado”?

___ Tenho dificuldade para acreditar nessa afirmação, que piora a situação de uma pessoa que está lutando com um ou mais hábitos pecaminosos.

___ Comecei a experimentar essa liberdade do domínio do pecado na minha própria vida.

___ Essa mensagem de perdão gratuito e total por meio de Cristo fará cristãos não levarem o pecado a sério.

___ Gostaria de que essa afirmação fosse verdadeira na minha própria vida.

___ Não entendo como Deus liberta do poder do pecado, sem definitivamente lançar Satanás no “lago de fogo”, o que não acontecerá antes dos acontecimentos do fim dos tempos apresentados em Apocalipse 19 e 20.

___ Aleluia! Quão grande é nosso Salvador, que é capaz de fazer mais do que seríamos capazes de pedir ou imaginar.

2. Como você explicaria nas suas próprias palavras o que significa dizer que “morremos para o pecado?”.

3. Adão foi como um rei que envolveu sua nação em uma guerra, quer seus súditos quisessem essa guerra, quer não. Sua impressão é de que Deus foi injusto ao deixar Adão fazer escolhas por você que tiveram consequências extremamente devastadoras na sua vida? Por que você se sente assim?

4. Cristo é como um libertador que libertou qualquer pessoa oprimida pelo pecado que quer se posicionar ao seu lado. Como você enxerga essa noção de ser liberto do pecado apenas crendo nele?

5. a. De que maneira você explicaria como é estar em uma união viva com Cristo, assim como um ramo está unido com uma videira?

b. Você experimenta essa conexão de ramo-videira diariamente? Caso experimente, descreva essa experiência. Se não experimenta, por que você imagina não experimentar?

6. A objeção comum surge: “Se morremos para o domínio do pecado, por que continuamos lutando com o pecado na nossa vida diária?”. Como você explica essa luta contínua?

7. Bridges diz que uma atitude desdenhosa diante do pecado indica que a pessoa não é um verdadeiro cristão, por mais que ela professe ter crido em Cristo para ser salva. Você concorda? Por que sim ou por que não?

8. a. Morremos para o pecado; esse é um fato consumado. Mas Paulo continua: “Considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus”. O que significa, de modo prático, considerar-se morto para o pecado e vivo para Deus?

b. Dê um exemplo em que simplesmente precisou crer que o pecado não mais tinha o direito de controlar você. (Talvez você nunca tenha feito isso. Você consegue pensar em uma situação presente em que precisa crer nisso?)

9. Pense sobre o piloto soviético que obteve uma nova identidade como um cidadão de um país livre, mas que precisou aprender a concretizar essa nova identidade. Como sua experiência de se tornar um cidadão do reino de Deus tem sido semelhante?

10. Encerre com oração, agradecendo a Deus pela sua união com Cristo, que liberta você tanto da pena quanto do domínio do pecado.

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Vimos em Romanos 6 que a salvação inclui tanto uma libertação da pena do pecado quanto uma liberdade do domínio do pecado. Vimos que nossa união legal com Cristo na sua morte e ressurreição garante nossa união vital com ele, pela qual participamos da sua natureza divina e recebemos a capacitação para viver a vida cristã.

Começaremos a tratar dos aspectos práticos da santificação na lição seguinte. Medite em Tito 2.11-12 e leia o capítulo 5 como preparação.

# LIÇÃO 5

# DISCIPLINADOS PELA GRAÇA

*Capítulo 5*

*A graça de Deus que traz salvação se manifestou a todos os homens.*

*Ela nos ensina a dizer "Não" à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira disciplinada, justa e piedosa nesta era presente*

(Tt 2.11-12).

## IDEIA CENTRAL

A graça que lhe trouxe salvação é a mesma graça que ensina ou disciplina você. Mas você deve responder com base na graça, e não na lei. Essa é a razão de dever "pregar o evangelho a si mesmo todo dia".

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1 a. Bridges afirma que seu título "Disciplinados pela graça" tem o aspecto de um oxímoro (como "bondade cruel") para aqueles a quem a disciplina e a graça passam a impressão de serem coisas opostas. A partir do seu histórico de vida, quais conotações você associa à disciplina?

b. Quais conotações você associa à graça?

c. Esses termos aparentam ser opostos para você? Explique.

2. Bridges agora é grato pelas disciplinas da vida cristã repletas de graça e que são a base dessa vida, em especial a devocional diária, estudo bíblico, memorização das Escrituras e oração. Mas, no seu período de recém-convertido, ele considerava a Bíblia basicamente um livro de regras que lhe dizia o que fazer (e o que não fazer). Os preceitos práticos “precisa-deve-tem que” ordenavam, mas não capacitavam para obedecer. Essas ordens o fizeram se sentir tanto culpado quanto desamparado — tudo devido a padrões recorrentes de pecado que eram resistentes a mais e mais estudo bíblico.

a. Quais são algumas das disciplinas da vida cristã às quais você foi exposto quando se tornou cristão?

b. Quais dessas disciplinas você pratica até hoje e por quê?

c. Quais acabaram sendo abandonadas e por quê?

d. Como você se sente sobre essa situação?

3. a. Você é como o aluno que explicou que era rígido na prática da sua devocional diária “para nada de ruim acontecer comigo”? Você tem a impressão de o sorriso ou cara feia de Deus dependerem de você praticar ou não seus

exercícios espirituais?

b. Qual é o erro nesse modo de pensar?

c. Como uma pessoa estabelece uma base e motivação corretas para o crescimento espiritual?

4. Muitos de nós têm amigos e parentes que se dizem cristãos, mas em cuja vida não conseguimos perceber nenhuma evidência da disciplina da graça. Muitas vezes, nós nos agarramos a uma esperança frágil de que essas pessoas são cristãs por terem chegado a fazer uma profissão de fé, mas sem mostrarem nenhuma evidência dessa fé. Geralmente, observamos que pais têm uma propensão especial a esse tipo de negação com respeito a filhos que não demonstram nenhuma evidência de uma obra genuína da graça. Sem fazer nenhum julgamento quanto à realidade da salvação de outra pessoa, quais evidências você está procurando de que um amigo ou membro da família é de fato cristão?

*Nota ao líder: Pode ser apropriado dedicar um tempo a orar sobre as respostas dos membros do grupo à pergunta 4 antes de passar à pergunta seguinte. Em vez de nos agarrarmos ao que certamente pode ser uma esperança falsa, devemos orar seriamente para Deus levar essa pessoa à salvação, ou, se por acaso levou-a, para começar a manifestar a disciplina da graça na vida dessa pessoa.*

5. Qual é o aspecto prático de dizer não à impiedade e às paixões mundanas? Por exemplo, considere uma pessoa com uma paixão tão forte por ser aplaudida por realizações no trabalho que negligencia sua família. O que estaria envolvido no ato de essa pessoa dizer não às paixões mundanas?

6. Dedique um minuto sozinho para pensar sobre qualquer impiedade ou paixão mundana à qual precise dizer não. Anote-a.

7. Em Efésios 4.22-32, Paulo realça que precisamos dar a mesma atenção tanto para nos despir de hábitos pecaminosos quanto para nos revestir de hábitos que espelhem Cristo. Por exemplo, em Efésios 4.28, ele ordena que os que roubam não apenas parem de roubar, mas também se revistam da generosidade. Se uma pessoa na sua congregação que estivesse roubando fizesse uma ruptura definitiva com essa prática, isso seria motivo para celebrarmos uma grande vitória. Mas Paulo não ficaria satisfeito até essa pessoa também adquirir um espírito generoso de ajudar outras pessoas em necessidade.

Isso recorda três atitudes que podemos ter em relação ao dinheiro e às posses:

___ “O que é seu é meu; eu o tirarei de você”.

___ “O que é meu é meu; isso ficará comigo”.

___ “O que é meu é seu; eu o compartilharei”.

8. O princípio de se despir e se revestir é visto novamente na nossa fala (Ef 4.29). Devemos nos despir de palavras torpes (não apenas palavras vulgares ou piadas obscenas, mas também críticas, queixas, fofocas e assim por diante) e nos revestir do que é construtivo, gratificante e edifica outras pessoas. Quais das seguintes atitudes Se parecem mais com você?

___ “Se eu não tenho nada de bom para dizer, não direi nada”.

___ “Não basta parar de me queixar; começarei a ser edificante”.

___ “Minhas palavras são sempre sadias, edificando outros e repletas de ação de graças a Deus”.

___ Outra resposta (elabore).

9. A seguir há uma lista final para determinar sua percepção de como está sendo disciplinado. Circule Verdadeiro (V) ou falso (F) conforme o que é aplicável a você. Converse e ore com seu grupo sobre qualquer área em que precisa de ajuda.

V F “Embora Deus esteja me disciplinando pela sua graça, minha percepção dessa disciplina é mais pela lei.”

V F “Vejo a graça de Deus me disciplinando, até mesmo pela sua Palavra e circunstâncias adversas.”

V F “Eu me esforço sob o fardo da culpa.”

V F “Eu aceito o perdão da graça de Deus.”

V F “A Bíblia é apenas um livro de regras que estou lutando para obedecer pela minha própria força de vontade.”

V F “Estou dependendo da minha união com Cristo e do Espírito Santo em mim para ser capacitado a responder à instrução de Deus.”

10. Encerrem com oração, agradecendo a Deus por tudo que ele tem lhes ensinado pela sua graça.

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Toda essa ênfase em uma conduta cristã prática não deve nos fazer perder de vista o fato de ser a graça — e não a lei — que nos ensina. Na próxima lição, começaremos a tratar do agente da piedade, ou o poder da graça, para nos transformar na semelhança de Deus. Medite sobre 2Coríntios 3.18 e leia o capítulo 6 como preparação.

# LIÇÃO 6

# TRANSFORMADOS NA SUA SEMELHANÇA

*Capítulo 6*

*E todos nós, que com a face descoberta contemplamos como que por um espelho a glória do Senhor, estamos sendo transformados na mesma imagem de glória em glória, a qual vem do Senhor, o Espírito*

(2Co 3.18, NASB)

## IDEIA CENTRAL

O Espírito de Deus nos transforma. Ele nos insta a cooperar com ele e a executar nossa função designada por ele — contemplar a glória do Senhor —, mas ele é aquele que trabalha no fundo do nosso caráter para nos transformar.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. No início do processo de santificação, Deus substitui nosso coração de pedra por um coração de carne. O que você acha que significa ter um coração de carne, em oposição a um de pedra?

2. Por que o Espírito Santo não pode fazer nenhum progresso com uma pessoa que tem um coração de pedra?

3. a. O alvo do Espírito Santo é nos tornar como Cristo. Você poderia escolher praticamente qualquer história nos Evangelhos que apresenta Cristo e dizer a si mesmo: “Deus quer que eu seja assim”. Por exemplo, leia Marcos 1.40-42. O que esse parágrafo lhe diz sobre o que o Espírito deseja que você se torne?

b. Como você se sente quando considera que isso faz parte do plano de Deus para você? (Intimidado? Entusiasmado? Cético? Confiante?) Explique.

4. Em uma escala de 1 (nunca) a 5 (sempre), indique o grau da sua conformidade à semelhança de Cristo medida pelas afirmações a seguir.

Odeio o pecado na minha própria vida por causa da natureza desprezível dele, e não por me preocupar com o que os outros pensariam.

1 2 3 4 5

Meu único objetivo é fazer a vontade de Deus, por mais inconveniente ou desagradável que fazê-la venha parecer na hora, pelo simples fato de ser a vontade dele.

1 2 3 4 5

Não apenas parei de mentir, ser desonesto, fofocar e ter pensamentos impuros, mas também minhas palavras e pensamentos focam no bem-estar dos outros.

1 2 3 4 5

Meu objetivo é agradar a Deus e edificar os outros em tudo que digo e faço, e não apenas ir vivendo minha vida do modo mais confortável possível.

1 2 3 4 5

5. Imagine que você esteja na sala descrita na página 117, em que a iluminação é controlada por um regulador. Quais são alguns dos pecados que você enxerga agora que não notou no início do seu compromisso com Cristo?

6. a. Como contemplar a glória de Cristo no evangelho ajuda a nos transformar?

b. Quais são os modos práticos de contemplarmos a glória de Cristo no evangelho?

7 a. Sozinho, escreva uma área de pecado na sua vida que o Espírito Santo tem iluminado com seu holofote.

b. Considere sua resposta para a pergunta 6b. Como você poderia aplicá-la à área de pecado que acabou de escrever?

8. Em suas lutas com o pecado, você acha útil recordar que o pecado é um inimigo derrotado? Por que sim ou por que não?

9. Encerrem com oração, refletindo sobre o processo de transformação que estão experimentando. Apresentem a Deus aquilo com que ainda estão lutando. Agradeçam a ele por expor essa área problemática e por ter derrotado o pecado e a morte na cruz.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

Nossa responsabilidade específica na busca da santidade, como vista em 2Coríntios 3.18, é contemplarmos a glória do Senhor como apresentada no evangelho. Contemplar a glória de Cristo no evangelho é uma disciplina da graça. Em lições posteriores, examinaremos outras disciplinas que devemos praticar na busca da santidade. Medite sobre Mateus 22.36-40 e leia o capítulo 7 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 7

# OBEDECENDO AO GRANDE MANDAMENTO

*Capítulo 7*

*"Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Respondeu Jesus: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas"*

(Mt 22.36-40).

## IDEIA CENTRAL

Amar a Deus de todo o meu coração, alma e mente obviamente significa amá-lo com todo o meu ser, com tudo que tenho. O grau em que vivermos com uma percepção duradoura do amor de Deus por nós em Cristo será o grau em que amaremos a Deus de todo o nosso coração, alma e mente.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Bridges contrasta a obediência de "piloto automático" com a obediência de "corrida de carros". Quais são alguns dos fatores típicos que impedem os cristãos de buscar uma obediência de "corrida de carros"?

2. Sua obediência tende a ser mais do tipo “piloto automático” ou de “corrida de carros?” (Ou você fica muito tempo apenas estacionado?) O que você imagina ser a razão disso?

3. Examine Deuteronômio 6.1-9, que é o contexto vetero-testamentário do “maior mandamento” que Jesus cita em Mateus 22.37. Observe a forte presença de palavras como mandamentos, decretos e leis. Qual é a ênfase dada à obediência a esses mandamentos, decretos e leis?

4. a. Quais são alguns modos inovadores e eficazes de gravar os mandamentos, decretos e leis de Deus em nós mesmos e nos nossos filhos? (Em lugar de prender as Escrituras nas mãos e na testa ou escrevê-las no batente da porta da sua casa e em seu portão, o que você faz?)

___ Uma nota adesiva com um versículo pertinente das Escrituras colada no espelho do banheiro ou no relógio da minha mesa.

___ Um pequeno cartão com uma passagem bíblica para o dia que levo no bolso da camisa e consulto ao longo do dia.

___ Um cartão com uma passagem bíblica fixado no painel ou no retrovisor do meu carro.

___ A disciplina de memorização das Escrituras, acompanhada de uma rememoração e meditação diárias.

___ Outros (liste alguns).

b. Se você ainda não tem o hábito de gravar as Escrituras na mente, qual abordagem (uma das acima ou outra) o atrai?

5. Equiparar obediência a Deus com o amor a Deus é um aspecto proeminente do livro de Deuteronômio. Sem tentar esgotar essa questão, Bridges achou seis outras passagens no livro em que o amor e a obediência estão unidos. Para nos ajudar a sentir o impacto dessa forte ênfase repetitiva, elas são citadas a seguir:

• E agora, ó Israel, que é que o Senhor, seu Deus, pede de você, senão que tema o Senhor, o seu Deus, que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva ao Senhor, ao seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, e que obedeça aos mandamentos e aos decretos do Senhor, que hoje lhe dou para o seu próprio bem? (10.12-13).

• Portanto, se vocês obedecerem fielmente aos mandamentos que hoje lhes dou — amar o Senhor, o seu Deus, e servi-lo de todo o coração e de toda a alma… (11.13).

• Se vocês obedecerem cuidadosamente a todos os mandamentos que lhes mando cumprir — amar o Senhor, o seu Deus, andar em todos os seus caminhos e apegar-se a ele… (11.22).

• Porque vocês obedecem fielmente a todas estas leis que hoje lhes ordeno — amar o Senhor, o seu Deus, e sempre andar nos seus caminhos… (19.9).

• O Senhor, o seu Deus, circuncidará os corações de vocês e os de seus descendentes, para que o amem de todo o coração e de toda a alma e vivam […] Vocês obedecerão de novo ao Senhor e seguirão todos os seus mandamentos que lhes dou hoje (30.6-8).

• Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida, para que vocês e os seus filhos vivam, e para que vocês amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a sua voz e se apeguem firmemente a ele. Pois o Senhor é a sua vida, e ele lhes dará muitos anos na terra que jurou dar aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó (30.19-20).

6. Sem o motivo do amor, nossa aparente obediência pode ter o propósito de servir a nós mesmos. Sem o amor, temos vontade de fazer o bem, mas por todos os motivos errados. Para ilustrar como nosso coração enganoso pode nos levar a fazer algo bom por algum motivo diferente do amor a Deus, citamos alguns exemplos aqui. Você é capaz de pensar em quaisquer exemplos recentes na sua experiência que ilustram essas razões?

• Talvez eu tema que Deus vá me punir, ou ao menos me privar da sua bênção, por causa de alguma desobediência.

• Talvez eu me abstenha de uma ação pecaminosa por medo de ser desmascarado, e não por odiar o pecado que Deus odeia.

• Luto contra alguma tentação para evitar a culpa gerada, e não por amor a Deus.

• Talvez eu esteja buscando obter a bênção de Deus com alguma ação piedosa — ajoelhar-me ao orar, cumprir meu tempo devocional ou alguma outra coisa igualmente sutil ou supersticiosa.

• Talvez eu me adapte a um certo padrão de conduta por querer fazer parte e ser aceito pela cultura cristã em que vivo.

• Talvez eu até mesmo obedeça exteriormente por ter um temperamento submisso, sendo simplesmente minha “natureza” obedecer aos meus pais, meu professor, autoridades civis, ou até mesmo Deus.

• Posso fazer algo extraordinário para Deus, mas minha obediência está maculada por um orgulho da minha realização gerado por um senso de justiça própria.

7. O puritano John Owen escreveu que a maior tristeza e fardo que podemos depositar sobre Deus Pai é não crer que ele nos ame. Por que esse é um fardo maior do que cometer algum pecado escandaloso?

8. O que nesta seção é pessoalmente relevante para você?

9. Enquanto encerram com oração, meditem na verdade do evangelho e deixem esses pensamentos os inspirarem para dizer a Deus o quanto o amam.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

Nas lições seguintes, ao focarmos nossa atenção nas disciplinas pessoais que devemos praticar na busca da santidade, não deixemos o evangelho “na prateleira” da nossa vida. Revejamos o evangelho diariamente e, na alegria que produz, busquemos essas disciplinas.

A partir do próximo capítulo, analisaremos algumas das outras disciplinas que devemos praticar que são importantes para a busca da santidade. Mas não se

esqueça: nenhuma é mais importante do que a disciplina de alimentar sua alma sem parar com a grande verdade do evangelho. Medite sobre Salmos 127.1 e leia o capítulo 8 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 8

# DISCIPLINA DEPENDENTE

*Capítulo 8*

*Se não for o Senhor que constrói a casa, o trabalho dos construtores será inútil. Se não for o Senhor que vigia a cidade,*

*será inútil os vigias montarem guarda*

(Sl 127.1).

## IDEIA CENTRAL

Para fazermos qualquer progresso na busca da santidade, devemos assumir nossa responsabilidade de nos disciplinarmos ou nos treinarmos. Mas devemos fazer tudo isso em uma dependência total do Espírito Santo para atuar em nós e nos fortalecer com a força que há em Cristo.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Pense nas duas asas do avião como a disciplina e a dependência. Em que proporção elas existem na sua vida?

___ Minha busca da santidade pende à abordagem passiva (“da fé”).

___ Minha busca da santidade é mais como a abordagem autodisciplinada (“das obras”).

___ Minha vida é desequilibrada, como se eu estivesse voando com uma só asa, prestes a cair.

___ Sou fraco em ambas as asas.

___ Acho que estou razoavelmente bem equilibrado entre disciplina e dependência.

___ Outra resposta (elabore).

2. Muitas vezes, as Escrituras apresentam tanto o conceito da dependência quanto o da responsabilidade na mesma frase ou parágrafo. Em cada um dos exemplos abaixo, mostre como a passagem afirma a dependência e como ela afirma a disciplina.

• Salmos 119.11-16

• João 15.4-5

• Filipenses 4.11-13

• Colossenses 1.28-29

3. Pense em um desafio de crescimento com que você precisa lidar

presentemente, como educar bem seus filhos ou lidar com um dilema ético no trabalho.

a. O que significará na prática você exercer a dependência nessa situação?

b. O que significará na prática você inserir a disciplina nessa situação?

4. Reflita sobre alguma vez em que você não estava percebendo a força de Deus durante alguma necessidade profunda ou falha atormentadora. O Espírito Santo nem sempre nos fortalece nessas ocasiões de um modo que nos permite triunfar. Por que você acha que ele não o fortaleceu nessa situação?

___ Deus estava me deixando ver a pecaminosidade do meu próprio coração.

___ Deus estava me fazendo perceber quão fraco sou em mim mesmo e quão dependente dele realmente sou.

___ Deus estava refreando uma tendência de orgulho espiritual e me fazendo crescer na humildade.

___ Outra resposta (elabore).

5. A indústria editorial nos soterrou com uma superabundância de livros de autoajuda, muitos dos quais são auxílios excelentes ao crescimento e treinamento pessoais, ainda que de uma perspectiva secular. Mas esses livros são problemáticos quando nos levam à tentação de depender de um programa de disciplinas, e não do Espírito Santo. Essa tentação pode ser gerada por livros de autoajuda cristãos (até mesmo este), bem como por livros seculares.

a. Mencione um livro que você leu, cristão ou secular, cujos princípios você de fato aplicou e viu causar mudanças na sua vida.

b. Na aplicação desses princípios de autodisciplina, você estava confiando na atuação de Deus ou estava confiando no funcionamento do plano ou das técnicas?

c. Agora você faria qualquer coisa diferente em relação a livros de autoajuda? Explique.

6. Você crê na obra do Espírito Santo e exalta essa necessidade de dependência no culto dominical; mas você de fato pratica isso todo dia?

___ O dia inteiro, todo dia da semana, reconheço minha dependência dele.

___ Eu basicamente busco a santidade pela minha própria força de vontade e uma vida muito disciplinada.

___ Minha vida de oração é escassa ou automática, o que realmente significa que acho que sou de alguma forma capaz de lidar com a maior parte da minha vida espiritual sozinho.

___ Minha dependência do Espírito Santo aumentou de modo substancial durante o último ano.

___ Preciso admitir que nem sequer tenho um compromisso com a busca da santidade.

___ Outra resposta (descreva sua situação).

7. Ambos os tipos de oração — planejada e espontânea — foram necessárias na

situação de Neemias. Podemos aprender pelo exemplo de Neemias como orarmos por nós mesmos na busca da santidade. A qual tipo de oração você tende mais?

___ Geralmente persisto em oração planejada e prolongada até Deus responder.

___ Geralmente mergulho na situação de crise e faço orações rápidas, silenciosas e espontâneas no momento de maior necessidade.

___ Geralmente faço uma oração bem genérica — uma vez no início do dia para tudo simplesmente ocorrer conforme esperado.

___ Como assim, orar? Por que orar quando você pode se preocupar?

___ Outra resposta (elabore).

8. A não ser que dedique um tempo específico para orar, você necessariamente falhará na execução das suas boas intenções. Assim, se já não tem essa prática, por que não parar para fazer um plano agora? Quanto tempo você dedicará cada dia da próxima semana para orar? É útil escrever esse plano em um papel.

A programação do seu tempo de oração deve incluir pedir a Deus que capacite você para se livrar de pecados persistentes (por exemplo, fofoca, irritabilidade, impaciência, falta de amor, pensamentos impuros e olhos indisciplinados e distraídos). Note que está orando para o Espírito capacitar você para fazer essas coisas; você é aquele que deve agir, mas o Espírito precisa capacitá-lo.

9. Dediquem alguns minutos para oração no fim da reunião do grupo, expressando a Deus a sua dependência dele. Cada um dos membros do grupo poderia completar esta frase: “Senhor, reconheço que sou dependente de ti para […] e te agradeço por poder depender de ti nisso”.

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Precisamos dedicar um tempo todo dia para a oração planejada, prolongada e perseverante, bem como às orações espontâneas que cada situação diante de nós exige. Essa é a disciplina da dependência. Na próxima lição, focaremos na disciplina do compromisso. Ao todo, você terá sido apresentado a cerca de seis disciplinas. Mas não se esqueça: nenhuma é mais importante do que a disciplina da dependência, a disciplina pesada equivalente a uma asa inteira que equilibra todas as outras seis na outra asa.

Medite sobre Salmos 119.106 e leia o capítulo 9 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 9

# A DISCIPLINA DO COMPROMISSO

*Capítulo 9*

*Fiz um juramento e o confirmei,*

*de que seguirei tuas justas leis*

(Sl 119.106).

## IDEIA CENTRAL

Se temos esperança de fazer qualquer progresso na busca da santidade, o compromisso é essencial. Uma razão de não experimentarmos mais progresso na santidade na nossa vida é o fato de termos, de modo geral, perdido de vista a necessidade do compromisso.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Imagine-se na situação descrita por esta tirinha:

Você está pronto para pular de um prédio alto com uma nota de suicídio na mão,

mas com um paraquedas nas costas. Sua esposa, pondo a cabeça para fora da janela, diz-lhe: “Você simplesmente não é capaz de se comprometer com nada — não é mesmo, Larry?”.

a. Embora a tirinha tenha a intenção de ser cômica, ela tem uma mensagem séria. Quais são alguns dos compromissos que você estabeleceu ou pretendeu estabelecer durante mais ou menos o último ano?

b. Quão fiel você foi a esses compromissos? De que maneiras você foi bem-sucedido ou falhou na execução deles?

2. Este capítulo apresenta um grande desafio: apresentar nosso corpo como um sacrifício vivo; fazer um juramento de que obedeceremos às leis justas de Deus; decidir não permitir nenhuma exceção à nossa obediência. Como você responde a esse chamado ao compromisso?

___ Estou abalado em virtude da impossibilidade de ser totalmente fiel a esse compromisso.

___ Estou relutante em estabelecer um compromisso que sei que não executarei.

___ Estou disposto a tornar o ato de agradar a Deus em tudo como meu alvo ou propósito na vida.

___ Estou satisfeito com minha situação de permanecer em uma obediência de “piloto automático” e não me preocupar com pecados “sofisticados” que considero desimportantes.

___ Quero buscar a santidade com a mesma agressividade do piloto de corrida que está totalmente focado em ganhar e terminar a corrida, fazendo o máximo por Deus.

___ Outra resposta (elabore).

3. Alguns pecados são um resultado do ambiente em que vivemos ou trabalhamos. Se a maioria dos vendedores de carros diminui a quilometragem de carros aceitos como parte do pagamento, então um vendedor cristão que renunciar a essa prática antiética estará em uma posição desvantajosa em relação aos seus competidores.

a. Quais tentações você encontra na escola ou no trabalho?

b. Você já pagou o preço por ser cristão e agiu de modo ético em uma dessas situações tentadoras?

c. Você já cedeu a uma tentação porque “todo mundo faz isso”? (Você pode responder essa pergunta de modo privado, compartilhando sua resposta com o grupo apenas se vocês se conhecem bem.)

4. Quais são as áreas em que você precisa estabelecer alguns compromissos específicos em resistir ao pecado ou mostrar a semelhança de Cristo? Peça ao Espírito Santo que torne essa lista clara para você. (Novamente, essa lista será apenas para você poder revê-la e orar sobre ela diariamente.)

a. Você precisa fazer um acordo com seus olhos no que diz respeito ao que olha? Se esse é o caso, explique.

b. Você precisa fazer um acordo com sua boca sobre o que diz? Explique.

c. E, com sua mente, sobre o que você pensa? Explique.

d. Há uma tentação específica que surge no trabalho ou na escola?

e. Há uma área particular no seu casamento ou no seu relacionamento com seus filhos, seus pais ou até mesmo um amigo ou um colega de trabalho em que não está demonstrando o fruto do Espírito do amor, paciência ou gentileza?

f. O que mais você acrescentaria a esta lista?

Talvez você descubra que precisará estabelecer vários compromissos — pecados dos quais deve se despir e traços que espelham Cristo dos quais deve se revestir. Se não se comprometer com a busca da santidade nessas áreas específicas da sua vida, tenderá a vacilar diante dessas tentações. Dedique um momento a expressar ao Espírito Santo seus compromissos e pedir que ele capacite você a executá-los.

5. Com o grupo, discuta esse exercício de listar seus compromissos. (Como você se sente após estabelecer esses compromissos? Você acha que de fato será fiel a eles? Quais serão os principais obstáculos para a execução deles, e o que você fará em relação a essas barreiras?)

6. Para o leitor não ter a impressão errada e se desesperar e desistir completamente de executar esses compromissos, Bridges nos lembra de que a disciplina do compromisso sempre é exigida no contexto do evangelho da graça. Leia Romanos 6.13 e 12.1. Como essa graça está relacionada à disciplina do compromisso?

7. a. Na última seção, convidamos você para ler parte de Salmos 119, notando a oração que o salmista faz para Deus ajudá-lo a obedecer à sua lei. Agora leia Salmos 119 do início ao fim, dessa vez procurando expressões do voto ou juramento de compromisso do salmista. Com o que ele se compromete?

b. O compromisso do salmista sugere quaisquer compromissos semelhantes para os quais o Senhor pode estar chamando e capacitando você a estabelecer? Explique.

8. Com seu grupo, expresse a Deus sua dependência dele para capacitá-lo a ser fiel aos seus compromissos. Apenas uma pessoa pode orar ou cada membro do grupo pode ter a oportunidade de orar pela capacidade de executar os compromissos.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

A disciplina do compromisso complementa e é cumprida pela disciplina da dependência. Sem o compromisso, o progresso na busca da santidade não é possível. Na próxima lição, focaremos na disciplina das convicções. Medite em Romanos 12.2 e leia o capítulo 10 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 10

# A DISCIPLINA DAS CONVICÇÕES

*Capítulo 10*

*Não se conformem mais ao padrão deste mundo, mas sejam transformados pela renovação da sua mente, para que sejam*

*capazes de experimentar e aprovar qual é a vontade de Deus — sua boa, agradável e perfeita vontade*

(Rm 12.2).

## IDEIA CENTRAL

Não podemos buscar a santidade com eficiência sem a Palavra de Deus guardada no nosso coração, onde o Espírito Santo pode usá-la para nos transformar. Precisamos da disciplina de desenvolver convicções baseadas na Bíblia.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Devemos “guardar” a Palavra preciosa de Deus em nós (Pv 2.1-7.1). A ideia por trás de “guardar” é reservar para o caso de uma necessidade ou oportunidade futura. As pessoas guardam e fazem estoque de frutas enlatadas e vegetais do seu jardim, o lucro de seus trabalhos extras para uma necessidade futura ou então

uma antiga coleção de moedinhas dos seus avós.

a. Quando era mais novo, o que você valorizava tanto que o guardou, talvez guarde até hoje?

b. Se você aplicasse a mesma diligência e zelo de quando era criança ao estudo da Bíblia ou à memorização das Escrituras, valorizando isso acima de qualquer outra coisa (Pv 3.13-15), qual você acha que seria o resultado daqui a cinco anos?

2. Alguém observou: “Uma crença é o que você tem, mas uma convicção é o que tem você”. Você pode viver contra aquilo que acredita, mas não pode viver contra as suas convicções. No desenvolvimento das nossas convicções, nós, cristãos, somos influenciados tanto pela sociedade quanto pela Palavra de Deus. O que determina se somos influenciados mais por uma coisa do que pela outra?

3. a. A seguir há duas convicções opostas. Com qual das duas você tende mais a viver? Dê um exemplo de como exibiu essa convicção na sua conduta.

___ Evito sofrimento sempre que possível.

___ Se fazer o que Cristo faria envolve sofrimento, então, eu tenho pelo Espírito Santo a força para suportar esse sofrimento.

b. O que você acha que seria necessário para a segunda dessas duas convicções se tornar a que guia você de modo habitual?

4. A ideia de uma meditação contínua na Palavra de Deus talvez pareça impraticável e inalcançável nos nossos tempos agitados, em que nossa mente precisa estar ocupada com as várias responsabilidades que todos nós temos. Assim, a pergunta naturalmente surge: “Como posso meditar nas Escrituras quando preciso pensar sobre o meu trabalho o dia inteiro?”. Quais oportunidades de meditar nas Escrituras o dia lhe proporciona?

5. Quando sua mente está livre para pensar sobre qualquer coisa, para onde ela vai? (Ou sobre o que você pensa no seu tempo livre?)

___ Minha mente pensa nas Escrituras.

___ Penso nos meus problemas.

___ Fico discutindo mentalmente com um arqui-inimigo pessoal.

___ Deixo minha mente se perder no solo infértil de pensamentos impuros.

___ Fico cantarolando minhas músicas favoritas.

___ Outra resposta (dê um exemplo).

6. Qual valor você dá à Palavra de Deus na prática?

___ Estudo a Bíblia apenas por saber que é algo que os cristãos devem fazer.

___ Dependo mais de ferramentas de estudo, comentários bíblicos e meu intelecto do que do Espírito Santo para iluminar meu entendimento das Escrituras.

___ Busco sabedoria nas Escrituras com a mesma intensidade de criança presente na minha busca de “tesouros escondidos” ou meus itens colecionáveis favoritos.

___ Como meu conjunto de itens colecionáveis, a Palavra de Deus permanece na prateleira, juntando pó.

___ Outra resposta.

7. Deus proporciona oportunidades de desenvolver convicções baseadas na Bíblia pela aplicação dos ensinos das Escrituras a situações da vida real, como a seguinte:

Há pouco tempo, minha esposa e eu saímos para comprar uma mesa de centro. Decidimos juntos o estilo de mesa que queríamos e achamos muito rápido uma mesa na nossa faixa de preço. Sou o tipo de pessoa que compra assim que encontra o que gosta, mas minha esposa gosta de "dar uma olhada". Ela gosta de "dar uma olhada" em tudo na loja. E, como seria de se esperar, ela não demorou para encontrar sua mesa de centro "dos sonhos", um estilo bastante incomum que era mais caro. Comecei a falar sobre sermos bons mordomos do dinheiro que Deus nos deu, mas Deus começou a "falar" comigo (pela obra de convencimento do seu Espírito) sobre maridos amarem suas esposas, assim como Cristo amou a igreja (Ef 5.25). Durante essa reflexão, entendi que um dos modos concretos de amar minha esposa era ser mais sensível aos seus sonhos e desejos. Nessa situação, o desejo de Deus era que eu aplicasse Efésios 5.25 a uma situação da vida real, sendo um marido amoroso para minha esposa, e não apenas um bom mordomo dos seus recursos.

Descreva uma situação em que Deus lhe proporcionou uma oportunidade de desenvolver uma convicção aplicando o ensino das Escrituras.

8. Durante a semana seguinte, ore como o salmista para Deus abrir seus olhos a fim de ver coisas extraordinárias na sua lei e lhe dar entendimento para guardar sua lei (Sl 119.18-34). Também é muito provável que ele o torne ciente de áreas na sua vida em que você não é totalmente obediente à vontade revelada dele.

9. Jesus usou as Escrituras para combater a tentação (Mt 4.1-11). Na lição 9, encorajamos você a estabelecer compromissos específicos quanto às suas áreas de vulnerabilidade ao pecado. Qual plano pode fazer para achar passagens das Escrituras aplicáveis a essas vulnerabilidades de modo a memorizá-las e usá-las para resistir à tentação? (Se você não sabe onde achar passagens relevantes na Bíblia, há alguém que pode ajudá-lo nisso? Você leu um livro que menciona passagens relevantes? Você pode começar a ler o Novo Testamento inteiro, procurando passagens aplicáveis às suas necessidades? Descreva seu plano.)

10. Use Salmos 119.18-34 como base de oração com seu grupo no fim da discussão.

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Examinamos algumas disciplinas difíceis neste capítulo: o estudo diligente, mas dependente da Bíblia, a memorização das Escrituras, a meditação contínua e a aplicação das Escrituras a situações da vida real. Na realidade, essas disciplinas não são tão difíceis assim, mas certamente podem se mostrar assim àqueles que nunca as praticaram. Desse modo, talvez surja a pergunta em algumas mentes: há qualquer espaço para a graça aqui? Por exemplo, o que acontece se tropeço na memorização das Escrituras?

Antes de mais nada, Deus não nos ama nem um pouco menos. Seu amor por nós se baseia unicamente no fato de estarmos unidos com seu Filho, Jesus Cristo. A disciplina de desenvolvermos convicções baseadas na Bíblia (Rm 12.2) deve ser uma resposta à misericórdia e à graça de Deus para nós por meio de Cristo (Rm 12.1).

Na próxima lição, focaremos na disciplina das escolhas. Medite sobre Romanos 6.19 e leia o capítulo 11 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 11

# A DISCIPLINA DAS ESCOLHAS

*Capítulo 11*

*Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e a uma maldade sempre crescente, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade*

(Rm 6.19).

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. A Bíblia é como a própria vida ao nos apresentar uma série constante de escolhas, muitas das quais têm consequências morais. Para começo de conversa, considere sua locomoção diária para o trabalho toda manhã (ou sua ida diária de carro para algum outro lugar). Quais são algumas possíveis consequências morais das seguintes escolhas diárias?

• Os pensamentos que escolho ter enquanto dirijo.

• Como escolho dirigir.

• Se escolho parar no acostamento para ajudar um motorista que precisa de socorro.

• A música ou programa que escolho ouvir.

2. Leia Efésios 4.25-32 e liste ao menos cinco escolhas do tipo “ou isso ou aquilo” com que os cristãos precisam lidar.

3. Uma escolha pecaminosa geralmente leva a outra e, no fim, a um hábito, pois o pecado obscurece nossa razão, embota nossa consciência, estimula nossos desejos pecaminosos e enfraquece nossa vontade de desistir. Pense em um hábito pecaminoso que você achou difícil abandonar. Quando você escolheu ceder a esse hábito, como constatou que sua razão foi obscurecida, sua consciência foi embotada, seu desejo estimulado ou sua vontade de resistir foi enfraquecida? Dê um exemplo disso acontecendo com você.

4. a. Por causa do hábito formador da natureza do pecado, qual remédio Paulo propõe para o pecado em Romanos 6.19?

b. Qual o aspecto disso na prática? Por exemplo, como isso se aplicaria à situação que você descreveu na pergunta 3?

5. Com sua exortação a Timóteo (e a nós): “Exercite-se na piedade” (1Tm 4.7; KJV), Paulo usou uma palavra do mundo do atletismo que se refere ao sistema de exercícios de moços durante sua preparação para competir nos jogos olímpicos da época. Assim como esses moços treinavam fisicamente para competir nos jogos, também nós devemos treinar espiritualmente na piedade. Como “nos exercitamos” no domínio espiritual?

6. Pense em um dos padrões de pecado persistentes na sua vida que você já identificou e se comprometeu a eliminar em lições anteriores. Você precisa estar atento de modo especial nessa área para fazer as escolhas certas. Você já fez escolhas erradas demais; essa é a razão desse padrão de pecado estar tão profundamente arraigado em você. Certamente você gostaria de ficar livre desse pecado e orou para Deus levá-lo embora. Mas você está disposto a dizer não a ele, a fazer "morrer [mortificar] os maus atos do corpo"? Se está disposto a fazer isso, registre aqui a escolha que fará da próxima vez que a tentação aparecer e, então, dependa do Espírito Santo para efetuar em você "tanto o querer quanto o realizar" (Fp 2.13) na execução desse compromisso. (Você não precisa discutir sua resposta com o grupo.)

7. a. Como você se sente quando pensa que tem de fazer essa escolha?

b. O que o ajudará a fazer a escolha certa?

8. As pessoas são diferentes na sua capacidade de se disciplinarem. A pessoa mais naturalmente disciplinada não entende a razão de outras pessoas não conseguirem ter tanto êxito na mortificação quanto ela. Mas, com frequência, tudo que essa pessoa fez foi trocar um pecado (pensamentos impuros, por exemplo) por outro (orgulho). Uma outra pessoa, menos disciplinada, tenta mortificar algum pecado específico pela pura força de vontade, mas falha e se sente frustrada.

Qual dos dois erros — orgulho ou frustração — é mais comum na sua tentativa de mortificar o pecado por conta própria sem uma dependência completa do Espírito?

9. a. Pense em um pecado incomum persistente na sua vida. Para termos êxito na mortificação do pecado, precisamos entender que o pecado com que estamos lidando não é nada senão uma exaltação contínua do nosso desejo acima da vontade conhecida de Deus. Isso também envolverá uma luta intensa. Pelo fato de a mortificação ser um trabalho difícil, cujo objetivo é subjugar desejos fortes e hábitos profundamente arraigados, precisamos da ajuda de um ou dois amigos para travar a luta conosco. Mencione uma ou duas pessoas de confiança com que pode contar.

b. Se você é incapaz de pensar em qualquer pessoa em que pode confiar nessa questão, por que você imagina que isso ocorre?

___ Meus amigos não são confiáveis.

___ Sou orgulhoso demais para admitir essa fraqueza.

___ Meus amigos são boas pessoas, mas eles nunca seriam capazes de entender como alguém como eu poderia ter dificuldade nessa área.

___ Não tenho nenhum amigo próximo.

___ Não acho que preciso de qualquer pessoa para me ajudar nisso.

___ Outra resposta.

c. Se você acha que não conhece ninguém que possa lutar com você nessa área, o que pode fazer a respeito desse problema?

10. a. Como cada uma dessas passagens descreve o trabalho de ajudar nossos amigos na luta contra o pecado?

• Gálatas 6.1-2

• 1Tessalonicenes 5.11

• Hebreus 3.13

• Hebreus 10.24-25

• Tiago 5.16

b. Essas passagens motivam você a pedir ajuda dos seus amigos na luta contra o pecado? Por que sim ou por que não?

11. No fim da discussão do grupo, vocês poderiam formar duplas e orar um pelo outro em relação à batalha contra o pecado.

**QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?**

Tudo que analisamos nas lições anteriores nos tem trazido até este ponto. Não nos tornamos mais santos pela disciplina ou pela dependência. Tampouco nos tornamos mais santos estabelecendo um compromisso com Deus ou desenvolvendo convicções baseadas na Bíblia. Tornamo-nos mais santos pela obediência à Palavra de Deus, escolhendo obedecer à sua vontade apresentada nas Escrituras nas várias circunstâncias da nossa vida.

Na próxima lição, focaremos na disciplina de vigiar. Medite em Mateus 26.41 e

leia o capítulo 12 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 12

# A DISCIPLINA DA VIGILÂNCIA

*Capítulo 12*

*Vigiem e orem para que não caiam em tentação.*

*O espírito é forte, mas a carne é fraca*

(Mt 26.41).

## IDEIA CENTRAL

Com o mundo, Satanás e nossa natureza carnal prontos para nos atacar, precisamos vigiar contra as tentações que nos atacam constantemente. Podemos efetivamente fazer isso conhecendo nosso inimigo, conhecendo nossas fraquezas e pontos fortes e preparando e efetuando um bom ataque, isto é, meditando na Palavra de Deus e orando.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. A indiferença do capitão e da tripulação do Titanic aos perigos para os navegantes do Atlântico Norte resultou no maior desastre marítimo da história.

Essa irresponsabilidade é semelhante à atitude desdenhosa de muitos cristãos em relação aos icebergs da tentação.

a. Quando uma pessoa que você ama colide com um “iceberg” (como fracasso matrimonial, falência financeira, vício em drogas ou uma demissão causada por uma violação ética), isso faz um buraco no navio dela?

b. Quais foram os sinais que escaparam da vigilância dessa pessoa?

c. Pensando sobre o pecado dessa pessoa, você tende a pensar: Eu nunca faria algo parecido? Explique.

2. a. Quais são alguns pecados que você acha inimaginável cometer?

b. Como você responde à advertência de que deve se considerar capaz até mesmo dessas coisas? (Você se sente cético? Conscientizado? Por quê?)

3. a. Leia Mateus 26.36-56. Quais são as tentações que você acha que Jesus enfrentou nessa situação?

b. Como vigiar e orar o ajudou a resistir a essas tentações?

c. Em vez de vigiar e orar com Jesus, seus discípulos adormeceram. Quais foram as tentações a que sucumbiram por serem fracos demais para resistir?

d. No versículo 41, Jesus disse que eles teriam sido fortes o suficiente para resistir a essas tentações se simplesmente tivessem se disciplinado a vigiar e orar. Por que você imagina que vigiar e orar teria feito qualquer diferença?

4. “O mundo” nos pressiona para nos conformarmos aos seus valores e práticas com propagandas, psicologia popular, revistas, filmes e programas de televisão. Dê um exemplo dessa pressão na sua própria vida.

5. Você concorda com a afirmação de que “os cristãos não estão mais do que cinco ou dez anos atrás do mundo em abraçar a maioria das práticas pecaminosas”? Por que sim ou por que não?

6. Embora seja difícil fazer uma distinção entre um ataque de Satanás e uma tentação do mundo às vezes parece queque Satanás de fato está nos atacando de modo direto. Por exemplo, um professor de escola dominical estava sentado sozinho, certo domingo na igreja, porque sua esposa estava doente. Uma mulher da sua aula, que aparentemente estava infeliz no seu casamento, sentou-se perto dele e de modo sutil começou a sugerir um caso com ele. Essa tentação apareceu sem aviso e de modo totalmente inesperado, no ambiente menos provável de todos. Ao que tudo indica, essa tentação seria um ataque frontal direto do Diabo, enquanto a tentação do mundo aparece ao longo do tempo por meio de pequenas indiscrições. Assim, o ato sexual é fantasiado na mente antes de ser de fato consumado.

Você é capaz de recordar quaisquer experiências em que sua impressão foi que a tentação pecaminosa o atacou de modo totalmente inesperado? Se isso ocorreu, descreva o que aconteceu.

7. O mundo e o Diabo agem em conjunto o mau desejo em nós que busca constantemente ocasiões para se expressar. É como um sistema de radar que fica

sondando o ambiente de modo incessante em busca de tentações com as quais pode atacar. Por exemplo, o radar de Jerry Bridges nunca falhava na sua identificação de sorveterias.

O que é que seu “radar da tentação” fica buscando? (Ou diante de que seu carro parece frear repetidamente?) Tente ser honesto consigo mesmo na sua resposta, mesmo que não se sinta confortável para compartilhá-la inteiramente com o grupo.

___ Lojas de donuts

___ Promoções de brechós

___ Novos modelos de carros

___ Pessoas interessantes do sexo oposto

___ Notícias escandalosas ou fofocas

___ Revistas expostas em filas de caixa

___ Filmes pornográficos que passam em quartos de hotel

___ Outra coisa (mencione o que é).

8. Pelo fato de nossas áreas de vulnerabilidade serem todas diferentes, é importante as identificarmos e, então, sermos honestos conosco quanto aos nossos próprios pontos fracos. Por exemplo, conhecendo seu próprio coração pecaminoso, Bridges estabeleceu um compromisso pessoal em não ligar a televisão de modo aleatório em um quarto de hotel. Pense em uma das suas próprias fraquezas. Qual seria uma preocupação sábia que deveria tomar para se proteger nessa área vulnerável?

9. Dê um exemplo de uma tentação que você enfrenta por causa do seu ambiente

ou sua profissão.

10. A oração de Bridges é: “Senhor, mantenha-me sob rédeas curtas”. Isto é: “Não deixe eu me safar em meus pecados pequenos. Dê-me uma consciência mais sensível que reconhecerá os pecados pequenos e disparará o alarme no meu coração”. Você estaria disposto a se comprometer em fazer essa oração diariamente por si mesmo? Por que sim ou por que não?

## QUAL É O SENTIDO DE TUDO ISTO?

Em lições anteriores, tratamos da área de padrões de pecado persistentes na nossa vida, aquelas tentações às quais, de modo especial, somos vulneráveis. Vimos que, após identificar nossas próprias áreas de vulnerabilidade, devemos estabelecer compromissos específicos com elas, orar sobre elas e memorizar versículos específicos das Escrituras que nos fortalecerão contra essas tentações. Agora devemos acrescentar outro auxílio: ser vigilantes especialmente contra elas.

Nosso próximo foco será a disciplina da adversidade. Medite em Hebreus 12.7 e leia o capítulo 13 como preparação para a lição seguinte.

# LIÇÃO 13

# A DISCIPLINA DA ADVERSIDADE

*Capítulo 13*

*Suportem as dificuldades como disciplina; Deus os trata como filhos. Pois qual o filho que não é disciplinado por seu pai?*

(Hb 12.7).

## IDEIA CENTRAL

Deus nos dá a disciplina da adversidade como um meio de santificação. Nossa função nessa disciplina é responder a ela e nos sujeitar ao que Deus esteja fazendo, ainda que um caso particular de adversidade não faça sentido algum para nós. Ao fazermos isso, veremos no tempo devido o fruto do Espírito Santo sendo produzido na nossa vida.

## DESENVOLVENDO A DISCIPLINA DA GRAÇA

1. Hebreus 12.4-13 ilustra como Deus usa a adversidade para nos disciplinar na piedade. Leia essa passagem. De quais dos modos seguintes você normalmente responde a circunstâncias difíceis? (Marque toda opção aplicável.)

___ Com frequência desprezo a disciplina de Deus, vendo a adversidade como algo de que quero me livrar o mais rápido possível.

___ Com frequência fico desanimado, achando que Deus está bravo comigo e, provavelmente, não me ama muito quando me deixa sofrer.

___ Muitas vezes, fico indignado, perguntando: “Por que isso aconteceu comigo?” e acusando Deus de ser injusto. No entanto, após minha explosão inicial, minha raiva passa.

___ Minha indignação com Deus pode continuar por meses, até mesmo anos.

___ Com frequência aceito a dificuldade como procedendo da mão de Deus para meu bem, mesmo que a situação não faça sentido para mim.

___ Eu me rebelo explicitamente contra Deus, achando que sei melhor que ele o que é bom para mim.

___ Respondo principalmente com uma submissão e confiança humildes.

___ Empenho-me para aplicar a mente e a vontade de Deus à minha situação, tentando entendê-la.

___ Renuncio à minha própria vontade e me submeto à vontade de Deus — nem sempre de imediato, mas geralmente no tempo devido.

___ Dou uma festa “vitimista” e convido o máximo de amigos possível para verem os sofrimentos terríveis que estou sendo obrigado a suportar.

___ Oro por alívio da dificuldade e busco modos legítimos de obter esse alívio.

___ Outra resposta (elabore).

2. Não podemos saber com certeza se uma adversidade particular está relacionada a algum pecado específico na nossa vida, mas o Espírito Santo nos conscientizará disso, caso seja necessário para lidarmos com um pecado

específico. Se nada vier à nossa mente, podemos orar, perguntando a Deus se há algo que ele quer que aprendamos de modo consciente.

Reflita em oração sobre sua vida. Você pode citar uma situação em que a conexão entre uma dificuldade dolorosa e o propósito da disciplina amorosa de Deus estava clara para você? Qual foi o objetivo de Deus nessa situação?

3. O autor de Hebreus pressupõe um modelo de família racional e ideal — um em que os filhos respeitam o pai que os disciplina (porque disciplina pelas razões certas) e, por isso, os filhos se submeterão a essa disciplina (12.9-10). O autor bíblico traça um paralelo entre nossos pais humanos imperfeitos e nosso Pai celestial perfeito. Alguns leitores têm dificuldades com essa passagem porque seus próprios pais eram extremamente diferentes do ideal celestial. Qual foi o estilo de disciplina do seu próprio pai?

___ Percebia por trás da disciplina do meu pai que ele tinha um propósito amoroso e desejava desenvolver meu caráter.

___ Meu pai abusou de mim com sua ira.

___ Meu pai nunca me disciplinou.

___ Meu pai fez o que achava que era o melhor, mas muitas vezes estava errado.

___ Não tive um pai durante a maior parte da minha infância.

___ Outra resposta (descreva a disciplina do seu pai).

4. Como você acha que a maneira do seu pai disciplinar você influencia sua maneira de responder à disciplina de Deus?

5. O caminho para a santidade é um caminho de adversidades, mas no fim

produz um “fruto de justiça e paz” (Hb 12.11). Onde você se encontra nesse caminho? (Que tipo de fruto você viu?)

6. a. Você está passando por uma situação difícil neste exato momento? Se está, descreva-a.

b. Como você pretende lidar com essa situação à luz do que sabe sobre disciplina?

7. Você se lembra da metáfora do avião com as duas asas, dependência e disciplina? Ao todo, já tratamos de seis deveres do discipulado, ou coisas que podemos e devemos fazer para crescer na santidade. Esses deveres constituem a asa da disciplina. Mas o que contrabalanceia essa asa é a asa pesada no lado esquerdo — a dependência de Deus —, sem a qual nenhum crescimento é possível. Nessa asa, encontramos dois modos de Deus nos disciplinar. Esses oito fatores são meios de nos tornarmos como Cristo.

Como você descreveria nas suas próprias palavras os oito modos de disciplinarmos a nós mesmos e os dois modos de Deus nos disciplinar?

**A asa da disciplina —**

**seis modos de disciplinarmos a nós mesmos:**

• Contemplar Cristo por meio do evangelho

• Assumir um compromisso para a santidade

• Desenvolver convicções baseadas na Bíblia

• Fazer escolhas

• Mortificar o pecado

• Vigiar e orar contra a tentação

**A asa da dependência —**

**dois modos de Deus nos disciplinar:**

• Pela adversidade

• Pela graça

É essencial reconectarmos nossa resposta à adversidade e toda a nossa autodisciplina com a graça de Deus, para não acabarmos achando que estamos em um relacionamento de desempenho com ele. A prática dessas disciplinas não nos obtém nem sequer um pouquinho de favor divino. Recebemos o favor de Deus estritamente pelo mérito de Jesus Cristo. Praticamos essas disciplinas não para obter o favor divino, mas porque elas são os meios dados por Deus para nos capacitar a buscar a santidade.

Ao longo deste estudo, vimos que a graça e a disciplina — tanto o ato de Deus nos disciplinar quanto nossa disciplina a nós mesmos —, longe de serem opostas uma à outra, estão unidas de modo inextricável no programa divino de

santificação. A disciplina de Deus é baseada na graça, um fato absolutamente incontestável.

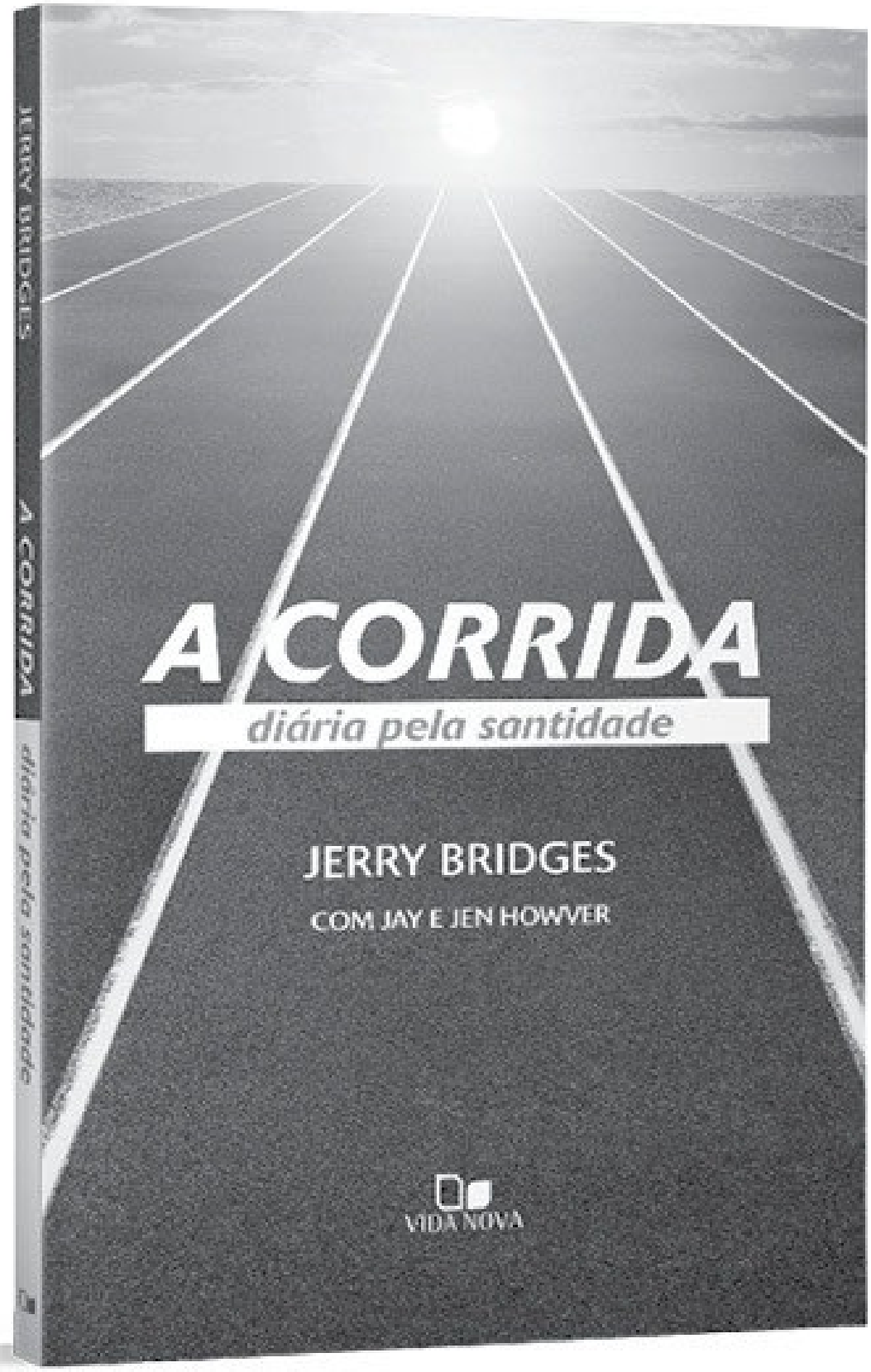
8. Você estabeleceu alguns compromissos na lição 9. Quais hábitos planeja começar ou continuar como resultado deste estudo? Quais passos tomará para transformar esses compromissos em ações práticas?

9. Expresse sua dependência de Deus com um tempo de oração prolongado. Dedique parte desse tempo a louvar a Deus pela graça que ele lhe deu por meio de Cristo.

*Não se esqueça: "Discipulado sem desejo é tormento".*

*O exercício na santidade com um desejo instilado pelo evangelho é tudo, menos tormento.*

# CONHEÇA OUTRAS OBRAS DE JERRY BRIDGES


JERRY BRIDGES
A CORRIDA
diária pela santidade
A CORRIDA
diária pela santidade
JERRY BRIDGES
COM JAY E JEN HOWVER
VIDA NOVA

Santidade não significa ser perfeito ou moralmente correto em tudo o que fazemos. Tampouco significa ter mais vitórias que fracassos. Santidade diz respeito ao nosso coração: desejamos o que Deus deseja e estamos dispostos a agir de acordo com a vontade dele?

*A corrida diária pela santidade (uma adaptação contemporânea do clássico Em busca da santidade, publicado originalmente na década de 1970) mostra que santidade não é algo que conquistamos ou uma pontuação que recebemos e muito menos um troféu que colocamos na estante. Portanto, ao ler este livro, você não encontrará uma fórmula mágica para ser santo de uma hora para outra, mas certamente será estimulado a dar início a esse processo. Santidade significa seguir a Cristo — persistir em seus passos — e permitir que ele transforme todas as áreas de sua vida.*

Jerry Bridges



# COMUNIDADE VERDADEIRA

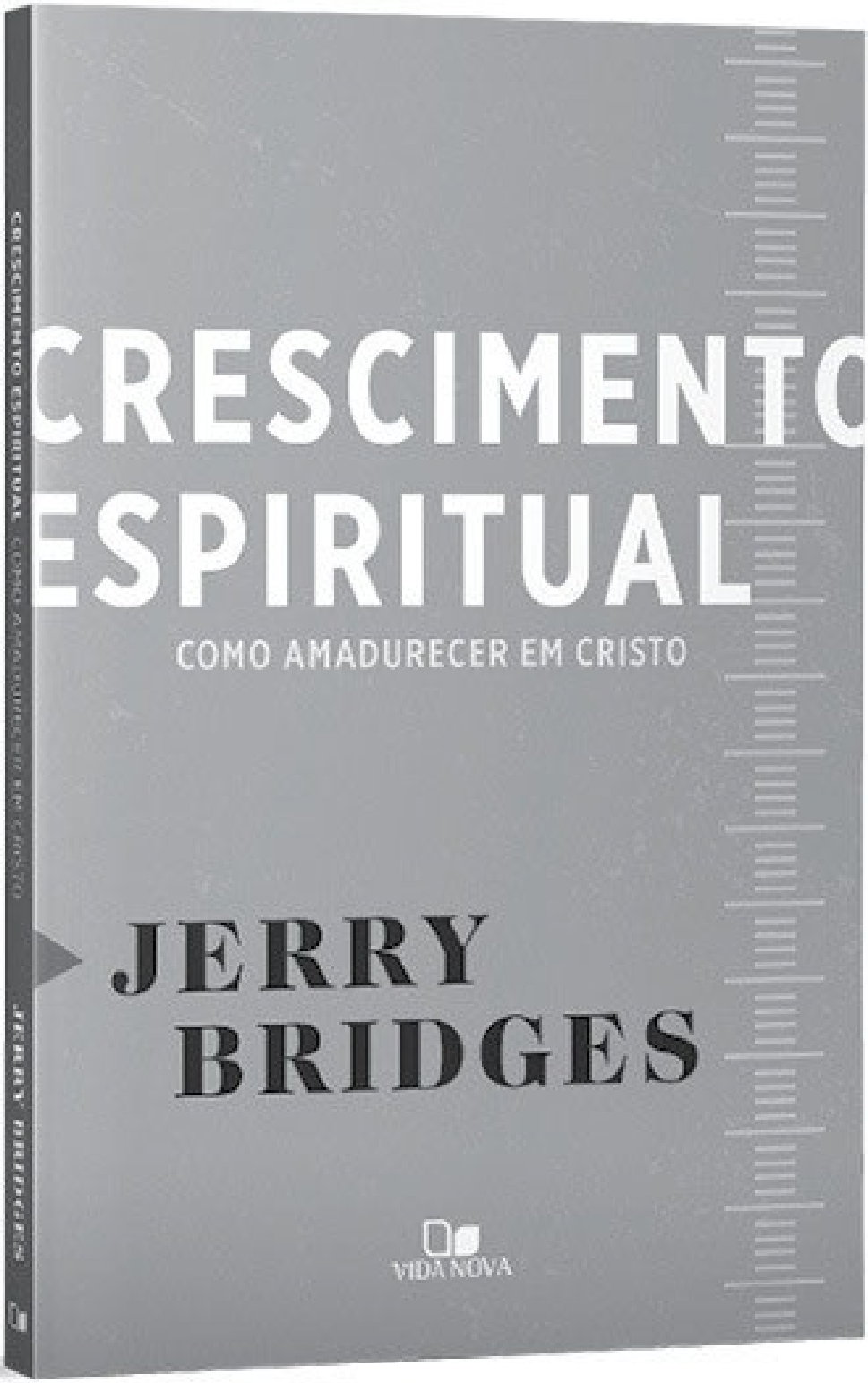
a prática bíblica da koinonia

VIDA NOVA

Jerry Bridges
COMUNIDADE VERDADEIRA

A comunhão entre os crentes vai muito além de uma simples conversa durante um café depois do culto dominical. Nos tempos do Novo Testamento, a comunhão bíblica — ou koinonia — tinha significados ricos e variados, entre eles a partilha de uma vida comum em Cristo, a parceria na propagação do evangelho, a comunhão com Deus e com os outros e até mesmo o compartilhamento de bens materiais.

Em Comunidade verdadeira, o autor best-seller Jerry Bridges nos guia pelos diversos significados neotestamentários da palavra koinonia e trata de suas implicações para a igreja nos dias de hoje. Com perguntas para debate ao final de cada capítulo, este livro ajudará o leitor a ter uma melhor compreensão sobre como deve ser a comunidade cristã no século 21. Ao término da leitura, você terá um novo apreço pela comunhão, pela igreja e pelo que Deus planejou para o corpo de Cristo.


CRESCIMENTO ESPIRITUAL
COMO AMADURECER EM CRISTO
JERRY BRIDGES
VIDA NOVA

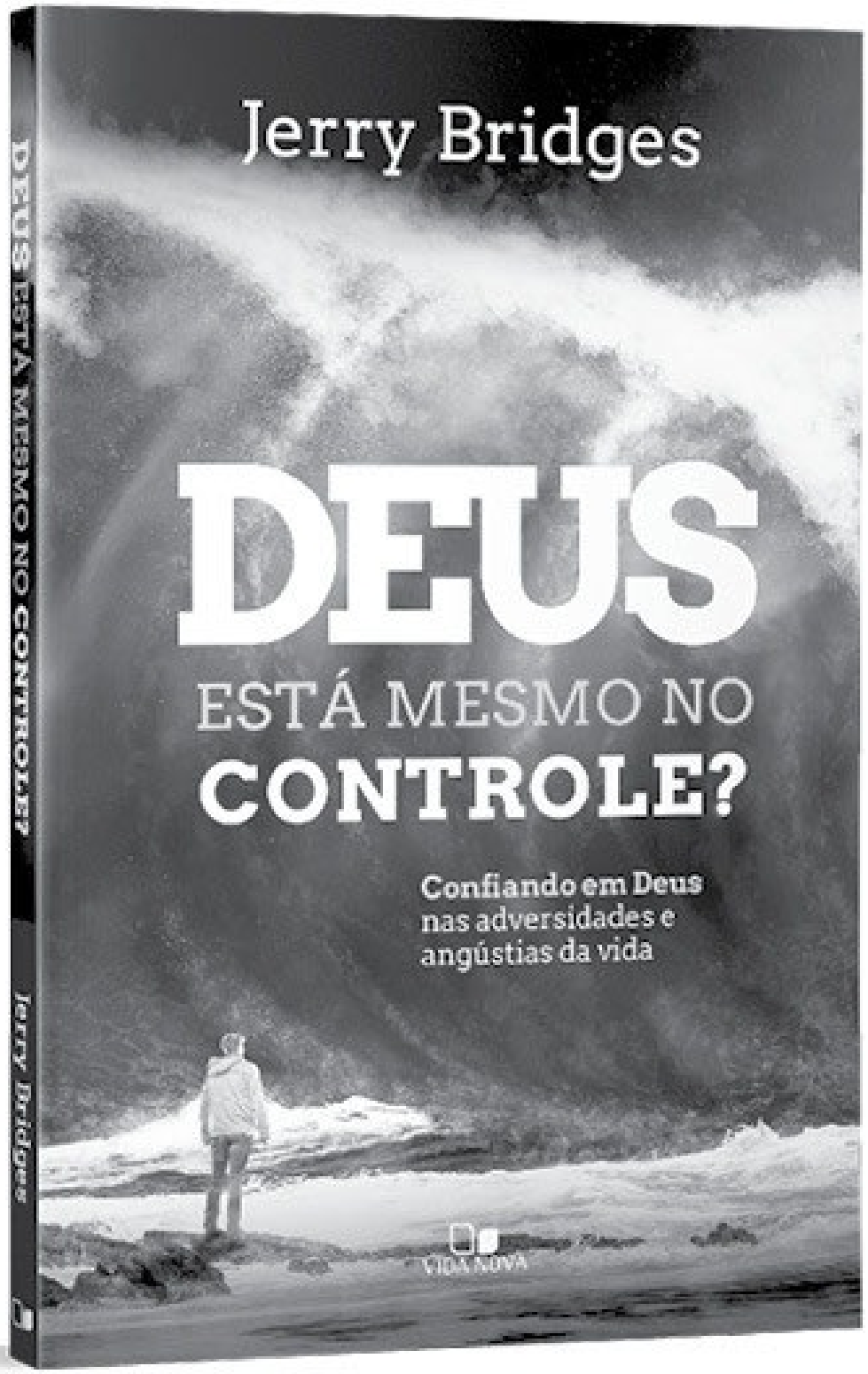
Em Crescimento espiritual, Jerry Bridges, um dos mais respeitados autores cristãos , apresenta os elementos essenciais da vida cristã de maneira acessível e surpreendentemente prática. Jerry mostra como:

alimentar nossa vida espiritual por meio das Escrituras;

confiar no Espírito Santo em obediência e oração;

confiar em Deus durante as provações da vida;

servir aos outros com nossos dons.


DEUS ESTÁ MESMO NO CONTROLE?
Jerry Bridges
Jerry Bridges
DEUS
ESTÁ MESMO NO
CONTROLE?
Confiando em Deus
nas adversidades e
angústias da vida
VIDA NOVA

# COMO RESPONDER COM UMA ATITUDE DE FÉ ÀS PEQUENAS DECEPÇÕES E ÀS GRANDES TRAGÉDIAS DA VIDA?

Todos os dias podemos enfrentar problemas, provações, tragédias: uma catástrofe natural do outro lado do mundo, um trágico acidente envolvendo um amado membro da família, ataques terroristas, tempestades que deixam milhares de desabrigados e até mesmo relacionamentos desfeitos. Ao deparar com esses acontecimentos, todos buscamos as mesmas respostas: “Por quê? Onde está Deus em tudo isso? Deus está realmente no controle?”.

Jerry Bridges, um dos principais autores cristãos do nosso tempo, ajuda seus leitores a refletir sobre essas questões à luz das Escrituras. Desse modo, você pode aprender a entender e a confiar na sabedoria, no amor e na soberania de Deus em meio a pequenas decepções e grandes tragédias.

# PECADOS INTOCÁVEIS



Jerry Bridges

# POR QUE TOLERAMOS CERTOS PECADOS?

Será que os cristãos vivem tão preocupados com os pecados considerados mais graves pela sociedade que se tornaram indiferentes à necessidade de tratar dos pecados mais sutis que todos cometemos?

Nesta obra Jerry Bridges aborda essa questão e escreve novamente sobre seu tema favorito — a santidade. Ele trata de um grupo específico de pecados em geral considerados "aceitáveis" ou "intocáveis", pecados que toleramos em nossa vida, tais como ciúme, raiva, orgulho, ingratidão e mania de criticar o próximo.

# QUEM SOU EU?



## NOSSA IDENTIDADE EM CRISTO

JERRY BRIDGES
AUTOR DO LIVRO PECADOS INTOCÁVEIS

VIDA NOVA

QUEM SOU EU? JERRY BRIDGES

Jerry Bridges faz a pergunta mais fundamental e importante da existência humana: “Quem sou eu?”. Em seguida, busca na Palavra de Deus 8 respostas claras, inter-relacionadas e altamente iluminadoras:

Sou uma criatura

Estou em Cristo

Sou justificado

Sou adotado por Deus

Sou nova criação

Sou santo

Sou servo de Jesus Cristo

Ainda não sou perfeito

Uma apresentação honesta e sem rodeios da verdade bíblica, Quem sou eu? Nossa identidade em Cristo demonstra para o crente que ele pode e deve, com todo o direito, lançar mão de um fundamento pessoal, inabalável e vitalício e confiar em somente uma verdade: o evangelho do nosso Salvador ressurreto e vitorioso.